BIRTHDAY GIRL



O PRESENTE PERFEITO

Autora Best-Seller do New York Times

PENELOPE DOUGLAS

PENELOPE DOUGLAS

Birthday Girl

O Presente Perfeito

Traduzido por Samantha Silveira

1ª Edição

The GiftBox

2019
Rio de Janeiro

Copyright © 2018 by Penelope Douglas
Copyright © The Gift Box, 2019
Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:
Roberta Teixeira
Gerente Editorial:
Anastacia Cabo
Tradução e preparação de texto:
Samantha Silveira
Revisão:
Marta Fagundes
Arte de Capa:
Pink Ink Designs
Adaptação de Capa:
Bianca Santana

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

D768b

Douglas, Penelope
Birthday girl [recurso eletrônico] : o presente perfeito / Penelope Douglas ; traduzido por Samantha Silveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box, 2019.
recurso digital

Tradução de: Birthday girl
Formato: Mobi
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-52923-64-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Silveira, Samantha. II. Título.

19-55310 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Sumário

Início
Playlist
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Epílogo
Nota da autora
Agradecimentos
Sobre a autora

“Quando você cresce, seu coração morre.”

Allison Reynolds, The Breakfast Club

PLAYLIST

“Addicted to Love” – Robert Palmer

“All She Wants to Do Is Dance” – Don Henley

“Bad Medicine” – Bon Jovi

“Glory Days” – Bruce Springsteen

“Guys My Age” – Hey, Violet

“Hurts So Good” – John Mellencamp

“I Love Rock ‘n Roll” – Joan Jett & The Blackhearts

“I’m on Fire” – Bruce Springsteen

“Jessie’s Girl” – Rick Springfield

“Pity Party” – Melanie Martinez

“Poison” – Alice Cooper

“Pour Some Sugar on Me” – Def Leppard

“Run to You” – Bryan Adams

“The Girl Gets Around” – Sammy Hagar

“The Distance” – Cake



JORDAN

Ele não está atendendo. É a segunda vez que eu ligo em quinze minutos, e também não tive respostas para as mensagens que tenho enviado. Será que ele ainda se lembrava de estar aqui às duas?

Desligo e olho para o relógio na parede do bar, vendo que já é quase meia-noite. Ainda tem duas horas antes do meu namorado pensar que meu turno acabou e que pode vir me buscar.

E eu aqui pensando que teríamos sorte hoje, se eu saísse mais cedo, para termos uma noite surpreendente.

Merda.

Preciso arrumar meu carro. Não posso continuar dependendo dele para as caronas.

A música toca ao redor, os clientes riem à minha direita e um dos *bartenders* enche o cooler com gelo do meu outro lado.

Começo a me sentir inquieta. Se ele não está atendendo, então está dormindo ou saiu. Ambos significam que vai se lembrar de mim quando for tarde demais. Ele nem sempre é confiável, mas essa não seria a primeira vez, também.

Esse é o problema de transformar seu amigo em namorado, acho. Ele ainda pensa que pode se safar.

Pego minha camisa e bolsa no armário embaixo da pia e guardo o celular no bolso. Visto a camisa de flanela por cima da regata, abotoo e a enfio no cós da calça jeans, me cobrindo. Eu me visto um pouco *sexy* para conseguir as gorjetas, mas não sairei daqui assim.

— Onde está indo? — pergunta Shel, olhando para mim enquanto enche uma caneca de cerveja.

Olho para minha chefe, seu cabelo preto com mechas loiras empilhadas no topo da cabeça e uma sequência de corações minúsculos tatuados ao redor do braço.

— Tem uma sessão à meia-noite de “Uma Noite Alucinante: A Morte do Demônio” no cinema “The Grand” — respondo quando fecho o armário e passo a alça da bolsa de couro por cima da cabeça. — Vou passar o tempo lá enquanto espero pelo Cole.

Ela termina de encher a caneca e olha para mim como se houvesse um milhão de coisas a dizer, mas sem saber por onde começar.

É, é, eu sei.

Gostaria que ela parasse de me olhar assim. Existe uma boa possibilidade de Cole não estar aqui às duas da manhã, considerando que ele não está atendendo o telefone agora. Eu sei disso. Pode ser que esteja completamente bêbado na casa de algum amigo.

Ou poderia estar dormindo em casa com o alarme programado para vir me pegar às duas e esqueceu seu telefone em outro cômodo. Pouco provável, mas possível. Ele tem duas horas. Darei duas horas a ele.

Além disso, minha irmã está no trabalho e ninguém aqui pode sair para me levar para casa. O movimento está fraco esta noite, e fui dispensada para sair

mais cedo porque sou a única sem um filho para sustentar.

Mesmo que eu precise desesperadamente do dinheiro da mesma forma.

Aperto a alça da bolsa sobre o peito, com a sensação de que deveria ter mais de dezoito anos.

Bem, dezenove anos agora, quase me esquecendo de que dia é hoje.

Respiro fundo, afastando a preocupação nesta noite. Muitas pessoas da minha idade lutam para ganhar dinheiro, não conseguem pagar as contas e têm que andar de carona. Sei que é esperar demais que eu já tenha tudo resolvido a essa altura, mas ainda assim é vergonhoso. Odeio parecer desamparada.

E também não posso culpar Cole. A decisão foi minha de usar o que sobrou do dinheiro do meu empréstimo estudantil para ajudá-lo a consertar *seu* carro. Ele esteve ao meu lado quando precisei. Houve uma época em que só tínhamos um ao outro.

Virando-se, Shel coloca a cerveja no balcão em frente a Grady – um dos frequentadores assíduos – e pega seu dinheiro, dando mais uma olhada para mim enquanto registrava a venda no caixa.

— Seu carro não está funcionando — afirma. — E está escuro lá fora. Não pode ir a pé até no cinema. Traficantes sexuais estão à procura de adolescentes gostosas, com cabelo loiro e essas merdas todas.

Solto um bufo.

— Você precisa parar de assistir programas policiais.

Podemos estar bem perto de algumas cidades maiores, e Chicago fica só a algumas horas de distância, mas ainda estamos no meio do nada.

Levanto a divisória e saio de trás do balcão.

— O cinema fica virando a esquina no quarteirão — comento. — Chego lá em dez segundos, se eu correr como se estivesse nas eliminatórias.

Dou um tapinha nas costas de Grady ao sair, e o cabelo grisalho do seu

rabo de cavalo balança quando ele se vira e dá uma piscadinha para mim.

— Tchau, criança — ele se despede.

— Noite.

— Jordan, espera — Shel grita mais alto que a música, e viro a cabeça para olhar para ela.

Vejo quando ela pega uma caixa do cooler, junto com uma caixa de vinho embrulhada e empurra os dois através do balcão para mim.

— Feliz aniversário — diz ela, sorrindo como se soubesse que eu provavelmente pensei que ela tivesse esquecido.

Começo a sorrir e levanto a tampa da pequena caixa, vendo meia dúzia de *donuts*.

— Foi tudo o que pude conseguir às pressas — explica ela.

Ah, mas é bolo. Mais ou menos. Não vou reclamar.

Fecho a caixa e levanto a aba da bolsa, escondendo lá dentro meu dinheiro, vinho e tudo mais. É evidente que não esperava que alguém me desse alguma coisa, mas ainda assim, é bom ser lembrada. Cam, minha irmã, sem dúvida vai me surpreender com uma linda camisa ou um par *sexy* de brincos amanhã quando eu a vir, e meu pai provavelmente me ligará em algum momento desta semana.

Shel sabe como me fazer rir, no entanto. Tenho idade suficiente para trabalhar em um bar, mas não para beber. Dar um pouco de vinho escondido para eu poder beber e desfrutar, fora do bar, será minha pequena aventura de hoje à noite.

— Obrigada — agradeço e me empoleiro no balcão, dando um beijo em seu rosto.

— Tome cuidado — pede.

Aceno uma vez e me viro, saindo pela porta de madeira e pisando na

calçada.

A porta se fecha atrás de mim – a música lá dentro agora só uma vibração – e meu peito cede, soltando a respiração que não percebi que estava segurando.

Eu a amo, mas gostaria que não se preocupasse comigo. Ela olha para mim como se fosse minha mãe e quisesse consertar tudo.

Acho que seria muita sorte ter uma mãe como ela.

O ar puro e acolhedor me envolve, o frio da madrugada faz meus braços se arrepiarem, e o perfume das flores de maio flutua até meu nariz. Inclino a cabeça para trás, fecho os olhos e respiro profundamente, minha longa franja fazendo cócegas no rosto com a brisa leve.

Noites quentes de verão estão chegando.

Abro os olhos e olho para a esquerda e depois à direita, vendo as calçadas vazias, porém os carros ainda estão nos dois lados da rua. O estacionamento do VFA também está cheio. A noite de bingo deles geralmente termina no bar a uma hora dessas, e parece que a velha guarda ainda está firme e forte.

Virando para a esquerda, puxo o elástico do cabelo, deixando os cachos soltos, e o coloco ao redor do pulso quando começo a caminhar.

A noite está agradável, embora esteja um pouco frio. Meu nariz ainda sente o cheiro das bebidas que impregnavam cada espaço dentro do bar.

Barulho demais e muitos olhos, também.

Eu ando mais depressa, animada para desaparecer na escuridão do cinema por um tempo. Normalmente não vou sozinha, mas quando estão mostrando um filme dos anos 80 como “Uma Noite Alucinante: A Morte do Demônio”, eu tenho que ir. Cole só quer saber de efeitos especiais e não confia nos filmes feitos antes de 1995.

Acabo sorrindo ao pensar em suas manias. Ele não sabe o que está perdendo. Os anos 80 foram fantásticos. Foi uma década inteira de diversão da boa. Nem tudo precisava ter um significado ou ser profundo.

É uma fuga bem-vinda, especialmente esta noite.

Virando a esquina e caminhando até a bilheteria, percebo que estou alguns minutos adiantada, o que é ótimo. Odeio perder os trailers.

— Um ingresso, por favor — peço ao caixa.

Tiro do bolso o dinheiro das gorjetas que consegui esta noite e pago os sete e cinquenta pela entrada. Não que eu tenha dinheiro sobrando, com o aluguel vencendo e uma pequena pilha de contas na mesa, lá no nosso apartamento que ainda não podemos pagar, mas não é como se sete dólares fossem me salvar ou levar à falência.

E é meu aniversário, portanto...

Entrando, desvio da lanchonete e me dirijo para a próxima porta dupla. Só tem um cinema na cidade e, surpreendentemente, este lugar sobreviveu por sessenta anos, mesmo na sombra dos doze maiores cinemas construídos na região. “The Grand” teve que ser criativo com exibições de filmes clássicos à meia-noite como o de hoje, mas com festas à fantasia e festas fechadas, também. Por causa da faculdade e do trabalho não venho muito aqui, mas é um lugar legal e escuro quando você quer sumir por um tempo. Reservado e silencioso.

Atravessando a porta, verifico meu telefone mais uma vez e vejo que Cole ainda não ligou ou mandou uma mensagem. Coloco o celular no silencioso e guardo de volta no bolso.

Alguns anúncios aparecem na tela, mas as luzes estão acesas, e eu rapidamente percorro os olhos pela sala, vendo alguns solitários espalhados. Também vejo um casal sentado na última fileira nos fundos à minha direita, e um pequeno grupo de rapazes no meio – garotos, pelo som das risadas altas. Com

cerca de trezentos lugares, duzentos e oitenta e cinco ainda estão disponíveis, basicamente posso escolher qualquer assento.

Passo por cinco ou seis fileiras, encontro uma vazia e me sento bem no meio. Coloco a bolsa de lado e discretamente tiro a caixa roxa de vinho, lendo o rótulo sob a luz fraca.

Merlot. Pensei que fosse vinho branco, mas tenho certeza de que Shel precisa se livrar dessa coisa. Nós só servimos isso quando tem algum evento ao ar livre e não queremos taças de vidro lá fora.

Ao abrir a tampa, inalo o aroma pungente, sem sentir nadica dos cheiros extravagantes que os *sommeliers* parecem perceber do vinho. Nenhum indício de carvalho com um "aroma arrojado de cerejas" ou qualquer coisa assim. Deslizando o suporte na minha frente, aproveito a fileira vazia à minha frente e dobro os joelhos, encaixando os pés nos braços entre os assentos vazios.

Colocando a caixa de vinho no suporte, pego meu telefone do bolso, por precaução, caso Cole ligue, e o deixo ao lado dela.

Mas, em vez disso, o aparelho escorrega do suporte. Ele desce entre as minhas pernas e cai no chão, e ao levantar os joelhos para tentar pegá-lo, acabo esbarrando no suporte, jogando a caixa com vinho no chão.

Abro a boca e arfo.

— Merda! — solto num sussurro.

Mas que merda?!

Abaixando os pés, empurro a bandeja de lado e me inclino para baixo, tateando à procura do telefone. O vinho derramado molha meus dedos, e estremeço com a sujeira. Olhando por cima dos assentos, vejo o grupo dos três rapazes poucas fileiras à frente.

Gemo. *Que maravilha.*

Uma leve camada de suor esfria minha testa, e eu me levanto, tirando

meu cachecol da bolsa para secar os dedos. Odeio sujá-lo, mas não tenho nenhum guardanapo.

Que bagunça.

Tanto esforço para escapar por duas horas.

Olho ao redor em busca de um dos famosos "*lanterninhas*" com uma lanterna, bastante certa de que este cinema não tem esse tipo de funcionário, principalmente a esta hora da noite, mas a única iluminação que tenho está no meu telefone, e o chão está escuro.

Não vendo ninguém, pego o cachecol e bolsa e sigo até a fileira de baixo, me agachando e olhando sob os assentos para ver se consigo achar meu celular. Quando não encontro nada, vou até a próxima fileira e depois na seguinte, pois com certeza o ouvi deslizar um pouco. Como as fileiras são inclinadas, pode ter ido longe também. *Droga*.

Indo para a próxima fileira, coloco minhas coisas de lado e engatinho, olhando debaixo das poltronas à esquerda e à direita, tateando o chão. Um longo par de pernas vestidas de jeans está à frente, e eu olho para cima, vendo um homem sentado no banco com a mão cheia de pipoca a caminho da boca. Ele fica me olhando com as sobrancelhas levantadas.

— Desculpa — sussurro, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Deixei cair minha bebida e meu telefone caiu e deslizou para algum lugar aqui. Se importa de eu procurar...?

Ele hesita um instante e depois pisca, sentando-se.

— Não, pode olhar. — Ele coloca o suporte dele de lado e se levanta, tirando algo do bolso. — Aqui.

Ele acende a lanterna do seu telefone e se agacha, iluminando sob os assentos.

Imediatamente, vejo meu celular debaixo do assento ao lado do dele e

o pego. *Obrigada, Senhor.* Nós dois nos levantamos e meus ombros relaxam. Não posso comprar outro agora. Passo os dedos sobre a tela para ver se não tem nenhum arranhão ou se o vidro trincou.

— Pegou? — pergunta.

— Sim, obrigada.

Ele apaga a lanterna, mas se aproxima, passando os dedos na parte de baixo do meu telefone e os leva ao nariz, cheirando.

— Isso é... — Ele estremece. — Vinho?

Olho para o chão, vendo que ele está em cima do vinho que eu derramei três fileiras acima.

— Oh, nossa. — Olho para ele. — Desculpa. Está por todo lado?

— Não, não, está tudo bem. — Ele solta uma risada, os lábios se curvando mais em um dos cantos com um sorriso, logo se afastando da sujeira. — Não sabia que vendiam bebidas alcoólicas aqui.

Pego o cachecol e limpo o telefone.

— Ah, eles não vendem — comento em voz baixa, para não incomodar os outros no cinema. — Acabei de sair do trabalho. Minha chefe me deu para... hum. — Balanço a cabeça, em busca do que dizer. — Para, uh... comemorar.

— Comemorar?

— Shhh — alguém sussurra.

Nós dois olhamos para o cara uma fileira atrás e à direita que está nos olhando feio de rabo de olho. Nem os trailers nem o filme começaram ainda, e não estamos em sua linha de visão, mas acho que estamos perturbando-o. Eu me afasto para tentar alcançar minha bolsa.

O homem me ajuda, pega sua bebida e pipoca, me seguindo, e o leve cheiro de seu sabonete me atinge.

— Só vou mais pra lá para sair da sujeira — diz ele.

Ele senta algumas cadeiras abaixo e olha para mim e depois para onde eu estava sentada quando meu telefone e vinho caíram.

— Fique à vontade se quiser se sentar. — Ele gesticula para o assento ao lado dele, provavelmente descobrindo que estou sozinha esta noite também.

— Obrigada — respondo. — Mas vou só...

Eu não termino. Afasto-me e pego minha bolsa, virando para voltar ao meu lugar quando vejo um rapaz e uma garota entrarem no cinema. Eu fico paralisada, observando-os subindo à esquerda, para a última fileira do outro lado da sala, sentando-se em seus lugares.

Merda.

Jay McCabe. O único outro namorado que tive além de Cole, e ele o faz parecer um príncipe. Infelizmente, ele ainda adora me humilhar sempre que tem uma chance, e de jeito nenhum vou aguentá-lo hoje à noite.

— Você está bem? — o cara do telefone com a lanterna pergunta quando eu não me movo. — Juro que não estou te passando uma cantada. Você é velha demais pra mim.

Viro o olhar para ele, esquecendo Jay e a garota por um minuto. *Velha demais para ele? Como assim?* Observo seus mais de um metro e oitenta de altura, o contorno visível dos músculos através da camiseta, e o antebraço direito coberto de tatuagens desaparecendo por baixo da manga. Vi muitos caras no bar, e ele não se parece com nenhum garoto de dezenove anos que já vi. Ele tem que ter pelo menos o quê? Uns trinta?

Ele bufa.

— Estou brincando — declara, sua boca se abrindo em um largo sorriso que faz meu rosto ceder um pouco. — Se não quiser assistir ao filme sozinha, pode se sentar aqui. Foi só o que eu quis dizer.

Dou uma olhada para Jay e com quem quer que seja sua companhia, mas então um grupo de rapazes de repente empurra a porta dupla, fazendo muito barulho quando entram no cinema. Eu o vejo afastar o olhar da garota e virar para a comoção, e despenco no assento ao lado do cara por puro instinto, não querendo que ele me visse.

— Obrigada — digo para ele.

Eu sinto a presença do meu ex no cinema, e as memórias surgem, fazendo com que eu recorde do quanto deixei que ele me fizesse sentir impotente no passado. Só quero uma noite sem pensar em nada.

Eu me recosto e tento relaxar, mas então, dou uma espiada de rabo de olho, e a proximidade de um cara que não conheço sentado ao meu lado, de repente, parece uma fogueira escaldante e impossível de ignorar.

Viro a cabeça, olhando apreensiva para ele.

— Você não é um *serial killer*, né?

Ele franze a testa e olha para mim.

— Você é?

— Eles são geralmente homens caucasianos e antissociais.

Homem bonito completamente sozinho aqui? Hmmm...

Ele arqueia uma sobrancelha bem acentuada.

— E eles poderiam ser qualquer pessoa — acrescenta, com suspeita na voz enquanto me olha de cima a baixo.

O brilho dos anúncios na tela reflete em seus olhos, nenhum de nós se mexe, mas não aguento mais. Dou uma risada baixinha.

Estendo a mão para ele, por fim.

— Meu nome é Jordan. Peço desculpas pelo vinho.

— Jordan? — repete ele, pegando minha mão ao me cumprimentar. — Nome incomum para uma garota.

— Na verdade, não. — Relaxo no assento e cruzo os braços, levantando os joelhos e colocando os pés no espaço entre os dois lugares vazios à minha frente. — Era o nome do par romântico de Tom Cruise em “Cocktail”, lembra?

Suas sobrancelhas se levantam, com ar de quem não sabe do que estou falando.

— Cocktail? — repito. — O filme de 1988 que o bartender faz malabarismos com os coquetéis para divertir o público?

— Ah, sim. — Mas ele está com aquele olhar incerto, e eu não tenho certeza se sabe de que diabos estou falando.

— Gosta de filmes dos anos 80? — pergunto, apontando para o filme que estamos prestes a assistir.

— Gosto de filmes de *terror* — esclarece e oferece a pipoca para mim. — Este é um clássico. E você?

— Eu amo os anos 80. — Pego um pouco e jogo algumas na boca. — Meu namorado odeia o meu gosto por filmes e músicas, mas não resisto. Sempre venho quando tem algo dessa década passando.

Eu me sinto estranha deixando escapar sobre um namorado do nada, mas não quero passar a impressão errada. Rapidamente olho na sua mão esquerda, e ainda bem que não vejo uma aliança de casamento. Seria errado ficar aqui com um homem casado.

Mas ele apenas me observa com um olhar perspicaz.

— “Clube dos Cinco” é o seu favorito, né? — pergunta. — E todas as demais criações de John Hughes?

— Tem alguma coisa contra “Clube dos Cinco”?

— Não nas dez primeiras vezes que assisti.

Meus lábios formam um sorriso. *Passa* muito na TV, acho.

Ele se inclina.

— Os anos 80 foram a época dos heróis de filmes de ação — ressalta, sua voz profunda próxima e baixa. — As pessoas se esquecem disso. “Máquina Mortífera”, “Duro de Matar”, “O Exterminador do Futuro”, “Rambo”...

— Jean-Claude Van Damme — acrescento.

— Exatamente.

Eu mordo o canto da boca, para não rir, mas minha barriga treme de qualquer maneira, e solto uma risada.

Ele franze o cenho.

— Do que você está rindo?

— Nada — respondo rapidamente, assentindo. — Van Damme. Ótimo ator. Filmes bastante relevantes.

Não consigo esconder a vontade de rir, e ele enruga a testa, sabendo que estou mentindo.

Bem nesse momento escuto uma risadinha em algum lugar atrás de mim, e olho por cima do ombro, vendo Jay se inclinar sobre a garota, os dois no auge da pegação.

— Você os conhece? — pergunta o homem ao meu lado.

Aceno com a cabeça, negativamente. Ele não precisa saber das minhas coisas.

Ficamos em silêncio e termino de comer a pipoca na minha mão, deixando a cabeça cair para trás enquanto observo o teto alto com antigos arcos de ouro. Ele fica sentado ao meu lado e eu respiro profunda e lentamente, apesar do martelar dentro do peito.

Por que estou nervosa? É por causa do Jay?

Não, nem estou pensando nele agora.

As pessoas conversam ao nosso redor, esperando o filme começar, mas

não consigo ouvir o que estão dizendo, e realmente não me importo. Eu sinto um calor na pele.

— O que está estudando na universidade de Doral? — pergunta.

Eu o olho surpresa. Como ele sabe aonde eu estudo?

Serial Killer.

Mas então ele aponta para minha bolsa no chão e vejo o chaveiro pendurado com o emblema da universidade.

Oh, dã.

Corrijo minha postura no assento.

— Paisagismo — respondo. — Quero projetar áreas externas bonitas.

— Que legal. Eu trabalho com construção civil.

Dou um sorrisinho para ele.

— Ah, então você constrói áreas internas bonitas.

— Na verdade, não.

Dou risada com seu tom triste como se estivesse muito desanimado com o que faz.

— Eu só as deixo funcionais — ele me corrige.

Ele vira os olhos castanho-esverdeados para mim, calorosos e penetrantes, mas então, seu olhar desce para a minha boca por um segundo, e sinto um ligeiro frio na barriga. Ele rapidamente afasta o olhar, assim como eu, e sinto dificuldade para recuperar o fôlego.

Limpando a garganta, eu me inclino para pegar os *donuts* da bolsa, ajeitando o suporte para abrir a caixa.

Sinto o cheiro doce na hora e meu estômago ronca.

Olho a tela, querendo saber se o filme vai começar logo, porque estava os guardando para quando ele começasse, mas agora estou morrendo de fome.

Sinto os olhos do homem em mim, e olho para ele, explicando sobre

os *donuts*.

— É meu aniversário. Além do vinho, minha chefe me deu a única coisa que conseguiu achar em um *drive-thru*.

Pego um e me recosto, colocando os pés de volta no descanso de braço na minha frente.

— Vai comer todos os seis? — questiona.

Eu paro a rosquinha a cinco centímetros da boca e olho para ele.

— Por um acaso isso vai te incomodar ou algo assim?

— Não, só queria saber se vou conseguir um.

Sorrio e aponto para a caixa, dizendo que pode ficar à vontade.

Ele pega um com cobertura simples, e não sei se ele é do tipo sem frescuras ou se só quis deixar os com coberturas diferentes para mim, mas de qualquer forma, eu meio que gosto disso. Nós nos sentamos e comemos, mas não pude evitar em dar algumas olhadas sorrateiras para ele de vez em quando.

Seu cabelo é castanho claro, e os olhos parecem azuis, verdes ou castanho-esverdeados, dependendo da luz que está piscando na tela. Tem um pouco de barba no rosto oval, nariz arrebitado, e meu olhar é atraído pela forma como o queixo angular flexiona enquanto mastiga. Há ligeiras linhas de expressão ao redor dos olhos, então pode ser que ele tenha mais de trinta anos, mas também pode ser todo o trabalho debaixo do sol. Ele é alto, forte, bronzeado e está em forma, e de repente, seus olhos piscam para o lado como se ele me sentisse o observando. Desvio os meus para frente de novo.

Droga.

Não faz mal, certo? É normal achar outras pessoas atraentes. Isso acontece. Quero dizer, Scarlett Johansson é atraente. Não significa que eu esteja interessada nela.

Dou outra mordida no *donut*, meu olhar indo para o lado outra vez,

observando seus braços e as várias tatuagens. Engrenagens pretas e parafusos, parecendo o esqueleto de um robô, um desenho tribal que definitivamente diz que ele era um garoto dos anos 90 e – se eu estiver vendo direito – parece haver um relógio de bolso tentando sair de sua pele. Parece uma miscelânea sem um propósito específico, mas é um belo trabalho. Eu me pergunto qual é a história por trás delas.

Dou outra mordida, a cobertura rosa com granulado colorido envia choques até no fundo da boca e sinto vontade de enfiar tudo na boca de uma vez só.

— Sabe, eu realmente gostaria de ter uma barriga sarada — digo, mastigando —, mas isso é bom demais.

Ele solta uma gargalhada, olhando para mim e rindo.

— Que foi?

— Nada. É que você é... — Ele olha para longe como se estivesse à procura de palavras. — Você é meio que interessante ou... algo do tipo? — Ele sacode a cabeça. — Sinto muito, não sei o que quero dizer. — E então ele solta: — Uma fofa. — Como se tivesse acabado de se lembrar. — Você é uma graça, quero dizer.

Sinto um frio na barriga, e um calor aquece meu rosto como se eu estivesse na quinta série outra vez e o garoto que eu tinha uma queda me elogiasse. Sei que ele está falando da minha personalidade e não da aparência, mas eu meio que gosto disso.

Ele termina de comer seu *donut* e toma um gole de refrigerante.

— Então, quantos anos você tem? — pergunta. — Vinte e três, vinte e quatro?

— Um dia chego lá, com certeza.

Ele solta uma risada.

— Dezenove — respondo, por fim.

Ele respira fundo e suspira, com algo distante em seu olhar.

— Que foi? — Dou a última mordida e esfrego as mãos, limpando-as. Eu me recosto e deito a cabeça no encosto.

— Ser tão jovem de novo — diz, pensativamente. — Parece que foi ontem.

Oras, quantos anos ele poderia ter? Dezenove anos não pode ser tanto tempo assim para ele. Dez anos a mais que eu? Talvez doze?

— Me conta, faria alguma coisa diferente se pudesse voltar no tempo? — pergunto.

Meio sem jeito ele dá um sorriso tenso e olha para mim, seus olhos sérios.

— Vou te contar uma coisa... um pequeno conselho, tá bom?

Eu presto atenção, olhando diretamente em seus olhos sem desviar.

— Comece a todo vapor — diz.

Hã?

Ele deve ver a confusão no meu rosto, porque continua:

— O tempo passa num piscar de olhos — explica. — E o medo te dá as desculpas que você deseja para não fazer as coisas que sabe que deveria. Não duvide de si mesma, não suponha, não deixe o medo te segurar, *não* seja preguiçosa, e não baseie suas decisões no quanto elas farão outras pessoas felizes. Arrisque-se e vá à luta, está bem?

Fico o encarando e, infelizmente, parece que é tudo que consigo fazer. Quero sorrir, porque meu coração está transbordando e a sensação é ótima, mas também estou sentindo algo que não sei explicar. Parece uma dúzia de emoções diferentes inundando de uma só vez, e tudo o que consigo fazer é respirar de forma ofegante.

— Tá bom — sussurro para ele.

Não tenho certeza se o que ele disse era o que eu queria ou precisava ouvir, mas sinto meus ombros aprumarem e meu queixo se elevar a postos. Pelo tempo que durar, serei um pouco mais corajosa, e ele, o meu novo herói.

Vejo quando ele pega uma caixinha e risca um fósforo; a pequena chama acende. Ele o enfia em um dos *donuts*, o rosa da cobertura – segundo o pedido da Shel, porque ela sabe que é minha cor favorita – brilha com a chama. Sinto meu coração aquecer com o gesto.

Abaixando os pés, inclino-me para a frente, fecho os olhos e faço meu pedido mentalmente, e então assopro a "velinha improvisada".

Não faço o mesmo desejo de sempre, no entanto. Minha cabeça está vazia de repente, e agora não estou me lembrando de todas as coisas que preciso e quero fora deste cinema. Só consigo pensar em uma única coisa.

Nós dois relaxamos e nos acomodamos, cada um pegando mais um *donut* enquanto as luzes finalmente se apagam, e o som chega até nós de todos os lados do cinema.

Nos próximos noventa minutos, nós comemos e rimos, e escondo o rosto algumas vezes quando sei que algo vai acontecer. Pulo de susto de vez em quando e dou risada dele quando também se assusta, porque parece envergonhado. Depois de um tempo, percebo que minha cabeça está mais inclinada na direção dele, e ele está com o pé apoiado na cadeira vazia à nossa frente, com a cabeça relaxada no encosto, e estamos completamente confortáveis. Nem me ocorreu manter uma certa distância.

Não assisto muitos filmes com outras pessoas. Não estou acostumada a ficar sentada em silêncio com outra pessoa. Os compromissos de Cole e os meus nem sempre se encaixam; minha irmã, Cam, não tem mais quase nenhum tempo livre, e a maioria das minhas amizades do ensino médio não durou muito depois

da formatura há um ano. É bom se divertir com alguém.

Assim que os créditos sobem, não sei bem se me lembro muito do filme. Mas não me sinto relaxada assim há muito tempo. Sorri, fiz piadas e esqueci de tudo que está acontecendo fora dali, e eu precisava disso. Eu realmente não quero ir para casa ainda.

As luzes começam a acender, e devagar me sento direito, abaixando os pés enquanto engulo o nó na garganta e o observo. Ele também se senta, mas praticamente não me encara.

Levanto, passo a alça da bolsa sobre a cabeça e recolho meu lixo.

— Olha, eles vão exibir *"Poltergeist"* em algumas semanas — diz atrás de mim, levantando-se e pegando o próprio lixo. — Se eu te vir, não vou esquecer de me sentar no lugar mais alto possível.

Dou risada baixinho, lembrando do vinho. Nós dois saímos da fileira e caminhamos até a saída, e noto que Jay e sua namorada não estão mais em seus lugares. Já devem ter ido embora, mas para dizer a verdade, esqueci que estavam aqui há muito tempo.

"Poltergeist". Quer dizer que ele estará aqui então? Esse é o jeito de ele falar casualmente isso, para o caso de eu querer vir, também?

Mas não deve ser, ele sabe que eu tenho namorado.

No entanto não consigo deixar de pensar que se por algum motivo Cole e eu não durarmos até lá, será que eu viria ao cinema, sabendo que ele estaria aqui?

Pisco por vários instantes, culpa me inundando conforme caminho pelo corredor. Eu provavelmente viria. Não existem muitos "bom partidos" nesta cidade, e eu me diverti hoje à noite. Esse homem é interessante.

E tem boa aparência.

E tem emprego.

Eu devia armar para juntar ele com a minha irmã mais velha. Como ele passou despercebido sob o radar dela esse tempo todo é um mistério para mim.

Empurramos a porta – os últimos saindo da sala –, e paramos no saguão, jogando fora nossos lixos.

Eu olho para ele e meu coração dispara ao vê-lo sob a luz mais forte, parado na minha frente. Olhos castanho-esverdeados. Definitivamente castanho-esverdeado. Mas mais verde na borda externa da íris.

Seu cabelo está penteado com quase nada de produto de beleza e é comprido no ponto certo de se acariciar com os dedos, e permito que meus olhos desçam para o pescoço macio e bronzeado. Porém não consigo ver se tem marca de bronzeado sob a gola da camiseta. Ele é assim em todos os lugares? Sem aviso, uma imagem dele martelando e carregando madeira sem camisa aparece na minha cabeça e eu...

Fecho os olhos de novo, balançando a cabeça. *Ei, calma, respira, está tudo bem.*

— Hum, é melhor ir andando — eu digo a ele, apertando a alça da bolsa. — Meu namorado já deve estar me esperando no bar agora para me buscar.

— Bar?

— Grounders? — respondo, pensando que ele provavelmente deveria conhecer o lugar. É um dos únicos três bares da cidade, apesar de muitos preferirem o “Poor Red’s” ou o clube de strip do que a espelunca onde eu trabalho. — Saí um pouco mais cedo hoje, sem aviso, mas é com ele que vou embora e não consegui falar com ele pelo celular. Mas já deve estar lá agora.

Ele abre a porta, segurando-a para mim enquanto saio do cinema e me acompanha.

— Bem, tomara que tenha tido um bom aniversário, apesar de ter

trabalhado — diz ele.

Eu viro à direita, na direção do Grounders, e ele à esquerda.

— E obrigada por me fazer companhia — agradeço. — Espero não ter estragado o filme pra você.

Ele olha para mim por um momento, sua respiração ficando mais pesada enquanto uma expressão dividida cruza seu rosto. Finalmente, ele sacode a cabeça, desviando os olhos.

— Nem um pouco — diz ele.

Um momento de silêncio se passa e, lentamente, nós dois nos afastamos, mas sem dar às costas um para o outro.

O silêncio se prolonga, a distância aumenta, e por fim, ele levanta a mão, acenando ao se despedir antes de colocar as mãos nos bolsos de trás.

— Boa noite — diz ele.

Eu só fico olhando-o fixamente. *É, boa noite.*

E então, eu me afasto, sentindo-me mal por dentro.

Eu nem sequer perguntei o nome dele. Seria legal dizer “oi” se eu o encontrasse de novo.

Não tenho tempo para remoer sobre isso porque meu telefone toca e eu o tiro do bolso, vendo o nome de Cole na tela.

Paro na calçada e atendo.

— Oi, você está no Grounders? — pergunto. — Estou quase chegando.

Ele não diz nada, entretanto, e eu pauso antes de chamar seu nome:

— Cole? Alô, você está aí?

Nada.

— Cole? — digo mais alto.

Mas a linha está muda. Quando vou ligar para ele, escuto uma voz

atrás de mim.

— O nome do seu namorado é Cole? — o homem do cinema pergunta. — Cole Lawson?

Eu viro e o vejo caminhar lentamente de volta para mim.

— Sim — respondo. — Você o conhece?

Ele hesita por um segundo como se chegasse à conclusão de alguma coisa, e então estende a mão, finalmente se apresentando.

— Meu nome é Pike. Pike Lawson.

Lawson?

Ele faz uma pausa por um instante e depois acrescenta:

— O pai dele.

Fico sem ar.

— Como? — arfo.

O pai dele?

Fico boquiaberta, mas logo me recomponho, olhando para este homem com novos olhos enquanto começo a entender.

Cole falou pouco sobre o pai – eu sabia que ele morava aqui –, mas eles não são próximos, pelo que entendi. A impressão que tive do pai de Cole com base nas breves menções do filho não coincide com o homem com quem conversei no cinema hoje. Ele é legal.

E fácil de conversar.

E ele, dificilmente, parece ter idade suficiente para ter um filho de dezenove anos, pelo amor de Deus.

— O pai dele? — digo em voz alta.

Ele me dá um breve sorriso e sei que essa é uma reviravolta que não estava esperando, também.

Escuto o celular dele vibrar no bolso, e ele o pega, verificando a tela.

— E se ele está me ligando agora, deve estar com problemas — diz, olhando para o telefone. — Precisa de uma carona?

— Uma carona pra onde?

— Delegacia, eu presumo. — Ele suspira, atendendo o telefone e mostrando o caminho. — Vamos.

CAPÍTULO 2

JORDAN

— Acho que isso não é uma boa ideia — digo a Cole, retirando minhas pilhas de caixas de leite da parte de trás de seu carro. — Eu me sinto como uma aproveitadora.

Meu namorado mostra aquele inclinar de lábios peculiar, onde você só vê uma parte dos dentes.

— E o que você vai fazer então? — Ele olha para mim, puxando minha mesa de desenho desmontável e a levanta. — Vai ficar com seus pais?

Noto seus olhos azuis semicerrados, provavelmente pela falta de sono, enquanto caminhamos até os degraus da varanda da casa de Pike Lawson para deixar nossas coisas.

Nosso novo lar.

Os últimos dias foram malucos, e não consigo acreditar que esse homem seja seu pai. Quais são as chances? Gostaria que tivéssemos nos conhecido de um jeito um pouco diferente. Não indo até a delegacia às duas horas da manhã para tirar o filho – meu namorado – da cadeia.

— Para com isso, já te disse — diz Cole, voltando para o carro para pegar mais coisas. — Foi meu pai quem ofereceu que ficássemos aqui. Nós só

temos que fazer as tarefas da casa, e isso nos dá a chance de economizar para um novo lugar. Um lugar melhor.

Certo. E quantos filhos voltam para a casa dos pais para fazer exatamente isso e acabam ficando por mais três anos? Seu pai tinha que saber no que estava se metendo.

Farei todos os esforços para ir embora o mais rápido possível, mas Cole não economiza dinheiro. Arrumar um lugar novo, com um depósito caução – sendo que inclusive perdemos um com o apartamento anterior devido a pequenos danos nos tapetes – e os utensílios, precisará de uma grana considerável. Assim que conseguirmos um apartamento, Cole pode ajudar a pagar por ele, mas arrumar e montar vai ficar por minha conta.

Já se passaram três dias desde o dia do cinema em que conheci Pike Lawson. Assim que pegamos o Cole, voltei para casa e encontrei nosso apartamento completamente destruído. Aparentemente, ele estava tentando me dar uma festa de aniversário de última hora, mas nossos amigos – seus amigos – não esperaram para começar as festividades. Às onze horas, todos estavam bêbados, a pizza tinha acabado, mas, ei, eles guardaram um pedaço de bolo para mim.

Precisei ir ao banheiro para não chorar na frente deles quando vi o lugar.

Parece que uma briga ocorreu durante a festa, os vizinhos reclamaram do barulho, Cole desacatou a polícia, e ele e um amigo foram levados para se acalmarem. Mel, o proprietário do lugar, informou em termos inequívocos que aguentou o máximo que pôde e Cole precisava sair. Eu podia ficar, mas não tinha como pagar tudo sozinha. Não depois de já ter acabado com as minhas economias, ajudando a consertar o carro dele no mês passado.

E graças a Deus, os policiais o deixaram sair sem fiança desta vez,

porque eu não tinha cem dólares para espremer de qualquer lugar, muito menos dois mil e quinhentos.

— Você é filho dele — eu lembro Cole, pegando minha luminária de chão, uma das únicas coisas grandes que não colocamos no depósito temporário, visto que o pai de Cole já tinha um dos quartos de hóspedes mobiliados. — Mas eu também ficar aqui com ele pagando todas as contas? Não é certo.

— Bem, penso que não é certo que eu passe todos os dias sem isso — ele brinca com um sorriso pretensioso enquanto me puxa para ele e envolve meu corpo com os braços. Solto a lâmpada e sorrio, cedendo à sua brincadeira, embora não esteja no clima. Já faz muito tempo que não fico tranquila o suficiente para esquecer o estresse que nos atinge a cada esquina. Nós não temos tido motivos para sorrir juntos há um tempo, e está começando a não acontecer mais, de forma natural.

Mas agora, ele tem aquele brilho de menino nos olhos como se fosse simplesmente o mais adorável dos furacões dizendo: “você não me ama?”.

Ele encosta a testa na minha, e subo as mãos, entremeando os dedos pelo seu cabelo loiro olhando em seus olhos azuis escuros que sempre dão a impressão de que acabou de se lembrar de que tem uma torta inteira esperando por ele na geladeira.

Pegando a minha mão direita na dele, Cole aprisiona as duas unidas entre nós, e eu aperto a sua mão contra a minha, já sabendo o que ele está fazendo. Nossos dedos se entrelaçam, os polegares lado a lado, e ele prende meu olhar ao seu, as mesmas memórias passando entre nós.

Para qualquer outra pessoa, parece um abraço apertado, mas quando olhamos para baixo, vemos nossos polegares lado a lado e a pequena cicatriz do tamanho de uma ervilha que compartilhamos apenas com uma outra pessoa. É bobagem quando contamos às pessoas a história – a arma “Nerf” do irmãozinho

de um amigo, que era pequena demais para as nossas mãos, e nos esfolamos quando tentamos usá-la, os três rindo ao perceber que tínhamos uma cicatriz igualzinha na ponta de nossos metacarpos.

Agora somos Cole e eu. Apenas nós dois. Duas cicatrizes, não mais três.

— Fique comigo, tá? — sussurra. — Eu preciso de você.

E por um raro momento, vejo vulnerabilidade.

Uma vez eu também precisei dele, e ele me ajudou. Nós passamos por muita coisa, e é provavelmente meu melhor amigo.

É por isso que eu sempre o perdoo. Não quero que ele sofra.

E é por essa razão que o deixo me convencer disso. Não quero mesmo morar com meu pai e minha madrasta, e é só até quando o verão acabar. Assim que meus empréstimos estudantis diminuírem no outono, e eu tiver economizado o dinheiro do trabalho deste verão, serei capaz de pagar meu próprio aluguel de novo. *Acho*.

Cole me abraça e fica quieto. Ele sabe que ainda estou brava com ele por ter sido preso e pelo estrago no apartamento, mas sabe que eu me importo. Estou começando a me perguntar se é um dos meus defeitos. Definitivamente minha fraqueza.

Ele desce a mão e agarra a minha bunda, mergulhando a cabeça no meu pescoço me beijando. Arfo quando me aperta contra ele, e dou risada, me contorcendo para sair de seus braços.

— Pare! — repreendo com um sussurro ao olhar nervosa para a casa de dois andares atrás de mim. — Nós não temos privacidade mais.

Ele sorri.

— Meu pai ainda está no trabalho, amor. Ele não chega antes das cinco da tarde.

Oh. Bem, pelo menos algo bom. Olho de um lado ao outro pela vizinhança, e vejo casa após casa, cortinas abertas e crianças brincando aqui e ali. Não é como nos apartamentos onde todos veem sua vida, mas não estão nem aí, porque você só está de passagem e não ficará por perto tempo suficiente para que alguém ache que mereça a atenção deles. Aqui, em um bairro de verdade, as pessoas investem seu tempo em seus vizinhos.

Respiro fundo, absorvendo o cheiro de churrasco e o som dos cortadores de grama. É um bairro muito legal. Queria saber se isso poderia ser meu algum dia. Encontrarei um bom trabalho? Terei uma casa legal? Serei feliz?

Cole volta a encostar sua testa na minha.

— Sabe, eu queria pedir desculpas. — Ele não olha para mim, encarando o chão. — Eu continuo estragando tudo e não sei porquê. Sou tão agitado. É só que eu não...

Mas ele não termina. Apenas balança a cabeça e eu sei. Sempre sei.

Cole não é um fracassado. Ele tem dezenove anos. Impulsivo, irritado e confuso.

Mas ao contrário de mim, ele nunca precisou amadurecer. Há sempre alguém tomando conta dele.

— Você sabe o que está destinado a ser — digo. — Comprometer-se a isso é um processo diferente para todos, mas você chegará lá.

Ele ergue os olhos, e um momento de hesitação cruza seu olhar como se fosse dizer alguma coisa, mas depois some. Em vez de dizer algo, sorri daquele jeito arrogante.

— Eu não te mereço — diz, e me dá um tapa na bunda.

Dou um pulo, ainda irritada enquanto nos soltamos. *Não, você não merece*. Mas é bonito e faz boas massagens.

Terminamos de descarregar o carro e de fazer várias viagens para levar

tudo para dentro. Deixo a pequena compra que fiz no mercado mais cedo, na cozinha e, depois, carrego uma última caixa pela sala subindo as escadas até o nosso quarto, na primeira porta à esquerda.

Solto uma longa respiração conforme viro e atravesso a porta para o nosso novo quarto, incapaz de esconder o sorriso com o cheiro de tinta fresca. Pela aparência da casa, o pai de Cole está reformando. Mas parece que a parte mais pesada do trabalho já está feita. Chão de madeira reluzente no andar de baixo, sancas combinando em todos os cômodos, bancadas de granito na cozinha com todos os utensílios domésticos de aço inox, parecendo novos, e os armários pretos e de vidro que fizeram meu coração palpitar um pouco. Eu nunca tinha vivido em um lugar, nem de perto, tão bonito assim. Para um trabalhador da construção civil, Pike Lawson não era um decorador ruim.

É definitivamente uma casa boa. Um lugar muito legal, na verdade. Não que seja uma mansão – apenas uma casa simples de dois andares com uma pequena varanda que leva até a porta da frente –, mas é reformada, bonita, bem cuidada, e as áreas da frente e de trás são gramadas.

Coloco a caixa no chão e caminho até a janela, espiando entre as persianas. *Um quintal de verdade.* A situação de vida da mãe de Cole nem sempre foi boa, então é bom saber que ele tem aqui um bairro bacana e seguro sempre que precisar. Gostaria de saber por que ele sempre dá a impressão de que precisava de alguém para tomar conta dele quando poderia ficar nesse lugar em qualquer momento que quisesse. O que está acontecendo entre ele e Pike Lawson?

Algum dia, terei um lugar assim também. Meu pai, infelizmente, vai morrer naquele trailer em que cresci.

Cole entra, jogando algumas malas na cama e imediatamente sai de novo, pegando seu celular.

— Acha que seu pai vai se importar se eu usar a cozinha? — pergunto, seguindo-o para fora do quarto. — Comprei os ingredientes para fazer hambúrguer.

Ele continua andando, mas escuto sua risada baixa.

— Não consigo imaginar que qualquer cara, mesmo meu pai, vá dizer a uma mulher que não pode usar a cozinha dele para fazer comida, amor.

É, tá bom. Olho feio para suas costas conforme ele passa pela sala e depois sai da casa. Eu continuo até chegar na cozinha.

Costumava gostar de fazer coisas para Cole. Estar ao lado dele, melhor do que minha mãe fazia com meu pai. Manter a casa limpa – ou apartamento – e vê-lo sorrir quando deixava sua vida um pouco mais fácil, garantindo que tivesse o que precisava. Passou a ser unilateral nos últimos meses, no entanto.

Seu pai está fazendo muito por nós, e cozinhar algumas noites por semana faz parte do acordo, então não tenho qualquer problema em manter minha parte. Bem, a *nossa* parte, mas Cole não vai cozinhar, então deixarei a manutenção do quintal com ele, já que seu pai também estipulou ser sua responsabilidade no acordo.

Pike Lawson. Precisei me esforçar para não pensar naquele dia no cinema. Ainda não consigo acreditar na casualidade de toda a situação.

Continuo me lembrando do palito de fósforo no *donut*, e o discurso de encorajamento que ele me deu sobre ir atrás do que eu quero. Uma parte minha, no entanto, teve a sensação de que ele também estava dizendo aquelas coisas para si mesmo. Experiência e talvez um pouco de decepção misturadas em seu tom, e eu quero saber mais sobre ele. Por exemplo, como ele era no papel de pai tão jovem.

E daí que eu o achei bonito? O que tem isso? Acho Chris Hemsworth bonito. E Ryan Gosling, Tom Hardy, Henry Cavill, Jason Momoa, os irmãos

Winchester... Não é como se eu tivesse pensamentos sexuais, pelo amor de Deus. Não precisa ficar esquisito.

Não pode. Estou com o filho dele.

Andando até uma das cadeiras na mesa da cozinha, tiro meu celular da bolsa e abro o aplicativo de música, “Jessie’s Girl” começa a tocar imediatamente de onde parou depois da minha corrida esta manhã. Dou uma conferida na cozinha, bem como uma rápida passada pela sala, checando para ver se não tem nada nosso para trás. Não quero incomodar seu pai mais do que já estamos fazendo.

Ando até a geladeira, deslizando a mão sobre a bancada da ilha central conforme passo. Enquanto os outros balcões são de granito marrom com respingos de preto, o do meio é de madeira. A madeira lisa é agradável sob as pontas dos meus dedos, e não sinto nenhum sulco talhado. A cozinha inteira parece recentemente reformada, então talvez ele não tenha usado muito a tábua de cortar. Ou talvez não seja um grande cozinheiro.

Um lustre em tom acobreado paira sobre a ilha, e dou uma pequena pirueta antes de me aproximar da geladeira, rindo baixinho. É bom poder se mover sem esbarrar em algo. A única coisa que essa cozinha precisa para me surtar de vez seria um *backsplash* – revestimento diferente das demais paredes – entre os balcões e os armários. Esse recurso é a última moda.

Abrindo a geladeira, pego carne moída, manteiga e muçarela, fechando a porta com o pé enquanto me viro e coloco tudo na ilha. Pego as duas cebolas que deixei no balcão antes e agito a cabeça com a música, deslizando e balançando, tirando uma faca do suporte e começo a cortá-las em rodelas bem fininhas.

A música nos meus ouvidos acelera, os pelos dos braços se arrepiam e sinto uma explosão de energia nas pernas, pela vontade de dançar, mas me

seguro. Tomara que Pike Lawson não se importe de música dos anos 80 tocando em sua casa de vez em quando. Ele não disse nada sobre não gostar delas, no cinema, mas também não contava que fôssemos morar com ele.

Fingindo estar dublando a música e balançando a cabeça seguindo o ritmo, faço cinco grandes hambúrgueres com as mãos e começo a colocá-los numa panela limpa já aquecida e untada com manteiga derretida.

Meus quadris rebolam de um lado a outro quando sinto cócegas na cintura. Dou um pulo, o coração pulando no peito ao mesmo tempo em que o ar fica preso na garganta.

Virando, vejo minha irmã atrás de mim.

— Cam! — ofego.

— Te peguei — brinca, sorrindo de orelha a orelha e volta a me cutucar nas costelas.

Paro a música no celular.

— Como você entrou? Não ouvi a campainha.

Ela caminha ao redor da ilha, se senta em uma banqueta, descansando os cotovelos no balcão, e pega uma rodela de cebola.

— Encontrei o Cole lá fora — explica. — Ele me disse para entrar.

Inclino a cabeça, espiando pela janela, e o vejo com alguns amigos ao redor do velho carro da minha avó que o pai de Cole pagou para ser rebocado até aqui, já que não está funcionando. Não podia deixar no apartamento, e parece que Cole está finalmente cumprindo sua promessa de consertá-lo, para que eu possa usar.

O chiado da carne fritando atinge meus ouvidos e volto para o fogão, virando os hambúrgueres. Um respingo de gordura cai no meu braço e estremeço com a dor.

Sei que a Cam está aqui para verificar como estou. Velhos hábitos e

tal.

Minha irmã só tem quatro anos a mais que eu, mas era a mãe que nossa mãe não foi quando precisava ser. Fiquei naquele trailer até me formar no ensino médio, mas Cam saiu quando tinha dezesseis anos e está por conta própria desde então. Apenas ela e seu filho.

Olho no relógio, vendo que já passava das cinco. Meu sobrinho deve estar com a babá agora, e ela deve estar indo para o trabalho.

— Então, onde está o pai? — pergunta.

— Ainda no trabalho, presumo.

Ele vai chegar em breve, no entanto. Coloco os hambúrgueres em um prato e pego os pães, abrindo o pacote.

— Ele é legal? — ela finalmente pergunta, parecendo hesitante.

Estou de costas para ela, portanto, não pode ver o meu incômodo. Minha irmã é uma mulher que não mede as palavras. O fato de seu tom ser um tanto cuidadoso mostra que provavelmente está tendo pensamentos que não quero ouvir. Por exemplo: “por que diabos simplesmente não aceito o emprego em que ganharei mais, que seu chefe me ofereceu no ano passado, podendo assim ficar no meu apartamento?”.

— Ele parece legal. — Aceno, dando uma olhada para ela. — Um pouco quieto, acho.

— Você é quieta.

Sorrio para ela, corrigindo-a:

— Eu sou séria.. Tem diferença.

Ela ri e senta-se direito, puxando para baixo a bainha de sua regata branca, o sutiã de renda vermelho por baixo bastante visível.

— Alguém tinha que ser séria em nossa casa, acho.

“Na casa em que crescemos”, ela quer dizer.

Ela joga o cabelo castanho por cima do ombro e vejo seus longos brincos prateados, que combinam com a maquiagem brilhante, os olhos esfumaçados e os lábios cintilantes.

— Como está Killian? — pergunto, lembrando do meu sobrinho.

— Um pirralho, como de costume — responde. Mas então para como se estivesse se lembrando de algo. — Não, espere. Hoje ele me contou que disse aos amigos que sou a irmã mais velha dele quando fui buscá-lo na creche. — Ela bufa. — O merdinha tem vergonha de mim. Mas mesmo assim, eu respondi, tipo: “Uau, as pessoas realmente acreditam nisso?” — E então joga o cabelo para trás de novo, exagerando em seus movimentos. — Quero dizer, ainda estou com tudo em cima, né?

— Você tem só vinte e três anos. — Cubro o hambúrguer com muçarela ralada, acrescento outro hambúrguer e jogo mais queijo. — Claro que você está ótima.

— Mmm-hmm. — Ela estala os dedos. — Tenho que conseguir essa grana enquanto posso.

Olho em seus olhos, por apenas um segundo, mas basta para ver seu humor fraquejar. A forma como seu sorriso atrapalhado parece um pedido de desculpas e como ela pisca, preenchendo o silêncio enquanto suas palavras estranhas pairam no ar.

E na maneira como ela desce a bainha da regata para cobrir o máximo de barriga que pode na presença de sua irmãzinha.

Minha irmã odeia o que faz para ganhar a vida, mas gosta mais do dinheiro.

Ela finalmente volta sua atenção para mim, seu tom soando quase acusador.

— E o que está fazendo, a propósito?

— O jantar.

Ela sacode a cabeça, revirando os olhos.

— Então, você não só *não* larga do homem com quem está, mas agora virou a empregada de outro?

Coloco algumas rodelas de cebola por cima da muçarela do primeiro lanche e cubro com o pão.

— Não sou.

— É sim.

Eu olho para ela.

— Estamos ficando aqui, neste bairro fantástico. E não se esqueça, sem pagar aluguel. O mínimo que posso fazer é garantir para mantermos nossa parte no combinado. Nós limpamos e faremos algumas das refeições. Só isso.

Sério, sua sobrancelha direita arqueia e ela cruza os braços, não acreditando em mim. Ah, pelo amor de Deus. Na verdade, acredito que estamos ganhando muito mais com esse acordo do que Pike Lawson, afinal de contas. Ar condicionado, TV a cabo e Wi-Fi, um closet...

Estendo o braço sobre o balcão e subo as persianas, gritando para que ela saia do meu pé.

— Ele tem uma piscina, Cam! Quero dizer, fala sério?!

Seus olhos se arregalam.

— Não brinca?

Ela desce da banqueta e sai correndo, olhando para o quintal. A piscina é perfeita. Tem a forma de ampulheta, o piso multicolorido no chão é de estilo mediterrâneo e o caminho para entrar na piscina forma um mosaico. O pai de Cole ainda deve estar trabalhando nela, porque tem uma placa de vidro na outra extremidade da piscina, com canteiros para flores e canos para pequenas cascatas que ainda não estão funcionando. Tem uma mesa e cadeiras espalhadas pelo

quintal, e no resto do gramado tem vários móveis de jardim ainda fora do lugar, aparentemente. Uma mesa com guarda-sol está à direita, ao lado da mangueira, e uma churrasqueira coberta com lona à esquerda.

Minha irmã acena, aprovando.

— Aqui é legal. Seu destino sempre foi morar em uma casa assim.

— E quem não merece o mesmo? — rebato. Todos deveriam ter tamanha sorte.

Embora ainda pareça errado ficar aqui. Eu me importo muito com Cole, e prefiro estar com ele do que com meu pai.

Termino de preparar os sanduíches enquanto ela se vira, segura na borda do balcão com as mãos e me encara.

— Tem certeza de que tudo o que ele quer é um pouco de limpeza e comida? — pressiona. — Homens, não importa a idade, são todos iguais. Eu sei muito bem.

Sim, já pode calar a boca agora. Sei cuidar de mim. Se namorados do ensino médio e trabalhar em um bar não me ensinaram isso a essa altura...

Mas ela fala de novo, invadindo meu espaço pessoal e me detém:

— Só me escute por um segundo. — Seu tom fica mais duro. — A casa é boa, o bairro é seguro e, sim, dá para você economizar um pouco de dinheiro. Mas não precisa ficar aqui.

— Não é do papai e da Corinne, então isso basta — retruco. — E não posso ficar com você. Agradeço a oferta, mas não posso dormir no sofá atrapalhando as pessoas e ainda conseguir estudar com um menino de quatro anos querendo ser uma criança em sua própria casa.

Tenho aula no verão às quintas-feiras, então preciso de um pouco de espaço para trabalhar.

— Não foi o que eu quis dizer — responde depressa. — Você podia ter

ficado naquele apartamento. Teria conseguido bancar.

Abro a boca, mas volto a fechá-la, virando para colocar os sanduíches no forno por alguns minutos.

Aquilo de novo, não. Quando ia desistir disso?

— Não posso, tá? — digo. — Eu não quero. Gosto do meu trabalho e não quero trabalhar aonde você trabalha.

— Mas é claro que você não quer. — Ela me dá um olhar aborrecido. — Está abaixo de você, né?

— Não foi o que eu disse.

Não desvalorizo minha irmã por causa de seu trabalho. Ela dá comida e veste seu filho. Engoliu o orgulho e fez o que precisava, e eu a amo por isso. Mas – e eu nunca diria isso na cara dela – não é uma carreira que ela teria escolhido para seguir se tivesse outras opções.

E eu ainda não estou sem opções.

Cam dança no “The Hook” desde os dezoito anos. No início, era apenas um trabalho temporário para aguentar as pontas e sustentar o filho quando seu namorado a deixou. Mas os contorcionismos com a faculdade e o filho acabaram ficando pesados demais e, eventualmente, ela abandonou os estudos. Assim que Killian começasse o jardim de infância o plano era que tudo voltasse ao normal, mas isso estava prestes a acontecer, e eu não acredito que ela tenha planos imediatos para deixar de trabalhar lá tão cedo. Ela se acostumou com a grana que ganha.

E quase um ano atrás, o chefe dela me ofereceu um emprego de garçonete lá, e desde então, tem ficado no meu pé para aceitar. Dava para fazer mais do que o suficiente para me sustentar, no fim das contas. E, quem sabe, não precisaria pedir tantos empréstimos estudantis também. *Alguns anos e só*, ela disse. E eu estaria fora.

Mas eu sei que trabalhar como garçonete no bar é só a desculpa que seu chefe usa para conseguir as garotas enquanto ele dá um jeito de colocá-las no palco.

Eu não vou fazer isso. E também não assistirei a minha irmã fazendo isso todas as noites.

Meu corpo não é público. É pessoal para mim e para quem eu quero mostrar. Continuarei no Grounders, obrigada.

— Estou bem onde estou — digo. — Está tudo sob controle.

Ela suspira.

— Tudo bem — diz, cedendo por enquanto. — Só esteja preparada, caso isso não dê certo, tá legal?

“Isso” significa Cole e eu morando na casa do pai dele.

Dou a volta por ela para pegar a limonada da geladeira e, de repente, ouço o ronco baixo de um motor se aproximando. Eu paro, dando uma olhada pela janela, e vejo o canto da caminhonete preta entrando na garagem. A mesma Chevrolet Cheyenne 1971 que eu andei depois do filme naquela noite para buscar Cole na delegacia.

Meu coração acelera, mas ignoro e rapidamente fecho a geladeira.

— O pai dele chegou — aviso, pegando sua bolsa no balcão entregando para ela. — Você precisa ir.

— Por quê?

— Porque aqui não é a minha casa — respondo ríspida, empurrando-a na direção da lavanderia para sair pela porta dos fundos. — Me dê pelo menos uma semana antes de incomodá-lo com todos os meus amigos.

— Sou sua irmã.

Escuto uma porta do carro bater.

Continuo empurrando minha irmã, mas ela plantou os pés no chão.

— E é melhor você me manter informada — repreende. — Não vou permitir que você deixe algum pervertido de meia-idade e com uma barrigona de cerveja, bastante contente em concordar com um par de coxas adolescentes vindo morar em sua casa, começar a exigir um pouco mais de sua nova inquilina.

— Cala a boca. — Mas acabo rindo um pouco.

É, ele não é barrigudo, de meia-idade ou pervertido. Bem, eu não acho isso.

Ela vira, me cutucando na barriga de brincadeira e abaixando a voz para um tom profundo e rouco.

— Vamos, querida. — Ela se esfrega em mim, tentando me abraçar sedutoramente. — Hora de pagar seu aluguel, meu bem.

— Cale a boca! — sussurro brava, mas dou risada e tento empurrá-la para fora da cozinha. — Misericórdia, você está me envergonhando. Saia!

— Não tenha medo — continua, fingindo ser um velho assustador mexendo exageradamente os lábios ao tentar me beijar. — Garotinhas cuidam de seus papais.

E ela brinca me dando uma “sarrada”, apontando a barriga para fora, na tentativa de simular uma barrigona de cerveja com sua cintura de cinquenta e cinco centímetros.

— Pare com isso! — imploro, com o rosto pegando fogo de vergonha.

Ela me apalpa de cima a baixo nos quadris, sorrindo ao mesmo tempo em que tento empurrá-la para fora da cozinha.

Mas então ela para de repente, seu semblante despenca e seus olhos focam em alguma coisa – ou alguém – atrás de mim.

Fecho os olhos. *Maravilha*.

Virando-me, vejo o pai de Cole parado na porta entre a sala e a cozinha, olhando para nós. Um calor sobe pelo meu pescoço ao vê-lo de novo.

Escuto minha irmã ofegar e me afasto dela, limpando a garganta. Acho que ele não ouviu nada. Assim espero.

Os olhos dele se movem entre nós e finalmente param em mim. Seu cabelo curto está um pouco bagunçado, e consigo ver o suor formado pelo dia de trabalho ainda molhado nas laterais, e a barba rala em sua mandíbula. Vejo manchas de sujeira preta em seus braços e os tendões nas mãos bronzeadas se flexionam conforme aperta o cinto de ferramentas e a marmita.

Ele solta uma respiração profunda e se aproxima, colocando suas coisas no balcão.

— Já se mudaram? — ele me pergunta, passando a mão pelo cabelo.

Aceno.

— Sim — solto. — Quero dizer, sim.

Meu coração está fazendo aquela coisa de novo, parece que está surfando em ondas do mar dentro do peito, e não consigo lembrar o que era para fazer. Então só aceno de novo, piscando até que minha irmã aparece ao meu lado e eu finalmente me lembro do que está acontecendo.

— Pike. Sr. Lawson — eu me corrijo. — Desculpa. Esta é a minha irmã, Cam. — Gesticulo para ela. — E ela estava de saída.

Ele olha para ela.

— Oi.

E depois, para meu espanto, seu olhar se volta para mim antes de ver a correspondência no balcão e começar a verificá-la como se não estivéssemos aqui.

Pisco, um pouco confusa.

Cam é um furacão. Ela pode ser mais jovem que ele, mas é certamente uma mulher, e a maioria dos homens a olham por mais tempo, em suas longas pernas e nos caros e fartos seios empinados que ela tem sob aquela regata. Mas

ele não faz isso.

— Sim, prazer em conhecê-lo — responde ela. — Obrigada por acolhê-la em sua casa.

Ele nos dá um breve olhar e um meio sorriso antes de pegar todas as cartas, colocando-as no suporte de correspondência.

Cam começa a sair da cozinha e eu a acompanho quando ela entra na lavanderia.

Assim que está fora de vista, volta-se para mim, move os lábios formando um “minha nossa” com um brilho travesso nos olhos arregalados.

Cerro o maxilar, apontando o queixo para que continue andando. Ela vai passar por aqui todos os dias para dar em cima dele agora.

Escuto Pike atrás de mim, abrindo um dos fornos e me viro.

— Estava preparando o jantar — comento. — Para nós três. Não tem problema, tem?

Ele fecha o forno e noto o indício de alívio em seu rosto.

— Não. Na verdade, isso é ótimo. — Ele suspira. — Obrigado. Estou morrendo de fome.

— Só mais quinze minutos e estará pronto.

Ele abre a geladeira e pega uma cerveja, encaixa a tampa sob a borda da ilha onde tem um abridor anexo e puxa a garrafa, a tampa caindo no lixo.

— Dá tempo de tomar um banho — responde, olhando para nós. — Com licença.

E então ele sai da cozinha, a garrafa balançando em seus dedos ao passar pela porta, que é quase da altura dele. Eu paro, voltando a perceber como ele é alto. Esta casa tem um bom tamanho também, mas será impossível não o notar em um cômodo.

— Agora eu entendo — minha irmã sussurra no meu ouvido, me

provocando. — E aqui estava eu, preocupada que você estaria sofrendo investidas indesejadas de um gordo peidorreiro e suado.

— Cale a boca. — Fecho os olhos, irritada.

Escuto a porta dos fundos se abrir e a gracinha nítida em sua voz ao brincar:

— Vá cuidar de seus *homens* agora.

Eu giro para fechar a porta na sua cara, mas ela grita, fechando-a antes que eu tenha chance.



— Ah, não gosto de cebolas.

Paro ao ouvir as palavras de Pike e olho para o molho de churrasco por toda a minha obra-prima feita com as rodelas de cebola. É um futuro *post* no Instagram. Se eu tirar as lindas cebolas douradas, será apenas um fracasso do Pinterest.

— Prove um pouco? — Eu me arrisco, com um sorriso tímido. — Você vai gostar. Prometo.

Segundo a minha experiência, os homens comem qualquer coisa que está na frente deles.

Parece que ele reflete um pouco e depois fecha a geladeira e me olha. Sua expressão amolece um pouco.

— Tá bom.

Ele provavelmente sente que me deve, pelo menos, uma tentativa visto que eu fiz o jantar, então vou aceitar. Cubro o sanduíche, e lhe entrego o prato. Ele o pega e caminha até uma banqueta, dando uma mordida antes mesmo de se sentar. Dou uma olhada por cima do ombro. Sua mandíbula para de mexer e ele

pisca algumas vezes, os músculos do rosto se flexionam. E depois escuto um gemido.

Eu me viro para o fogão para que ele não veja o meu sorriso.

— Isso é bom mesmo — comenta. — Muito bom.

Eu só concordo com a cabeça, mas sinto uma pontinha de orgulho.

— Quando se cresce comendo com poucos recursos — explico —, você encontra maneiras de incrementar seus pratos.

Ele não diz nada por alguns segundos, e depois conclui baixinho:

— É.

Não tenho certeza se isso significa que ele estava apenas ouvindo atentamente ou concordando comigo. Se descobriu meu sobrenome, deve saber quem é meu pai. Todos na cidade conhecem Chip Hadley, então deveria ter uma ideia de como vivíamos.

Não sabia muito a respeito da família de Cole, ou se eles sempre viveram nesta cidade. Pike Lawson não é rico, mas certamente não é pobre pelo visual de sua casa.

— Está muito bom. Estou falando sério — volta a dizer.

— Obrigada. — Eu me viro e coloco um prato na ilha perpendicular ao seu lugar para Cole e um para mim na banqueta ao lado da outra.

Ficamos em silêncio e eu gostaria de saber se ele também está se sentindo desconfortável. Nós conversamos com tanta facilidade naquela primeira noite quando não sabíamos quem éramos, mas isso mudou agora.

Escuto um movimento vindo da sala e dou uma olhada lá, vendo Cole a caminho da cozinha. Eu sorrio. Ele tem graxa na camisa inteira e um arranhão sob o lábio. Ele pode se comportar mal como se fosse algo nato nele, mas também sabe exibir um pouco de charme irresistível como ninguém.

Ele pega o sanduíche do prato com uma das mãos e enfia a peça de

carro suja e enferrujada debaixo do braço, apontando o queixo para mim.

— Oi, amor. Estamos trabalhando no seu carro. Não vai ligar se eu comer lá fora, né?

Eu o encaro.

Ele está falando sério? Disparo o olhar entre ele e o pai.

— Sim — respondo baixinho, tentando dizer mais com os meus olhos. Não quero comer sozinha com o pai dele.

— Por favor... — Cole inclina a cabeça, tentando me amolecer com sua expressão brincalhona. — Não posso deixá-los lá fora. Você podia vir se sentar com a gente.

Nossa, obrigada. Fecho a boca rigidamente e viro para a geladeira, puxando a jarra de limonada com força. É uma falta de educação sair assim. O pai dele não é nosso vale-refeição. Precisava fazer algum esforço para conhecê-lo.

Mas antes que eu possa dizer a Cole que pode ir, seu pai fala:

— Por que não senta um pouco? Não vejo você tem um tempo.

O alívio me atinge, e agradeço o apoio. Por fim, escuto Cole soltar um suspiro e as pernas de uma das banquetas da ilha rasparem no piso enquanto ele se senta em frente ao seu prato.

Verifico o forno se está desligado, pego minha bebida e observo o pai de Cole sentar-se, deixando o lugar entre ele e Cole vazio. Eu me sento nele, alcançando meu prato do outro lado e o coloco na minha frente.

— Então, como vai o trabalho? — pergunta Sr. Lawson, e presumo que esteja falando com o filho.

A mão direita de Cole toca a minha coxa ao mesmo tempo em que usa a esquerda para erguer o sanduíche até a boca. Olho para seu pai, vendo seus olhos descerem e olharem a mão de Cole em mim. Sua mandíbula flexiona ao

olhar para cima.

— Está indo. — Cole dá de ombros. — Está muito mais tranquilo agora com o tempo mais quente.

Cole trabalha com construção de estradas desde que fomos morar juntos, nove meses atrás. Ele passou por vários empregos desde que o conheço, mas tem durado neste.

— Não está pensando em fazer faculdade? — sondou seu pai.

Cole apenas bufou.

— Fiz das tripas coração para terminar o ensino médio. Já sabe disso.

Ergo a limonada e tomo um gole, meu estômago doendo, agora sem fome. O pai de Cole mastiga e abaixa o sanduíche no prato, bebendo um pouco de cerveja.

— O tempo passa mais rápido do que você pensa — diz baixinho, quase para si mesmo. — Quase me juntei à Marinha quando descobri... — Mas ele para, e depois conclui de outra maneira. — Quando estava com dezoito anos.

Mas acho que eu sei o que ele ia dizer. *Quando descobri que ia ser pai*. Pike Lawson não parece ter idade suficiente para ser pai de um filho adulto, então deve ter sido bem jovem quando Cole nasceu. Não mais que dezoito ou dezenove anos. O que o faria ter cerca de trinta e oito anos? Mais ou menos?

— Só não conseguia aceitar o fato de que estava desistindo de sete anos da minha vida — continua. — Mas sete anos vieram e foram embora bem depressa. Assegurar um bom futuro exige investimento e compromisso, Cole, mas vale a pena.

— Valeu pra você? — seu filho retruca, mordendo o sanduíche com força, sua mão apertando levemente minha coxa. É um gesto sutil que eu realmente amo, apesar da tensão crescente na cozinha. É sua maneira de me deixar ciente de que pode estar com raiva, mas não é comigo, e ele odeia que

agora eu, provavelmente, esteja me sentindo desconfortável.

O pai de Cole toma outro gole de cerveja e tranquilamente a coloca no balcão, seu tom mais duro dessa vez.

— Bem, tive dinheiro para pagar sua fiança — ressalta. — Da última vez. E na outra antes dessa.

A mão de Cole aperta minha coxa e sinto o pescoço ficar tão quente que de repente queria ter amarrado o cabelo. Mil perguntas rodopiam pela minha cabeça. Por que não se dão bem? O que aconteceu? O pai de Cole parece gente boa, pelo pouco que sei dele, mas Cole ergueu um muro entre eles, e seu pai tem o pavio curto igual ao filho.

Sanduíche na mão, Cole empurra seu prato para longe e a banqueta para trás, levantando-se.

— Vou comer lá fora — avisa, soltando a minha perna. — Venha ficar com a gente se quiser, amor. E deixe a louça suja. Daqui a pouco venho lavar.

Abro a boca para falar, mas paro, e resolvo ficar calada. Ora, isso vai ser divertido.

Cole vira e sai. Momentos depois, ouço a porta da frente bater. Vozes abafadas vindas de fora e uma buzina soa, mas de repente, a cozinha fica tão silenciosa que paro de respirar. Espero que Pike Lawson esqueça da minha presença aqui.

Como diabos vou morar nessa casa? Não posso tomar partido se vão brigar.

Mas Pike fala, com a voz calma:

— Está tudo bem — diz, e o vejo virar a cabeça para mim pelo canto do olho. — Pode ir ficar com ele, se quiser.

Viro a cabeça e encontro seu olhar, sorrindo um pouco sem graça, e dou um sorriso de boca fechada meio sem graça, dando de ombros.

— Está quente lá fora — respondo.

E já estou pegando fogo com a tensão aqui dentro.

Além disso, os amigos de Cole não são meus amigos, e lá não ficará melhor.

— Peço desculpas pela cena — diz, voltando a pegar o sanduíche. — Não acontecerá muitas vezes. Cole é bom em evitar qualquer lugar em que eu esteja.

Aceno, sem saber mais o que dizer. Tenho um pressentimento de que não ficarei por muito tempo aqui. Já sinto que estou na corda bamba.

Eu me obrigo a comer, porque as sobras não estarão boas amanhã. A música tocando lá fora preenche o ar, ao longe o barulho de um cortador de grama ganha força, e o cheiro de grama me atinge ao flutuar pelas janelas abertas, as cortinas simples da casa de Pike balançando com a brisa. Arrepios se espalham pelos meus braços.

Verão.

Um telefone toca e vejo Pike se aproximar e pegar seu celular do balcão.

— Alô — atende.

A voz de um homem resmunga do outro lado da linha, mas não consigo ouvir o que ele está dizendo.

Pike se levanta, carregando seu prato com uma mão até a pia e segurando o telefone com a outra, e o olho de relance sorrateiramente quando está distraído. Continuo me lembrando das provocações de Cam a respeito dele, o que faz minhas bochechas esquentarem, mas não é bem assim.

Pike é como um mistério.

Vi fotos de Cole na sala – de quando era bebê e criança –, mas fora isso, a casa não mostra muito da personalidade do pai. Eu sei que ele é solteiro,

mas não tem livros por aí mostrando seus interesses, nenhuma lembrança de férias, animal de estimação ou alguma arte, nada de decoração, revista ou objetos indicando seus hobbies como esportes, jogos ou música. É uma bela casa, mas se parece mais como a vitrine de uma empresa construtora do que a casa onde mora uma família de verdade.

— Não, eu preciso de outro escavador e pelo menos mais cem sacos de cimento — informa para o homem do outro lado, encaixando o telefone entre o ombro e a orelha, arregaçando as mangas antes de abrir a torneira da pia.

Sorrio comigo mesma. Ele vai lavar a louça. Sem precisar pedir? Solto um suspiro e levanto da banqueta. Acho que ele realmente mora sozinho, afinal de contas. Ou quem mais lavaria a louça?

Ele ri de alguma coisa que o homem diz e sacode a cabeça enquanto jogo o resto de sujeira do meu prato na lixeira.

— Diga a esse idiota que eu sei que ele não está doente — avisa. — E se ele não parar de dar desculpas até amanhã cedo, eu mesmo irei buscá-lo. Quero estar um passo à frente do cronograma.

Eu me aproximo dele e silenciosamente coloco meus pratos na pia antes de guardar a limonada e os condimentos de volta na geladeira.

— Sim, sim... — Eu o escuto conforme lava os pratos e os coloca na lava-louças. —Tá, te vejo manhã.

Ele desliga e abaixa o telefone, e dou uma rápida olhada para ele.

— Trabalho? — pergunto.

Ele faz que sim com a cabeça, enxaguando um copo, colocando-o para secar.

— Sempre. Estamos construindo um edifício comercial na 22, antes de chegar no parque estadual. — Ele olha para mim. — Não importa o quanto planeje e tenha um orçamento fechado, sempre há surpresas para tentar te

atrapalhar, sabe?

Rodovia 22. A mesma que eu pego para ir às aulas na Doral. Devo ter passado pelo local de trabalho dele muitas vezes.

— Nem sempre as coisas saem como planejado — penso alto. — Mesmo na minha idade, já sei disso.

Ele ri e os cantos de sua boca se transformam em um sorriso pleno ao olhar para mim.

— Exatamente.

De repente eu estremeço, sendo atingida por um *déjà vu*. Por um instante, tenho um vislumbre do homem do cinema novamente.

Pisco, tentando desviar o olhar. Seus olhos castanho-esverdeados parecem mais verdes sob o lustre no alto, seu cabelo molhado do banho secou e, subitamente, parece ser irmão mais velho de Cole, e não pai. Afasto os olhos de seu sorriso, vislumbrando rapidamente os músculos de seu braço flexionando conforme lava a louça na pia.

Pego meu telefone do balcão e me viro para sair, mas depois me lembro de uma coisa.

— Posso anotar seu telefone? — Volto e pergunto. — Caso aconteça algum imprevisto por aqui ou se eu perder a minha chave ou algo assim?

Ele olha para mim por cima do ombro, as mãos ainda na água.

— Ah, sim. — Ele fecha a torneira e pega um pano de prato, se secando. — Boa ideia. Aqui.

Ele pega seu telefone e destrava a tela, entregando-o para mim.

— Anota o seu no meu, também.

Entrego o meu e pego o dele, gravando meu número pelo primeiro nome. Ainda bem que eu me lembrei. Qualquer coisa podia acontecer na casa. O porão pode inundar, pacotes que não são meus podem chegar, pode ser que eu

não seja capaz de fazer o jantar em uma das noites minhas e do Cole e precisarei avisá-lo... Esta não é mais minha casa onde posso tomar todas as decisões.

Devolvo o seu, e ele me entrega o meu, mas uma música começa a tocar do meu aparelho, e ele dá uma olhada na tela. O aplicativo de música devia estar aberto e ele deve ter encostado sem querer.

Merda.

“Father Figured” de George Michael toca, e suas sobrancelhas sobem quando o refrão sugestivo começa.

Minha boca fica seca, percebendo o conteúdo da letra.

Pego depressa meu telefone e o desligo.

Ele solta uma risada.

Que máximo.

Então ele se endireita, limpando a garganta.

— Música dos anos 80, hein?

Passo as mãos no cabelo, deslizando o telefone no bolso de trás.

— Sim, eu não estava de brincadeira.

Depois de um momento, olho para cima e o vejo me olhando, o vestígio de um sorriso em seus olhos.

Seu olhar dispara para o lado, e ele se inclina, pegando uma das revistas de arquitetura e decoração que eu não vi que tinha caído da minha bolsa na mesa da cozinha.

— E é Pike — avisa, entregando-me a revista. — Não Sr. Lawson, tá bom?

Ele está tão perto que sinto um frio na barriga, e sou incapaz de olhar para ele.

Pego a revista e aceno, ainda sem conseguir encarar seus olhos.

Ele volta para seus afazeres, e eu me viro para sair, mas paro e olho

para ele.

— Você não precisa fazer isso, viu? — digo, referindo-me a lavar a louça. — Cole disse que as lavaria.

Percebo seu corpo tremer com uma risada, e então ele se abaixa para colocar alguns talheres na máquina de lavar louça antes de olhar para mim.

— Já tive dezenove anos, também — responde. — "Daqui a pouco" significa em algum momento, e em algum momento não significa hoje à noite.

Solto um suspiro exasperado, meus ombros relaxando um pouco. *Verdade.*

Não sei quantas vezes eu acordei na manhã seguinte e encontrei uma pia cheia de louça suja. Com certeza não ficaria muito contente com Cole se o pai dele ficasse sobrecarregado com as tarefas dele, mas deixo isso de lado com um "não é problema meu".

Contanto que não sobre para mim.

— Obrigada — respondo, indo até a geladeira rapidamente para pegar uma garrafa de água para levar comigo.

Mas então um pensamento me ocorre.

— Você tem outros filhos? — pergunto. Acredito que preciso saber se haverá outras pessoas entrando ou saindo da casa.

Mas quando olho para ele, vejo seu maxilar tenso e a testa franzida, parecendo sério demais.

— Penso que Cole te contaria se tivesse irmãos, não é?

Contra a minha vontade, minha coluna apruma na hora. Seu tom é de crítica. Mas é claro que Cole me diria se tivesse irmãos. Eu o conheço há muito tempo.

— Sim — eu respondo depressa, balançando a cabeça como se estivesse em um nevoeiro e por isso tinha feito uma pergunta tão idiota.

— Além disso, nunca fui casado — acrescenta e seu pomo de Adão sobe e desce. — Ter vários filhos com várias mulheres não foi um erro que eu quis continuar cometendo.

Permaneço imóvel, observando-o e me sentindo mal. Cole foi um filho completamente não planejado e, até certo ponto, indesejado por seus pais adolescentes. Um pouco do mistério do infeliz relacionamento deles começa a ficar mais claro.

Mas também aprecio seu pragmatismo. Não demorou muito para o jovem Pike Lawson descobrir que fazer bebês com qualquer uma não era o certo para ele. Essa era uma consequência que eu jamais quis experimentar, nem mesmo uma vez.

Parece que ele percebe o que disse e como provavelmente soou, porque ele para e olha para mim, abaixando os olhos em um pedido de desculpas.

— Não quis dizer isso... desse jeito. Eu...

— Entendi o que você quis dizer. Está tudo bem.

Aponto o polegar para trás e me afasto.

— Vou estudar. Estou com algumas aulas extras neste verão, então... Boa noite.

Ele volta a mexer na máquina de lavar louça, colocando detergente e a liga.

— Obrigada mais uma vez por nos deixar ficar aqui — digo.

Ele olha para mim.

— Obrigado pelo jantar.

E antes de sair, vou até a mesa onde deixei uma vela perfumada acesa. Devia ter pedido antes de acender. Pode ser que ele não goste de aromas doces por sua casa.

Inclinando-me sobre a mesa, fecho os olhos, respiro fundo e faço meu desejo de sempre. *Que amanhã seja melhor que hoje*. E sopro, quase instantaneamente sentindo o cheiro forte de fumaça saindo do pavio apagado, circulando pelo ar.

É sempre o mesmo desejo. Cada vela. Toda vez. Quero uma vida da qual nunca gostaria de tirar férias. Esse é o meu objetivo.

Exceto o do fósforo que apaguei no cinema. Foi um desejo diferente naquela noite.

Quando abro os olhos, vejo Pike me observando. Ele rapidamente se endireita e se afasta.

E quando saio da cozinha e vou em direção às escadas na sala, deixo minha revista na mesinha ao lado do sofá.

Agora alguém mora aqui.

CAPÍTULO 3

PIKE

Eu pisco acordando, sinto as pálpebras pesadas e lentas enquanto o quarto aparece.

Ainda está escuro. Normalmente não acordo antes das cinco e meia. *Por que estou...*

Não, espere. Solto um grunhido, abrindo os olhos um pouco mais e percebo o brilho tênue dançando na parede oposta.

Pingos de chuva. Oh, droga. Não está escuro. Está nublado.

Eu me viro e olho para o teto enquanto espero e ouço. E, quase que imediatamente, escuto. O barulho dos pingos de chuva batendo nas calhas lá fora.

Suspiro. *Mas que merda.* Isso não é bom. Esfrego os olhos com as palmas das mãos para acordar melhor antes de olhar no relógio do criado-mudo. Cinco e vinte e nove.

É. Pontual feito um alarme.

Parei de precisar de um despertador anos atrás, meu corpo acabou se acostumando a acordar na mesma hora todos os dias. Ainda o coloco para despertar, no entanto, por precaução. Estendendo a mão, sinto o interruptor na

lateral e o deslizo duas vezes para frente, desligando o alarme antes que ele toque.

A chuva pode realmente nos atrapalhar hoje. Ainda tenho uma hora e meia até precisar estar no local da construção, mas metade dos rapazes provavelmente vai tentar não ir hoje, pensando que não seremos capazes de trabalhar um dia inteiro de qualquer maneira, então podem muito bem ficar na cama.

No entanto isso não vai acontecer. Trabalharemos hoje em algo – em qualquer coisa – porque estou a fim de evitar o mau humor do meu filho e olhares tortos o dia inteiro se eu ficar em casa. Prefiro ir trabalhar.

Quando ele era mais novo, era diferente. Ele era meu. Nós fazíamos coisas juntos e conversávamos e ele queria ficar perto de mim, mas agora...

Ela o tem na mão. Meu filho é a única coisa que alguém poderia usar contra mim, e rapaz, sua mãe sabia como usar isso. Ela o manipulou igual a uma peça de xadrez até ele acreditar em tudo que saía de sua boca e que ela era a vítima em todas as situações, e eu era o inimigo. Ela não era capaz de fazer nada de errado, e eu não fazia nada certo.

Depois de um tempo, decidi tentar estar presente. Uma hora ou outra, ele abriria os olhos, e nós superaríamos aquilo. Enxergaria as mentiras dela, e eu só preciso aguentar firme. Não importa a paciência necessária ou as discussões nesse meio-tempo.

Pelo menos a Jordan é ótima. Ela será uma pessoa para intermediar nossa relação.

Mesmo que eu tivesse ficado chocado quando descobri quem ela era.

Fecho os olhos, descansando as costas da mão sobre os olhos e pensando naquela noite.

Eu me diverti com ela no cinema. Suas respostas rápidas, seu humor,

como conversar com ela foi fácil... O jeito que ela acabou relaxando ao meu lado durante o filme, e como foi tão confortável e natural.

O jeito que o sorriso dela me fez sentir...

Eu não teria a convidado para sair. É muito nova e eu sabia que ela tinha namorado.

Mas era difícil não pensar nisso por um tempo. Ela é legal.

E depois quando descobri quem ela era, quase senti raiva.

Lembro-me de ouvi-la naquele telefonema e cerrei os dentes com tanta força que meu queixo doeu quando a realidade me atingiu. Fiquei com raiva porque naquele momento eu senti ciúmes do meu filho. Ciúmes de qualquer rapaz com dezenove anos e que tinha uma chance de estar com ela.

Sua pele impecável e nariz empinado. O lindo lábio inferior, que eu acredito que ela me pegou encarando.

A maneira como inclinou a cabeça para trás, colocou os pés para cima e simplesmente ficou ali do meu lado.

Tudo pareceu tão natural.

Mas a garota dos meus sonhos está fora de cogitação. Ela é do Cole e tem dezenove anos. Sem chance.

Ela é uma menina e meus breves e sórdidos pensamentos ficarão escondidos na minha cabeça.

Meu celular vibra no criado-mudo, e eu o alcanço olhando na tela.

E solto o gemido. *Agora não.*

Mas deslizo o botão verde de qualquer maneira e fecho os olhos, segurando o telefone no ouvido.

— Um pouco cedo para você, não acha?

Lindsay, minha ex, ri baixinho, o som abafado de sua voz *sexy* bem aperfeiçoada a essa altura. A mulher está acostumada a conseguir o que quer de

qualquer um.

Quase de todos.

— Não quando ainda não se deitou — provoca.

Contenho a risada. Algumas mulheres que se tornam mães novas, mais tarde, sentem-se como se tivessem perdido a juventude ao terem filhos tão cedo. Lindsay Kenmont, mãe do meu filho, não perdeu nada. Ela não deixou que uma gravidez de nove meses a segurasse, nem mesmo Cole a segurou quando era uma criancinha.

— Como ele está? — pergunta.

Jogo as cobertas de lado e me sento, jogando as pernas na beirada da cama e bocejando.

— Aquecido, alimentado e seguro. — Esfrego a mão no couro cabeludo. — É tudo que eu sei por enquanto. — Mas então eu acrescento: — Estou surpreso por você ter ficado bem com isso, a propósito.

— É por isso que se ofereceu para deixá-los ficar com você? Por que achou que eles não iriam de verdade? — pressiona. — Não me importo de ele ficar com você. Já é hora de você ter um pouco de responsabilidade com ele.

Já era hora de eu... Jesus. Dou risada baixinho e balanço a cabeça, levantando-me.

— Não gosto de começar meu dia com você, Lin. Sabe disso. Agora o que você quer?

Ela fica quieta alguns instantes, e então, escuto sua voz suave voltar com o tom provocante.

— Ah, você sabe o que eu quero.

E apesar do desdém que sinto por ela agora, o sangue ainda dispara para a virilha, para meu total desgosto. Nós nos divertimos um pouco, afinal. Antigamente.

E meu corpo se lembra.

Além disso, faz algum tempo que não transo.

Mas não estou desesperado a ponto de ser usado. Ainda não.

— Ah, é isso? — Coloco o telefone entre o ombro e a orelha, pegando meu jeans da banqueta no final da cama e o visto. — Acha que estarei disposto a ficar com você toda vez que terminar com um homem, ficar bêbada e quiser transar?

— Por que não? — retruca. — Não importa quem entra na sua vida ou sai da minha, sempre teve uma coisa que fizemos muito bem juntos, não é?

— Ah, com certeza, Lindsay. — Não me incomodo de esconder o sarcasmo em meu tom.

— Bem, você não está saindo com ninguém, está? — pergunta, mas já sabe que não estou. — E não é como se não tivéssemos ido para a cama ao longo dos anos para liberar um pouco de tensão de tempos em tempos. Não me lembro de você não ter gostado uma única vez.

— Pois é. — Solto um suspiro pesado. — Isso se chama “falta de opções”. Cidade pequena e tal?

— Babaca.

Não consigo evitar a gargalhada. Tenho que reconhecer. A mulher consegue aguentar qualquer insulto.

A verdade é que ela está certa. Depois da separação, quando Cole tinha dois anos, ainda transávamos de vez em quando, mas o que eu disse também é verdade. O sexo era bom, ela ainda tem um corpo maravilhoso, e na cama era o único lugar onde nunca nos odiávamos, mas eu só continuava voltando porque era fácil. Qualquer outra mulher nesta cidade é irmã ou filha de alguém, e você não pode simplesmente dormir com elas sem achar que não irão esperar uma aliança em algum momento. E eu não estava pronto para isso. Não depois da

confusão em que me encontrei depois de me tornar pai aos dezenove anos. Se eu engravidar outra mulher, será a minha esposa, e a minha esposa será alguém que amarei incondicionalmente.

E eu quero mais filhos. Sempre quis. Mas aos trinta e oito, quase quarenta, é provável que Cole seja meu único filho. Estou ficando velho demais para começar de novo.

— Por favor — pressiona. — O que você tem a perder? Sei que você lembra, e sei que gosta de tudo do que se recorda, Pike. Naquele verão, quando eu tinha dezessete anos? Ainda são as melhores lembranças da minha vida.

Sim, mas nem tudo que veio depois disso.

— Você e eu pegando fogo debaixo do cobertor no sofá da sala com meus pais dormindo bem lá em cima? — diz como se eu não me lembrasse. — Eu sei que ainda tem um apetite muito voraz.

Sinto um calor percorrer minha pele e eu paro.

— Portanto venha aqui e me foda — pede.

Hesito alguns segundos, mas depois sacudo a cabeça. É tentador. Meu corpo quer isso. E se eu admitir para mim mesmo, me sinto solitário quando desacelero o meu ritmo de vida tempo suficiente. Há manhãs em que odeio acordar sozinho.

Mas não. Meu orgulho está cansado de sofrer um golpe toda vez que ela pensa que estou à disposição de ir até ela.

— Tenho que ir trabalhar. — Desligo o telefone antes de ter mais tempo para pensar nisso, pior ainda, reconsiderar. Guardo o celular no bolso de trás e caminho até a cômoda para pegar uma camiseta. Meu telefone vibra de novo.

— Ela não cansa, caralho — resmungo e o tiro do bolso.

Mas desta vez, vejo o nome de Dutch na tela.

Atendo, segurando-o contra o ouvido.

— Que foi?

— Está chovendo.

— Sério? Não brinca? — Dou risada, vestindo a camiseta. — Você é um gênio.

— Olhe para fora.

Eu paro, cada músculo instantaneamente se contraindo. *Droga*. Pelo seu tom, sei o que vou ver, mas, de qualquer modo, vou até a janela e abro uma das cortinas, olhando a tempestade matinal.

— Merda.

A rua está ladeada por corredeiras de água da chuva descendo pelos bueiros, água com cal bate no meio-fio antes de afundar nos esgotos. A rua em si é uma orquestra de barulhos, as gotas caindo no chão ou batendo no capô dos carros, tão grossa que mal consigo ver as casas à minha frente.

— Vou encontrar os caras na loja — avisa Dutch. — Vamos carregar lonas e sacos de areia e encontrá-lo na construção.

— Chego lá em vinte minutos — respondo, desligando em seguida.

Pegando um par de meias na gaveta, coloco o celular de volta no bolso e entro no banheiro, escovando rapidamente os dentes antes de sair do quarto. Eu ando pelo corredor, passando por um quarto vazio, pelo banheiro principal, e então, por uma porta fechada, o outro quarto de hóspedes, logo lembrando que esse não está mais vazio.

Mas quando chego no topo da escada, um cheiro doce e inebriante atinge meu nariz, fazendo minha pele vibrar e eu paro para respirar. Minha barriga sente uma ligeira vontade de comer e estremeço. A garota apagou a vela ontem. Será que ela deixou outra queimando a noite toda? Talvez precisaremos ter uma conversa. Além de não ser seguro, eu realmente não gosto muito dessa

coisa toda de aromaterapia em que seu corpo é levado a pensar que tem *muffins* na casa quando na verdade não tem.

Desço as escadas, a casa rangendo sob o meu peso, mas quando desço o último degrau, olho em volta, percebendo que as luzes da sala estão acesas e escuto uma música suave vindo da cozinha.

Entrando nela, vejo Jordan sentada na ilha central, no escuro. Seu laptop está aberto à sua frente enquanto aquece as mãos em torno de uma xícara de café.

Hesito uma fração de segundo, observando como está diferente agora. A luz da tela faz seus olhos cintilarem conforme o vapor da caneca sobe na frente de seu rosto. Então ela franze os lábios e sopra, tentando esfriar a bebida, e mechas do cabelo loiro caem de seu coque bagunçado ao redor do rosto.

A inclinação estreita de sua mandíbula, os longos cílios, a suave ponta de seu pequeno nariz e... Meus olhos descem antes que eu possa pará-los, e observo suas pernas perfeitas, lisas e bronzeadas, expostas porque ainda está usando os shorts do pijama. Sinto um calor se agitar por dentro, e olho em outra direção, franzindo o cenho.

Eles não podem ter a mesma idade. Meu filho é um menino ainda e ela é...

Uma menina também, penso.

É muito estranho. A última vez que eu conheci uma de suas namoradas, a menina usava aparelho. É desconcertante pensar nele agora namorando garotas que eram meu tipo no passado.

— Dia — digo quando passo por ela indo até a cafeteira.

Eu a vejo levantar a cabeça, assustada, pelo canto do olho.

— Oh, Oi. Dia.

Sua voz sai baixinha e hesitante, e ouço o laptop fechar quando coloco

refil na máquina e uma caneca metálica para viagem embaixo do bico. Olho por cima do ombro e a vejo deslizar silenciosamente da banqueta e recolher seu computador e caderno.

— Você não precisa sair — comento. — Estou de saída mesmo.

Ela dá um sorriso tímido, mas não olha para mim, ajeitando as coisas no braço e volta a pegar o café.

— Está acordada faz tempo? — pergunto.

— Meu sono é leve. — Ela finalmente levanta os olhos e ri sem graça. —Tempestades são difíceis para mim.

Aceno, entendendo. O calor faz o mesmo comigo. O ar-condicionado precisa estar ajustado em dezoito graus todas as noites para eu conseguir dormir. Quase pergunto se a temperatura a incomodou na noite passada, mas não tem realmente o porquê. Preciso dormir, e não vou mudar essa rotina, e ela sabe onde ficam os cobertores extras, se precisar.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, e por fim, ela pisca e gesticula para o fogão atrás de mim.

— Tem, hum... *muffins*, se estiver com fome — diz. — Acabei de tirar esses, são de caixinha, mas estão muito bons.

Viro a cabeça, e com certeza, uma forma de *muffin* – que não é minha – está em cima do fogão, cada copinho transbordando com um *muffin* dourado. Pego um, escondendo meu sorriso. Então, nada de velas aromáticas criando falsas esperanças, afinal. Acho que eu gosto dela.

Ela vira e começa a sair da cozinha, mas eu a chamo:

— Será que poderia acordar Cole rapidinho, por favor? A chuva atrapalhou mesmo o meu cronograma no trabalho, e ainda estamos fixando as fundações, portanto, eu preciso de ajuda com os sacos de areia hoje.

Ela olha por cima do ombro, curiosa.

— Fundações?

— Para o edifício que fui contratado para construir — esclareci. — Não dá para trabalhar com esse tempo, mas temos que garantir que o nível do subsolo não seja inundado. A ajuda de Cole seria muito bem-vinda.

Ela entende e a expressão confusa deixa seu rosto.

— Ah, sim. Claro. — Ela acena e rapidamente sai, seus passos determinados batendo nos degraus da escada.

Se ela já não estivesse acordada, é bem provável que eu não teria pensado em pedir a ajuda de Cole, mas a oportunidade era excelente para usá-la. Se eu pedisse, ele ficaria irritado. Se ela pedir, pode ser que dê certo.

Além disso, ele sabe que faz parte do acordo. Ele e a Jordan fazem a limpeza, ajudam na cozinha, a cuidar da grama e com qualquer outra coisa que eu possa precisar, e eu pago as contas enquanto economizam para se reestruturarem. Não é pedir muito.

Tampo a minha caneca e preparo mais duas xícaras para encher a garrafa térmica antes de levar tudo até a porta da frente onde ficam minhas botas de trabalho. Sento-me no banco ao lado da porta, deixando tudo no chão enquanto me calço. Alcanço as chaves e visto o casaco impermeável preto com capuz, guardado no armário da entrada.

Pego a caneca e garrafa térmica.

— Cole! — grito, pronto para sair.

O teto acima range e ouço passos rápidos. Depois um baque antes de uma porta se fechar, e isso me diz que ele finalmente está descendo as escadas.

Seguro a maçaneta da porta e olho por cima do ombro.

— Fiz mais café. Podemos passar em um *drive-thru* se quiser algo para comer no caminho.

Mas não é ele quem desce. Jordan está vestida de jeans azul escuro

apertado, dobrado na barra, All Star, e está amarrando o cabelo em um rabo de cavalo ao mesmo tempo em que tenta segurar um casaco impermeável amarelo debaixo do braço.

Estreito os olhos para ela.

— Onde está o Cole?

— Ele não está, uh... se sentindo muito bem — responde, vestindo o casaco. — Mas eu vou te ajudar.

Não está se sentindo bem. Código para *ressaca*?

— Não precisa, está tudo bem — digo. — Fique aqui. É mais... seguro. Agradeço mesmo assim.

Seu olhar sobe, concentrando-se em mim e depois se estreita.

— Mais seguro? — pergunta como se eu tivesse acabado de dizer que estou saindo para a pedicure. — Ou está só preocupado pensando que vai gastar mais tempo segurando minha mão ao invés de conseguir trabalhar?

Tento manter a cara séria. Ela é muito inteligente.

É, sim, desculpe, querida, mas é bem isso. Pelo menos Cole tem alguma experiência – bem, um pouco pelo menos – ao me ajudar durante os verões e fins de semana. Não preciso me distrair explicando o que fazer em vez de direcionar o trabalho hoje.

— Vamos fazer o seguinte... — Ela abotoa o casaco, seu comportamento meigo e tímido lentamente sendo substituído por uma postura determinada. — Se a mocinha aqui não aguentar um pouco de chuva nos cabelos ou lama embaixo das unhas, ela volta para a caminhonete e fica esperando por você. Onde é *seguro*. Tudo bem?

E então arqueia uma sobrancelha para mim como se eu não devesse me atrever a responder.

E nem sei como, de qualquer maneira, porque meu cérebro apagou, e

eu meio que esqueci do porquê estou segurando uma garrafa térmica na mão.

Balanço a cabeça para acordar e abro a porta.

— Tá certo. Entre na caminhonete.



Essa maldita tempestade surgiu do nada.

Sempre acompanho a previsão do tempo porque às vezes isso determina nosso dia de trabalho, e é importante saber essas coisas. Principalmente no verão.

Pensei que essa não ia nos pegar e acabaria se desviando para o norte, entretanto. Desligo a caminhonete e fecho o zíper do casaco, estreitando os olhos para ver pelo para-brisa. O aguaceiro está embaçando tudo além do vidro, mas vejo um *flash* de laranja e um capacete amarelo alguns metros à frente e sei que alguns dos caras já estão aqui.

Ao meu lado, Jordan puxa o capuz na cabeça, mas não a olho nem a instruo sobre o que fazer. Ela pode me acompanhar se quiser estar aqui.

Ao descer da caminhonete, gotas de chuva pesadas caem na mesma hora sobre a minha cabeça e ombros, e, por instinto, me abaixo enquanto bato a porta e corro para o prédio. Minhas botas fazem as pequenas poças espirrarem, e eu corro até a carroceria da caminhonete da empresa, descendo a tampa traseira, pegando o máximo de sacos de areia que consigo. Um amarelo forte aparece ao meu lado e, sem dizer nada, Jordan faz o mesmo. Ela rapidamente carrega alguns sacos nos braços e me segue pela lateral do edifício, onde o pessoal está esperando.

Solto os sacos no chão e olho para a estrutura de aço, vendo o palete de cimento descoberto no andar de baixo. *Filhos da puta*. Nove homens,

incluindo meu melhor amigo, olham para mim, esperando por instruções. O vento sopra a chuva às minhas costas, encharcando o jeans e o fazendo grudar na minha perna.

— Quero esses sacos em todo o perímetro! — grito por cima da tempestade. — Numa altura de três sacos! Entenderam?

Recebo vários acenos.

— E cubram aquele cimento, droga!

Gesticulo com o queixo para o palete descoberto estragando lá embaixo. Chuva ou não, precisa sempre ficar coberto, por precaução, e alguém pisou na bola no último turno.

Dutch, meu melhor amigo desde o ensino médio, lança seus olhos castanhos do meu lado, sua expressão suavizando na hora. Olho e vejo Jordan, seu cabelo enfiado por dentro do capuz do casaco, mas ainda bem que ela não fica por perto para ser apresentada. Voltando para a caminhonete, ela pega mais sacos, e eu me viro para Dutch, que me olha com curiosidade.

Eu apenas faço não com a cabeça. *Agora não.* Não é estranho que a namorada do meu filho queira pagar por sua moradia e ser útil, mas é esquisito que ele não esteja aqui também. Será que ele sabe que ela veio em seu lugar para ajudar hoje cedo? Que tipo de homem aceita isso? Eu o ensinei a cumprir suas obrigações, caramba.

Ou, talvez, ele só não quis vir comigo.

Preciso fazer algo a respeito dele, mas não sei o quê. Toda essa tática de “esperar para ver” não está dando certo. Ele precisa de um “presta atenção”.

Os homens começam a trabalhar, carregando pilhas de três sacos e colocando-os ao longo das laterais do prédio, e eu pego minha faca da caixa de ferramentas na caminhonete e corto retângulos com a lona azul para grampear na estrutura do primeiro andar. Antes que eu perceba, uma hora se passou, as lonas

estão postas, os sacos de areia cumprindo seu dever e, com exceção de mim, parece que todos sumiram.

Jogo a faca e a pistola de grampo na caminhonete e fecho a porta, olhando ao redor à procura de Jordan.

Não a vejo há algum tempo. E começo a sentir remorso. Devia ter dado a ela algum tipo de orientação. Ela provavelmente não sabe o que fazer. É fácil se machucar quando não se tem treinamento.

Dando a volta pelo edifício, vejo todos os sacos alinhados como deveriam, as lonas ainda intactas, apesar do vento, e o palete de cimento cuidadosamente coberto. Escuto vozes e caminho até os fundos, vendo Jordan ajudando a carregar as janelas para o trailer, e um dos rapazes confirmando se estão devidamente cobertos.

Ela está sorrindo. Feito doida.

Tipo... Com os olhos brilhando de alegria e prestes a saltitar, pelo amor de Deus.

Ela está se *divertindo*?

Seu capuz desceu, o rabo de cavalo está encharcado e os fios de cabelo grudados no rosto. Os sapatos estão ensopados, o jeans, puro barro e, graças a Deus, não está usando camiseta branca, porque até mesmo o casaco quase não impede os olhares dos rapazes.

Olho para Dale, Bryan e Donny, que estão carregando equipamentos para o trailer e olhando para ela, sorrindo, e então cochicham entre si, rindo de algo que não consigo ouvir.

— Andem logo com isso! — grito e eles se assustam, prosseguindo depressa.

Jordan caminha até onde estou ao lado do prédio e se agacha, enfiando uma lona sob a viga.

— Então é o chefe, hein? — Ela olha para mim curiosa. Algo em sua expressão parece mais tranquila do que hoje cedo. Mais feliz. Mais à vontade.

Cole não contou a ela que possuo uma empresa de construção? Será que ele fala de mim, pelo menos?

Mágoa começa a me corroer por dentro.

— Bem, ele tenta ser — brincou Dutch, respondendo sua pergunta.

Eu o olho feio, mas sinto vontade de rir. Provocação é com a gente mesmo, mas gostaria que o babaca não fizesse isso no trabalho. Compromete a minha imagem, caramba.

— Merda! — Jordan grita de repente.

Volto os olhos para ela depressa e vejo a água da chuva caindo em sua cabeça parecendo uma cachoeira. A lona rasgou no topo da estrutura e derramou toda a água acumulada na fenda. Ela se levanta rápido, escapando da água, e estica os braços, tentando colocá-la de volta no lugar.

Mas não consegue alcançar direito.

Vindo por trás dela, estendo o braço e seguro a lona no lugar enquanto viro a cabeça e aponto com o queixo para Dutch. Ele acena e sai para buscar a pistola de grampo.

Jordan solta a lona e desliza por baixo dos meus braços, ficando ao meu lado, rindo.

— Você está bem? — pergunto.

Ela faz que sim com a cabeça, limpando o rosto e sacudindo a jaqueta.

— Sim. Acho que o casaco não presta, né?

Abaixo os olhos para sua blusa, vendo a camiseta azul-marinho grudada no corpo, apertada e moldada a cada centímetro de seu peito e abdome. Um pedacinho de seu quadril e barriga espreita bem entre a barra ensopada da camiseta e o cós da calça. A pele é impecável, suas curvas são lindas. Engulo o

nó na garganta e me viro rapidamente.

Ela definitivamente tem um corpo diferente das garotas de dezenove anos da minha época, mas mesmo assim, ainda tem só dezenove anos.

E ela é do Cole. *Não é minha.* Não volte a dar uma conferida nela.

Dutch chega e me entrega a pistola, e eu começo a recolocar a lona. Ela volta a ficar sob os meus braços estendidos, colocando as mãos embaixo das minhas e chega mais perto para segurar direito a lona enquanto eu grampeio.

Uma sensação calorosa rasteja sob minha pele, mas eu me recomponho.

— Eu, uh... preciso te levar pra casa? — pergunto. — Não tem aula ou alguma outra coisa hoje?

— Calendário de verão — responde, olhando para mim. — Eu só tenho uma aula nesse semestre, mas só amanhã. Mas preciso trabalhar no bar mais tarde.

Gostaria de saber como ela consegue ir e voltar do trabalho – ou da escola, já que Cole entra no trabalho às dez e não sai até as seis. Ela não tem carro para ir ao trabalho. O que me faz lembrar... Vou pegar algumas ferramentas que não tenho em casa, antes de ir. Talvez eu possa ajudar Cole a mexer no carro dela hoje.

Depois de mais ou menos uma hora está tudo tão ajeitado quanto possível, o equipamento está protegido e guardado, e todo mundo encharcado até os ossos. Libero o pessoal. Odeio perder tempo, mas os verões são chuvosos e fizemos o que estava em nosso alcance.

Inferno, nem a metade deles apareceu de qualquer forma.

Entro na caminhonete com a Jordan e tiro o casaco molhado, enquanto ela afivela o cinto de segurança. Ligo a caminhonete e espero o estacionamento esvaziar um pouco antes de finalmente sair, ambos ficando em silêncio.

Está tão quieto de repente, e percebo que a chuva caiu constantemente nas últimas horas o que me faz perceber que não consegui ouvir uma voz a menos que fosse gritada. Ou um movimento, que não fosse o meu. Agora, minhas orelhas procuram instintivamente por qualquer som.

A chuva batendo no teto feito balas de borracha. O ranger do couro no volante na minha mão. O barulho da chuva sob os pneus enquanto dirijo pela rodovia; o motor roncando igual a uma canção de ninar.

Mas ainda assim está tão quieto.

Ela inspira profundamente pelo nariz.

O casaco molhado range quando ela desliza as mãos por baixo das coxas.

Ouço uma batida suave e olho no assoalho, onde ela está batendo os pés um no outro.

Jordan lambe os lábios e eu estremeço, porra. *Jesus*.

Estendendo a mão, ligo o rádio. Preciso de qualquer coisa para me distrair.

Não sei porque estou tão irritado hoje. *Não, eu sei.* Acordei com o telefonema de Lindsay. Ela é a última pessoa com quem quero lidar logo cedo.

Não é difícil sentir falta do quanto era feliz na idade de Cole e Jordan, me divertindo com qualquer coisa e sem me obrigar a pensar demais sobre as decisões que precisava tomar. Mas não muito tempo depois que conheci Lindsay, a conta de toda aquela diversão chegou. Fiz uma criança com uma garota que mal conhecia. Uma mentirosa patológica que manipula todos como se fosse um maldito esporte.

E quando a gente terminou, eu o deixei com ela. Cole nunca teve chance.

É claro que a levei à Justiça, tentando conseguir a custódia, mas os

juízes naquela época viam a mãe como a melhor opção, e ela sabia como conseguir compaixão. Ela queria Cole, porque ele significava pensão alimentícia. E certamente conseguiu isso de mim.

Era como estar preso, precisando levá-lo de volta para ela depois dos meus fins de semana com ele. Ela manipulava as coisas, e foi o que fez com ele. Quando tinha dez anos, ele a protegia se eu precisasse dizer coisas para ela, e eu sempre era o errado.

Quando chegou aos catorze anos, ele não quis mais me visitar nos fins de semana, e agora mal nos conhecemos. Ele nem mesmo me liga, a menos que precise de dinheiro.

Sacudo a cabeça para afastar essas lembranças.

— Quer colocar uma fita? — sugiro a Jordan.

Não olho para ela, mas percebo sua cabeça virando na minha direção.

— Uma fita? Tipo, fita cassete?

Seu olhar de repente dispara para o som da caminhonete e seus olhos se arregalam, surpresa iluminando seu rosto. Quase dou risada.

Ela não viu o som?

— Isso é um toca-fitas de verdade? — solta.

Ela estende a mão e acaricia o rádio toca-fitas antigo como se fosse um vaso precioso, e aperta o botão de ejetar. O aparelho ejeta uma fita cassete com escritas brancas que eu nunca ouvi.

Ela pega a fita e lê o título.

— Guns N’ Roses. — Ela cobre a boca com a mão, com ar de quem está prestes a chorar, porra. — Meu Deus.

Avançando no porta-luvas, ela o abre e olha para a linha de fitas cuidadosamente arrumada.

— Deep Purple — vai dizendo conforme lê —, Rolling Stones, Bruce

Springsteen, John Mellencamp, ZZ Top...

Então parece que ela encontra algo que realmente a anima, porque estende a mão e puxa uma fita do Def Leppard.

— Histeria?! — exclama, lendo o título do álbum. — Eles não produzem mais esse álbum. Todo mundo só consegue achar a versão ao vivo!

Ergo as sobrancelhas, sem entender porque isso tudo é tão excitante.

— Acredito em você — comento, achando um pouco de graça da sua empolgação. — Esta caminhonete era do meu pai. As fitas são dele. Nunca cheguei a limpar o porta-luvas depois que ele... faleceu há alguns anos.

Ocorre-me que ela é a primeira a tocar na fita do Guns N' Roses desde que ele a colocou no aparelho.

Ela volta a olhar a coleção.

— Bem, acho isso bom — murmura. — Está bastante claro que você não sabe o que tem aqui e elas teriam acabado no fundo de uma lata de lixo, pelo amor de Deus. Seu pai era um cara legal.

Sorrio, concordando. Com cuidado ela coloca a fita do Guns de volta no estojo e tira a do Def Leppard.

— Posso colocar? — pede, apontando para o toca-fitas.

Dou risada baixinho e troco de marcha, pegando velocidade na rodovia.

— Vai fundo.

Ouvimos duas músicas a caminho de casa, entrando na cidade, e durante o atalho que peguei passando a ponte ferroviária sobre o rio à nossa direita.

— Uau, olha isso — diz ela.

Diminuo a velocidade da caminhonete e sigo seu olhar para fora da janela do lado do passageiro, e vejo que o rio subiu consideravelmente. Em vez

dos seis metros que sempre fica entre a ponte e o rio, a água agora corre ameaçadoramente logo abaixo da ponte. Ainda bem que a chuva diminuiu, então não deve subir mais.

Piso no acelerador de novo, nos levando para casa.

— Foi divertido — diz. — Hoje, quero dizer.

Olho sem entender direito para ela.

— Quero dizer... — Ela pisca, corrigindo-se. — Não estou dizendo que foi uma diversão. Quero dizer, espero que não tenha ficado com seu trabalho atrasado ou tenha perdido dinheiro, mas... — Ela respira fundo, voltando a olhar para sua janela. — Algumas vezes cheguei a sentir um pouco como se minha vida quase estivesse em perigo.

Ela parece muito feliz por causa disso, e consigo perceber pelo seu tom que está sorrindo.

— E isso é divertido? — pergunto.

Ela olha para frente e dá de ombros, sorrindo de lado ao achar graça.

Dou risada.

— É, foi divertido. Obrigado por ajudar. Eu te aviso quando a próxima tempestade estiver prestes a cair, e então, poderá entrar em ação.

— Legal.

Continuo dirigindo e entro em nosso lado da cidade, virando à esquerda e depois para a direita em direção ao meu bairro, contente pela primeira vez no dia. Ela é uma boa menina. Espero que Cole não estrague tudo, porque já dá para perceber que ela é o tipo de garota que seria uma boa mãe e trabalharia ao seu lado, construindo uma vida ao invés de drenar você.

E por algum motivo, saber que ela se divertiu hoje me agrada. Ninguém na minha família jamais teve muito interesse – ou orgulho – do que eu faço para ganhar a vida. Minha mãe me ama, com certeza, assim como meu pai

antes de morrer, mas eles me pressionaram demais para eu ir para a faculdade, e esse era o plano até Cole acontecer.

Sempre foi motivo de decepção eu ter ficado na cidade e trabalhado com o que achavam que precisava de mais força do que cérebro.

Quando comecei a “Lawson Construction” – mesmo sendo uma empresa própria – e construí minha casa, eles me olharam como se quisessem mais para mim, mas sabiam que era inútil dizer qualquer coisa. Acabaram desistindo.

Não era como se odiassem o que eu fazia ou que não estivessem felizes com o homem que me tornei. Lamentaram minhas oportunidades perdidas e ainda se preocupavam com a felicidade de seu filho. O que não perceberam, porém, é que tenho meu próprio filho agora e a felicidade dele vem em primeiro lugar.

E eu realmente amo muitas coisas a respeito do meu trabalho. Passo horas ao ar livre todos os dias, com a luz do sol, sempre em movimento... É uma vida boa. Durmo bem à noite. É bom ver outra pessoa se divertindo assim como eu.

— Agora meu dia está acabado — diz Jordan. — Nada vai superar isso.

— Superar o quê? — respondo. — Ficar encharcada pela chuva?

— E brincar na lama.

Sorrio, balançando a cabeça parando na frente da garagem.

— Aquilo não é brincar na lama.

Ela se vira para mim.

— Ah, você quer dizer banho de lama? É por isso que a sua caminhonete está imunda?

Eu bufo e desligo o carro, olhando-a sério.

— Garota, se conseguir dizer de que cor é a pintura, então não está usando a caminhonete direito. Entendeu?

Ela revira os olhos e abre a porta. Nós dois descemos e caminhamos para a varanda.

Pensando bem, se ela não ligou de ficar molhada e suja hoje, provavelmente amaria banho de lama. Não faço isso há muito tempo. Minha caminhonete só está suja assim porque eu nunca a lavo. Não é algo normal.

— Já levou Cole com você alguma vez? — pergunta, subindo os degraus.

— Sim, algumas vezes quando era mais novo.

Alcanço a maçaneta antes de Jordan, segurando a porta aberta para ela entrar primeiro.

Mas ela se vira, e olha para mim.

— Talvez possa levar a gente na próxima vez que você for — sugere. — Contanto que eu vá dirigindo. Você não é superpossessivo com a sua caminhonete, né?

— Não. Uma caminhonete é feita para ser usada e abusada. Vá em frente. Só vou usar o cinto de segurança.

Ela sorri gentilmente e me encara por alguns instantes, algo que não consigo decifrar transparecendo em seu rosto. Eu disse alguma coisa?

Eu a encaro de volta, percebendo como seus olhos quase se parecem com uma aquarela. Azul escuro, com o tom clareando até chegar à pupila. Afasto meu olhar, limpando a garganta.

— Jordan! — Cole grita do andar de cima, de repente. — Amor, você chegou? Sobe aqui!

Eu a olho de novo, e ela se afasta, dando um sorriso sem graça.

— Preciso me arrumar para o trabalho. Obrigada por me deixar ajudar

hoje.

Aceno, mas permaneço na porta, observando-a atravessar a sala e desaparecer escada acima. Um sentimento estranho toma conta de mim conforme a observo subir. Como ela é com o Cole? E ele com ela? Ele a trata bem?

Continuo no mesmo lugar, ouvindo a porta do quarto no andar de cima se fechar e sabendo que ela está lá com ele. Do nada, o ar na casa parece pesado. Sufocante e espesso, e não consigo respirar. Não quero entrar, não importa se preciso de roupas secas ou não.

Jogo minhas chaves na mesa à esquerda e vejo a chave de seu carro ali. Eu a pego e dou um passo para fora, fechando a porta antes de descer os degraus da varanda e ir para a garagem à direita da casa.

— Está com alguns hóspedes em casa, hein? — Escuto alguém dizer.

Olho para o lado e vejo Kyle Cramer de pé na varanda da frente de sua casa com uma caneca de café na mão, protegido da chuva que agora é um chuvisco.

Gesticulo com o queixo, mostrando que o ouvi, mas não respondo. Nunca gostei do cara e nunca me importei em ser amigável. Algo que ele deve perceber a essa altura.

Não estou preocupado, no entanto. Só de olhar para ele me irrita. E meu ódio por ele não tem nada de específico. Apenas pequenas coisas que se somaram ao longo dos anos. O jeito que tratou sua esposa. Como ele a traiu e nunca ficava em casa. Por ter ficado com a casa para ele depois do divórcio, mandando ela e os filhos para morarem em um apartamento. Como ele contrata babás o tempo todo quando os filhos deveriam ficar com ele no fim de semana.

E quem vai saber a verdade? Talvez ele tentou conseguir a custódia e, quem sabe, ela o tenha traído primeiro. Nunca se sabe o que realmente acontece

na casa das pessoas. Olhe para mim e a maneira com que meu filho foi criado, afinal. Quem sou eu para julgar?

Ainda não gosto do cara. Ele acha que sua carreira de executivo e triatlos fazem dele um herói.

E agora eu soei como se estivesse com ciúmes, cacete. *Que ótimo.*

Digitando bruscamente o código no painel ao lado da porta da garagem, recuo e espero abrir. Não guardo nenhum carro aqui, então tem espaço para servir como uma oficina.

Tem ferramentas, um compressor de ar, uma geladeira, duas bancadas de trabalho e uma mesa inteira cheia de peças de carros que acabaram jogadas aqui ao longo dos anos. O carro de Jordan está na garagem, porém, sei que vou precisar de mais coisas além das peças que tem daqui, depois que abrir o capô. Cole não é ruim com carros, mas sei que vai precisar de dinheiro para fazer a coisa funcionar de novo, e isso eles não têm. Vou pelo menos dar uma olhada para saber qual a gravidade.

— E aí, cara.

Olho por cima do ombro e vejo Dutch vindo pela calçada. Está com roupas secas e uma cerveja na mão. Como sempre. Ele mantém um cooler na parte de trás da sua caminhonete.

— Oi. — Tiro a camiseta ainda úmida e a jogo em uma das bancadas. Arrastando o macaco debaixo de uma mesa, saio da garagem e vou em direção à caminhonete verde desbotada. Dutch puxa uma cadeira de jardim e a coloca no gramado ao lado do carro de Jordan.

— Cinco amanhã? — pergunta.

— Sim.

Já que perdemos tempo hoje, ele sabe que vou querer começar cedo amanhã.

— Oh, os caras estavam pensando em dar uma passada no Grounders daqui a pouco. Tomar umas, escutar um pouco de música... — diz. — Não tem mais nada pra fazer com esse tempo.

Giro a chave inglesa, mas dou uma olhada na direção dele.

— Grounders? Desde quando vão lá? O “Poor Red’s” está fechado?

— Não — responde, dando de ombros. — Eles acabaram de descobrir que tem um belo de um colírio para os olhos no Grounders agora.

Olho para ele, que está sorrindo e apontando a cabeça em direção à casa e em quem está dentro dela.

— É, cale a boca. — Aperto a chave. — Ela é a garota do meu filho. Não mexam com ela.

— Não farei nada! — Ele levanta as mãos na defensiva. — Sou casado.

— Não quero nem que vocês a olhem — declaro, levantando e jogando a ferramenta no chão.

Está certo, eu tenho olhado, mas não sabia quem ela era quando nos conhecemos.

Limpo as mãos com a estopa.

— Você me entendeu? Deixe a menina em paz.

Ele apenas zomba, relaxando na cadeira e deitando a cabeça para trás.

— Tenho certeza de que, “a menina” já lidou com bastante atenção masculina trabalhando naquele bar. E, com certeza, ela não se importaria de ter um pouco mais de movimento no trabalho hoje à noite.

Ele a faz parecer uma prostituta. Mas acho que está certo. Defender-se de atenção indesejada tem que ter se tornado uma habilidade a essa altura, principalmente trabalhando em uma espelunca como aquela.

Mas ainda não consigo visualizar isso. A garota tem a língua afiada,

mas é muito inocente e gentil, também. Imaginá-la nesse ambiente é impossível.

— Oi — uma voz feminina cantarola.

Eu me inclino e olho por cima do capô, vendo a mesma moça que esteve aqui ontem à noite. Qual era o nome dela mesmo?

— Pike, certo? — diz ela, colocando a mão no peito. — Cam, lembra? Sou irmã da Jordan.

Dutch não tira os olhos dela, com a boca ligeiramente aberta.

— Só vim dar uma carona até o trabalho dela — diz Cam e, então, seus olhos descem para o meu peito e braços. — Bonita tatuagem, cara.

Seus olhos se iluminam enquanto acena sua aprovação. Noto que também tem algumas no braço e uma fênix na lateral do torso. Que eu só consigo ver, porque ela está quase sem roupas, vestida com uma minissaia e regata preta cortada logo abaixo dos seios.

Cadê a merda do seu pai? Sério...

Atrás dela, um Mustang conversível branco e novo está estacionado no meio-fio, com outras duas mulheres, todas parecendo igualmente vestidas a ela, pelo que posso ver. Ambas com cabelo comprido, e quase consigo sentir a brisa de seus cílios chegando até mim quando pestanejam exageradamente.

Mas então algo me ocorre, e volto a olhar do outro lado do capô.

— Vocês todas trabalham juntas? Com a Jordan?

— Não, nós trabalhamos no “The Hook”.

Dutch faz um barulho de tosse e percebo que engasgou com a cerveja. Ele tosse mais e ri ao mesmo tempo em que pigarreia.

Cam acena e brinca:

— É, no “The Hook”.

Ele ri e eu juro que o vejo ficar vermelho.

— Pode ser que eu tenha frequentado o lugar no passado.

“The Hook” é um clube de *strip-tease* no centro da cidade, não muito longe do Grounders, onde Jordan trabalha.

— Jordan não trabalha lá também, né? — pergunto. Quero dizer, ela poderia ter dois empregos, presumo, mas se não consigo imaginá-la trabalhando no Grounders, não quero nem pensar nela no “The Hook”.

Ainda bem que Cam se apressa para responder:

— Ah, não, só que meu chefe já ofereceu um emprego de garçonete pra ela — comenta. — Está tentando vencê-la pelo cansaço há um ano, porém é tímida.

Ela diz a última parte com uma piscadela e não sei direito o que isso significa. Tímida para o quê? Ela teria que usar algo parecido com as roupas das dançarinas para trabalhar no bar?

É, não. Imaginá-la no “The Hook”, lidando com os homens que entram querendo uma única coisa vai me estressar. Cole sabe dessa proposta de emprego? Não consigo imaginá-lo querendo que ela trabalhe lá.

Não tenho tempo para pensar mais sobre isso, porque Jordan desce pela varanda e atravessa o gramado até a irmã.

— Pare de falar de mim — avisa, apertando a alça da bolsa sobre o peito, mas Cam apenas lhe dá um olhar brincalhão.

Jordan responde com um revirar de olhos, porém mal percebo. Meu coração está batendo dolorosamente, absorvendo sua roupa.

E olho para longe.

Por alguma razão, o julgamento que fiz de Cam por causa de suas roupas não acontece com Jordan, apesar de ela ser alguns anos mais nova. Vestindo short jeans azul escuro, baixo no quadril e no alto da coxa, não estão cortados, mas enrolados para cima, e sua camiseta preta mostra a barriga, deixando um dos ombros de fora. O cabelo está solto, caindo nas costas em

grandes cachos, e os olhos foram pintados com delineador preto e sombra escura, fazendo o azul escuro destacar-se igual ao reflexo da lua no mar à noite.

Gostaria de saber se está usando seus All Stars de novo, mas isso significaria olhar para suas pernas, e estou fazendo isso constantemente, então mantenho os olhos em outra direção e continuo trabalhando no carro.

Culpa me rasga. *Ela é do Cole*. Ele a beija. Ele a abraça. Ele a faz sorrir. Não cabe a mim, dar opiniões a respeito dela, principalmente as territoriais, como onde trabalha ou como se veste. Ainda continuo me sentindo do mesmo jeito que no cinema. Ela é uma moça que conheci e me diverti conversando, e ninguém mais tem nada a ver com isso. Uma parte minha continua com a sensação como se a tivesse conhecido primeiro, mesmo sabendo que não era assim.

— Tenho turno duplo hoje — diz ela, e acho que está falando comigo. — Portanto vou sair tarde, mas estou com a minha chave.

Aceno e reajusto meu boné, sem olhar para ninguém.

Há um breve silêncio antes de ela começar a se afastar.

— Tá legal, vejo vocês mais tarde — ela se despede.

— Obrigado pela ajuda hoje, querida — diz Dutch para ela.

Ele levanta o braço e acena para as garotas, e eu escuto algumas risadinhas antes de o carro sair. Continuo o que estou fazendo, sem pensar em como aquela região da cidade não é segura à noite ou na vantagem de se trabalhar atrás do balcão do bar, onde os clientes não conseguem colocar as mãos nela, o que é legal. Seu trabalho é ótimo, na verdade. Ganha mais do que se ela estivesse no Burger King ou trabalhando como operadora de telemarketing. Ela e Cole sairão de casa muito em breve.

Portanto não é de se admirar que o imbecil do Mick esteja tentando colocá-la para trabalhar no “The Hook”. Pelo amor de Deus. Do jeito que ela

estava vestida agora? Os homens pagam muito dinheiro por jovens gostosas, mas pagam ainda mais pela *sexy* filha novinha do fazendeiro.

Estou desparafusando, limpando e reapertando tudo quando percebo que minha mão está doendo e os músculos estão cansados. Paro e me endireito, estalando os dedos.

Então vejo Dutch me observar pelo canto do olho, e devolvo o olhar.

— Que foi? — pergunto.

Por que ele está me encarando?

Ele apenas me dá um sorrisinho e sacode a cabeça.

— Nada.

CAPÍTULO 4

JORDAN

— Pode fazer um *Fuzzy Navel* pra mim?

Olho para cima e vejo April Lester parada no bar entre Grady Jones e Rich Hensburg, me encarando ansiosa. Concordo com a cabeça e termino de empilhar os copos de uísque que acabei de lavar, depois estico o braço e pego a garrafa de Schnapps para preparar seu coquetel com suco de laranja.

— Então, vai pra casa comigo dessa vez? — pergunta Rich a April, olhando com uma cara franzida e cética.

Grady ri baixinho, enquanto sorrio comigo mesma. April só vira o rosto, com ar impaciente.

Todas essas pessoas são frequentadoras assíduas. April geralmente não vai embora sozinha, e todo mundo sabe disso. Mas Rich só faz um pouco de graça para manter a reputação porque ela constantemente o recusa. Velho, pelo que parece, é sua única exceção. Qualquer outra pessoa está valendo. Acho que não faz mal ele continuar tentando. Pode ter sorte uma noite dessas.

Não que eu a esteja criticando. O que eu sei? Ela é uma boa frequentadora, e dá boas gorjetas, no fim das contas. Só não consigo deixar de ficar de olho nela quando Cole está por perto. Já a vi indo atrás de homens

casados, portanto, ser o namorado de alguém certamente não vai impedi-la de se aproximar.

Termino de preparar seu coquetel com suco de laranja e coloco um guardanapo no balcão antes de deixar a bebida em cima dele. Ela pega um canudo e o copo.

— Obrigada — agradece toda alegre e imediatamente se vira, tomando um gole enquanto caminha de volta para sua mesa.

Eu a observo se afastar e deslizar entre outros dois homens que já vi antes.

Às vezes ela me faz lembrar da minha mãe. Não sei por que, pois, não são parecidas. Minha mãe era loira – *é* loira – e April é morena. Seu cabelo é tão escuro que parece quase preto.

Porém parecem ter a mesma idade. April deve estar beirando os quarenta e se veste do mesmo jeito que a minha mãe. Saias curtas rodadas, regatas de seda, joias e saltos de quinze centímetros.

Igual a Cam. Minha irmã herdou o estilo *sexy* da minha mãe.

Eu me pergunto se minha mãe sossegou com alguém ou se ainda precisa daquela liberdade que tanto ansiava quando eu tinha sete anos. Não sinto sua falta. Eu mal me lembro dela. Mas ainda gostaria de saber a seu respeito.

Virando para trás, marco a bebida na comanda de April e pego um pano de prato para terminar de secar os copos.

Só que então a porta da frente abre e uma voz ressoa.

— Merda, tá morto isso aqui.

Olho para cima, e os pelos dos meus braços imediatamente levantam. Meu namorado entra com alguns amigos, mas é a voz familiar demais liderando o grupo que faz minha pele arrepiar.

Jay McCabe, meu ex-namorado, entra devagar e sem pressa, andando

pelo lugar como se fosse o famoso quarterback que era no ensino médio e ainda esperando pela porcaria dos aplausos. É engraçado como ele ficou menos bonito à medida que eu o conhecia. Minha coluna enrijece feito aço, e a percepção faz um calor se espalhar pelo pescoço.

Cole entra logo atrás com alguns caras, e Elena Barros os segue. Eu vejo sua sobrancelha arquear e a sutil cara feia olhando para Jay e depois para mim.

Eles não saem juntos, mas se encontram nas mesmas festas às vezes. Meu palpite é que Jay veio para cá com sua turma e Cole o seguiu para ter certeza de que estou bem.

Jay percorre o lugar com os olhos e então eles travam em mim, um pequeno sorriso curvando o canto de sua boca. Na hora desvio o olhar, meu estômago revirando.

Tento fingir que ele não tem mais importância, mas acho que ele sabe que venceu. Ele deveria estar na maldita prisão depois do que fez comigo, e não está, porque há dois anos, eu tinha medo e era boba.

Queria que alguém o machucasse.

E melhor ainda se esse alguém fosse eu.

Cole se aproxima enquanto seus amigos se espalham, conversando com as pessoas que conhecem. Ele levanta a divisória e entra atrás do balcão, um pedido de desculpas no olhar quando chega às minhas costas, me abraçando pela cintura.

— O que está fazendo? — pergunto. Com o punho enrolado em uma toalha, limpo o copo por dentro.

Eu o sinto dar de ombros.

— Não tenho visto você. Só estou com saudades.

Dou risada, tentando relaxar o corpo rígido.

— Estou bem. Não precisa se preocupar comigo no trabalho.

Cole acaricia meu pescoço, e nós dois sabemos que ele está preocupado com a presença de Jay aqui.

Coloco a mão sobre a dele, sentindo a pequena cicatriz no seu polegar, e respiro seu cheiro limpo. Ele parece revigorado e bonito, muito melhor do que naquela manhã. Ninguém consegue se livrar de uma ressaca como ele.

— Olha só, é ruim para os negócios se o namorado dela ficar por perto — Shel adverte, andando na frente do bar e abaixando uma bandeja de copos no balcão.

Shel age como se fosse a dona do bar no filme “Show Bar”. Tipo: “Você deve parecer disponível, mas nunca estar disponível”. O problema é que aqui é um bar fuleiro em uma cidadezinha, então, de qualquer forma, as gorjetas não baterão nenhum recorde. Com ou sem meu namorado aqui.

Cole esfrega meu pescoço e eu sorrio, me sentindo segura contra a parede do corpo dele. Escuto as vozes de seus amigos quando o bar fica mais barulhento, e olho para o relógio, vendo que é quase meia-noite.

E hoje é quarta. Cole trabalha de manhã.

Eu respiro fundo, virando a cabeça para olhar para ele.

— Olha, a gente não podia se dar ao luxo de você perder aquelas horas de hoje — digo.

E se ele está na rua agora, é provável que não conseguirá ir trabalhar amanhã, perdendo mais dinheiro.

Ainda temos contas do antigo apartamento que precisamos pagar, e farei a minha parte, mas ele vai ajudar sim. Se ele perder outro dia, não vou ficar quieta.

Mas ele só me olha pensativamente.

— Não sou idiota, amor — ele me garante. — Eu já sei tudo o que

você quer dizer pra mim, tá bom?

— E você sabe que tem muita sorte por ainda ter sua habilitação, né? — eu cutuco um pouco mais. Uma multa agora é a última coisa que precisamos, e ele tenta o destino constantemente.

Ainda mais depois de tudo o que aconteceu. Como ele pode ser tão descuidado?

Olho para as nossas cicatrizes outra vez, recordando-me.

— O que eu faria sem você? — murmura, sua respiração fazendo cócegas no meu ouvido.

Eu me afasto.

— Lavaria suas roupas, talvez.

E ele só ri, apertando-me mais forte.

— Desculpa por ser um fracassado.

— Você nem sempre foi.

Ele ergue uma sobrancelha diante da minha provocação e avança me prendendo contra o balcão, um sorriso brincando nos lábios.

— Sou bom em algumas coisas, no entanto, não sou?

Ele inclina meu queixo para trás e mergulha no meu pescoço, sua boca quente beijando e mordendo.

Arrepios se espalham por meus braços e eu arfo.

— Cole...

Tudo bem, tá. Você não é tão ruim em tudo o que faz.

Ele sempre foi capaz de me fazer sorrir, e beija muito bem. Só queria que ele fizesse isso mais vezes em casa. Ele não tem me tocado muito nos últimos tempos.

E está saindo de novo hoje à noite.

Viro a cabeça, beijando-o e com fome por essa conexão, mas então, eu

me afasto depressa, empurrando-o com um sorriso.

— Aqui não — repreendo.

Volto para o balcão e pego algumas garrafas vazias, jogando-as no lixo.

— Estou muito arrependido, viu? — diz no meu ouvido. — Não foi minha intenção fazer com que fôssemos expulsos de lá e nos colocar nessa situação com meu pai.

Aceno com a cabeça, com certeza ele está sendo honesto. Ele é gente boa e eu o vi no seu melhor. Agora, está no buraco, mas ficou ao meu lado quando ninguém mais ficou, então quero acreditar que ele vai voltar aos eixos.

Dou uma olhada para Jay, lembrando como Cole foi o único amigo que permaneceu comigo depois que terminei com aquele idiota. Todo mundo ficou ao lado de Jay.

— Meu pai está sendo legal com você? — pergunta, afastando-se e me soltando.

— Claro. Por que ele não me trataria bem?

Ele dá de ombros.

— É que eu quero ter certeza de que está tudo bem. Ele costumava ser um idiota no passado. Traiu muito a minha mãe, e é por isso que não nos damos bem. — Ele pausa e acrescenta: — Só explicando a tensão que provavelmente está sentindo entre nós.

Traiu? Por que ele não me contou isso antes? *Jesus*.

Esse não parece ser o Pike, no entanto. Ele não me parece tão baixo assim.

Porém as pessoas crescem e mudam. Talvez ele fosse um homem diferente vinte anos atrás.

Mas espera...

— Pensei que você tivesse me dito que seus pais se separaram quando você tinha dois anos — comento.

Se ele era tão novo, como se lembraria disso?

— Sim. — Ele começa a voltar para a saída do balcão. — Eu só sei o que ela me contou. Não era muito explícito, portanto, não deixe que ele te trate mal. Ele gosta de insultar e ser grosso com mulher, é provável que esse seja o motivo de ainda estar solteiro.

Bem, o pai dele pareceu um pouco pasmo hoje cedo quando tentou me dizer para ficar em casa, e eu persisti. Acho que ele está acostumado com as pessoas seguindo suas ordens. A última afirmação de Cole me parece verdadeira.

— Nós vamos dar uma passada no “The Cue” — avisa Cole, abrindo a divisória e caminhando para o outro lado do bar. — Te vejo em casa.

— Não chegue muito tarde — peço baixinho.

Seu turno só começa às dez da manhã, mas quero vê-lo quando eu chegar em casa. Nós não passamos muito tempo juntos hoje.

Ele e seus amigos saem, indo para o “The Cue” jogar sinuca. Jay dá uma olhada para mim ao caminhar até a porta para sair também, passando o braço em volta de Shawna Abbot. Seus olhos caem para o meu peito e depois sobem, o olhar com um quarto de desejo e três de ameaça.

E por dois anos tem sido desse jeito. Comigo recebendo quieta todos os olhares grosseiros que ele lança na minha direção por medo de o instigar para entrar em ação de novo. Além disso, ele me deixa em paz, então eu simplesmente o evito e finjo que ele não está por perto.

As duas turmas saem, decidindo ir atrás de diversão em outro lugar, mas antes que a porta da frente se feche, minha irmã entra toda exuberante com duas colegas de trabalho atrás dela. Todos os olhos no lugar se voltam para elas, observando as mulheres bonitonas em seus tops minúsculos e saltos altos.

“The Girl Gets Around” de Sammy Hagar toca no jukebox, e Cam vem até o bar, segurando a beirada e fazendo uma dancinha enquanto os lábios sincronizam com a letra da música.

Ela é uma figura.

— Já acabaram? — pergunto por cima da música, olhando para o relógio na parede. — Só saio daqui uma hora.

— Tudo bem. — Cam acena com a mão e alcança por dentro do balcão, pegando o rum no suporte e o copo de uísque na minha frente. — Precisamos relaxar antes de irmos para casa, mesmo.

Ela serve uma dose, guarda a garrafa e pega o bico da máquina de refrigerante, enchendo o copo.

Pego gelo e coloco alguns cubos em seu copo antes de ir verificar alguns clientes.

Reponho as cervejas de Grady e Rich, e reabasteço a bebida do marido de Shel, que está jogando pôquer no videogame. Preparo três Cosmos para algumas senhoras que deixaram suas edições de “O Livro dos Segredos” de Deepak Chopra na mesa – elas trazem isso toda semana – assim seus maridos pensam que estão em uma reunião do clube do livro.

— Quer dar um pulo aqui atrás? — Shel grita para Cam. — Preciso reabastecer a cerveja da geladeira.

Ela olha feio para Shel, mas se levanta e vem atrás do bar. Shel vai para o corredor onde o refrigerador e a cerveja estão estocados.

— Tire as gorjetas do pote e comece a juntar de novo — grito do outro lado com a minha irmã. — Não vai pegar uma parte das minhas.

Ela ri, olhando toda presunçosa para mim ao colocar as mãos nos quadris. Eu me viro para preparar um pedido de coquetel *Screwdriver*, e a próxima coisa que vejo é um monte de dinheiro na minha cara.

— Como se eu precisasse de seus trocados e moedas, querida — responde “se achando”.

Meus olhos se arregalam e fico boquiaberta vendo o maço de dinheiro.

— Mas o que é isso, caramba? — Tiro-o de sua mão e abano as notas, vendo muitas de um dólar, mas uma quantidade impressionante de dez e vinte, também.

— Isso é o que eu chamo de pagar seu aluguel em uma noite, querida. — Ela tira o dinheiro da minha mão. — Tivemos uma despedida de solteiro.

Muitos homens bêbados esbanjando dinheiro. Eu a observo guardar no bolso e franzo a testa vendo o brilho em seus olhos. É lógico que ela ganha muito mais do que eu. Eu trabalho em um bar. Ela, em uma boate. Ela entretém. Eu sirvo bebidas.

Deve ser bom, porém, ir para casa à noite, sabendo que vai conseguir pagar suas contas. Que pode ir ao supermercado e colocar o que quiser no carrinho.

Olho para cima e encontro seu olhar, e percebo que ela está pensando exatamente a mesma coisa. Poderia ser mais fácil para mim também se eu aceitasse a proposta de trabalho do seu chefe.

Não conseguiria tanto quanto a minha irmã sendo uma garçonete, mas ganharia mais do que aqui.

Só que ao mesmo tempo em que o “The Hook” é capaz de oferecer dinheiro rápido, nada sobre o lugar é fácil. Homens olham para Cam como se ela fosse uma refeição grátis, e ela tem que aguentar muita merda.

Apesar de que... estou cansada de me preocupar com dinheiro todo santo dia.

Volto ao trabalho, mas sinto seus olhos em mim. Ela acha que estou insistindo em algo que não vai me levar a lugar algum.

— Nem começa — murmuro.

Ela bufa.

— Eu não disse nada. Nem uma única palavra.



— Obrigada — agradeço, saindo do Mustang de Cam uma hora depois, mais ou menos. Inclino o banco para frente e pego minha bolsa do banco de trás, dando uma olhada por cima do ombro para ver se o carro de Cole está na garagem.

Não está. Apenas a caminhonete de Pike.

Balanço a cabeça.

— Você não trabalha amanhã, né? — pergunta Cam.

Eu me viro para ela.

— Não, mas trabalho no sábado à noite. Vou te mandar meu horário mais tarde.

— Tá bom.

Fecho a porta e enfio a mão no meu bolso à procura da chave da casa.

— Te amo. Tchau — digo.

— Ah, comprei uma coisa pra você, a propósito! — Cam grita pela janela aberta do lado do passageiro. — Olhe na bolsa quando estiver no seu quarto. Experimente. Veja qual será a sensação.

Eu paro, virando-me de lado e estreitando o olhar nela.

— Outro vibrador não... — reclamo.

Ela joga a cabeça para trás e ri do presente que me deu no meu aniversário de dezoito anos. Não teria sido tão ruim se ela tivesse me impedido de abri-lo na frente de uma festa cheia de gente.

— Não é isso — avisa. — Mas com certeza é algo que você e Cole podem desfrutar juntos. — E então gesticula com o queixo para a casa escura atrás de mim. — Ou, hum... talvez o *homem* da casa pode acabar gostando, também. O *outro* homem da casa, quero dizer.

Ela agita as sobrancelhas para mim, e a olho brava.

— Não quero nem abrir esse pacote mais.

— Noite! — brinca e se afasta do meio-fio.

Idiota. Eu amo a minha irmã, mas ela sabe como me deixar envergonhada.

Depois de destrancar a porta, eu entro, fecho-a e coloco a trava de novo, olhando ao redor da sala escura. Está arrumada, e passo pela entrada da cozinha, observando a pequena luz do fogão que foi deixada para iluminar o caminho, o que eu agradeço. Pelo que consigo ver, a pia está limpa, e respiro fundo, amando a sensação de chegar e encontrar uma casa limpa.

Subo as escadas; a casa num silêncio assustador. Andando pelo corredor escuro, levanto a cabeça e vejo a porta do quarto de Pike à minha frente. Está fechada e nenhuma luz brilha por baixo da porta.

Abro a primeira porta à esquerda e acendo o interruptor, descobrindo o que já suspeitava. A cama está vazia. Cole ainda está na rua.

Solto a bolsa no chão, fechando a porta sem fazer barulho e pego o celular do bolso.

Cheguei. Onde está você?

Digito e espero os três pontinhos aparecerem, mostrando que está respondendo.

Mas depois de alguns momentos, nada acontece e eu jogo o telefone na cama.

Ele tem que ir trabalhar em oito horas, e é melhor que ele vá. Caso contrário, não vai comigo quando eu tiver grana suficiente para sair daqui.

Tiro os sapatos e vou em direção à cama, pronta para desabar e descansar os pés detonados, mas paro, lembrando da “coisa” que minha irmã disse que colocou na bolsa. Voltando, pego a bolsa e a abro, colocando-a na cama. E ali, por cima de tudo, tem uma sacola de loja com listras cor-de-rosa que eu não coloquei lá dentro. É da Victoria’s Secret.

Desembrulhando o pacote, coloco a mão dentro e pego em um monte de tecido. Abafo um gemido, minha doce ilusão morrendo. Pego um baby-doll com a calcinha de renda creme combinando, que parece não ser grande suficiente para cobrir tudo. O decote é baixo e o baby-doll não chega a cobrir a barriga de tão curto.

É lindo, com toda a certeza. E *sexy*. Mas é ousado demais. Cole iria se fartar, vindo dormir e me encontrando vestida nisso.

Sem preliminares. Ele estaria em cima de mim em um segundo.

Mas por que ela me deu isso? Não é como se eu não usasse roupa íntima *sexy*. Não preciso de aulas de como manter um cara interessado, obrigada, porém dispenso.

No entanto noto um pedaço de papel na cama que devia estar com as peças. Pego o panfleto e o leio.

NOITE DAS AMADORAS!

VENHA SE MOLHAR! (A CAMISETA, QUERO DIZER)

27 DE MAIO ÀS 21H

THE HOOK, RUA JAMISON

O GRANDE PRÊMIO DE $300!!!

— Ótimo. — Dou risada baixinho e solto o panfleto e as lingeries, balançando a cabeça. Minha própria irmã está tentando me atrair. Que merda ela

tem na cabeça?

Não vou mostrar meus seios para todos os velhos safados da cidade para ter a chance de ganhar trezentos dólares. Posso ficar no Grounders, porque gosto de algumas pessoas, ouvir música e ter um trabalho onde ganho gorjetas, então sempre tenho um pouco de dinheiro comigo depois de cada turno, mas não existe nada em um concurso de camiseta molhada que eu gostaria, a menos que eu estivesse bêbada. Talvez.

Confirmo se as persianas estão fechadas, tiro a camiseta e desabotoo meu short jeans. Deixando tudo cair no chão, alcanço atrás das costas e tiro o sutiã. Depois vou até a cômoda para pegar uma camiseta.

Paro, porém, e olho a nova lingerie estendida na cama. Pode ser que Cole lamente por ter ficado na rua até tarde quando chegar em casa e vir o que perdeu.

Tirando a minha calcinha, eu pego a nova e suavemente visto o conjunto todo. Minha caneca de café com canetas e lápis está em cima da cômoda, e eu me aproximo, pego a tesoura e corto todas as etiquetas.

De pé na frente do espelho, ajeito o cabelo e o penteio com os dedos, ajustando o tecido no quadril e os seios no bojo sem aro. Eu me viro, olhando no espelho por cima do ombro.

Não consigo evitar o sorriso que espreita. Cam não é boba, é? É a cor perfeita para mim, meu bronzeado a todo vapor. A calcinha cai como uma luva nos quadris e mesmo sem muita sustentação na parte de cima, os seios estão empinados e atraentes. Desço a mão pelo suave abdome liso e subo pelas curvas da cintura, desejando que alguém estivesse aqui para apreciar a vista e me fazer sorrir.

Uma piscina de calor se acumula entre as minhas coxas, e não posso deixar de pensar em como uma simples troca de roupas pode fazer você se sentir

totalmente diferente. Deslizo uma das alças do meu ombro, amando o quanto me sinto *sexy*. A pulsação no clitóris começa a latejar, e agora, com toda a certeza estou no clima.

Colocando a alça de volta no lugar, pego meu telefone para mandar outra mensagem para Cole, e percebo que ele ainda não respondeu a última.

Eu meio que preciso de você agora mesmo, baby. 

Eu espero, mas os três pontos ainda não aparecem. Abro o aplicativo do Spotify no celular, coloco “Run to You” de Bryan Adams, e tomo cuidado para deixar o volume baixo caindo na cama.

Agora completamente desperta.

E excitada.

Fechando os olhos, permito que a música percorra sob a minha pele e devagar deslizo as pontas dos dedos pelas coxas, e subo por dentro da perna, fazendo cócegas na pele até que sinto arrepios. Suavemente me toco entre as pernas, rebolo os quadris e esfrego, meu sangue começa a esquentar e o coração bate mais rápido enquanto meu clitóris lateja.

Solto um gemido, sentindo os mamilos duros se esfregando contra a renda. Minha outra mão segura um seio e aperta conforme jogo a cabeça de lado, meu cabelo caindo no rosto.

Às vezes eu me pergunto se seria capaz de trabalhar com o que minha irmã faz. Quando vejo todo o dinheiro que ela sustenta sua casa. Estou cansada de me sentir preocupada e em constante estresse. Será que conseguiria fazer aquilo?

Eu me viro e fico de joelhos, inclinando-me com as mãos na cama entre as coxas. Pressiono os braços contra os seios, apertando-os juntos, cheios e

quase saltando pelo decote. Girando a cabeça, meu cabelo acaricia as costas enquanto fico de olhos fechados e começo a esfregar no ritmo da música.

Não, não consigo fazer o que ela faz. Não quero um monte de homens me observando.

Mas um? Tipo, um namorado? Um homem que anseia por mim e que me vigia com olhos possessivos enquanto danço para ele...

Ele está me observando. Estou em uma sala escura, em cima de um palco branco e iluminado com uma suave luz roxa sobre mim. Eu engatinho, rastejando e mordendo o lábio inferior enquanto me inclino para frente, abrindo as coxas e joelhos rebolando e me esfregando no chão do palco.

Ele está nos fundos, bem longe, mas está lá. Ele é o único aqui. E eu sou toda dele. Ele está escondido nas sombras e encostado com o ombro na parede ao mesmo tempo em que me observa. Rebolo os quadris lentamente, incitando e provocando. Depois volto a ficar de joelhos, segurando na cabeceira da cama enquanto danço e me contorço.

A alça do baby-doll cai do braço, e eu seguro meu peito nu, olhando por cima do ombro para ele. O cigarro – ou charuto – parado em sua mão de lado, projetando uma nuvem de fumaça no ar. Mas parece ter se esquecido disso olhando para mim.

Eu lembro que Cole não fuma, mas o pensamento desaparece tão depressa quanto surge.

Quero que ele me veja. Que ele me queira. Eu sinto que ele me quer, e gosto disso. Deus, eu gosto disso. *Continue me observando*. Queria saber qual é o gosto de sua boca. Qual é a sensação de sentir seus dentes? Meus mamilos apertam e endurecem, desejando uma boca.

Eu vou te fazer gozar. Continue me observando. Continue me observando.

Fico de quatro de novo, rebolando os quadris mais rápido e com mais força, e posso sentir minha pele molhada de suor enquanto esfrego minha boceta e mexo a bunda para ele.

Só para ele.

— Oh, Deus — gemo baixinho, sentindo o orgasmo se aproximar. — Vou gozar, vou gozar...

Mas então uma pancada forte ecoa pela casa, e eu levanto a cabeça e abro os olhos. *Merda!*

Não me mexo, prestando atenção. As tábuas do assoalho rangem no corredor, e alguém passa por ele e depois desce as escadas. Eu pulo da cama depressa, pois pode ser o Cole.

Não acordei o pai dele, acordei? Mas que idiota que eu sou! E se a cama estava rangendo?

Vergonha faz meu rosto arder feito fogo, e vou em direção à porta do quarto, abrindo-a para dar uma olhada. O corredor ainda está escuro, mas consigo ouvir uma conversa e então uma porta bate no andar de baixo.

Franzo o cenho. Atravessando o corredor bem rápido, eu me escondo no banheiro e fecho a porta. Mantendo a luz apagada, vou até a janela e abro uma das venezianas.

— Sim, não se preocupe. Não me importo de ser acordado por causa disso. — Escuto Pike dizer, e dou uma espiada e o encontro de pé ao lado da piscina, falando ao telefone. — Bebês são imprevisíveis. Tire o tempo que precisar. Ficaremos bem nos próximos dias.

Ele está vestido com calça cinza, mas sem camisa, e o vejo esfregar a mão no cabelo, bocejando. Meus ombros relaxam um pouco. A ligação provavelmente o acordou.

Ele acena para o que estão falando no telefone.

— Mande uma mensagem quando a criança nascer. Parabéns, cara.

Então ele ri e meus músculos relaxam, muita agradecida. Teria sido vergonhoso se ele tivesse me ouvido.

Eu me movo para fechar a janela, mas o vejo pegar algo de um tigela na mesa do jardim e colocá-lo na boca, continuando a ouvir quem está no telefone.

Paro, meus olhos se arregalam quando ele acende um cigarro. Os pelos na nuca se arrepiam e minha pulsação acelera. Fecho a veneziana, não me preocupando se ele vai me ouvir.

Que merda é essa? Não o vi fumar. Por que aquilo apareceria na minha...?

Volto a passos duros para o quarto, fecho a porta e tiro a lingerie. Vestindo uma camiseta e shorts, desligo a música, a luz, e subo na cama.

Cam e suas malditas mensagens estúpidas e subliminares e essas merdas. *Muito obrigada.*



— Oi, Corinne. Meu pai está? — pergunto ao telefone.

Escuto minha madrasta se movimentar, uma porta de tela se abrindo.

— Chip! — berra, a voz rouca por conta do cigarro ao longo dos anos. — É a Jordan!

A porta range de novo e acho que ouço um barulho de fritura na cozinha. Quase consigo sentir daqui o linóleo esfarelado sob meus pés. Estou tão feliz por sair daquele trailer, mesmo que isso signifique tirar proveito do pai de Cole.

— Precisa de dinheiro? — pergunta enquanto espero meu pai vir no

telefone. — Porque não temos nada. Seu pai deu um mal jeito nas costas e perdeu alguns trabalhos umas semanas atrás, então as coisas estão apertadas agora.

Eu pisco.

— Não, eu... — gaguejo, irritada por sua pergunta. — Não preciso de dinheiro.

E eles seriam as últimas pessoas a quem eu pediria se precisasse. Meu pai nunca tem dinheiro por mais de um dia; nem chega a receber e já sai gastando. Uma das muitas razões pelas quais minha mãe foi embora.

Mas pelo menos meu pai ficou.

— Chip?! — chama de novo, e depois esbraveja com os cachorros. — Saiam da frente, os dois.

Balanço a cabeça, a suspeita anterior de que uma mensagem teria sido melhor agora se transforma em certeza. Se o meu pai atender ao telefone, só vou desligar me sentindo péssima por ele ser tão caloroso quanto essa mulher. Graças a Deus ela não foi minha madrasta por muito tempo sob aquele telhado. Saí de lá assim que pude.

— Só queria que soubessem que eu me mudei — digo. — Caso precisem do meu novo endereço.

— Ah, sim, sim. — Eu a ouço inalar e sei que está fumando. — Você foi morar com Cole na casa do pai dele. É, nós ficamos sabendo.

— É, eu...

— Chip! — grita outra vez, me interrompendo.

Tampo os olhos, já sem paciência.

— Está tudo bem — aviso. — Foi por isso que eu liguei, então não precisa importunar o papai se ele já sabe. Converso... com vocês depois.

— Tá bom. — Ela sopra a fumaça. — Bem, se cuide, e eu ligarei

daqui a uma semana. Passe aqui pra jantar ou algo assim.

Meu corpo sacode com a risada amarga que eu reprimo. Não é engraçado. É triste mesmo. Mas ela desliga sem esperar que eu me despeça, e suspiro, jogando o telefone na cama.

Nem meu pai nem a madrasta são pessoas más, embora ninguém tenha me ligado no meu aniversário também.

Nunca me bateram, não passei fome ou fui verbalmente agredida. Só fui meio que esquecida, acho. Eles se esforçavam muito por qualquer coisa boa na vida, então era pedir demais para que a responsabilidade ou preocupação por seus filhos interferisse no pequeno prazer que conseguiam ter em suas noites de bingo e cerveja.

Depois que Cam foi embora para sua própria casa, eu não tinha ninguém para conversar. Eu era invisível naquele trailer, e nunca mais quero me sentir assim de novo.

Pego meu caderno da cama e retomo a lição da aula do curso de verão daquele dia. Com o livro aberto na minha frente clico na lapiseira para descer mais grafite.

Uma batida soa na porta do quarto, e levanto a cabeça, ficando tensa.

— Entre? — respondo, mas soa como uma pergunta. Cole não bateria. Deve ser o pai dele. Esqueci a roupa na secadora? O fogão ligado? Repasso mentalmente minha lista de afazeres.

A porta se abre e Pike aparece, mas não entra. Continua segurando a maçaneta sem sair do corredor.

— Vou pedir pizza para o jantar — avisa. — Cole vai chegar cedo?

Balanço a lapiseira na mão.

— Um dos amigos dele foi promovido na empresa de TV a cabo — explico. — Resolveram dar uma festa na fazenda do pai dele. Tenho certeza de

que vai chegar bem tarde.

Ele fica parado ali por alguns segundos, sua grande estrutura preenche toda a porta. Meus olhos continuam desviando para as tatuagens em seus braços, então resolvo olhar para baixo, fingindo prestar atenção no meu trabalho.

— Você não vai? — pressiona.

Estendo as mãos, gesticulando para o livro na minha frente.

Ele acena, entendendo.

— Bem... — Ele me olha um instante, com ar inseguro e depois continua: — Você também precisa comer, certo? Que tipo de pizza você gosta?

— Não se preocupe, está tudo bem — respondo, sacudindo a cabeça. — Eu já comi.

Seus olhos vão para o prato com um sanduíche de manteiga de amendoim comido pela metade na cama, e eu sei o que está pensando.

— Tá bom.

Ele começa a fechar a porta, mas para.

— Você sabe que não precisa ficar escondida aqui, né?

Olho para cima, endireitando a postura.

— Não estou me escondendo. — Dou uma risadinha para disfarçar, mas acho que percebeu.

— Você está fazendo suas tarefas — afirma. — Está pagando sua parte para morar aqui. Então, se quiser usar a piscina ou trazer alguma amiga ou sair do quarto, não tem problema.

Molho os lábios secos.

— Sim, eu sei.

— Tudo bem — diz, por fim. — Acho que vou comer a pizza sozinho. Vou comer resto de pizza por dias, como sempre.

Ele suspira, soando ridiculamente triste.

— Não peça uma grande então — murmuro, voltando a olhar no meu caderno.

Mas sua risada baixa antes de fechar a porta me diz que ele ouviu meu comentário engraçadinho.

Tenho certeza de que já pediu muitas pizzas ao longo de todos os anos que morou aqui sozinho. Ele só está tentando ser legal e fazer com que eu me sinta à vontade. O que é muito bacana da parte dele, e eu agradeço, mas ainda não me faz sentir menos aproveitadora. Não posso permitir que ele pague pizza para mim, também.

E penso em como eu me sentia sozinha conforme crescia no trailer do meu pai e até mesmo como me sentia sozinha com Cole às vezes. Talvez Pike Lawson esteja cansado de ficar sozinho e comer sozinho e assistir TV sozinho, e sou uma hóspede em sua casa e, quem sabe, ele não gostaria de conhecer as pessoas que vivem sob o seu teto, não é? É compreensível.

E talvez eu esteja cansada de ficar sozinha também, e ainda esteja com fome e a pizza parece uma ótima ideia, na verdade.

Solto um suspiro e empurro meu caderno do colo antes de me levantar. Correndo até a porta, eu a abro e olho para fora.

— Joe’s Pizza? — pergunto, vendo-o segundos antes de ele descer as escadas.

Ele para e vira a cabeça para me olhar.

— Óbvio.

É a melhor pizza da cidade, por isso nem tem o que pensar. Saio do quarto e fecho a porta.

— Vamos rachar?

CAPÍTULO 5

PIKE

De jeito nenhum que ela ia pagar pela metade da pizza, pelo amor de Deus. Quem convidou fui eu, não? E estão aqui para economizar dinheiro, não é? Eu passo por ela, ignorando o dinheiro em sua mão conforme carrego a pizza até a ilha central da cozinha.

Ela suspira, soltando um pequeno grunhido. Dou risada.

— Olha, eu pedi a pizza, tá legal? Só não deixa cair sua alface na minha metade.

— Haha. — Ela caminha até a geladeira e pega dois refrigerantes.

Sou um homem de gosto simples, pizza de calabresa mesmo já está bom, e Calzone também encaro, menos aquela alface morna picada que vem junto. Ela pode comer tudo sozinha.

Dividimos as fatias em dois pratos, mas antes de irmos para a sala, ela despeja um pouco de verde no meu prato com um pegador de salada.

— Uh, obrigado.

— Se você comer os vegetais primeiro — ressalta —, terá menos espaço para a pizza. Um pequeno truque que peguei no Pinterest.

Pinter-o quê?

— No final, vai comer menos pizza — ela continua —, consumir menos calorias, e se sentirá melhor depois da sua refeição.

É, acho que sim. Se eu me preocupasse em consumir menos calorias, acho.

Está bem. Que se dane. Tanto faz. Vou até a geladeira e pego o molho de salada pronto.

— Não — diz depressa, me parando. — Já está temperado. Vinagrete de framboesa.

Eu me endireito e a olho diretamente nos olhos.

Ela apenas sorri e se afasta.

Pego dois garfos, passo um para ela e levo meu prato e refrigerante para a sala, com ela me seguindo.

Depois de sentado, pego o garfo e solto um suspiro antes de enfrentar a salada. Eu me lembro da minha mãe falando sobre vegetais quando era pequeno. O sabor deles fica melhor se comê-los quando estiver com fome. Vou acabar logo com isso e os comerei primeiro, como Jordan sugeriu então.

Enfio uma garfada na boca, o gosto amargo das folhas disfarçado só um pouco pelo molho doce.

— Bom, né? — pergunta.

— Não. — Faço que não com a cabeça. — Você está me matando.

Ela ri.

— Bem, obrigada por tentar. Pode parar se quiser.

Mas persisto mesmo assim. Não é como se eu não pudesse aproveitar um pouco de verde, certo?

E não é que eu odeie legumes. Gosto de milho na espiga e gosto de... batatas e outras coisas. Eles são tecnicamente vegetais, não são?

— O que está assistindo? — pergunta.

Olho para a TV e vejo que o volume está bem baixo. Alcanço o controle remoto e aumento.

— “Clube da luta” — respondo.

— Oh, ei. Nasci no ano em que ele foi gravado.

Arqueio uma sobrancelha, porém, mantenho a boca fechada.

Mas faço as contas na cabeça, lembrando que eu vi esse filme no último ano do ensino médio. Então, é, parece que é isso mesmo.

Merda, estou ficando velho. Pensar em tudo o que se passou na minha vida quando ela não estava por perto ou com idade suficiente para se lembrar. Olho para ela, observando sua pele jovem e olhos esperançosos.

Ela tinha acabado de se formar no ensino médio, há um ano.

Nós comemos em silêncio pelas próximas duas horas, concentrados em um dos meus filmes favoritos. Não faço ideia se ela já assistiu, mas depois de um tempo, seu prato ainda tem metade da pizza e está esquecido na mesa de centro, e se acomodou na outra extremidade do sofá, abraçando as pernas e assistindo atentamente.

— Eles fazem o cigarro parecer tão saboroso — diz por fim, vendo a personagem Marla Singer na tela.

— Saboroso?

Ela limpa a garganta e se endireita.

— Então, é o mesmo com Bruce Willis — explica. — Seria capaz de vê-lo fumar por dias. É como se ele estivesse comendo. Comendo um belo e suculento...

— Bife — concluo por ela, entendendo.

— Exatamente. — Ela me dá um sorriso gentil. — Eles são totalmente autênticos. Faz parte do figurino.

— Bem — eu suspiro, recolhendo nossos pratos e me levantando —,

não comece a fumar.

— Você fuma.

Eu paro, olhando para ela. Só fumei uma vez desde que se mudaram e nunca dentro de casa. Acho que Cole nem sabe que eu fumo.

Ela explica, provavelmente vendo a confusão no meu rosto.

— Vi a ponta do charuto no cinzeiro lá fora — diz ela.

Ah. Pego os pratos na mesa de centro e sigo para a cozinha.

— Em raras ocasiões, sim. Gosto do cheiro.

— Por quê? — Ela se levanta, pegando as latas de refrigerante vazias e os guardanapos, vindo atrás de mim.

— Eu gosto. — Limpo os pratos e os coloco na lava-louças. — Meu avô fumava, então...

Pareceu natural começar a contar as coisas, mas de repente eu me senti um idiota.

— Então...? — insiste.

Mas apenas balanço a cabeça, fecho a porta da máquina e a ligo.

— É que eu gosto do cheiro, só isso — concluo bruscamente.

Não sei por que estou tendo problemas em conversar com ela. Não existia qualquer mistério aqui. Meu avô era incrível, e eu tive uma infância maravilhosa, mas quanto mais crescia, mais longe me sentia daquele sentimento de quando tinha oito anos. A sensação de estar no lugar que eu amava e me sentir daquela forma.

Felicidade.

Eu fumo charutos de vez em quando para me levar de volta ao passado.

Não me sinto confortável em dividir esse tipo de informação com qualquer um, no entanto.

Mas é engraçado ver como cheguei perto de fazer exatamente isso com ela um minuto atrás.

Posso sentir seus olhos em mim, e constrangimento rasteja sob a minha pele.

— Quer uma cerveja? — pergunto, abrindo a geladeira e pegando duas. Faço qualquer coisa para mudar de assunto.

— Hum... claro.

Abro as tampas e entrego uma para ela, finalmente encontrando seus olhos. Olhos bastante jovens, muito azuis e de incríveis dezenove anos. Merda. Esqueci de novo que ela é menor de idade.

Que seja. Tomo um gole e saio da cozinha. Ela trabalha em um bar, não é? Tenho certeza de que alguns clientes já pagaram por uma dose para ela antes.

Sento a bunda de volta no sofá, estendendo o braço no encosto e tomando outro gole. O filme ainda tem alguns minutos e ela senta do outro lado para terminar de assistir, mas não consigo me concentrar mais.

E acredito que ela também não esteja assistindo.

Algo mudou. A conversa era fácil e depois pesou. E a culpa é minha. Sou frio. Em algum ponto depois de Lindsay e do caos, não consegui me abrir mais. Também me acostumei a ficar sozinho.

Franzo o cenho. Não quero que ela me evite porque sou incapaz de manter a porra de uma conversa. Ela é namorada de Cole e não quero mais paredes entre mim e ele. Ela poderia ajudar nessa situação.

— Pretende ficar na cidade depois que acabar a faculdade? — pergunto.

Ela olha para mim e dá de ombros.

— Não sei. Ainda faltam alguns anos — responde. — Eu realmente

não me importo em ficar aqui, desde que eu seja capaz de bancar algumas férias de vez em quando. — Ela dá uma risadinha. — Eu só não quero ter um emprego sem futuro para sempre, sabe? Se eu puder encontrar algo na área, então pode ser bom ficar um tempo por perto por causa da minha irmã e meu sobrinho.

Tem muitas construções em andamento por aqui, nos bairros mais afastados e nas cidades vizinhas. É por isso que achei fácil ficar todos esses anos. Se ela está interessada em paisagismo, é muito possível que tenha boas oportunidades se permanecer na região.

— Você já viajou? — pergunto, olhando para ela.

Mas então paro, de repente, esquecendo o que estava dizendo. Meus olhos descem em sua bunda, o corpo agora contorcido se inclinando sobre o braço do sofá para colocar a cerveja no chão. O shortinho abraça cada curva, os joelhos se estendem um pouco e, por um segundo, sou atraído pelo vão entre suas coxas.

Calor me inunda na virilha e meu pênis lateja.

Merda. Afasto o olhar.

Eu me esforço para respirar e meu pescoço começa a suar. Que porra é essa?

Ela pode não parecer nova, mas é. Ela é uma menina. Que merda estou fazendo?

Ela se acomoda de novo, e eu levanto minha garrafa, tomando outro gole para encobrir meu nervosismo.

— Na verdade, não — responde.

O que foi que eu perguntei mesmo? Ah, sim. Viagem.

— Fui a Nova Orleans com a minha irmã quando tinha quinze anos e ganhei uma bolsa de estudos para um acampamento de verão na Virgínia quando tinha doze — conta. — É basicamente isso.

— Visitou Nova Orleans com quinze anos? — brinco. Deve ter sido interessante.

Um sorriso pensativo cruza seu rosto, mas logo desaparece.

— É onde minha mãe mora — diz.

Ah, é mesmo. Seu pai é Chip Hadley. Não presto muita atenção nas fofocas, mas sei que ele já foi casado algumas vezes.

Jordan limpa a garganta, sentando-se direito.

— Ela foi embora quando eu tinha quatro anos.

Quatro? Que tipo de pessoa a deixaria assim?

Ela permanece em silêncio, parecendo pensativa, e sinto uma vontade louca de tê-la em meus braços.

Agora mesmo.

— Quando minha irmã se formou no ensino médio, nós a localizamos — explica —, e fomos de carro naquele verão para visitá-la.

— Como foi?

Ela dá de ombros.

— Bem, acho. Ela trabalhava como garçonete, tinha um pequeno apartamento e tocava com a sua vida. Ficou feliz em ver a gente. Agora que estamos grandes e não precisamos mais de cuidados, presumo — acrescenta.

Ela finalmente olha para mim, dando um sorriso triste.

— Perguntou por que ela foi embora? — digo.

Mas ela só nega com a cabeça.

— Não, antes eu queria saber, mas quando a conheci, já não me importava mais. — Ela pausa e depois acrescenta: — Não gostei dela.

Eu a observo, permanecendo calado. Será que Cole pensa assim de mim?

— E você, já foi casado? — Sua voz é suave e dá para perceber que

ela está tentando mudar de assunto.

Eu me sento direito, respirando fundo e revirando os olhos para mim mesmo.

— A mãe de Cole e eu não ficamos muito tempo juntos depois que ele nasceu — digo. — E não sei... acabei envolvido tentando construir um sustento; um futuro. Eu me acostumei a ficar sozinho.

Esfrego a mão no cabelo, e por fim, apoio a cabeça na mão, olhando para ela. Porém ela parece cética, me analisando com certa cautela nos olhos. Como se não acreditasse que ainda sou solteiro por essa razão.

— Eu tive oportunidade de me casar — comento, assegurando-a. — Mas acho que mesmo no colégio, eu nunca quis ser só mais um e fazer o que era esperado, sabe? Se formar, arrumar um emprego, casar, ter filhos... morrer.

Solto uma risada, porém, surpreendentemente, as palavras estão saindo com mais facilidade agora.

— Meu avô, aquele que também fumava charuto — esclareço —, faleceu quando eu tinha nove anos, e ainda me lembro de uma festa que meus pais deram quando meu pai terminou a faculdade. Ele tinha trinta e poucos anos, o primeiro da família a conseguir um diploma universitário, e foi um grande feito.

Ela relaxa no sofá, segurando a garrafa com as mãos enquanto me ouve.

— Acho que eu tinha seis anos na época — digo. — Meus avós estavam lá, e todos conversavam e riam, mas o que mais me lembro é do meu avô, em seus sessenta anos, um metro e noventa e três de altura, cento e três quilos sacudindo as fundações da casa, porque estava dançando ao som de “Jump” de Pointer Sisters.

Ela abre um sorriso. É, pensa na cena.

— Minha avó observava da mesa, rindo com todo mundo com aquele olhar de alegria. — Engulo, lembrando-me do enorme sorriso no rosto dela. — Todo mundo estava tão feliz, e mesmo na idade deles, continuaram crescendo, se divertindo, sendo bobos... — Eu paro. — Não sei. Gostava daquilo, acho.

— Você *quer* isso — diz Jordan com a voz baixa.

Penso nos meus avós, fazendo um ao outro sorrir o tempo todo, e em todas as mulheres com quem estive, e como jamais senti isso. Nem mesmo com Lindsay. Eu era incapaz, provavelmente.

— É que não parecia forçado, sabe? — continuo, voltando-me para ela. — Eles estabeleceram um padrão alto. É difícil encontrar uma pessoa que fale sua língua.

Ela olha para o chão, parecendo perdida em seus pensamentos.

Continuo a falar, mudando de assunto:

— E você? — sondo. — Alguma ideia de como quer que a sua vida seja algum dia? Seu casamento, a cerimônia, o grande dia, o vestido perfeito...?

Ela apenas suspira e toma um gole da cerveja.

— Na verdade eu não ligo para a cerimônia — responde, olhando para a televisão. — Eu só quero a vida.

A vida.

Aquelas palavras me atingem com força e não sei o porquê.

Talvez porque ainda esteja esperando pela mesma coisa.



Mais de uma semana depois, e a casa entrou em uma rotina, graças à nossa noite de pizza e cinema.

Jordan geralmente já está acordada quando desço de manhã, e noto as

mesas e bancadas mais brilhantes que na noite anterior. O chão parece limpo, a geladeira está magicamente livre da comida estragada e sobras de três dias, e os utensílios domésticos polidos.

Tudo cheira bem também, às vezes é porque ela fez *muffins* ou panquecas, e outras por causa das velas perfumadas que já não me importo mais que acenda pela casa. Ela usa uma cafeteira francesa de pressão para fazer café e eu parei de usar a minha, para acompanhá-la.

Qualquer coisa que Cole deixava largado na sala de estar, como sapatos ou latas de refrigerante na noite anterior, sumia do nada, e não consigo me lembrar da última vez que tive que esvaziar a máquina de lavar louça.

E não acredito, por um segundo, que seja graças ao meu filho. Ele se tornou muito preguiçoso, parece, e eu não tinha percebido como ele havia mudado.

Quanto mais velho ficava, menos tempo queria passar comigo, e vejo indícios de como sua mãe era comigo no jeito como ele trata Jordan agora. Ele é negligente, e eu me vejo rangendo os dentes para manter a boca fechada e minhas opiniões para mim.

Eu amo meu filho, mas está difícil entender por que ele a merece.

Ele quase nunca fica em casa, exceto para dormir, e quando está, Jordan está no trabalho até duas da manhã. Fiquei com receio de entrar e os pegar fazendo sexo no sofá ou algo do tipo quando me ofereci para deixá-los morar aqui, mas graças a Deus, os horários deles não combinam muito, então quase nunca estão ao mesmo tempo em casa. E se estão, eu estou no trabalho, e não preciso ouvir ou ver nada.

Ainda assim, ela fica muito sozinha. Até nas noites de folga dela, ele sai, e eu gostaria de saber por que diabos ela aguenta isso. Ela parece competente e determinada. Uma garota autossuficiente. O que os aproximou? A impressão é

de que ela não tem ninguém além de Cole e aquela irmã, na realidade. Nenhuma amiga ou outro parente apareceu aqui para vê-la pelo que pude perceber.

De qualquer forma, porém, estou gostando de tê-la por perto, mesmo querendo muito que Cole esteja mais em casa. Começo a sorrir assim que atravesso a porta todas as tardes, ouvindo a música dos anos 80 tocando pela casa e que, de alguma forma, faz com que aqui se pareça ainda mais com o verão. É bom voltar para uma casa que não esteja vazia, e eu até me vejo saindo do trabalho no horário todos os dias, porque realmente gosto de ficar em casa agora.

Ela e eu conversamos mais nos últimos dias, perguntando como estava no trabalho ou como estava indo na faculdade, e a garota tem uma habilidade incomum para me fazer conversar. Ela gosta de estar no controle, e é boa com as provocações ou fazer piadas para me deixar à vontade.

Posso muito bem ficar sem sua lasanha de berinjela, com certeza, mas se ela não estivesse aqui, Cole estaria me evitando ainda mais do que já está, e eu não estaria com a boca tão fechada quanto estou em relação a ele. Estou feliz por ela estar aqui.

Segurando o saco de roupa por cima do ombro, desço as escadas, dou a volta no corrimão e entro na lavanderia.

Tiro minhas roupas da secadora e as que estão prontas na máquina de lavar, coloco a nova leva de roupa suja para lavar e as lavadas para secar, ligando as duas máquinas. Vejo sujeira na frente da minha camiseta do trabalho que fiz na garagem esta manhã e a retiro, soltando-a na água antes de fechar a tampa.

Enfiando o saco em cima das roupas secas, pego a cesta e volto para o andar de cima. No meu quarto, despejo as roupas na cama e vasculho a pilha, à procura de outra camiseta.

Mas paro, roçando os dedos em um pedacinho de tecido vermelho que

não reconheço. Está enrolado no meu jeans e não preciso pensar muito para saber o que é.

Eu me endireito, a postura rígida.

Merda.

Enganchando o dedo através da tirinha fina, olho a calcinha fio dental vermelha transparente pendurada.

— Mas que merda é essa? — digo baixinho, olhando nas roupas limpas para verificar se são minhas.

Como isso foi parar nas minhas coisas?

— Jord... — grito, mas paro, percebendo como vai parecer estranho se eu estiver com a calcinha dela. Vou parecer um esquisitão ao ser pego com isso. *Jesus*.

Solto a peça como se fosse uma panela escaldante.

Ela cai na cama e eu esfrego a nuca, sentindo o ligeiro suor na pele. Minha mente vagueia.

Já faz um bom tempo desde que a calcinha de qualquer mulher esteve na minha cama. Ou embaixo dos lençóis.

E com toda a certeza, também não era um fio-dental. Uma imagem da inocente namorada do meu filho usando aquilo aparece na minha cabeça, e arregalo os olhos, dando um passo atrás.

— Porra. Eu vou para o inferno.

Recolho toda a roupa de novo, enfiando a peça no meio das roupas para escondê-la, assim posso descer com a cesta de volta. Vou jogar a calcinha em cima da secadora ou algo assim para que ela a encontre.

Porém ao pegar a cesta, escuto o ruído suave do cortador de grama ligar lá fora e a solto na cama para ir até a janela.

Jordan está no quintal, marchando para cima e para baixo no gramado

e empurrando meu cortador de grama. O que ela es...

Travo o maxilar, ficando irritado. Eu disse a Cole para cortar a porcaria da grama. Ajudar com o quintal é responsabilidade dele.

Fico a observando sacudir a cabeça, e é quando percebo o zumbido agudo das guitarras e as batidas de uma bateria. Ela deve estar ouvindo música.

Dou um sorrisinho. Que banda horrível de heavy metal dos anos 80 ela está ouvindo hoje?

Sua camiseta cinza tem uma mancha escura no meio das costas por causa do suor e, mesmo daqui, posso ver que alguns fios escaparam do seu rabo de cavalo, grudando no pescoço. O shortinho branco mostra os músculos das coxas e panturrilhas, flexionando assim que empurra a máquina. Sua pele brilha com o suor, e eu foco na parte baixa de suas costas, vendo a pele úmida brilhar à luz do sol.

Sinto um calor se acumular no abdome, e meu sorriso some ao observá-la.

Estou paralisado. Não quero desviar o olhar.

Até que por fim, pisco, olhando para longe e engolindo em seco.

Ela não tem um trabalho ou algo para fazer das suas aulas de verão? Ela mencionou isso há alguns dias. Cole pode cortar a maldita grama.

Levantando a janela, eu enfio a cabeça para fora e abro a boca para chamá-la, mas de repente, ela solta o puxador, balança a cabeça para trás e para frente, e toca uma guitarra imaginária.

Paro e a observo, franzindo a testa, mas quase soltando uma gargalhada também.

— “Poor some sugar on me”! — grita o alto-falante ligado pelo *bluetooth*. — “Ooooh, in the name of love”!

Ela dubla, inclinando-se para trás e, depois faz outros movimentos,

dançando e se deixando levar pela música.

Segurando o suporte do cortador de novo, ela o usa como apoio, jogando a cabeça de um lado para o outro, sacudindo o cabelo e rebolando os quadris. O rabo de cavalo se desfaz, fazendo seus cachos sacudirem no ar, os belos fios caindo sobre o rosto deixando-a lindíssima. Meus pulmões doem pela falta de ar enquanto o desejo me rasga por dentro, vendo-a se mover. Deus, se ela é sua, como você não a toca vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana?

Porém acabo com esse pensamento rapidamente e começo a me afastar da janela, mas vejo Kyle Cramer de relance do outro lado, parado na varanda do seu quarto.

Ele está de olho em Jordan, vendo-a dançar.

Meus dedos se apertam ao redor do batente da janela.

Babaca. Seus filhos provavelmente estão em casa, e ele está parecendo a porra de um pervertido.

Tento não pensar em como estou fazendo a mesma coisa, mas sinto uma necessidade protetora de arrumar uma maldita arma ou algo assim. *Essa não vai trabalhar de babá pra você, idiota.*

O cortador de grama para de funcionar do nada, e volto minha atenção em Jordan bem a tempo de vê-la caminhar até a beira da piscina, molhada de suor e com a respiração ofegante. Ela tira o cabelo do rosto, inspira profundamente, e então dá um passo, caindo no fundo da piscina e afundando sob a superfície, de roupa e tudo.

Eu paro de respirar.

Está quente. Está na faixa dos 32ºC, e ela precisa se refrescar. Só que eu olho para Kyle quando ele levanta o queixo, tentando ver melhor. Jordan subiu para a superfície da água, boiando relaxada, a camiseta moldada a seu

corpo como uma segunda pele. Pequenos pontos duros projetam-se para o céu por baixo da blusa, e vejo um sorriso surgir na porra de seus lábios.

— Mas que inferno, cacete — murmuro bravo. Saindo da janela, eu a fecho com força.

Saindo do quarto, eu corro pelo corredor e desço as escadas depressa. Atravesso a cozinha, a lavanderia e saio pela porta dos fundos. Jordan está nadando até a borda da piscina, e começa a sair.

Levanto os olhos e pego Kyle ainda observando enquanto ela sai da piscina, as roupas coladas no corpo e a água escorrendo por cada centímetro de pele exposta.

Seus olhos viram para mim e lhe mostro o dedo do meio. Ele só ri e balança a cabeça, entrando na merda de sua casa.

Jordan segura o cabelo, trazendo-o por cima do ombro e o torce. Meu olhar desce para as suas pernas, a água escorrendo pelas coxas tonificadas e o short grudado na bunda.

Eu endureço a postura, colocando uma expressão séria no rosto.

— Jordan — chamo.

Ela se vira, e me vê, hesitando só um segundo antes de caminhar até mim. Ela deve ter alguma noção de que não está muito decente agora, porque cruza os braços, cobrindo-se.

— Pensei ter dito a Cole para cortar a grama. — Tento esconder o rosnado se formando no meu peito.

Ela concorda com a cabeça e pega a água gelada da mesa do jardim.

— Contanto que seja feito, né? — E então me olha, e pergunta curiosa: — Estou fazendo um trabalho ruim?

— Claro que n-não — respondo rapidamente, odiando a facilidade com que ela é capaz de me fazer sentir feito um idiota ingrato. — Parece que

está indo bem, mas você já está fazendo muito. Mais do que o suficiente. Quem cuida do trabalho no quintal é ele, que pode muito bem arranjar tempo.

— Não tem problema. — Ela me ignora e coloca a água na mesa, voltando para o cortador de grama. — Preciso tomar sol e fazer exercício mesmo.

— Eu termino. — Eu a paro, caminhando na direção ao cortador.

Mas ela me segura pelo braço.

— Pode deixar — afirma, raiva ganhando força em seus olhos. — Estou falando sério. Nós não estamos aqui de graça. Dou conta de algumas tarefas.

— Mas vestida assim, não.

Ela franze a testa.

— Como é que é?

Eu me aproximo, abaixando a voz ao responder:

— Meu vizinho ficou grudado na varanda dele assistindo todos os seus movimentos aqui fora — digo rispidamente. — Só Deus sabe o que ele deve estar pensando.

— Isso não é problema meu — rebate. — Eu estava com muito calor. Pulei na piscina. Estou vestida.

— Sim, feito uma segunda pele — termino por ela, quase rosnando. — Você não pode fazer essas merdas por aqui. É um bairro de família. Não o clube de *strip-tease* da sua irmã.

— Estou no quintal! — esbraveja, o rosto tenso. — Quem liga para o jeito como eu me visto?

— As esposas deles!

Brava, ela arqueia uma sobrancelha e seu peito sobe e desce respirando pesado.

Eu olho para ela, acalmando a voz.

— As esposas deste bairro não gostam de provocadoras de pau que se exibem e atiçam seus maridos, tá legal? — declaro com todas as letras para que ela possa entender de uma vez.

Só que ela solta uma gargalhada sarcástica como se não acreditasse que estou falando sério.

— Uh... tá, uau. — Ela balança a cabeça e respira fundo, levantando o queixo e me encarando. — Hum, tá bom, olha só... Eu sei que as coisas provavelmente eram um pouco diferentes quando você era adolescente, OITENTA E NOVE ANOS ATRÁS! — retruca.

— Há vinte anos, obrigado.

— Mas hoje em dia — continua —, nós não consideramos uma mulher responsável pelo comportamento de um homem. — Seus olhos penetrantes e a boca um pouco torta de raiva. — Se ele quiser me olhar, não posso impedi-lo. Se ele quiser ir para algum lugar privado e bater umazinha, oras, jamais vou saber. Não é problema meu!

Cerro os punhos. *Mas que peste.*

Não consigo recuperar o fôlego, só que não quebramos o contato visual.

Ela está certa.

Eu sei disso. Ela não está fazendo nada de errado. Eu só...

Não gosto dele olhando.

Para ela.

Depois de alguns segundos, eu me recomponho e me endireito, sentindo satisfação por ser uns quinze centímetros mais alto.

— Cole corta a grama. Ou eu — digo, saindo em busca do cortador. — Entendeu?

Não espero por uma resposta, e me afasto.

Mas escuto sua voz meiga atrás de mim:

— Sim, papai.

Fecho e abro os olhos, minha mão formigando com vontade de dar umas palmadas em alguém pela primeira vez na vida.

CAPÍTULO 6

JORDAN

Não converso com Pike desde a discussão de ontem. Eu me recuso a chamar aquilo de briga. Nós mal nos conhecemos. Como a gente pôde discutir?

Eu também não conversei com Cole desde ontem, mas por alguma razão, isso não está me incomodando. É como nós funcionamos. Ele saiu, foi ajudar um amigo com o carro dele, e quando voltou para casa, eu estava no bar. Dormi até mais tarde hoje, mas foi mais para evitar Pike, e só acordei quando Cole me deu um beijo de despedida no rosto antes de ir para o trabalho, depois voltei a dormir.

Passei a manhã inteira nervosa. Por que Pike ficou tão bravo? Pensei que estávamos nos dando bem. Não fiz nada de errado. Na verdade, estava aparando a porra da grama, e, de repente, ele estava acabando comigo como se eu estivesse tomando sol de topless no gramado da frente, com crianças de seis anos andando de bicicleta pela rua.

Ele é tão instável. Muito diferente de seu filho que nunca leva nada a sério.

Eu saio do carro de Cole, que pegou carona com um dos amigos esta manhã para que eu pudesse ir à biblioteca. Pego a marmita de Pike que ele

esqueceu em casa e dou uma olhada no canteiro de obras. Está mais movimentado que da última vez que estive aqui.

Os trabalhadores se movem, usando capacetes de segurança e cintos de couro marrom para ferramentas pendurados nos quadris, enquanto a poeira sobe dos caminhões entrando e saindo da área. Os martelos batem no aço e os homens de botas sujas e calça jeans surradas se empoleiram nas vigas, fazendo o que quer que seja para transformar materiais em um edifício. Muitos não têm a chance de ver a obra em andamento. Gostaria de saber por que Cole não trabalha para o pai. Aqui deve pagar bem. Conheço alguns desses homens, afinal. Eles sustentam suas famílias com este emprego.

Meu olhar vagueia, procurando alguém disponível para deixar a marmita, mas estou meio em estado de alerta, procurando também as tatuagens de Pike. Não quero vê-lo, é claro que não. Meu plano, quando vi que ele havia deixado o almoço em casa naquela manhã, era fazer uma boa ação, trazer a marmita e deixar a decisão com ele para superarmos a discussão, ao me ver aqui e dizer “obrigado”. Quero deixar qualquer estranheza entre nós para trás.

Pisando na sujeira e nos destroços pelo chão, vou até a estrutura e vejo seu amigo, Dutch, curvando-se para pegar algo do lado de dentro. Ele me nota e se levanta.

— Oi, Dutch. — Eu sorrio. — Pike está por aí?

Seus olhos veem a marmita térmica na minha mão.

— É o almoço dele?

— Ele esqueceu na mesa da cozinha. — Levanto a marmita. — Pensei em trazer para ele quando saí para resolver algumas coisas.

— Que gentileza. — Mas ele não a pega. Em vez disso, joga uma ferramenta em uma caixa e gesticula para mim. — Vem, vou te levar lá em cima.

— Ah, não. Não precisa — digo. — Não quero incomodá-lo. Vou

deixar com você.

— Se deixar isso comigo, eu vou comer. Ou acabarei a perdendo por aí. — Ele ri e me guia por uma escada.

Meus ombros cedem. *Que ótimo.*

Subimos para o terceiro andar, pegando o que presumo ser a escada de emergência quando os elevadores estiverem instalados, e chegamos a um patamar só com a estrutura das paredes, mostrando como os escritórios e áreas abertas de trabalho serão divididos quando terminarem.

Pike está sozinho aqui, ao fundo do lado esquerdo e pairando sobre uma prancheta.

Ele percebe nossa aproximação e ergue os olhos da prancheta, virando a cabeça.

Seus olhos se estreitam em mim e eu pisco várias vezes, me sentindo uma idiota.

Ele está vestindo uma camiseta azul-marinho, e a cor da sua pele faz minhas bochechas esquentarem. Adoro o jeito que seus braços bronzeados e as curvas dos bíceps se destacam com ela.

— O que está fazendo aqui? — pergunta.

Ele não parece aborrecido como eu temia, no entanto. Apenas intrigado.

Eu levanto a marmita.

— Você esqueceu seu almoço na mesa.

A expressão dele relaxa e a tensão em seu corpo diminui.

— Ah, obrigado. — Ele se aproxima e eu a entrego para ele. — Mas não tinha problema — ele me diz. — Eu podia ter comprado alguma coisa no *food truck*. Não precisava se dar ao trabalho.

Food truck?

— Bem, eu não podia deixar você comer porcaria de um carrinho de lanche — comento.

E para meu alívio, ele dá um pequeno sorriso.

— É basicamente a mesma coisa que tem aqui. — Aponta para a marmita, colocando-a em uma mesa de trabalho.

Mas estou um passo à frente dele.

— Bem, coloquei rolinho de pepino com peito de peru e queijo, também, caso queira algo diferente.

A cara dele desanima.

— Não se preocupe — brinco. — Seu almoço ainda está aí. É que eu fiz muito e precisava de ajuda para comer tudo.

O leve medo em seus olhos desaparece e ele respira.

— Você não vai sossegar enquanto eu não comer vegetais, né?

Eu tento não rir.

— Vou te convencer aos poucos.

Ele revira os olhos e eu respiro fundo, finalmente. Acho que resolvemos nossa pequena desavença.

Fico parada ali, sentindo os olhos dele em mim, o som de martelos batendo e a brisa soprando através da estrutura lentamente desaparecendo ao fundo.

Então percebo que Dutch ainda está aqui.

Nós dois olhamos para ele, seu olhar indo de um para outro.

— Eu vou... — Ele engole e limpa a garganta. — Fazer alguma coisa — diz e se afasta, deixando-nos sozinhos.

Volto meu olhar para Pike, e acho que também deveria ir e deixá-lo sozinho, mas, em vez disso, deslizo as mãos nos bolsos e olho em volta.

— A serragem tem um cheiro bom — comento.

Alegria cruza em seus olhos e ele acena com a cabeça, olhando ao redor.

— Sim. É como um lar para mim.

Quando nossos olhares se reencontram, sinto um calor por dentro e esqueço de respirar por um segundo. Olho depressa para longe.

— Peço desculpas por discutir com você ontem — diz. — Você não fez nada de errado. Cramer estava te olhando de forma maliciosa e achei repugnante. Eu fiquei irritado. — Depois esclarece: — Irritado com ele, quero dizer. Desculpa por ter descontado em você.

— Trabalho em um bar — ressalto. — Estou acostumada com um pouco de olhares maliciosos. Sei me cuidar.

É verdade, sei me defender e lutar pela minha honra sozinha. E Cole também pode me defender. Se realmente for preciso. Pike não tem que se sentir responsável por mim. Não sou dele para ter que tomar conta de mim.

— Bem, vou indo — digo e começo a me afastar.

Mas ele me para.

— Quer ver? — oferece. — Dar uma volta para conhecer?

Vi bastante coisa do lugar, já que estive aqui na semana passada para ajudar com os sacos de areia, mas aceno mesmo assim.

— Sim, claro.

Ele me conduz para os fundos do edifício, e fico pensando se eu não deveria estar usando um capacete de segurança, mas como ele não está usando um, então fico calada.

— Será a parte administrativa daquele casino no barco que está chegando à área — explica. — Haverá um pavilhão no cais com restaurantes e espaço para eventos, mas irão gerenciar tudo daqui. Contratação, financeiro, publicidade...

Ele sorri para mim e eu desvio o olhar de novo.

— Parece um “esqueleto” — comento. — Quando subirão as paredes?

— Assim que os encanadores e eletricistas acabarem de colocar tudo — responde. — Eu instalo o isolamento e então começamos a levantar as paredes. Você verá salas em vez de “ossos”.

Entramos em um grande espaço na parte de trás do prédio e, ao contrário dos outros cômodos, há uma parede inteira sem vigas. Como se fosse para ser só uma grande janela. Entro no pequeno espaço adjacente e olho por cima da viga.

— O que é esse espaço?

Ele olha para mim.

— É um banheiro privado para este escritório.

Deve ser legal. Caminho com ele pelo lugar e vou até a beirada, olhando para a terra verde e não urbanizada ao longe.

— Bela vista. — Sorrio e jogo o cabelo sobre o ombro, circulando no meu falso escritório fingindo ser a dona do lugar. — Christopher, você poderia, por favor, fazer uma ligação para o Japão? Precisamos discutir a linha de produção na Malásia — brinco.

Ele ri.

— Você tem um secretário homem?

— Um homem pode ser qualquer coisa — retruco. — Não deixe que seu gênero te segure.

Ele balança a cabeça para mim, a diversão fazendo seus lábios se contraírem.

Nós voltamos a ficar à vontade um com o outro como na outra noite quando assistimos TV e comemos pizza, e eu o sigo pelo edifício, ouvindo-o explicar o tempo que leva para erguer um prédio do zero. Meses, até mesmo um

ano. Ele começou a trabalhar com isso antes de Cole nascer e, eventualmente, construiu sua própria empresa, capaz de fazer as próprias regras e ter mais controle sobre os tipos de projetos que assume. Tem que ter muita responsabilidade, no entanto, saber que está no comando de duas dezenas de trabalhadores e dos pagamentos que sustentam suas famílias.

E ainda... ajudar no crescimento da nossa cidade, trazendo negócios e gerando empregos.

— Você deve estar tão orgulhoso de construir coisas que pode ver todos os dias — digo quando estamos de volta ao primeiro andar. — Lugares onde as pessoas passarão suas vidas e ganharão seus sustentos.

— Na verdade, nunca pensei nisso dessa forma. — Ele para e se vira para os fundos do prédio, olhando para os acres descampados ao longe. — Acho que também é o meu ganha-pão.

Eu olho para fora e percebo um espaço aberto ao final. É grande e já posso visualizar um lugar por ali para colocar uma fonte de mármore.

— Vai ser um jardim nos fundos? — pergunto, notando que não tem telhado. — É uma boa ideia. Você também mexe com isso?

— Ah, não — responde. — Uma empresa de paisagismo virá quando o prédio estiver quase pronto e vai plantar da grama às mudas de árvores, além da decoração.

Bem a minha área. Amo o antes e depois, ver a transformação do espaço aberto.

— Eu te aviso quando eles começarem — oferece como se estivesse lendo a minha mente. — Pode aparecer de vez em quando para ver o andamento das coisas.

Sorrio.

— Obrigada.

Eu realmente gosto disso. Além de meus professores, ninguém mais que eu conheço gosta muito de coisas assim. Nossos olhares se encontram e percebo que é algo que tenho sentido falta. Não tenho muito em comum com as outras pessoas da minha vida, não é mesmo?

Ficamos nos encarando, mas por poucos instantes. Um trabalhador passa carregando madeira por cima do ombro e, de repente, Pike se endireita, interrompendo o contato comigo e assentindo um “oi” para ele.

— Bem, acho melhor eu — Aponto o polegar por cima do ombro — ir embora.

— Sim — responde. — Eu também preciso voltar ao trabalho.

Eu me afasto.

— Te vejo em casa. O jantar estará pronto às cinco.

Ele só acena com a cabeça e sai.

Casa. Não na *sua* casa? Afinal de contas, não é a minha casa.

Volto para o carro e entro, me sentindo mais perdida do que quando cheguei aqui. Jantar às cinco? Cole não chega antes das seis. Do nada eu esqueci que ele existe?



Enrolo a toalha em volta do corpo e recolho as roupas sujas, o banheiro ainda nublado de vapor. Abrindo a porta, dou uma espiada no corredor para ter certeza de que não tem ninguém passando e corro para o meu quarto, fechando a porta atrás de mim.

Continuo me esquecendo de levar roupas limpas comigo para me vestir logo depois do banho. Ainda estou acostumada a morar na minha própria casa e não me preocupar na hora de atravessar o corredor só de toalha. Ainda

bem que tenho me lembrado de colocar o shorts do pijama quando desço para beber água no meio da noite. Não duvido nada que ia morrer de vergonha se o pai de Cole me pegasse de calcinha e camiseta.

Pegando minha escova, penteio o cabelo molhado e escolho algo para vestir e ir dormir. Percebo um brilho do lado de fora e caminho até as persianas, olhando através de uma das frestas. Está escuro – já passa das nove –, mas Pike ainda está na garagem, mexendo no meu carro.

Ele é muito legal. Cole está ocupado com o carro de todo mundo, menos com o meu, embora suspeite que seja somente uma desculpa para ele sair de casa.

Um pendente de LED está pendurado no meu capô aberto, e Pike circula o veículo e se inclina, desparafusando alguma coisa. Ele está lá desde que terminou de jantar. Ele queria a ajuda de Cole, mas como sempre, ele saiu de novo. Acho que Pike está esperando por ele.

Duas mulheres caminham pela calçada, vestidas com roupas *fitness* e param, sorrindo e dizendo alguma coisa para Pike.

A morena finge correr no lugar, mesmo que estivesse só caminhando lentamente agora há pouco, enquanto a ruiva coloca as mãos nos quadris e lhe dá um sorriso sedutor.

— Sério? — murmuro. *Mas quem sai para caminhar a essa hora?* — Que sutil, senhoras. Muito sutil.

Como se não tivessem visto Pike trabalhando lá fora, através das janelas de suas cozinhas; sem camisa, com os músculos flexionando contra a pele bronzeada, ainda parecendo cada centímetro do bad boy pelo qual babavam na escola, provavelmente. Então ligaram uma para a outra e bolaram um plano para vestir roupas *fitness* e “por coincidência”, passar na frente da casa dele fazendo *cooper*, certo? Quero dizer, seria rude, afinal, não dizer oi, não é?

Reviro os olhos. Donas de casa do bairro, entediadas com os maridos, procurando agitar coisas como se Pike Lawson fosse um sex shop para excitá-las.

Solto as persianas e me afasto da janela.

Estou sendo muito maldosa.

E daí que elas estão flertando. O que tem isso?

Eu me orgulho do fato de ser uma pessoa calma e equilibrada, mas meu comportamento tem sido instável nos últimos tempos. A mudança, as contas, Cole... Estou sem rumo, insegura e confusa. Não gosto disso.

Coloco para tocar uma playlist no celular, “Pity Party” começa para combinar com meu mau humor quando a porta do quarto se fecha atrás de mim. Eu paro de escovar o cabelo, virando a cabeça.

Cole de repente está no quarto, encostado na porta, e me encarando com um olhar que eu conheço bem. Quando ele chegou em casa?

Minha pele esquenta e aperto a toalha, porém, não sei por quê.

Ele cruza os braços enquanto seus olhos descem pelo meu corpo e voltam para cima.

— Que foi? — pergunto quando ele não diz nada.

— Solte a toalha.

Agora? Mas o pai dele ainda está acordado e...

— Oh, por favor — argumento, só que tento manter o tom leve e calmo. — Está ficando tarde e estou muito cansada.

— Vou fazer você entrar no clima. — Ele se afasta da porta e caminha na minha direção, seus um metro e oitenta e dois facilmente lotando o pequeno quarto. — Eu não te vejo mais. Sinto sua falta.

Ele se aproxima e envolve os braços pela minha cintura, olhando para mim. Não consigo deixar de sorrir um pouco.

Mordo o lábio inferior de brincadeira e agarro o topo de sua cabeça pelo cabelo loiro macio, puxando-o para um beijo rápido.

— Eu estava em casa ontem à noite — respondo. — E você não.

Eu me afasto dele e aperto a toalha em volta de mim.

— Eu te chamei pra sair — ressalta.

— Eu estava cansada — digo, mas posso sentir tudo o que está crescendo dentro de mim há dias prestes a explodir. — E precisei fazer suas tarefas, então...

— Não pedi pra você fazer nada.

— Precisava ser feito.

O desejo que senti por ele um segundo atrás desapareceu, e agora um muro está se erguendo entre nós.

Mas ele tenta desviar dele mesmo assim.

— Meu pai não vai me expulsar se eu ficar alguns dias atrasado para aparar o gramado, Jordan — diz, tentando colocar os braços ao meu redor de novo. — Você leva as coisas muito a sério.

— Não, você não fez porque sabia que eu faria. — Eu me afasto. — Como sempre. Você precisa se recompor e parar de fazer o mínimo do mínimo.

Ele solta um suspiro e me solta, voltando para a porta.

— Onde você vai?

— Não tenho condições de ouvir isso agora — diz rispidamente. — Sabe por que eu sempre saio? Por causa disso. — Ele aponta para o meu rosto. — O jeito que você me olha. Estou cansado de não me sentir bom o bastante.

— Ah, que demais — retruco sarcasticamente, pegando uma cueca boxer de uma gaveta e uma de suas camisas de flanela da cadeira. — Só estou aqui por sua causa e você nunca está aqui. Sabe de uma coisa, eu passo mais tempo com seu pai! Não acha que isso é um pouco estranho para ele?

— Se tem outro lugar para ficar, então vá se estiver tão desconfortável.

Minha respiração fica presa na garganta e eu olho para ele.

— Está falando sério? Você está mesmo dizendo isso para mim?

Eu já me sinto uma aproveitadora lamentável quando não fui eu quem nos expulsou do apartamento. Eu sempre o apoiei. Somos amigos, caramba. Nós sempre cuidamos um do outro. Jamais faria ele se sentir... *Filho da puta*.

Visto a boxer e jogo a toalha de lado, coloco a camisa de flanela vermelha e marrom e a abotoo. Meus olhos se enchem de lágrimas.

Minha irmã estava certa. Podia ter engolido o orgulho por algumas semanas, trabalhado no “The Hook”, e conseguido ficar no apartamento. Pelo menos não me sentiria indesejada.

Ele se aproxima de mim outra vez, sua voz mais gentil.

— Tudo o que estou dizendo é que seria bom esquecer um pouco do estresse de vez em quando e dar um ao outro um pouco de atenção. Não me lembro da última vez que fizemos sexo.

E depois do sexo? Tudo o que está errado continuaria errado.

— Talvez se eu não estivesse fazendo todas as merdas que são sua responsabilidade por aqui e trabalhando até as duas da manhã, eu não estaria tão cansada o tempo todo — acuso. — E talvez se estivesse me ajudando a economizar dinheiro para podermos ter o nosso próprio lugar de novo, em vez de encher a cara todas as noites, com o que recebe, eu não estaria tão preocupada e estressada com dinheiro. Eu me sinto sozinha pra caralho. Onde você está?

Ele apenas balança a cabeça e não consigo evitar que as lágrimas se formem. Mas eu me recuso a chorar. Precisamos conversar e ele não quer. Ele não vai me dar a única coisa que vai consertar isso.

Ele vem até mim, segurando meu rosto.

— Só pare de falar um pouco e transa comigo.

Ele me beija e eu fecho os olhos, as lágrimas agora transbordando e escorrendo pelo rosto. Filho da mãe. Ele rouba meu fôlego, cobrindo minha boca e movendo sobre os meus lábios com força e brutalidade, e sinto vontade de ceder. O estresse e a preocupação têm durado há tanto tempo que se eu pudesse esquecer por um momento, seria muito bom.

Agarrando minha bunda com as mãos, ele me levanta, forçando minhas pernas a envolverem sua cintura, e nós caímos na cama com ele por cima de mim.

Algo me segura, no entanto. Eu me sinto como se tivesse voltado no tempo, na época em que morava no trailer com meu pai e madrasta. Eles não me veem.

Cole não me vê. Eu poderia ser qualquer uma agora.

Afasto a boca e o empurro.

— Saia de cima de mim.

— Amor, por favor. — Ele beija meu pescoço e eu o conheço muito bem para perceber o tom em sua voz. Também está chateado. — Apenas seja uma namorada essa noite. Nós costumávamos nos divertir. Vamos só nos divertir.

— Não. — Sacudo a cabeça, ficando tensa. — Estou brava com você. Preciso de um pouco de ar.

E vou me sentir pior quando acabar.

Ele continua me beijando, e eu grunho, empurrando-o. Ele finalmente me solta e cai na cama ao meu lado. Ele nem hesita e se levanta, abre a porta do quarto e sai.

Em instantes, escuto o motor do carro ligando, os pneus cantam e ele se foi.

Babaca.

Mas uma parte em mim não consegue evitar e respira com mais tranquilidade agora, também.

Tenho a sensação de que pertenço mais a esse lugar quando ele *não* está aqui.

Ele não costumava me tratar assim. Meus olhos se enchem de lágrimas, mas eu pisco, afastando-as.

Levantando da cama, vou até o rack da TV e pego a pilha de contas para pagar que estão ali. Uma conta de água do antigo apartamento, uma do médico que ainda não terminei de pagar de quando pensei que tinha quebrado o tornozelo no verão passado, uma de telefone, e duas faturas de cartão de crédito do Cole prestes a entrar para a coleção. Não tenho convênio médico, e todo dia tenho medo de que algo aconteça e eu acabe fazendo uma visita de vinte mil dólares ao hospital para uma emergência.

Não tenho carro funcionando e, mesmo que tivesse, não tenho como pagar um seguro. Todo o dinheiro extra do empréstimo que vou pegar depois que a mensalidade for paga no outono, vai para as despesas de moradia. Posso pegar outro empréstimo, mas não quero ficar sobrecarregada com essa conta pelo resto da vida, então tento não pegar muito.

E toda vez que verifico a correspondência, há uma nova surpresa, e infeliz.

Abrindo a gaveta de cima da cômoda, tiro as gorjetas que consegui na última semana e que ainda não tinha depositado, estendo as notas enrugadas nas mãos.

Cento e quarenta e dois dólares. O buraco em que me encontro continua aumentando porque não estou conseguindo o bastante para me desenterrar.

Coloco o dinheiro de volta na gaveta e pego o panfleto do concurso de

camiseta molhada que também escondi ali, e olho para ele. Trezentos dólares não são suficientes para compensar, mas trabalhar de garçonete no “The Hook” ou... fazer o que minha irmã faz e levar para casa aquela grana poderiam ser.

Por um momento, não consigo deixar de pensar na ideia. Ser capaz de ter dinheiro no bolso que já não tenha ido embora na hora que eu ganhasse. Comprar coisas legais. Ter um carro.

Mas então penso em Cole e Jay e nos caras com quem fui para a escola entrando e me observando, e eu enfio o papel de volta na gaveta, sentindo vontade de vomitar. Estranhos podem ser toleráveis, mas não vou dançar para esse pessoal que fez ensino médio comigo.

E trabalhar no bar seria quase tão ruim quanto. As roupas que eu precisaria usar, os clientes que eu serviria...

Saindo do quarto, desço as escadas e dou a volta no corrimão, continuo até a cozinha, atravesso a lavanderia e saio pela porta dos fundos.

O ar me atinge e, de repente, consigo respirar de novo. As árvores perfumadas e a grama recém-cortada enchem meu nariz e, além da luz que ilumina a piscina de dentro da água, está completamente escuro aqui atrás.

Eu ando até a parte mais funda e sento na beirada, mergulhando as pernas na água até a metade das panturrilhas. A água fria abraça a minha pele, instantaneamente me acalmando.

Cole vai voltar tarde. Até lá, nós dois estaremos mais calmos, ele se deitará, eu o abraçarei na cama e ele colocará as mãos nas minhas, nosso sinal de que tudo ficará bem.

Preciso relaxar. Tenho dezenove anos e preocupações com dinheiro e problemas de relacionamento. Quem não os tem na minha idade? Eu me cobro demais. Pike parece não se importar comigo aqui, então vou continuar a fazer minha parte, e ele não terá motivo para reclamar.

E se o pior acontecer, meu pai nunca bateria a porta na minha cara. Tudo vai ficar bem. Pode não ser agora, mas ficará.

Dou um pequeno sorriso, quase convencida. Olhando para a superfície azul da água e a luz branca iluminando o fundo límpido da piscina, sinto uma súbita vontade de nadar.

Eu vou conseguir.

Tudo vai ficar bem.

E respiro fundo, fecho os olhos e pulo, afastando-me da borda e entrando na água. Bolhas saem da boca quando solto o ar e afundo na piscina. Meu cabelo flutua ao redor, a água acaricia o couro cabeludo e a camisa se espalha conforme cruzo as pernas e me sento no chão da piscina.

Não sei quando comecei a fazer isso. Não cresci com uma piscina, obviamente, mas talvez tenha sido no acampamento de verão quando eu tinha doze anos ou com Cam me levando na piscina pública quando criança que percebi o quanto podia sentir medo do desconhecido. Gosto de desafiar essa parte em mim, porque aumenta minha confiança quando sou bem-sucedida.

Levar a roupa na lavandeira que ficava no porão caindo aos pedaços do antigo apartamento. Dormir no escuro sem a luz do corredor acesa. Dirigir para casa às duas da manhã depois de acabar um turno e não verificar o banco de trás para ter certeza de estar sozinha.

Olho ao redor, virando a cabeça e vendo nada além de água, mas minha visão só enxerga até certo ponto e a visão se embaça no vazio. Qualquer coisa poderia vir de longe nadando até mim. Qualquer coisa poderia estar atrás de mim. Qualquer coisa pode sair do ralo ou mergulhar da superfície.

Fecho os olhos.

Se eu conseguir fazer isso, Cole e eu ficaremos bem. Tudo vai ficar bem e vou continuar seguindo em frente.

Meus pulmões começam a doer, mas mantenho os olhos fechados e permaneço imóvel. Algo está me encarando. E alguma coisa mergulhou na água, vindo direto para mim. Eu sinto. Está vindo para mim.

Sei que é meu medo, portanto, fico de olhos fechados, apertando-os. Eu sei que tudo ficará bem. É minha imaginação.

Eu consigo. Eu consigo. Meus pulmões se expandem dolorosamente, e a garganta queima, mas cerro os punhos. Só mais um segundo. Só um.

Mas, de repente, a água se agita ao meu redor e eu abro os olhos, sabendo que dessa vez não é minha imaginação. Olho e vejo Pike me alcançando. Ele me agarra sob os braços e me debato contra ele, balançando a cabeça.

Meus pulmões ardem, e não aguento mais. Empurrando-o para longe, planto os pés no fundo da piscina e me impulsiono para a superfície.

Rompo sobre água, tossindo e com o cabelo grudado no rosto. E o escuto cuspindo água ao meu lado.

— Mas que porra você está fazendo? — esbravejo.

— Pensei que estivesse se afogando! Que merda é essa? O que *você* estava fazendo?

Eu tusso de novo, ofegando e puxando um bocado de ar.

— Enfrentando meus medos. Droga — reclamo, nadando até a borda.

— Você está bem?

— Estou. — Jogo o braço sobre a borda, meus músculos fracos do susto que ele acabou de me dar.

— Tem certeza?

Ele sai da piscina, e estende a mão para eu pegar.

Eu ignoro o gesto e a pergunta, me esforçando para sentar na beirada de novo.

Se ele me viu entrar na água, então acho que ele provavelmente estava querendo saber o que eu estava fazendo lá, mas mesmo assim...

Quase venci o desafio.

A camisa está pendurada no meu corpo, pesada e molhada, mas não posso tirá-la. Não estou com nada por baixo. Eu tusso outra vez, limpando a garganta e recuperando o fôlego. Ele fica ao meu lado, quieto.

— Escutei você e Cole brigando — diz, por fim.

Daqui de fora? *Que maravilha.*

Ele se agacha ao meu lado, encarando a água também. Não posso imaginar o que ele deve estar pensando. Eu brigo com o filho dele e depois mergulho totalmente vestida na piscina. É...

Respiro fundo, tomando cuidado para acalmar o tom de voz para tranquilizá-lo.

— Eu faço acordos comigo mesma — comento, mas não o olho em seus olhos. — Se eu puder fazer algo que não quero fazer, tudo ficará bem. Se eu fizer algo que me assusta, então posso superar qualquer coisa. — Dou um meio sorriso. — Não gosto de nadar sozinha. Tenho medo. Principalmente à noite.

Eu viro o meu olhar para ele, finalmente. Ele está olhando para a piscina, escutando.

— É uma espécie de jogo que eu faço comigo mesma — digo.

Ele acena, entendendo.

— Cole não me quer aqui — digo, abaixando os olhos ao mesmo tempo em que ferroadas atacam minha garganta. — Acho que ele não me quer mais.

Não sei porque estou me abrindo com Pike, mas ele escuta. Nas raras ocasiões em que conversamos, ele dá a impressão de *querer* ouvir. É tranquilo falar com ele.

— Ele é novo — explica. — Todos nós fazemos e dizemos coisas egoístas quando pensamos que somos donos do mundo.

— Eu faço isso? — pergunto.

Quero dizer, não sou nem um anjo, mas sei que trato Cole melhor do que ele me trata.

Pike não diz nada, mas posso senti-lo me olhando.

Sou uma trouxa. Eu me separei do meu ex e me afastei dos meus pais, mas nunca retruquei. Nunca revidei. Só fugi.

Além da minha irmã, Cole é tudo que tenho, e ignoro as mancadas, porque para mim ele era mais do que apenas um namorado.

— Posso te fazer uma pergunta? — diz Pike.

Olho para ele, meu coração acelera quando seus olhos focam em mim. O reflexo da água fazendo com que pareçam um céu nublado.

— Como você e Cole se conheceram? — pergunta.

E apesar da minha irritação, sorrio um pouco.

Meus olhos caem para a cicatriz no polegar e molho os lábios.

— Quando eu tinha dezesseis anos, trabalhava em um lava a jato — conto. — Não tinha mais garotas que trabalhavam lá, mas foi tudo o que consegui encontrar, então tive que encarar uma turma só de garotos.

Senti o calor do seu corpo ao meu lado, e marcando o tempo da subida e descida de seu peito, e percebo que estou acompanhando seu ritmo.

— Enfrentei um monte de porcaria — continuo, lembrando dos comentários sarcásticos toda vez que eu me inclinava ou estendia o braço sobre o capô de um carro. — Garotos adolescentes podem ser...

— É, eu sei — Pike termina para mim, sabiamente, com a voz bem-humorada. Nós sorrimos um para o outro.

Ele também foi um, afinal de contas.

— Tinha um garoto chamado Nick que sempre me defendia e afastava os demais — continuo, lembrando-me. — Ele era legal e conversava comigo. Não me dava olhares maliciosos ou agia de forma imatura.

Distraidamente, esfrego o dedo sobre a cicatriz.

— Um dia ele me chamou pra sair, e levou Cole junto. — Olho para Pike, a raiva de antes desapareceu agora. — Nos tornamos amigos, a gente se divertia muito e acho que fiquei mais próxima deles do que jamais fui de outra pessoa. Com exceção da minha irmã, claro.

Ele acena com a cabeça, com o semblante pensativo. E então pergunta:

— E você e o Cole começaram a namorar? Como Nick reagiu?

Volto a olhar para a piscina, respirando fundo.

— Ele nunca soube — digo baixinho.

Pike continua quieto, a tensão agora tornando o ar pesado. Eu disse que *ele nunca soube*. Não que *ele não sabe*.

Limpo a garganta.

— Uma noite, alguns anos atrás, antes de Cole e eu começarmos a sair — digo —, ele e Nick saíram juntos. Cole bebeu demais e apagou. Nick pegou carona para casa com outra pessoa.

Lágrimas ardem nos meus olhos e a boca fica muito seca.

— O motorista perdeu o controle da caminhonete, capotou e todos os garotos que estavam na carroceria saíram voando.

— Oh, meu Deus — diz ele em voz baixa, inclinando a cabeça.

Eu concluo:

— Nick ficou preso embaixo das ferragens. Morreu alguns dias depois.

Cerro os punhos para tentar não chorar. Ele era a única pessoa que eu conheci que morreu. Não foi igual quando minha mãe foi embora. Nick não queria ir. Ele amava e só queria saber de videogames, e seu cabelo quase sempre

cobria os óculos, e eu sinto falta de todas as suas manias.

Às vezes me pergunto o que aconteceu com a Nerf de seu irmãozinho, a que todos nós usamos e que marcou nossos polegares.

— Jesus — murmura Pike. — Como não soube disso? Lembro-me vagamente de ouvir alguma coisa, mas não sabia que Cole era amigo de alguém daquele acidente.

Eu me sento direito e aceno.

— É, Cole... — Eu paro, tentando encontrar as palavras certas. — Ele teve muita dificuldade para superar isso.

Os olhos de Pike se estreitam em mim.

— Era para ele ter dado carona para Nick naquela noite — explico.

Entendimento cruza seu rosto, e tenho certeza de que ele acha que deveria estar ciente de tudo aquilo, mas faz sentido Cole não ter contado a muitas pessoas. Ele tinha vergonha.

— Nós não deixamos o outro fora de vista depois disso — digo.

Eu estava sofrendo, Cole estava sofrendo, e eu era a única que sabia por que ele se sentia responsável, então ele só conseguia conversar comigo.

E depois de um tempo, virou hábito. Nós, lado a lado. Nós, contando um com outro. Nós, querendo o que era familiar, constante e seguro.

Nós, agarrados a Nick, ficando juntos. Nós estávamos desesperados por um verdadeiro amigo. Ele e eu sofríamos por Nick, e eu também tinha acabado de me livrar do meu ex-namorado. Foi tão fácil mergulhar um no outro e escapar. Tão fácil.

— Eu lamento tanto, Jordan — diz Pike. — Você está bem?

Dou uma olhada para ele.

— Desculpa — balbucia, desviando o olhar. — É idiota perguntar isso agora, acho.

Não, não é nada idiota. É bom ter alguém para conversar.

— Está tudo bem. Ou ficará — respondo. — Tem que ficar.

Ele volta a olhar para mim e gesticulo para a piscina.

— Sentei no fundo de uma piscina no escuro com os olhos fechados até não aguentar mais ficar sem respirar. Tem que ficar bem, né? — pergunto.

Ele bufa, a boca se transforma em um sorriso.

Ele se levanta e estende a mão de novo, e desta vez eu a pego. Ele me puxa e vamos para dentro, mas percebo a vela ainda acesa na mesa de madeira.

Virando para ela, me inclino sobre a mesa, fecho os olhos e sopro, apagando a chama. Voltando, eu o sigo pelos degraus.

— Posso te fazer outra pergunta? — sonda.

— Manda.

— Por que faz isso? — Ele olha para mim.

— Fazer o quê?

— Esse negócio de fechar os olhos ao assoprar a vela — explica. — Eu já te vi fazer isso algumas vezes.

Dou de ombros, sem perceber que ele reparou. Pensei que tinha ficado boa em fazer isso rapidinho e sem chamar atenção.

— Só mania. — Eu o sigo pela porta de tela. — Nem sempre os desejos de aniversário se tornam realidade, então não perco a chance quando apago uma vela.

CAPÍTULO 7

JORDAN

— Oi, pode me buscar às duas? — Seguro o telefone entre a orelha e o ombro assim que conto o dinheiro e o guardo no caixa. — Ash não veio. O bebê dela está doente e não tenho outra carona.

— Sim, posso sim — responde Cole. — Claro. Eu te busco.

Depois da nossa última briga, as consequências progrediram exatamente como eu previ. Ele chegava em casa bêbado e relaxado, rastejava para a cama e nos abraçávamos. As coisas quase voltaram ao normal – ou para o nosso normal, de qualquer forma – a ponto de eu não me importar quando ele tentou me levar para o chuveiro esta manhã. No entanto, quando entramos no nosso banheiro, descobrimos que seu pai tinha arrancado a pia e começado a tirar os azulejos do boxe do chuveiro, sendo aquele o próximo lugar a ser reformado de sua lista. Como conseguimos dormir com o barulho? E que horas ele acordou hoje cedo?

— Saio às duas — reforço, fechando a gaveta do caixa.

— Sim, entendi. Te amo.

— Eu também te amo — respondo e desligo.

Pike tem trabalhado no meu carro e, em um esforço para acalmar as

coisas, tenho certeza, Cole até ajudou hoje. Não sei como vou pagar o pai dele, porque já vi que está gastando dinheiro com algumas peças, mesmo agindo como se tivesse pago barato em um novo escapamento ou que aqueles pneus novos estivessem jogados por aí. Venho tentando fazer mais coisas na casa, como preparar o café da manhã para todos e tirar o pó debaixo das almofadas no sofá. Até plantei algumas flores no quintal, ao redor do canteiro, para ajudar na estética, o que Pike concordou, desde que não trouxesse flores para dentro da casa. Dou risada, pensando em como ele pode ser mal-humorado às vezes. É muito engraçado.

Horas depois, exausta e com os pés doendo, não vejo a hora de voltar para casa. Casa e cama. Estou tão cansada.

Amarrando o cabelo em um rabo de cavalo, confiro o caixa, coloco o dinheiro na gaveta e a guardo no cofre. Depois de cobrir as garrafas das bebidas, terminar de lavar a louça e desligar as luzes, olho pela janela e vejo o carro de Cole no meio-fio. Sorrio, feliz por ele estar no horário.

Assopro as velas que ainda estão acesas no bar, fecho os olhos e respiro fundo cada vez que sopro uma. *Espero que amanhã seja melhor que hoje*. É meu desejo de sempre quando não tenho mais nada em mente e, a cada dia que passa, estou tentando chegar mais perto de torná-lo realidade.

Pego minha bolsa, enfio as gorjetas no bolso e saio, trancando a porta atrás de mim. Meus pulmões agradecem pelo ar fresco, e eu a jogo pela janela aberta antes de abrir a porta do passageiro. Deslizo no banco da frente, virando meu sorriso cansado, porém, grato para Cole.

— Oi... — Eu paro, o sorriso desaparecendo no mesmo instante.

Jay, meu ex, está no banco do motorista. Olho por cima do ombro, para ver se Cole está desmaiado no banco de trás, mas está vazio.

Minhas mãos tremem.

— Onde está o Cole?

Jay inclina a cabeça, desculpando-se.

— Ele está muito bêbado, gata. Os caras não queriam deixá-lo dirigir. — Seu braço repousa sobre o encosto do meu assento, sua mão a centímetros do meu cabelo e pescoço. — Ele está dormindo na casa de Bentley. Eles disseram a ele que alguém te levaria em segurança para casa. Eu me ofereci.

Não. Uh-uh. Sem chance.

Eu não hesito. Puxando a maçaneta, abro a porta e desço, alcançando o banco de trás e pegando minha bolsa.

— Não tem problema — digo. — Posso pegar carona com a Shel. Ela ainda está lá dentro.

— Não, ela não está. Você já fechou tudo.

Sabia que ele me desafiaria. Ele não deixa passar nada.

Sua voz está sinistramente calma, mas eu sei que é apenas por fora.

— Vamos, eu já estou aqui — pressiona. — Não vai me fazer ter vindo aqui à toa, né?

Eu me inclino, olhando em seus olhos castanho-escuros ao mesmo tempo em que pego as chaves do bar no meu bolso de trás.

— Não pedi para *você* vir. E como eu disse, tenho outra carona.

Virando-me, corro para a entrada do Grounders e rapidamente destranco a porta.

— Jordan! — Escuto ele esbravejar.

Abro a porta e entro, dando um olhar sério para ele, que ainda está sentado no carro.

— Vá pra casa.

E fecho a porta, trancando-a e me afastando como se ele fosse tentar derrubá-la. Fico parada ali, respirando com dificuldade e tremendo.

Ele não vai deixar isso passar. Não fará nada hoje à noite, caso contrário teria saído do carro mais rápido do que eu e teria me pegado antes mesmo que eu conseguisse alcançar a porta, mas vai ficar puto a ponto de não esquecer.

Ele foi um erro de seis meses que cometi no ensino médio, mas não serei tão idiota novamente. Estou mais atenta agora.

E ele não veio me dar carona hoje à noite. Não diretamente, de qualquer jeito. Talvez depois de ter acabado comigo.

Fecho os olhos, tentando afastar a memória dele batendo na janela do meu carro uma noite conforme eu tentava colocar a chave na ignição, desesperadamente. Ainda conseguia sentir a ardência no couro cabeludo no lugar onde ele puxou meu cabelo.

Eu me viro e abro os olhos, afastando esses pensamentos. Depois de um instante, ouço o barulho do motor passando na frente do bar e os pneus cantando pela rua.

Ele se foi.

Coloco a bolsa no balcão do bar, atravesso o corredor depressa, passo pelos banheiros, e verifico as travas na porta de trás, distorcendo e girando, puxando a maçaneta para ter certeza de que está trancada, e então volto correndo para a frente e verifico a porta e janelas mais uma vez.

Pegando a bolsa, eu me sento em um banco do bar, apertando-a na mãos. Para quem eu ligo?

Jay provavelmente está dizendo a verdade. Cole está bêbado de novo. Por que ele faria isso? Sabia que eu estava contando com ele para vir me pegar. Tenho certeza de que ele não sabe que foi Jay quem veio no lugar dele, mas mesmo assim... sinto vontade de matá-lo.

Engulo a ânsia subindo pela garganta.

Ligo para minha irmã, mas como suspeito, vai direto para a caixa-postal. Ela provavelmente acabou de sair do trabalho ou já está em casa dormindo.

Meu pai? Madrasta?

Eles nem me ligaram desde que liguei para eles há uma semana. Não podem fazer nada sem agir como se fosse um enorme incômodo. Pedir alguma coisa para eles sai caro demais. É um fardo.

Eu sou um fardo.

Pike me vem à cabeça. Não tenho dúvidas de que viria.

Mas só serviria para irritar Cole se o pai descobrisse que ele deu mancada hoje à noite, e também não quero que Pike saiba. É vergonhoso. Somos adultos e colhemos o que plantamos. Ele já está fazendo muito por mim, e não irei acordá-lo quando tem que ir trabalhar cedo. Isso me torna um fardo.

A única outra pessoa que eu poderia chamar é Shel, porém, sua casa fica do outro lado da cidade.

Não quero ligar para Cole, porque, claro, ele não pode dirigir, mas quem sabe, ele não arruma outro amigo para me buscar.

Mas não. Não vou ligar para ele. Estou muito chateada agora.

E esta cidade também não tem táxis.

Olho a mesa de bilhar, os cinzeiros cheios nas beiradas, e as marcas de arranhões por todo o feltro imundo.

Bem, foda-se. Vai amanhecer em poucas horas. Posso ir andando para casa então. Hora de aguentar a bronca. Não vou pedir ajuda de ninguém.

Pulando do banco, vou até os fundos do bar e pego duas pilhas de toalhas brancas limpas e as carrego até a mesa de sinuca. Uma a uma, eu as estendo e cubro a superfície suja.

Desliguei o ar-condicionado horas atrás, então a temperatura agora

está confortável, em 20ºC, mas pego meu agasalho na bolsa, caso queira me cobrir mais tarde. Segurando o telefone, deixo a luz do corredor acesa e subo na mesa, ajeitando-me para deitar. Colocando o braço embaixo da cabeça, bocejo e verifico o volume e a bateria do celular, para ver se vai durar caso algo dê errado enquanto estiver sozinha aqui a noite toda.

Por exemplo com Jay voltando.

Abro o aplicativo que emite o barulho de ventilador e coloco para rodar na esperança de que consiga dormir um pouco, mas não estou muito esperançosa. Não me sinto segura, então não consigo relaxar.

Fecho os olhos, sinto o peso da fadiga nas pálpebras e a agradável sensação de exaustão. É do tipo que você sabe que merece, porque trabalhou duro naquele dia.

Mas depois de vinte minutos, minha mente ainda está desperta. O corpo está exausto pelo esforço do dia, mas o cérebro não desliga.

Quando o celular toca, tenho certeza de que é um sinal que não é para eu dormir esta noite.

Eu o trago na altura dos olhos, estreitando-os com a claridade.

Pike.

Franzo a testa.

— Alô? — Eu o seguro no ouvido, bocejando de novo.

— Oi — diz como se não esperasse que eu fosse atender. — Eu... hum... acabei de ver que passa das três e ninguém chegou, então só queria verificar. Saber se está tudo bem.

Eu me viro de lado, ainda usando o braço como travesseiro, e seguro o telefone no ouvido com a outra mão.

— Estou bem. — Sorrio com sua preocupação e brinco: — Tenho hora de voltar para casa ou algo assim?

— Não — responde, e consigo notar sua voz bem-humorada. — Fiquem à vontade e divirtam-se. Faça o que quiserem. Eu só... — Ele pausa por um longo momento e depois continua: — Sabe, você não se preocupa com coisas que não está ciente. Quando Cole não morava comigo, nem sempre sabia onde ele estava ou o que estava fazendo, então não pensava nisso o tempo todo. Vocês morando comigo agora, parece que estou constantemente preocupado. — Ele solta uma risada. — Esse bar não é muito bom. Só queria ter certeza de que saiu do trabalho com segurança e que está tudo bem. Só estou... verificando.

Eu não me ofendo com seu comentário. O bar não é meu, afinal, e sim, é uma espelunca.

Fico tentada a ver se ele pode vir me buscar, já que está acordado, mas meu orgulho não deixa. Não quero ser um problema. E definitivamente não quero ser responsável por criar atrito entre ele e Cole. Posso enfrentar meus próprios problemas.

— Sim. Está tudo bem — minto, acrescentando um pouco de provocação à minha voz. — Não sou uma criança, sabe?

— Ah, é um pouco sim.

Eu bufo. Bem, criança ou não, acho legal ter alguém zelando por mim.

— Ligou para o Cole também? — pergunto.

Mas ele não responde. Em vez disso, ouço uma pancada forte e movimentos.

— Merda — esbraveja.

Meus olhos se arregalam, alertas.

— O que aconteceu?

— A porcaria do micro-ondas não funciona direito — diz irritado. — Eu sabia que não deveria tê-lo trocado só para combinar com os novos utensílios, droga. Não estoura a pipoca.

Estreito os olhos, mas sinto muita vontade de rir. Ele fica tão bravo.

— Tem um botão de pipoca — eu o lembro.

— Eu apertei nele!

— Duas vezes?

— Por que deveria apertar duas vezes? — responde como se eu fosse idiota.

— Porque o tamanho dos pacotes que você tem leva três minutos e meio para fazer — ressalto.

— Eu sei disso.

— Bem, no seu novo micro-ondas, apertar apenas uma vez vai funcionar só por dois minutos. Para os pacotes menores — esclareço. — Você precisa apertá-lo duas vezes para marcar o tempo certo.

Fica um silêncio e então escuto um resmungar.

— Ah.

Aperto os lábios para não rir. Seu desamparo casual é muito divertido. Queria estar lá.

— Bem — ele diz após um breve silêncio —, acho que vou deixar você ir então.

— Ei, espere — digo, parando-o.

Eu pauso, sem saber como dizer isso.

— Você se importa se eu te perguntar uma coisa? — finalmente digo.

— Não, acho que não.

Molho os lábios, hesitando. Não quero ofendê-lo, mas estou curiosa.

— Onde estão todas as suas coisas na casa? — pergunto.

— Hã?

Respiro profundamente, continuando:

— Você tem móveis, mas não muito mais. Não parece que mora aí.

Por quê?

A outra extremidade do telefone fica quieta, e eu paro de respirar, com medo de não escutar o que ele vai responder.

A pergunta foi um insulto? Não era a minha intenção. Acabei de perceber que ele sabe muito a meu respeito e eu não sei quase nada dele. Ele sabe quem são meus pais, o que aconteceu com Cole e meu amigo, que amo coisas dos anos 80, que eu cresci sem mãe, o que estudo na faculdade...

Mas ele ainda é um mistério.

— Peço desculpas se isso soou errado — digo quando ele não responde. — A casa é linda. É só que Cole mencionou que você e a mãe dele se conheceram no colégio, onde você era meio que uma estrela do time de beisebol. Você deve amar o esporte. Só estou curiosa porque não vejo troféus ou fotos ou qualquer coisa assim na casa. Não tem fotografias recentes de você e Cole, nem música, nem livros... Nada que te descreva ou o que você gosta.

Ele respira fundo, limpa a garganta e um suor frio percorre meu pescoço.

— Está tudo embalado no porão — responde. — Acho que nunca mexi nisso depois que me mudei para a casa.

— Há quanto tempo está nessa casa?

— Uh... — Ele se distrai como se estivesse pensando. — Acredito que a comprei há dez anos.

Dez anos?

— Pike... — murmuro, tentando não rir.

Ele solta uma risada e eu sorrio, balançando a cabeça.

— Isso pareceu estranho, né? — pergunta.

Que ainda não desempacotou tudo? *Sim*.

Eu me viro de costas, mantendo o braço debaixo da cabeça.

— Sei que nos livramos de certas coisas à medida que envelhecemos — digo. — Mas você teve uma vida desde que se mudou para esse lugar, não teve? Não vejo nada da sua personalidade. Lugares que visitou, bugigangas que você comprou ao longo dos anos...

— É, eu sei, eu...

Ele hesita novamente, soltando um suspiro, e o som de sua respiração vibra em meu ouvido, enviando arrepios pela espinha.

Gostaria de poder ver seu rosto. É tão difícil lê-lo pelo telefone. Tudo o que posso imaginar é a maneira com que abaixa os olhos às vezes, como se não quisesse que alguém soubesse o que está sentindo, ou a maneira como balança a cabeça como se, talvez, tivesse medo do que fosse falar.

Ele continua, por fim:

— Cole se tornou mais importante — admite. — Em algum lugar ao longo do caminho, quem eu era e o que eu queria tornou-se irrelevante.

Eu meio que entendo. Quando se tem filhos, suas esperanças são transferidas para eles. Sua vida fica para depois, e o que eles precisam é prioridade. Entendi.

Mas Cole é adulto agora, e Pike está sozinho há algum tempo. O que ele faz quando não está no trabalho?

— Adoraria ver algumas das coisas — brinco. — Se quiser desembalar, eu te ajudo.

— Não, não precisa.

Franzo a testa com a rapidez com que ele recusa a minha ajuda.

— Você quer dizer que não posso nem ver os anuários e se você e Cole eram idênticos na mesma idade? — provoco.

Ele solta uma risada baixa.

— Nossa, não quero mesmo. Quando a única coisa importante que

tinha que fazer era arrumar meu cabelo?

Sorrio, mas é claro que ele não consegue ver. Ele era um garoto de uma menina só na escola, ou teve muitas como Cole, antes de mim?

Lembro-me do que Cole disse sobre seu pai trair a mãe, mas por alguma razão, isso não soa verdadeiro.

— A verdade, Jordan — diz ele —, é que quando você é jovem, pode ser bem idiota. Eu não ligo de lembrar daquela época da minha vida. Quero seguir em frente.

Mas você não está seguindo, pelo jeito.

— Você precisa apimentar um pouco sua vida — brinco. — Deveria arrumar uma mulher.

— É, e você deve voltar para seus amigos agora — retruca.

Dou risada.

— Ah, qual é?!

— O que faz você pensar que não tenho uma, Jordan?

Sua voz soa provocadora, e a sinto me percorrer até os dedos dos pés.

Minha boca fica seca.

— Você tem? — pergunto.

Quer dizer, estava apenas brincando. Não seria estranho ter duas mulheres andando pela casa? Já tenho minhas tarefas, e preparo a maior parte da comida. Aquela ilha central com tábua de cortar acoplada e eu temos um relacionamento agora. Poderia ter um pouco de ciúmes se outra mulher a tocasse.

— Você não me conhece há muito tempo — brinca. — Minhas necessidades precisam ser atendidas de vez em quando. Sou humano, afinal de contas.

Meu estômago revira e ergo as sobrancelhas. *Suas necessidades?*

Uma imagem de como ele deve ficar quando sente essas necessidades aparece na minha cabeça. Eu a afasto.

Hum, é. Tudo bem.

De repente, ele ri.

— Estou brincando — diz. — Eu saio, sim, de vez em quando, mas não estou com ninguém agora. Não precisa se preocupar em esbarrar numa mulher desconhecida em casa.

— Ou *mulheres* — digo. — Não é?

Ele zomba, e consigo imaginar bem o rosto dele.

— Honestamente me vê sendo capaz de lidar com mais de uma mulher? Alguma vez?

— Não, você gosta de passar o tempo comigo.

— Exatamente.

Meu coração se aquece e eu sabia que estava certa. A mãe de Cole o encheu de mentiras para colocar o filho contra o pai.

Fica na ponta da língua dizer algo sobre Cole, mas se Pike o confrontar sobre as mentiras que a mãe provavelmente disse, Cole verá isso como uma traição de sua confiança da minha parte. E pode complicar para o Pike. Eles não são minha família. Não tenho nada a ver com isso.

Um bocejo faz meu rosto esticar e solto um pequeno gemido, os olhos ficando mais pesados.

— Bem, acho que vou desligar — diz Pike. — Divirtam-se, tá bom? E tomem cuidado.

— Iremos. — Minhas pálpebras se fecham, sua voz permanece no meu ouvido. — E lembre-se — digo —, pressione o botão duas vezes.

Ele bufa.

— Sim, senhora.

— Até mais tarde — digo.

Ele pausa antes de responder:

— Boa noite, Jordan.

Ele desliga e abaixo o telefone, bocejando de novo e não me dou ao trabalho de ligar o barulho de ventilador de novo.

Um sorriso ainda repuxa os cantos da minha boca. Como pode um homem de trinta e oito anos não saber como fazer pipoca de micro-ondas? É literalmente à prova de idiotas.

Dou risada, as pálpebras fechando pesadas e sonolentas me esquecendo de Jay e Cole e do quanto esta mesa de sinuca é desconfortável ou de como estarei acabada amanhã. Pike cruza meus pensamentos, bem como tudo o que ele disse e o quão grave estava sua voz quando se despediu dizendo “boa noite, Jordan” e a maneira como isso arrepiou meus braços...

E como esta é a terceira noite na semana que ele tem sido a última pessoa com quem converso antes ir dormir.

CAPÍTULO 8

PIKE

Na manhã seguinte, fico surpreso em ver que sou o primeiro a levantar. Jordan geralmente está se movimentando, tomando banho ou estudando com seu laptop antes mesmo de eu descer, mas a casa parece vazia. Abro a porta da frente e percebo que o carro de Cole também não está na garagem.

É manhã de domingo. Ele não levantaria tão cedo. Não voltaram para casa?

Vou fazer meu trabalho, prosseguindo com a minha rotina, mas quando dá dez horas, quero começar a mexer no banheiro principal, tirar a velha banheira e arrancar o piso, mas vai fazer muito barulho. Bato na porta do quarto de Jordan e Cole para ter certeza de que não estão lá.

Ninguém responde, e abro a porta, vendo a cama ainda feita e o quarto vazio. Acho que eles devem ter passado a noite passada na casa de algum amigo. Fecho a porta e começo a trabalhar.

— Oi — diz Cole ao entrar na cozinha uma hora depois.

Fecho a geladeira, segurando um refrigerante, e me viro quando ele está jogando as chaves no balcão. Parece abatido, o cabelo bagunçado e os olhos vermelhos.

— Oi. — Aponto para o gabinete à esquerda. — A aspirina fica ali. Tome um pouco de água e um banho. Você pode me ajudar com o banheiro.

Ele concorda com a cabeça, mas parece que está a dois segundos de vomitar. Sua pele está um verde pálido e sinto pena dele, de verdade. Não sinto saudades dessa sensação.

— Você anda bebendo muito — digo.

Ele me ignora, arrastando-se em direção ao armário e tomando a aspirina.

Pressiono mais.

— Você está bebendo demais.

Ele ainda não diz nada, mas a mandíbula flexiona, mostrando que me ouviu.

Queria que ele falasse comigo. Que brigasse até, porque é melhor que nada. Quero ouvir sobre seu trabalho e sua vida. A respeito do amigo que ele perdeu. Não deveria ter descoberto algo assim através de Jordan.

Devia ter pressionado mais quando ele começou a me afastar. Muito mais.

Mas sei quem eu realmente tenho que culpar pelo nosso afastamento.

— Fui bom para a sua mãe — digo.

Ele funga, tomando outro grande gole de água, ainda sem olhar para mim.

Ele vai acreditar nela. Ele ainda não está pronto para me ouvir. Mas vou dizer mesmo assim.

— Trabalhei muito, sustentei vocês dois e fui fiel. — Eu me levanto da banqueta e olho para ele. — Pode me perguntar o que quiser. Não vou mentir.

Mas ele só faz que não com a cabeça, terminando de tomar a água e colocando o copo no balcão.

— Vou tomar banho.

Ele se vira para sair, mas ainda não terminei:

— Alguma vez deixei de fazer algo que tenha me pedido? — pergunto.

Ele para, de costas para mim.

Sempre que precisou de dinheiro, eu dei. Sempre que precisou de carona, eu estava lá. Sempre que queria ir a algum lugar ou ver alguma coisa, ou fazer aula de karatê ou apenas estar comigo, sempre estive ao seu lado. A dor se estica pelo meu peito enquanto encaro suas costas.

Eu fui um bom pai. Quando ele me queria por perto.

— Você já me pegou mentindo? — continuo.

Uma mentira que ela não o fez acreditar, quer dizer?

Ele olha por cima do ombro e consigo ver o confronto em seus olhos. Ele quer sentir raiva de alguma coisa ou de alguém, e fui esse alvo por um longo tempo, mas agora ele não tem mais certeza disso. Ele deve ter começado a ver quem é a mãe e o que ela faz com as pessoas. Precisa parar de deixá-la fazer isso com ele.

— Estou aqui — digo. — Tá bom?

Eu o ouço respirar fundo, seu peito sobe e desce pesado, e por fim acena, ainda com o ar hesitante, mas já é alguma coisa.

Então ele se vira e sai em direção às escadas, mas de repente, eu olho para a porta da frente, e algo me ocorre.

— Onde está a Jordan? — pergunto, caminhando para a sala de estar.

Ele está no meio da escada, mas olha para mim de novo e sacode a cabeça, ainda sem falar.

— Você não a buscou no trabalho ontem à noite? — questiono. — Vocês não estavam juntos?

— Não. — Ele boceja e passa a mão pelo cabelo. — Bebi demais,

então pedi para um dos meus amigos ir buscá-la e trazê-la para casa. Ela deve ter ido correr e você acabou não vendo ela sair.

Eu fico parado ali, tentando desvendar a nossa conversa na noite passada enquanto Cole sobe as escadas.

Então, quando falei com ela ontem, Jordan não estava com Cole. Não estava com ele.

E ela não veio para casa. Sua cama ainda está arrumada.

Cole chega lá em cima e eu grito, acabando de me lembrar:

— Use o meu banheiro!

Trabalharei no deles por mais um tempo, e o banheiro do meu quarto é o único que tem chuveiro em casa, além do deles.

Volto para a cozinha, ainda pensando.

Por que ela mentiria? Se ela ficou com uma amiga, ou com a irmã dela, o que fosse... tudo bem. Mas ela me fez acreditar que estavam juntos, e é por isso que eu liguei – para ter certeza de que *ambos* estavam bem.

Mandei um dos meus amigos ir buscá-la e trazê-la para casa.

Sim, seu amigo não a trouxe. E fico um pouco preocupado, mas ela mentiu por um motivo.

E apesar do quanto gosto de Jordan, não consigo evitar que os antigos sentimentos que não sinto há muito tempo, me incomodem de novo. Não gosto que mintam para mim.

Principalmente as mulheres.



Uma hora depois, entro no Grounders e já vejo um monte de gente lotando as mesas e o balcão do bar. Algumas garçonetes vestidas com jeans,

camisas justas e pequenos aventais levam pratos para os motoqueiros que fizeram uma parada em suas corridas de domingo e caçadores que chegam dos passeios matinais. O bar está cheio de pessoas que parecem ter dormido em suas roupas na noite passada, e a iluminação fluorescente desagradável faz tudo parecer sujo, apesar do cheiro de desinfetante incomodando meu nariz.

As solas das minhas botinas de trabalho grudam no chão a cada passo que dou. Nunca entendi a atração por este lugar ou porque durou tanto tempo.

Encontro Jordan na outra extremidade do bar, a mão coberta com um pano de prato branco, secando um copo por dentro. Não tinha certeza se ela estaria aqui, mas quando não está em casa, é onde está.

Ainda usa as mesmas roupas que a vi sair ontem, e ela solta um bocejo. O cabelo está preso em um rabo de cavalo alto, e os lábios estão com um toque de batom rosa.

Estava linda ontem. Esta manhã, minha suspeita está embaçando tudo. De repente, tenho vinte anos e quero saber aonde a mãe de Cole passou a noite toda.

Mas Jordan não é assim. Ela é uma boa garota.

Só que não faz sentido ela dizer que estava com Cole quando não estava.

A menos que estivesse fazendo algo que não deveria.

Não quero que Cole passe por isso com Jordan. Não igual ao que passei com a sua mãe. E se ele a engravidar e ficar preso tendo que lidar com uma pessoa assim? Não quero que fique sozinho para sempre, porque acha que não foi o suficiente para ela.

Eu me esforço para acalmar a respiração. Estou tirando conclusões precipitadas. *Relaxe*.

Ela vê eu me aproximar e seus olhos se iluminam um pouco. Ela abre

a boca para dizer alguma coisa, mas eu digo primeiro:

— Você está bem? — pergunto. — Teve uma noite boa?

Ela inclina a cabeça, um pouco hesitante.

— Hum, é, acho que sim.

Então nada de ruim aconteceu. Ela está inteira e parece razoavelmente feliz.

— Você e Cole se divertiram? — pressiono, minha pulsação começando a acelerar.

Ela abaixa a cabeça, evitando meus olhos conforme coloca o copo embaixo do bar.

— Sim. — Afirma com a cabeça.

E flexiono o maxilar, ficando com raiva. Ela acabou de mentir novamente.

— Sim, Cole parece pensar que nunca veio buscar você. — Apoio as mãos no balcão e me inclino. — Ele disse que um dos amigos dele te pegou, mas não te viu o resto da noite, e você não voltou para casa.

Ela olha para mim, ficando com o rosto vermelho.

— Um... é, sim... é que... eu... eu estava...

Ela gagueja, nervosa, e fico ali esperando a simples explicação que sei que virá, mas...

Não vem.

Ela abre a boca para dizer algo de novo, mas depois a fecha, suas pálpebras tremem ligeiramente, como se soubesse que foi pega.

Eu até normalizo meu tom, tentando soar calmo.

— Onde você esteve a noite toda, Jordan?

Seu olhar passa por todos os lugares, menos em mim, os ombros ficam tensos e sua respiração fica mais pesada. Ela pode responder. Só não quer.

— Jordan?

— Cole já chegou? — pergunta.

— Sim.

— Então estamos bem. O resto não é da sua conta — afirma.

Estreito meu olhar nela.

— E minha casa não é um hotel, mocinha.

Ela pode ter ficado com sua irmã ou uma amiga, mas por que mentir? Está escondendo alguma coisa.

Ela levanta o queixo, continuando:

— Onde dormi na noite passada é entre mim e Cole.

Mantenho o rosto sério, mas tudo o que me vem à cabeça são imagens de um garoto muito jovem e idiota que pegou a namorada transando com um cara em um carro na frente do nosso apartamento às três da manhã. Onde há fumaça, há fogo...

É.

Solto o balcão e cruzo os braços.

— Para ser sincero, não estou nem aí para o que você faz, Jordan — digo, o coração congelando lentamente —, mas também não sou estúpido. Cole pode estar distraído, só que eu não. Quem te pegou ontem à noite não te levou pra casa, então se está traindo meu filho, vou me sentir ofendido — eu a advirto. — E então pedirei que saia da minha casa, caramba. Não vou bancar o sustento de alguém assim. Você me entendeu? Nunca mais minta pra mim.

Seu maxilar flexiona como se estivesse tão brava quanto eu. Espero o ataque de sua língua afiada e, por um instante penso que virá, mas então não acontece. Em vez disso, seus olhos começam a lacrimejar e o queixo treme enquanto sua respiração fica ofegante. Ela olha para longe, piscando.

— Sim, entendi — responde baixinho. Depois coloca o pano no balcão

e levanta a divisória, saindo do bar. — Se me der licença, por favor.

Ela se afasta pelo corredor e desaparece de vista. Eu fico olhando para ela.

Pode ser que eu esteja errado. Eu poderia estar errado.

Mas ignorei meu instinto tantas vezes, e já sei muito bem o que acontece quando não o sigo. Pensei que ela era uma das boas garotas, porém, não serei feito de bobo outra vez. Se ela não estivesse fazendo nada, teria respondido à pergunta.

Virando, caminho em direção à saída. Mas uma voz me impede:

— Traindo seu filho... — uma voz de mulher zomba das minhas palavras. — Seu *precioso* filho.

Paro e olho para Shel Foley, a dona do bar, que está atrás do balcão com um cigarro na mão e fumaça soprando na frente do rosto.

— Quer me dizer alguma coisa?

Ela se afasta do balcão e dá outra tragada antes de apagar o cigarro no cinzeiro e apoiar as mãos no bar. Ela me olha feio.

— Seu filho babaca deveria tê-la buscado ontem à noite depois de ela trabalhar por dez horas do seu turno — diz. — Ele ficou bêbado em uma festa e adivinha quem veio buscá-la no lugar dele? Jay McCabe, “seu ex”, que achou divertido na época do ensino médio bater nela depois que perdeu um jogo.

Como é que é?

— Ela se recusou a entrar no carro com ele — Shel diz brava para mim. — Em vez de ir embora, eu a encontrei enrolada, dormindo na mesa imunda de sinuca esta manhã, porque não tinha mais ninguém para chamar na noite passada. — E então ela estreita os olhos. — Ela não queria que *você* descobrisse que seu filho é um *fracassado*.

Permaneço imóvel, incapaz de me mover.

Não respiro e não consigo piscar, raiva ameaçando explodir.

Ele bateu nela. Ele bateu nela, caralho? Meus punhos se fecham e os pulmões doem. Cada músculo queima.

Filho da puta.

E Cole estava na mesma festa que ele? Mandou esse cara para buscá-la? Que porra é essa? Como ele pode ficar em qualquer lugar perto de um merda desse?

A imagem de algum pivete covarde agarrando Jordan, machucando-a, fazendo-a chorar... Eu...

Fecho os olhos.

Acabei de fazê-la chorar.

— Ela é uma boa menina com um bom coração — continua Shel. — E merece muito mais do que os babacas desta cidade, incluindo seu filho. Espero que ela deixe todos vocês comendo poeira e nunca olhe para trás.

Jesus Cristo. O que eu estava pensando?

Eu giro e sigo para onde Jordan desapareceu no corredor. Preciso falar com ela agora. Tudo que pensei fazer sentido minutos atrás agora parece ridículo. Por que tiraria conclusões que não tenho provas?

Droga, Cole! Não acredito que ele fez isso.

Caminho pelo corredor, vendo banheiros, um escritório e uma outra sala com a porta entreaberta. Ela provavelmente está no banheiro, mas antes de decidir esperar, abro outra porta para verificar primeiro.

Ela está no meio da pequena sala de costas para mim, mas percebo que está enxugando os olhos. Prateleiras do chão ao teto revestem as paredes, estocam garrafas de bebidas, utensílios de cozinha e sucos, e outros suprimentos, como guardanapos, canudos e velas.

Fico na porta e a escuto fungando.

— Jordan? — digo hesitante.

Ela imediatamente se endireita, girando só um pouco de forma que a vejo de perfil.

— Ai, sério? — diz, tentando firmar a voz. — Apenas saia. Você quer que eu vá embora? Já entendi, tá? Eu vou.

Eu dou um passo para frente.

— Jordan, eu lamento muito. Não sei o que estava pensando.

— Apenas vá.

— Você deveria ter me ligado — digo, dando mais um passo à frente. — Eu viria em um piscar de olhos. Desculpa. Eu só...

Mas ela se vira do nada, olhando para mim.

— Sabe de uma coisa sobre homens? — pergunta, enxugando os olhos com o queixo rígido. — Eles acham que podem te tratar mal, porque você aceita. Mas você ganha quando nunca os permite repetir isso. — Ela se aproxima de mim, acrescentando: — Pode ir se foder.

E então dá a volta por mim e sai.

Eu murcho. Quero ir atrás dela. Endireitar as coisas e dizer que errei. Quero ir e fazer o certo, mas...

Não sei.

Esta é a segunda vez que discutimos, e as duas vezes foram culpa minha. Nós não deveríamos brigar. É o que uma mulher faz com o namorado, não com o pai dele.

E é isso que eu sou. O pai do namorado dela.

Nada mais.

Mas no fundo do meu coração, a pequena chama crescendo cada vez mais sabe que isso é uma mentira.

É mais. Não perdi a paciência por causa do Cole. Foi por minha causa.

Ela se tornou importante e, pela primeira vez em muito tempo, eu me encontrei realmente gostando de conversar com alguém. Comecei a relaxar e não me preocupar.

É bom tê-la por perto.

E acabei de mandá-la embora.

CAPÍTULO 9

JORDAN

Shel tenta me mandar mais cedo para casa no meu turno duplo, mas depois do que aconteceu com Pike, o último lugar que posso ir agora é sua casa. Não tenho outro lugar para ir, sem mencionar que preciso do dinheiro.

Como ele pôde fazer aquilo hoje cedo? Invadir meu trabalho como se soubesse das coisas? Não pertenço a ele.

E se ele tem uma preocupação, por que não pode dizer com gentileza? Nem toda mentira é para ferir alguém. Estava encobrindo Cole.

Sim, compreendo as suspeitas. Isso eu entendo. Ele não me conhece bem, e está preocupado com o filho, mas como os dois homens Lawson podem ser tão ruins para ter uma conversa madura?

Esfrego os olhos, voltando a me lembrar do momento em que ele me disse que não sustentaria alguém assim e para sair de sua casa. Naquele momento, eu me senti indesejada. De novo. Indesejada em outro lugar. Por outra pessoa. Eu me senti como um fardo. Igual eu me sinto com meus pais, e até mesmo com Cole e Cam, às vezes.

Por que eu sempre me sinto como se não merecesse mais? Pensei que ele era legal. Achei que fôssemos amigos e comecei a relaxar.

Solto um gemido, tentando não chorar. Odeio ter feito isso na frente dele.

Trabalho até o turno das dezoito horas começar e fico só mais um pouco para jantar a outra metade do sanduíche que trouxe de almoço, guardo minhas gorjetas e fecho o caixa antes de vestir a blusa de frio e pegar a bolsa. Não tomo banho há mais de vinte e quatro horas, e uma dor de cabeça pressiona entre os meus olhos por causa da falta de sono. Só quero ficar debaixo de um banho quente e esquecer de todo o resto.

Mas desanimo por completo, lembrando que não tenho aonde ir para tomar banho. Não vou usar nada de Pike Lawson, nunca mais. Sem dizer que ainda estou chateada com Cole. Ele mandou mensagem para ter certeza de que eu estava bem e para pedir desculpas novamente, mas não respondi.

Aceno para Shel e as outras garotas e deixo o bar, saindo para receber o ar fresco da noite. O sol se pôs, mas ainda há um pouco de luz conforme jogo a bolsa sobre o ombro e pego à esquerda, descendo a rua.

Preciso do meu próprio lugar. Meu e de mais ninguém. Preciso da minha própria casa, uma que seja só minha, onde me sinta como eu e nunca seja expulsa ou amontoada em um canto ou indesejada. Onde me sinta segura.

E isso significa que preciso de dinheiro.

Sem pensar, minhas pernas me levam pela rua Cornell até a Lambert, o céu ficando mais escuro e os insetos brilhando nas árvores acima. O trânsito diminuiu, mas fica mais pesado na hora seguinte, enquanto vou cada vez mais para longe do centro. Casas alinhadas às ruas, bem como algumas lojas nas esquinas e postos de gasolina, mas há menos luz nessa região, então fico na calçada e sob as bem-vindas luzes da varanda à esquerda e à direita.

Depois de menos de uma hora, vejo as luzes do “The Hook” à frente e o estacionamento que só fica mais cheio a cada instante. Já estive aqui antes,

mas odeio entrar em um lugar movimentado com as roupas do dia anterior e o cabelo fedendo a fumaça de cigarro.

Percorro os olhos pelo estacionamento e vejo o Mustang da minha irmã ao lado do prédio. Toda noite, um dos seguranças leva as garotas até seus carros, caso algum fã maluco tente pegar uma delas quando estão sozinhas.

Entrando na boate, de repente sou envolvida pela escuridão, as batidas pesadas da música vibrando no chão sob meus pés. Está quente e tem cheiro de fumaça perfumada. Ao contrário do Grounders, não é permitido fumar aqui e, em vez de antigos pisos de madeira com sujeira alojada nas frestas, um piso preto reluzente range sob meus tênis.

— Oi, meu bem! — uma mulher chama. — O que está fazendo?

Eu me viro e vejo Malena através da janela da pequena bilheteria. Ela nunca me cobra para entrar, é claro. Não venho aqui para isso.

— Cam está por aqui? — pergunto.

— Ela acabou de terminar no palco — responde. — É provável que já esteja em algum lugar por aí. Vá em frente.

— Obrigada. — Dou um sorriso e entro, o pequeno nó no estômago apertando mais. Nunca importunei Cam aqui a menos que eu precisasse. Algumas das irmãs ou amigas das moças ficam nos fundos com outras dançarinas e saem para conversar e se distrair, mas isso é difícil para mim. Dou conta de ver minha irmã nua, mas tenho um problema em ver os outros a verem nua. Pais de amigos da escola, um antigo namorado... até mulheres da cidade que vêm de turma para uma noite de garotas para “fazer algo diferente”, mas eu sei que irão sair e falar das dançarinas no dia seguinte para quem quiser ouvir. Olhar por trás da cortina e ver o motorista de ônibus da minha escola primária ou algo assim me deixaria maluca. Não sei como ela faz isso.

O ambiente é projetado com luzes estroboscópicas, girando para cima,

para baixo e ao redor, enquanto as lâmpadas se alinham nas bordas do palco que se projeta para a multidão e é cercado por mesas de ambos os lados. Não é um lugar grande, mas há dois pedestais separados com postes e suas próprias luzes, onde as dançarinas podem se aproximar do público longe do ato principal.

Parando no bar bem do lado da entrada, olho em volta à procura do cabelo castanho de Cam, provavelmente arrumado em estilo arrojado o suficiente para fazer ciúmes em qualquer mulher do Texas. Há uma boa quantidade de clientes esta noite. Solitários, alguns casais, mesas cheias de homens comendo bife e hambúrgueres, que parecem ter acabado de sair do escritório, e uma grande festa de jovens que não reconheço.

Gwen, uma das amigas de Cam, coloca as mãos nos braços de uma poltrona e se abaixa no assento.

No colo do homem já sentado nela.

Apoiando-se nos braços, ela se move e esfrega, rebolando os quadris e deitando a cabeça para trás em seu ombro. Minha pele aquece e a respiração fica ofegante. Já a vi ou qualquer uma das outras garotas fazendo isso uma dúzia de vezes. É ele que me deixa hipnotizada, no entanto.

Seu cliente tem cerca de vinte e poucos anos, um jovem vestindo jeans e camiseta, mas é bonito e em forma. Seus olhos estão baixos, olhando por cima do ombro e na frente do corpo dela conforme Gwen se move em cima dele. Suas mãos, incapazes de tocá-la, apertam os braços da cadeira, e eu olho para cima, vendo seu maxilar flexionar.

Provocando, atiçando, cativando sua atenção e balançando algo que ele quer bem na frente dele, para depois afastá-lo para longe, porque ele não pode ter aquilo...

Neste breve instante, gostaria de saber se eu seria tão boa assim.

— Já vejo alguns olhos em você.

Viro a cabeça, vendo Mick Chan, o dono do “The Hook”, parado no canto do balcão do bar. Mick é um ex-lutador de meia-idade que se casou com uma stripper e decidiu que queria passar o resto de sua vida em um bar, então ele e sua esposa abriram este lugar e vivem felizes para sempre desde então.

Ele sorri para mim, sua camiseta preta esticada sobre peito ainda musculoso.

— Ah, o dinheiro que poderíamos fazer juntos... — diz ele com uma piscadela.

Volto meus olhos para o lugar, me segurando para não rir debochada. O homem deveria considerar seriamente a montar um estande na feira de carreira da escola, para que pudesse laçar as mulheres assim que alcançassem a idade legal de dezoito anos, em vez de continuar me perseguindo.

— Sua irmã diz que não tem a cabeça para isso, e que eu deveria te deixar em paz, mas, Jordan...

— Não vim aqui pra isso — eu o corto. — Vim falar com ela.

Termino de olhar o lugar e estou prestes a ir para os fundos quando, de repente, ele se move na minha direção, seu tom calmo, mas sério.

— Você vê esses clientes na Grounders, também, né? — Ele analisa o público e volta a me olhar. — São os mesmos homens que você atende lá, não são?

Olho para as mesas e cabines, reconhecendo alguns. A cidade é pequena. E daí?

— Por que acha que eles vão lá? — pergunta, estreitando os olhos em mim. — Tenho um *chef* e um menu melhor aqui. *Bartenders* treinados. Banheiros mais limpos. Por que não passar o tempo todo aqui?

— Porque o Grounders é mais barato.

— Porque o Grounders vende sexo também — retruca. — Aqueles

jovens vão para o Grounders por você, Shel, Ashley, Ellie... não pela cerveja barata e as cascas de amendoim espalhadas pelo chão. Por que acha que não há homens trabalhando lá, afinal? Shel contratou você, por causa da sua aparência.

Eu não digo nada, apenas me concentro no palco, onde vejo minha irmã saindo de trás da cortina. Mick me observa, e quase sinto sua respiração na nuca, apesar de estar a um metro de distância.

— Não se engane — ele me diz. — Eles ainda estão te olhando com cobiça, mesmo vestida com todas as suas roupas. — E então ele olha para o palco e minha irmã gira ao redor do poste. — Ela só ganha muito mais dinheiro.



No dia seguinte, minha irmã não pergunta por que dormi no seu sofá. Ela leva seu filho e eu para tomarmos café da manhã, e então passamos no armazém para comprar alguns produtos. Falamos sobre a feira do condado, o que há de novo nos cinemas e que tipo de festa Killian quer para seu aniversário em setembro.

Minha irmã gosta de pegar no meu pé, mas ela é boa em ver quando estou sofrendo, também. Ela sabe quando dar um tempo.

Depois de sua dança ontem, eu a segui até os fundos da boate e peguei as chaves dela, para pegar seu carro e entrar na sua casa. Não sabia o que dizer a ela sobre por que precisava dormir lá, então não expliquei nada. Por onde começaria? Cole me deixando na mão? Acabar sozinha com Jay em um carro, numa rua deserta no meio da noite, pela primeira vez em dois anos? Passar a noite em uma mesa de sinuca? Pike me acusando de trair o filho e de aproveitar de sua generosidade?

Seu chefe me pressionando de novo sobre trabalhar para ele?

Cole agindo como se eu mal existisse?

Sinto um soluço alargar minha garganta. Não posso voltar lá. Prefiro dormir no meu carro. A criança de três anos de idade em mim com o orgulho do tamanho do Pacífico vai mostrar a ele, não vai? Vou morar no meu carro quebrado sem ar-condicionado e maçanetas quebradas, porque não preciso de ninguém, certo?

Com os olhos lacrimejando, sorrio um pouco conforme dirijo o carro da minha irmã. Não é tão ruim assim, na verdade. Tenho a casa do meu pai. Minha madrasta pode não me querer lá, mas não me deixarão na rua.

Não será sempre assim.

Entro no bairro de Pike, desacelerando o Mustang da minha irmã e pego a rua de sua casa.

Minha irmã não tem que trabalhar hoje, então me emprestou seu carro para tirar minhas coisas da casa de Pike.

No entanto, quando a casa aparece, vejo sua caminhonete na garagem e fico nervosa.

Não quero vê-lo agora.

Devia voltar mais tarde.

Mas não, preciso das minhas roupas e dos livros da faculdade. Posso pegar o resto depois, porém, tenho que pegar algumas coisas agora.

Estaciono e saio do carro, pegando a pequena mala que peguei da minha irmã, atravesso o gramado e subo as escadas. Pegando a chave, vou abrir a porta, mas vejo que já está aberta. Dou um passo cauteloso para dentro.

A sala está vazia e eu passo pela cozinha, vendo que ele não está lá, também. Meus ombros relaxam um pouco. Sigo até as escadas, segurando no corrimão.

— Jordan.

Eu congelo, consciência e nervoso fazem os pelos da nuca levantarem. *Merda*.

Virando, endureço a expressão e levanto o queixo para enfrentar Pike. Ele está entre a cozinha e a sala, limpando as mãos com uma toalha suja, os braços e os dedos cobertos de sujeira. Ele está molhado, ensopado de suor em algumas partes da camiseta cinza, e seu rosto está mais bronzeado do que da última vez que o vi. Como se ele tivesse passado as últimas vinte e quatro horas no sol.

— Só preciso pegar minhas coisas — digo e viro para as escadas.

Mas ele me impede de novo.

— Jordan.

— Olha, está tudo certo, tá? — eu o interrompo, virando em sua direção de novo. — Não deveria ter vindo pra cá de qualquer maneira, e não é como se Cole ficasse aqui a metade do tempo também, então só me deixa esquecer tudo isso e pegar minhas coisas.

Ele se aproxima.

— Para onde você vai?

Eu quase sinto vontade de chorar.

— Para a casa do meu pai. Em Meadow Lakes — respondo. — Não sou problema seu, tá legal?

Pronto. Está feito. Não há necessidade de fingir que não tenho outras opções. Estou indo embora. Odeio a ideia de voltar àquele buraco de merda do trailer, mas não será para sempre. Vou sobreviver.

Eu me movo para subir as escadas novamente, mas ele fala, apressado:

— Por favor — solta, me parando. — Venha aqui por um minuto. Quero te mostrar uma coisa.

Ele deve ver a suspeita nos meus olhos, porque volta a pedir, mais

firme e determinado desta vez.

— Por favor — diz ele. — Só por um minuto.

Ele se vira e volta para a cozinha, e eu hesito por um segundo antes de segui-lo. Não quero parecer curiosa, mas estou.

Eu entro na cozinha e o vejo andando pela lavanderia adjacente e saindo pela porta dos fundos. O que tem no quintal que eu gostaria de ver?

A porta da tela se fecha e respiro fundo me aprumando, seguindo-o.

Ele está ao lado de um retângulo de terra que fazia parte do quintal vinte e quatro horas atrás. Agora, a grama se foi, há uma borda delineando o perímetro com o solo fértil dentro. Tem uma mangueira presa a um tubo de PVC, que está embutido no solo com bicos para soltar jatos de água em vários intervalos.

Ele olha para mim, quase como se estivesse nervoso com a minha reação.

— O que é isso? — pergunto.

Ele dá uma olhada nisso e voltar a olhar para mim.

— É um jardim — responde. — Estava com esperança de você querer me ajudar com isso ou algo assim.

Estou sem palavras. Meu coração está batendo tão forte e o sol está tão quente. Como foi que... Mas então eu me lembro. Ele sabe que eu amo paisagismo. Sabe que leio todas aquelas revistas. Sabe do que eu gosto.

Sinto uma dor no coração. Ele fez isso tudo em um dia?

Mas não vou amolecer por causa dele. Firmo a voz.

— Desde quando você quer um jardim?

Ele se aproxima de mim e eu cruzo os braços, reforçando minha armadura.

— Jordan, eu fui um idiota — diz. — Tirei uma conclusão precipitada

porque já passei por um bocado, e estou velho e cansado. Espero comportamento ruim de todos. — Ele pausa e franze o cenho. — Mas quem se portou mal fui eu. Você é diferente e eu que ferrei tudo. Não vai acontecer de novo. Não acredito que disse aquelas coisas.

Ele está ficando borrado, e não consigo parar as lágrimas de se formarem, apesar do enorme esforço que estou fazendo ao cerrar os dentes.

— Eu quero que você fique — ele continua. — Gosto de ter você aqui. É bom voltar para casa e ter vida aqui. Ter pessoas para conversar. É bom ter ajuda, e... — Seu maxilar tensiona, parecendo irritado. — E você não deveria ter dormido na porra de uma mesa de sinuca. Pode ficar o tempo que precisar, me entendeu? Não quero que você vá embora.

Meu queixo treme e não consigo evitar. As lágrimas caem e abaixo a cabeça para me esconder.

— Por favor, não chore de novo — implora. — Ou eu vou ter que tirar a piscina e construir um gazebo ou alguma merda assim.

Começo a rir, fungando e enxugando os olhos.

— Não, não tire a piscina. Gosto dela.

Vagando até o novo jardim, observo como é grande e quanto trabalho deve ter dado. Não desculpa seu comportamento, mas é bom saber que ele trabalhou duro em algo que pensou que me faria feliz. Ninguém jamais fez algo assim por mim.

Quer dizer, minha irmã me comprou roupas e me levou para sair, mas Pike fez algo que sabia que eu amaria. Algo que tem muito a ver comigo.

— É incrível — digo, falando a verdade. — Mas acho que é melhor mesmo que eu vá.

— Esta casa é sua — diz ele. — Seu lugar é aqui pelo tempo que quiser. Você e Cole podem convidar seus amigos, colocar a música que gostam,

acender suas velas...

— Colocar capa na tampa do vaso? — provoco.

— Nem fodendo.

Nós rimos, e eu olho para a terra. Podemos plantar tantos legumes aqui.

— Comprei um monte de sementes — comenta, pegando uma sacola e vasculhando dentro. — Mas não sei bem como tudo deve ser plantado ou quanto espaço precisa entre cada vegetal, portanto, pensei que poderia plantar isso?

Encontro seus olhos, e não desviamos por um tempo. Acho que talvez ele me queira por perto ainda mais do que está deixando transparecer. Como se eu fosse ajudar na relação dele e de Cole, e como disse, está gostando de ter pessoas na casa.

Ele me entrega os sacos de sementes e lentamente pega a mala da minha mão.

— Vou colocar isso na garagem — avisa. — Vou tomar banho. Talvez possamos começar a plantar de manhã?

Seus olhos parecem procurar algo nos meus, e minha respiração para com seu olhar.

Finalmente aceno, me afastando.

Ele caminha em direção à casa e então ouço sua voz atrás de mim.

— E se precisarmos de mais suprimentos, é só me dizer. Tenho que ir na loja de materiais de construção amanhã de qualquer maneira.

— Tá — sussurro.

E então eu olho para ele por cima do ombro.

— E você não é velho, viu? — digo.

Ele olha para mim, com diversão nos olhos.

— Idade suficiente para ter meus pontos de vista estabelecidos. E isso

foi errado da minha parte.

— Obrigada.

Os músculos do braço dele flexionam conforme carrega a mala, e não consigo evitar de olhar as tatuagens que percorrem o braço. Parecem um pouco desbotadas, como se as tivesse feito quando adolescente.

Como ele era na idade de Cole? É difícil imaginá-lo como um... Bem, um garoto, acho. Ele é tão sério. Quase até demais.

Mas ele é sincero.

— Da próxima vez que precisar de uma carona, ou de qualquer coisa — diz —, prometa que vai me ligar?

Concordo com a cabeça e viro para as minhas sementes, animada pelo verão à frente.

CAPÍTULO 10

PIKE

— Dois — digo a Dutch e jogo as cartas que não quero, de volta para ele.

Tirando os olhos das próprias cartas, ele empurra mais duas para mim, e eu as encaixo na mão analisando. Uma merda, mas tenho dois setes, então não está tudo perdido.

Não que eu me importe. Não sou um homem competitivo – pelo menos não quando se trata de pôquer –, mas hospedar esses encontros uma vez por mês em minha casa nos dá algo para fazer enquanto conversamos. Levanto o olhar para Dutch e, depois olho em volta da mesa, vendo Todd, um dos meus encarregados, bem como Eddie, John e Schuster, trocando ou reorganizando as cartas. Todo mundo coloca alguns dólares no meio da mesa, e Todd aumenta mais três apostas. Todo mundo aceita... esperando que seja um blefe.

— Não estou animado com as minhas meninas crescendo, reconheço — diz Dutch, dando um olhar divertido.

— Por quê?

Ele só balança a cabeça, suspirando.

— Esse barulho me deixaria louco. Por enquanto, tudo que eu tenho

que suportar é uma festa do pijama de vez em quando, com uma turma de crianças de oito anos rindo.

Dou risada baixinho, as batidas do andar de cima começam a parecer que as paredes desmoronarão. Estremeço. São apenas nove e meia. Se ainda estiver tão alto assim em uma hora, direi ao Cole para desligar a música ou o bairro vai me encher o saco. Não deveria ser uma festa, mas eu encorajei ele e Jordan a trazerem alguns amigos, então a culpa é minha, acho.

— Não faz muito tempo que nós gostávamos de muito barulho — digo, dando um sorriso para ele.

Os caras riem, murmurando ao concordarem. Nos formamos na mesma época, e foi uma feliz reviravolta de eventos que alguns de nós agora trabalhem juntos, embora John e Schuster não, sendo um policial e um carpinteiro, respectivamente.

Não fazia muito tempo desde que éramos muito parecidos com Cole – fazendo bagunça e nos divertindo muito em nossos erros. Fui o primeiro a ser jogado na idade adulta, mas ainda nos mantivemos próximos ao longo dos anos. Casamentos, filhos, um divórcio – todos nós havíamos passado por algo, e tive que despertar um dia quando percebi que estava esperando minha vida começar – minha vida de verdade – apenas para descobrir que tinha já começado quando eu não estava prestando atenção.

Aquele trem que estava esperando para pegar, passou correndo por mim sem parar. Provavelmente não haveria uma esposa, e eu nunca saberia como seria ver meus filhos crescendo e me vendo todos os dias. Neste ponto, estou muito acostumado a ficar sozinho já que sou filho único.

E um filho único não sabe como dividir suas coisas.

Todd aumenta outro dólar e eu saio, seguido por Lin, Dutch e Eddie. Todd pega o pote e Dutch embaralha as cartas, começando a dar uma nova mão

de novo.

A música abafada do andar de cima do nada fica mais alta e clara, e ouço passos na escada, seguidos por uma porta fechando. Pés descalços aparecem na escada, as pernas ficando mais visíveis à medida que descem.

Jordan se abaixa, espiando sob o teto do porão para nós.

— Oi, você se importa se eu pegar sacolé no freezer?

Todos olham para ela, virando a cabeça, e aceno, praticamente não tirando o olho das minhas cartas.

— Não, pode pegar — respondo depressa.

Sinto um calor descer por meus braços, e foco na minha mão, lutando para me concentrar, porque ela é tudo que estou ciente agora.

Ela se apressa, descendo o resto da escada, seus passos leves e rápidos como se estivesse tentando não ser vista ou ouvida correndo até a parede à minha direita e levanta a tampa do grande freezer.

O lugar fica quieto, e não sei se os caras estão com medo de falar normalmente, porque tem uma mulher aqui ou se estão distraídos. Encaro minhas cartas e fico pensando. Sobre o que estávamos falando um minuto atrás?

Ah, crianças. Certo.

Ouço coisas sendo movidas no freezer e dou uma olhada para cima, meu olhar imediatamente indo para os seus pés. Ela está na ponta deles e se inclina, segurando a tampa com uma mão enquanto fuça no grande congelador. Ela parece estar ciente do short e que está curvada na frente de uma mesa com homens, porque continua se endireitando a cada poucos segundos e puxa o short para baixo, tanto quanto pode.

As unhas dos pés estão pintadas de rosa claro, e dá para ver que está usando biquíni por baixo da camiseta cinza. As alças estão visíveis amarradas atrás do pescoço, e consigo ver mais através das laterais da camiseta sem mangas

e que estão cortadas, exibindo a pele curva bronzeada de sua cintura. Os músculos de suas coxas flexionam e meu estômago se agita por todos os lados.

Começo a olhar de volta para as cartas, mas eu a vejo colocando o cabelo atrás das orelhas, e é aí que noto os buraquinhos na camiseta. Acima no ombro, pela costura.

É a... ?

— Aquela não é a sua camiseta? — Dutch se inclina, sussurrando.

Estreito os olhos na roupa, e então vejo o meu número do time de beisebol esverdeado e desbotado à espreita por trás de seu cabelo. Sabia que reconhecia aqueles buracos.

Olho para longe. Devo ter deixado em algum móvel no outro dia, e ela pegou, pensando que era de Cole, talvez? Ele também jogava beisebol, acho.

E ela a cortou? Eu meio que quero ficar com raiva pela perda. Tenho essa camisa desde o ensino médio, mas...

Estava surrada demais para usar em público, de qualquer maneira. E fica melhor nela do que jamais ficou em mim. Volto a olhar em sua direção, vendo-a usar a camiseta sobre a pele bronzeada, e uma sutil onda de prazer me invade sorrateiramente por ela estar vestindo algo meu.

Eu me mexo na cadeira, piscando diante das minhas cartas para afastar os clarões da minha visão.

— Precisa de uma mão? — Eddie oferece a ela.

Olho para Jordan, eu a vejo se curvar no freezer, e franzo o cenho.

Mas Todd comenta, seu tom bem-humorado cheio de malícia.

— Oh, deixe ela em paz. Está se virando muito bem sozinha.

Os caras riem, inconfundivelmente apreciando a vista, e Jordan se levanta, colocando a caixa de sacolé na dobra do braço. Ela arqueia uma sobrancelha para Todd, descendo a tampa do freezer.

Eu me preparo para o ataque de sua boca esperta, mas, em vez disso, ela vai até a mesa e olha por cima do ombro dele em suas cartas.

— Oh, olhe só — diz ela, os olhos se iluminando e a voz animada. — Está com todos os reis do baralho. Que sorte, hein?

Dutch solta uma gargalhada, e não consigo evitar minha risada quando todos entram na diversão. Todos, exceto Todd, que joga suas cartas na mesa, desistindo da disputa agora.

Ela fixa um sorriso de satisfação no rosto e volta para a escada. Fico um pouco tentado a dizer a ela para tomar conta para que ninguém derrame aquilo na piscina, mas estou me policiando para não ficar em cima dela e de Cole como se fossem crianças.

— Ah, ei, posso te fazer uma pergunta? — diz ela, parando no meio da escada.

Encontro seus olhos.

— Tem um bolo na geladeira — continua. — Cole está implorando para comer, mas eu não o comprei e não tinha certeza de onde veio. Só queria verificar com você antes que ele acabe comendo.

Porra. Mantenho o rosto normal apesar de estar irritado. Posso sentir os olhos dos caras em mim.

— Oh, uh, é um... — murmuro, balançando a cabeça e fingindo estudar minhas cartas de novo. — Eu, uh... comprei pra vocês... hoje, na padaria... pra vocês dois.

Ela não diz nada, e depois de um momento de silêncio completamente desconfortável, olho para cima. Ela inclina a cabeça, parecendo confusa.

Jogo três cartas para Dutch me passar mais três, embora não sei bem quais as três que acabei de descartar.

Ela ainda está olhando para mim. Consigo sentir isso.

Explico mais, esperando que ela diga alguma coisa e saia daqui.

— Estava passando pela Etienne e lembrei que você não teve nenhum bolo no seu aniversário — digo, agindo de forma indiferente. — Ou a chance de realmente comemorar. Só pensei que vocês poderiam gostar disso. — Pego três cartas novas na pilha quando Dutch não me passa nenhuma. — Estava passando por lá mesmo. Nada demais.

Se não fosse nada demais, eu não teria me sentido de repente esquisito quando cheguei em casa. Foi estúpido comprar isso para começo de conversa. Ela não é minha filha.

Mas por alguma razão, passando na frente da vitrine e observando o bolo de três camadas com rosas cor-de-rosa cobrindo cada centímetro, pensei nela. Acho que eu ainda estava tentando compensar por agir feito um idiota no outro dia.

E na outra noite ela mencionou sobre soprar as velas, os desejos... Ela não conseguiu fazer isso corretamente em seu aniversário – *donuts* não contam –, então me senti mal, mesmo que não tenha sido culpa minha. Comprá-lo pareceu uma boa ideia na hora.

Trazer aquilo para casa deu uma sensação sentimental, no entanto. Sentimental demais. Enfiei na geladeira, escondi a caixa rosa, esperando para ver se entrava no clima daquilo de novo antes de eu simplesmente jogar fora.

— Mas sim, é seu, então pode deixá-lo comer — digo por fim, dando um rápido olhar para ela antes de voltar a atenção para as minhas cartas.

— Não ia me dizer que estava lá?

Dou de ombros.

— Acho que me esqueci.

A mentira não soa convincente, mas sua voz animada me salva do calor de todos os olhares em cima de mim.

— Bem, nesse caso, então não — afirma determinada. — Ele não pode comer nada. É meu.

Meu coração aquece e não consigo evitar. Olho para cima devagar. Ela está sorrindo para mim conforme sobe o resto das escadas.

— Obrigada! — grita, e então escuto a porta se abrir e a música entrar antes de fechá-la.

Rosa. Comprei para ela um maldito bolo rosa como se tivesse sete anos. Com rosas. Ela viu o bolo? Parece um bolo de menina? Ou pior, algo romântico? Eles tinham bolos com balões. Tinham bolos simples. Porra, sou um idiota. Eu nem sequer pensei.

Eu jogo as cartas na mesa, fecho os olhos e passo a mão pelo cabelo.

— Só um minuto, pessoal — digo, empurrando a cadeira para trás e dando a volta pela mesa, em direção às escadas.

Algumas risadinhas e gargalhadas explodem atrás de mim quando saio do porão e vou atrás dela.

Sabe, não faz muito tempo que eu conseguia pensar claramente. Não estava constantemente duvidando de cada movimento que fazia e listando todos os resultados possíveis para uma única ação e como Jordan responderia a isso. Não fico tão confuso assim há muito tempo.

Abrindo a porta no topo da escada, ouço “I Love Rock ‘n Roll” vindo do quintal e o barulho de alguém pulando na piscina. Encarreguei Jordan de pegar as chaves dos carros de quem ia beber, mas se os vizinhos decidirem chamar a polícia por causa do barulho, minha medida de segurança para impedir que garotos dirijam embriagados não me salvaria da ilegalidade de deixar os menores beberem aqui para começo de conversa.

Embora esteja com um policial no andar de baixo, estou supondo que as chances estão do meu lado.

Entro na cozinha, vislumbrando o pessoal do lado de fora, e vejo Jordan na geladeira, puxando a caixa rosa com o bolo.

Ela se vira e a coloca na ilha central, olhando para cima e encontrando meus olhos.

— Não vou comer ainda — diz. — Caso contrário, terei que dividir. Só quero ver.

Apreensão se apodera de mim quando ela levanta a tampa, e há um pedido de desculpas nos meus lábios, mesmo quando a vejo formar um sorriso animado.

Ando até na geladeira e pego um refrigerante para fingir ser o motivo de ter vindo até aqui.

— Desculpe se é infantil — comento. — Não sei bem o que estava pensando.

Ela cruza os braços e morde os lábios com os dentes, como se estivesse tentando se conter, mas não está funcionando. Posso ver o rubor em seu rosto através da cozinha escura e o jeito que sua respiração oscila.

Ela vira a cabeça para mim.

— Acho que nunca tive um bolo tão bonito — confessa. — Obrigada por pensar em mim. É uma bela surpresa.

Ela vira para o bolo, com um olhar engraçado nos olhos.

Ótimo. Agora eu me sinto pior. Parece que esse bolo é a melhor coisa que alguém já fez por ela, e aquilo não seria triste demais?

É até um bolo bonito, no entanto. A cobertura é feita de rosas e começa branco na parte de baixo e lentamente fica mais rosa a cada fileira subindo em direção ao topo, onde finalmente envolvem uma rosa de um tom forte de rosa.

Viu, não foi estúpido. Sabia que ela gostava dessa cor.

— É rosa por dentro também — conto. — A massa, quero dizer.

Seu sorriso aumenta.

E não é para crianças, agora eu lembro. O bolo foi feito com champanhe, disse a vendedora.

Tudo bem, eu fiz o certo. Minha cabeça finalmente volta para a perspectiva que eu tinha quando o comprei e me sinto menos torturado.

Ela mergulha o dedo em uma rosa e o leva até a boca, chupando o glacê. Meu olhar congela, observando o modo como os lábios dela se fecham e a língua aponta para lamber um pouco de cobertura que ficou na ponta.

Gemo internamente, incapaz de me impedir de imaginar o quão quente é sua boca.

Limpo a garganta.

— Uh, eu me esqueci completamente das velas — admito, indo até a gaveta atrás de mim —, mas sei que você tem que fazer isso, então...

Pego uma caixa de fósforos ao lado dos pegadores de panela e acendo, vou colocá-lo no centro do bolo, mas paro.

— Devemos chamar Cole?

Ela olha pela janela e depois gesticula, fazendo que não. Enfio o palito de fósforo no bolo.

Eu a observo quando ela fecha os olhos, exala uma respiração e relaxa os ombros, e então, lentamente, um pequeno sorriso curva seus lábios. Instintivamente, sorrio também, como se não soubesse o que está pensando, mas acho que sei o que está sentindo naquele momento.

Ela apaga o fósforo e abre os olhos, o fio de fumaça branca ondulando na frente de seu rosto.

Fico ao lado dela por um instante, não querendo me mexer.

Alguém deveria estar a abraçando agora. Alguém deveria estar na frente dela, colocando as mãos no balcão ao lado de seu corpo, e sentindo sua

respiração contra o rosto.

Respiro um pouco mais rápido, imaginando seu gosto.

E então pego a lata de refrigerante que coloquei no balcão e a aperto até o alumínio estalar.

Isso não é bom. Esses pensamentos não são bons.

Eu me afasto, engolindo três vezes para molhar a garganta, e pego o estojo de fita cassete da minha caminhonete do balcão e o deslizo pela ilha para ela.

— E isso é para você, aniversariante — digo para despistar qualquer vibração que eu possa ter acabado de emitir. — De nada.

Seus olhos caem no estojo preto, reconhecendo-o e arregalando os olhos, o queixo caindo.

— O quê?! — exclama. — Você não pode estar falando sé... Nem pensar! — Ela dá um enorme sorriso. — Não posso aceitar! Eram do seu pai.

Aceno, agora me sentindo mais seguro com o balcão entre nós.

— Meu pai iria querer que quem ficasse com eles, os adorasse. Vai amar isso, né?

Não é como se ouvisse mesmo essas malditas coisas. Só escuto o que toca no rádio. Ela pareceu muito maravilhada por elas, então foi a única coisa que pude pensar em dar que ela quisesse.

Jordan levanta as mãos animadamente e faz uma careta como se não soubesse o que fazer comigo.

— Mas... — Ela para, e ri. — Pike, eu...

— Você as quer, não? — pergunto.

Ela ri de novo, e franze o cenho. Posso ver o confronto em seus olhos. Para ela, é um presente valioso e que não tem direito a isso. Mas também está morrendo de vontade de ficar com elas.

— É sério? — pergunta, cobrindo o rosto com as mãos.

Não posso deixar de sorrir. É divertido fazê-la feliz.

Ela as pega e abraça.

— Eu tenho fitas. Tenho uma coleção. Merda! — ela explode. — Eu me sinto péssima, mas... também as quero. Então, ficarei com elas.

Ela finge um olhar de desculpas, mas ri, o que me diverte ainda mais.

— Bom — eu digo.

E me sinto melhor agora também. Pelo menos espero ter compensado o meu comportamento do início da semana. Com isso e o jardim, ela parece exultante.

Afasto-me do balcão para sair, mas ela me impede.

— Ah, espera.

Girando, ela tira uma bandeja da geladeira e vem até mim, colocando um pacote de batatinhas em cima e entregando tudo para mim.

— Fiz molho extra pra você e os rapazes.

Olho para baixo e meu estômago imediatamente rosna.

— Ah, não precisava ter feito isso. — Nós geralmente pedimos asas de frango e pizza. Mas isso parece mesmo muito bom. — Obrigado. Eles vão adorar.

Ela sorri, e por três longos segundos ficamos travados ali, olhos nos olhos. Quase como se o ar estivesse tão pesado com alguma outra coisa que nos impede de nos mover.

Por fim, respiro fundo e recuo.

— Garanta que limpem tudo quando acabar, tá? — *E não que você faça tudo*, tenho vontade de acrescentar, mas não faço.

Ela apenas revira os olhos para mim e volta sua atenção para as fitas.



Um baque alto me acorda, me assustando e pisco os olhos no escuro. Que porra é essa? Podia jurar que a cama também tinha vibrado. Leva um momento para me situar de todos os barulhos lá fora, e então ouço a batida da música abafada atravessando as janelas fechadas.

Jesus, eles ainda estão acordados? Olho para o relógio, vendo que já passa de uma da manhã. Jogo o lençol de lado e bocejo, passando os dedos pelo cabelo.

Está quente demais aqui.

Eu me sento, balançando as pernas sobre a borda da cama e me levanto.

Atravessando o quarto, abro a porta, caminho no corredor e desço as escadas. Lá embaixo verifico o termostato e ligo o ar-condicionado. *21ºC aqui.* Estou disposto a me comprometer, mas isso é insuportável. E para piorar estou dormindo com calça de pijama agora que tem pessoas na casa, mas tenho medo de acordar e esquecer que estou pelado, porra.

Entro na cozinha, mantendo as luzes apagadas, e paro na pia, olhando pela janela no quintal. Estou surpreso que a polícia não foi chamada. Está mais baixo que antes, mas ainda alto demais pelo horário.

Eu olho em volta procurando pela causa do baque e meus olhos imediatamente se arregalam, e viro a cabeça. Sério, Cole. Que tipo de amigos fazem essas merdas na casa de outra pessoa?

Pelo menos duas meninas estão sem as partes de cima dos biquínis, uma delas sendo fortemente apalpada por um cara que só posso supor que seja um dos amigos de Cole enquanto se pegam na piscina. A outra garota está deitada em uma cadeira de jardim, com um braço atrás da cabeça e óculos

escuros, apesar do fato de estar escuro.

Eu me viro, procurando pelo meu telefone na calça. Ele precisa sair com esses merdinhas da minha propriedade agora, mas não posso ir lá. Não tenho certeza se seria estranho para eles, mas definitivamente seria para mim. Aposto que conheço os pais deles, provavelmente.

Onde diabos está a Jordan? Não sei por que esse pensamento surge na minha cabeça, mas, por algum motivo, por instinto suspeito que ela também não goste nada disso. Onde diabos está o meu celular?

Lembro-me de que está conectado ao carregador do lado da minha cama, e volto para o meu quarto desconectando-o do cabo.

Pelo menos a maior parte da festa já acabou, pelo que parece. Não deve ser muito difícil se livrar das oito pessoas. Mas o quintal está uma bagunça, e tenho sido mais do que gentil. É melhor que ele não me peça por mais uma maldita festa por um bom tempo.

Descendo as escadas, ligo para Cole do meu telefone assim que entro na cozinha. Segurando-o no ouvido, escuto quando sua linha toca.

Mas logo vejo um tilintar vindo de algum lugar da sala e olho para trás, vendo uma luz vinda do braço do sofá. É o telefone de Cole acendendo com minha ligação. Que droga.

Desligando, toco o polegar no nome de Jordan para ligar no dela. Mas quando estou prestes a ligar, olho para cima, e paro.

Ela está lá. De pé na parte rasa da piscina, com água até na coxa, os braços presos à frente do corpo, tentando manter a parte de cima do biquíni enquanto Cole puxa a alça por trás do pescoço. Ele está na frente dela, olhando para baixo, enquanto ela balança a cabeça, tentando resistir, mas sorrindo ao mesmo tempo. Posso ver sua vergonha daqui.

Uma inundação de sentimentos me atinge, e tantos pensamentos

passam pela minha cabeça conforme tento desviar o olhar, mas não consigo.

Não olhe para ela, digo a mim mesmo.

E meu punho aperta ao redor do celular, querendo que Cole a deixe sozinha também. É obvio que ela não gosta disso.

E eu não gosto disso.

Mas não consigo evitar que meus olhos se voltem para ela, vendo o biquíni concha rosa que está usando e as tiras finas lentamente caídas sobre sua pele.

Deus, ela é linda.

Sinto um doloroso nó por dentro de mim, absorvendo seu longo cabelo caindo contra o corpo exposto, e seus braços, a única coisa segurando os restos que ainda a cobrem.

Esfrego o rosto com as mãos, tentando afastar a vergonha, porque se eu fosse Cole eu estaria fazendo o mesmo com ela, só que num lugar muito mais privado. Não quero que ninguém mais veja o que eu vejo.

Soltando uma respiração, abaixo os olhos. Esta noite precisa acabar. Talvez eu deva cortar a eletricidade, assim todos irão embora.

Mas antes que eu tenha a chance de me mexer, vejo que Jordan saiu da piscina e vem em direção à janela. Ela segura a blusa com uma das mão e coloca a minha velha camiseta de novo com a outra, amarrando as alças do biquíni assim que está vestida.

Suas sobrancelhas estão franzidas, como se estivesse irritada, e arqueio a cabeça, olhando para trás, vendo que Cole já se distraiu, rindo e jogando uma bola de futebol para alguém.

Ela dá a volta na casa, em direção à porta dos fundos, e eu me endireito quando ela entra na cozinha. Conecto meu telefone no carregador no balcão para disfarçar.

— Ah, oi — diz ela, parando quando me vê.

Eu a olho, limpando a garganta.

— Oi, tudo bem?

— Sim, estava só vindo para... — Ela hesita como se estivesse procurando por uma resposta. — Pegar um pouco de melancia.

Aceno uma vez e vou até a geladeira, alcançando por cima e pegando a fruta para ela.

Ela pega a tábua de cortar e uma faca, e eu esqueço de pedir a ela para acabar com a festa. Parece que ela não quer estar lá por enquanto.

Puxando a outra tábua ao lado da geladeira, fico no balcão ao lado dela e corto a melancia ao meio.

Um pedaço fica na minha tábua, coloco a outra metade na dela, e nós dois começamos a cortar.

Os últimos da festa correm pelo quintal, um garoto pega uma garota gritando que está seminua e abaixo os olhos de novo, me sentindo um idiota como se essa não fosse minha casa, e eu fosse um pervertido de 70 anos de idade espionando adolescentes descontrolados correndo em volta da porcaria do meu próprio quintal.

Eu a vejo olhando pela janela à nossa frente e então rapidamente para mim, provavelmente avaliando meu aborrecimento. Há mulheres de topless no meu quintal, afinal, e eu surtei com sua camiseta molhada ao aparar o gramado no outro dia.

Mas em vez disso, resolvo ser sarcástico.

— Acha que Cramer na casa ao lado está apreciando a vista?

Ela bufa, erra um corte, e solta uma risada.

Depois de um momento, porém, ouço sua voz provocando.

— Você está? — pergunta.

Arregalo os olhos um pouco, surpreso, e olho para ela. Ela me dá um pequeno sorriso arrogante.

— Você ainda é jovem — ressalta, brincando comigo. — Ainda parece cheio de energia. Por que não sai mais vezes?

Quem disse que não saio? Meus dias de bebedeira no bar acabaram, mas também recebi meus amigos hoje à noite. Claro que não é a mesma coisa que "sair", mas não sou um eremita.

— Você não é gay, é?

Eu a olho feio. *Como? Não conversamos sobre meus hábitos de namoro na outra noite?*

Mas ela balança a cabeça na hora, como se estivesse clareando os pensamentos.

— É, deixa pra lá. Achei que não era.

Jesus.

É verdade que não tenho uma vida social, não tanto quanto poderia ter. Eu sei disso. Ainda nem tenho quarenta anos, e meu tempo de inatividade lembra a aposentadoria do meu avô.

Paro por alguns instantes, procurando por palavras mais fáceis para explicar para ela.

— Gosto da minha vida chata — digo, minha voz meio que soando como um pedido de desculpas. — A maioria das mulheres não.

— Talvez as meninas não — responde, sua voz levemente bem-humorada, o que eu aprecio. — Eu te acho longe de ser chato. Você deveria sair mais. Há uma escassez de homens nesta cidade. Muitos garotos.

Sorrio comigo mesmo. Ela me vê como um homem, não só como o pai de alguém. Não deveria gostar disso tanto quanto gosto.

E sim, pode haver muitos garotos, mas também há muitas mulheres, e

nenhuma delas é para mim. Acredite, se minha futura esposa morasse nessa cidade, eu a teria encontrado a essa altura.

Ela corta uma de suas partes ao meio e a vira de lado para cortar em triângulos. Eu faço o mesmo.

Do lado de fora, uma moça com um longo rabo de cavalo corre pelo deque da piscina, seu biquíni laranja fazendo a pele bronzeada parecer mais escura.

Aponto o queixo.

— Devo ir atrás dela?

Jordan olha para a garota do lado de fora da janela e abaixa os olhos de novo, continuando a cortar a fruta.

— Ela é muita areia para o seu caminhão.

— Acha que não dou conta dela? — brinco cortando mais dois triângulos. — Tenho certa experiência, sabe?

— Bastante pela sua idade, tenho certeza. Já se cansou?

Mas que filha d...

Corto a fruta, e a faca desce, a ponta pega bem na parte interna do dedo do meio da mão esquerda.

— Merda! — Largo a faca e levanto a mão, doendo até o osso. Arfo através dos dentes. *Droga*.

— Oh — Jordan ofega e também deixa cair a faca, limpando as mãos. — Desculpa. — Ela dá uma risadinha arrependida. — Vem aqui.

Chupo o sangue do dedo, mal notando que ela me empurrou em uma das baquetas enquanto pega alguns itens de primeiros-socorros do gabinete.

Eu os coloquei ali? Não coloquei isso lá.

Apressando-se até mim, ela abre um pacote, e vejo que é um lenço umedecido, provavelmente aquelas coisas “antibacterianas”.

— Deixa que eu faço isso. — Estendo a mão.

Mas ela continua de qualquer jeito, inspecionando a gota de sangue do tamanho de uma ervilha no meu dedo.

— Eu sei — diz. — Eu me sinto mal. Não queria te irritar e distrair você. Só estava brincando.

Solto um gemido ríspido quando o lenço encosta no machucado aberto.

— Você não me irritou — respondo, mas sai em forma de grunhido. — Bem, acho que irritou sim. Sempre faz isso, mas de um jeito bom.

— De um jeito bom? — Suas sobrancelhas franzem.

Sim, tipo, você sabe, divertida. *Você é divertida*. E um pouco engraçada. E bastante interessante. Não sei como ela me deixa tão irritado rapidamente, e por causa de coisas bem triviais, e não sei explicar por que, mas gosto disso.

Eu não sei como dizer isso a ela, no entanto. Soa estranho.

Quando não respondo sua pergunta, ela continua, a voz baixa e séria.

— Sabe — diz ela, sem olhar para mim. — Se *estiver* interessado nela, posso trazê-la mais. Se você quiser.

A garota do biquíni laranja?

— Trazê-la mais?

Ela faz que sim com a cabeça, ainda limpando meu dedo.

— Uma festa do pijama ou algo assim, talvez. Você não terá que fazer nada. Ela vai pular em você.

Ela não me olha, mas eu a fito, no entanto. Ela quer me arrumar uma transa?

Sinto um leve suor morno escorrer pela espinha quando fico ciente do calor de seu corpo entre as pernas. Eu a observo soprar o cabelo do rosto só para

ele voltar a cair.

A do biquíni laranja não é a que eu quero que pule em mim.

Distraidamente, alcanço e afasto o cabelo de seu olho, roçando na testa assim que o coloco atrás de sua orelha. Ela ergue o olhar, encontrando o meu ao mesmo tempo em que minha mão desce pelos fios de seu cabelo liso, e meu coração acelera enquanto ficamos ali, nossos olhares presos um no outro.

Quase consigo sentir seu rosto nas mãos. Sinto um desejo tão forte para saber como é segurar só uma parte dela.

Jesus Cristo. Solto a mão, olhando para o pequeno machucado no meu dedo do meio.

— Então quer que eu faça isso? — aborda baixinho, quase como se tivesse medo do que estou prestes a dizer.

Nego com a cabeça.

— Não — respondo. — Ela não é ruim, mas não o que eu gosto.

Ela abre um band-aid e o coloca em meu dedo, esticando o curativo suavemente, sem parar.

Meus dedos formigam onde ela os toca, e observo seu rosto, a atenção ainda na minha mão.

E então, de repente, ela quase sussurra:

— Bem, do que você *gosta*?

Vejo a forma com que lambe os lábios, a respiração ofegante, e o choque no meu pau, sentindo bem perto de rasgar algo com os dentes.

O que ela está fazendo comigo?

— De mulheres com idade suficiente para beber, para começar — replico, puxando minha mão.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Sim, como se você saísse muito para beber.

É, ela está certa. Bebo em casa.

— Mas é bom. — Ela suspira, afastando-se e colocando as mãos nos quadris. — Não queria mesmo armar para que ficasse com ela.

— Por quê?

— Acho que não faz o seu tipo. — Ela joga fora as embalagens abertas, seus olhos agora tranquilos. — Além disso, eu ficaria com ciúmes. Gosto de ser a única mulher da casa.

— E se eu tivesse dito sim?

Ela dá de ombros, fingindo um olhar arrependido.

— Bem, então não teria mais os seus novos hambúrgueres favoritos.

Sorrio, balançando a cabeça. Tão presunçosa.

Mas sim, na verdade, eu amo os hambúrgueres que ela faz.

Ela segura a minha mão, dando mais uma conferida no machucado.

— Está tudo bem. Obrigado. — Eu me levanto, forçando-a a ir para trás um pouco. — Vá ficar com seus amigos.

Ela vira a cabeça por cima do ombro, olhando para fora, mas não parece com vontade de continuar mais com a festa.

— O que vai fazer? — pergunta, caminhando de volta para a melancia e carregando uma tigela grande com os pedaços.

— Tentar voltar a dormir, acho — respondo.

Espero que ela não mexa no ar, e eu seja capaz de continuar dormindo.

Saindo da cozinha, esfrego o dedo, sentindo a fisgada da dor.

Olho para ela e vejo seus olhos em mim por cima do ombro. Ela rapidamente volta ao que estava fazendo e eu só quero ficar.

Depois de um longo momento, engulo em seco.

— Noite — digo.

Mas antes de eu entrar na sala, escuto sua voz atrás de mim.

— O que você quis dizer com “de um jeito bom”?

Seus olhos estão em mim de novo, e ergo o canto da boca dando um sorriso. Não tenho certeza do que dizer que não vá soar totalmente inapropriado.

Finalmente, decido dar a resposta mais fácil, virando e seguindo para as escadas.

— Gosto de conversar com você — digo por cima do ombro.

CAPÍTULO 11

JORDAN

Gosto de conversar com você? O que eu já disse que foi tão fascinante? Solto uma risada, balançando a cabeça enquanto descasco as batatas para o jantar.

Talvez seja falta de opções. Ele viveu sozinho por tanto tempo que qualquer conversa parece interessante? Não temos absolutamente nada em comum.

Mas a verdade é que... adorei ouvir isso. Por que eu quero que ele goste tanto de mim? E por que a festa era o último lugar onde eu queria estar na noite passada quando percebi que ele não estaria lá fora, também?

Olho para cima e o vejo no quintal através da janela. Ele apara a árvore perto da cerca que separa seu quintal do de Cramer, segurando um longo e portátil cortador que se estende até os galhos altos. Comentei que não tem luz solar suficiente que alcança o jardim, então ele decidiu resolver o problema. Sem que eu nem tenha pedido.

Eu amo o jardim mais do que admito para ele. É como o meu próprio pequeno espaço, e ainda estará lá depois que eu for embora. É reconfortante.

As sementes estão plantadas e os jatos regam a terra por alguns

minutos todas as manhãs e à noite, como um alarme. Comecei a gostar de ouvi-los acionar nas primeiras horas do dia quando ainda está escuro, e sou a única pessoa em pé e na cozinha com o meu café.

Tudo está começando a parecer familiar e caloroso aqui. Como um lar.

Afundo na casca de batata, com força e um pouco de brutalidade. *Típico*. Eu sempre me apego a coisas que não são para sempre. O pensamento de minha mãe voltar quando eu era pequena, Nick, Jay, meu apartamento e o desejo de ter uma casa minha... Eu me surpreendo com o quão absolutamente lamentável eu continuo sendo. Enfio a faca na tábua de cortar e retiro mais algumas batatas da bolsa.

E, para piorar as coisas, não consegui parar de pensar na noite passada o dia todo, e a festa é o menor de todos os males.

O bolo de aniversário, as fitas, as brincadeiras com ele... A forma como ele lembrou que eu preciso apagar uma vela e fazer um desejo. Meu coração vibra, e eu sorrio e então franzo a testa, confusa e sem querer ter esses sentimentos.

Assoprei o palito de fósforos na noite passada, desejando a mesma coisa que desejei no cinema naquela noite. Adorei como me senti naquele momento e queria me sentir assim todos os dias. Era tudo que eu queria.

Não queria que algo fosse diferente ou ter alguma coisa que eu não possuía, mas que eu me sentisse exatamente do mesmo jeito no dia seguinte. E no próximo.

Especial, lembrada, feliz.

Ele me faz feliz.

Feliz de uma forma que meu namorado deveria fazer.

Descascando outra batata, vejo-o pelo canto do olho, movendo-se lá fora e tento me conter, mas olho de qualquer maneira.

Erguendo os braços, ele tira a camiseta azul-marinho e a enfia no bolso de trás, pegando o cortador de novo.

Por um momento, fico congelada. Minhas mãos param o que estão fazendo, e os sons do cortador, assim como o de outra pessoa cortando a grama do outro lado da rua, e a música tocando na cozinha desaparecem lentamente.

Sua pele – dourada e tonificada – parece morna e suave, os músculos de seu estômago e os tendões tensionando nos antebraços pressionam contra a pele, mostrando por quanto tempo e o quão pesado trabalhou na vida. O suor brilha no pescoço e nas costas, e posso ver as ondulações dos músculos ali. Mesmo com as tatuagens.

Pernas compridas em jeans surrados, com a camiseta pendurada no bolso de trás e cobrindo parte de sua... Molho os lábios enquanto afasto os olhos de sua bunda e olho para o jeito que seu jeans fica caído em seus quadris.

Todos os músculos se flexionam conforme corta galho após galho, e tudo o que consigo fazer é respirar fundo e em ofegos enquanto admiro até mesmo como a calça cobre suas botinas de couro.

Sr. Lawson é lindo. Ele é competente, de corpo forte, e eu gostaria de saber qual é a sensação de senti-lo. Como ele é com uma mulher?

Abaixo os olhos.

— Ah, aquilo é gostoso. — Escuto uma voz dizer.

Pisco e sacudo a cabeça, olhando para trás. *Cam*.

Ela está parada ao lado da ilha, deve ter entrado pela porta da frente sem que eu a ouvisse. Está com um antebraço plantado no balcão, inclinando-se casualmente com uma expressão divertida no rosto.

Volto para minha tarefa, o coração martelando nos ouvidos.

Já é ruim o suficiente cobiçar alguém que não seja o Cole, mas tinha que ser ela a me pegar no flagra?

— Nunca te vi olhar assim para Cole — diz ela.

Quanto tempo ela está ali?

Decido cortar o mal pela raiz.

— Assim como? — digo brava. — Pare de tentar começar com essa merda.

Ouço seus passos no chão conforme ela se aproxima e para ao meu lado na pia. Olho de relance para Pike e vejo que ele ainda está trabalhando, alheio a nós aqui dentro.

— Vocês dois estão ficando bem à vontade aqui — provoca, enxaguando as batatas descascadas e colocando-as na panela. — Ele trabalha no quintal. Você, na cozinha. Parecem um casal.

— Cala a boca. Sou jovem suficiente para ser filha dele.

— Mas *não* é — rebate, virando e inclinando-se para mim. — Você é uma boceta nova e gostosa vivendo sob o mesmo teto, e sabe que ele pensou nisso. Pode ser o pai de Cole, mas também é homem. — Ela se vira, olhando pela janela e dando um conferida nele. — E um belo espécime masculino também.

— Eu tenho namorado. O filho *dele*.

Isso mesmo, Jordan. É exatamente isso que você deveria ter dito a si mesma quando estava olhando para ele há um minuto.

Mas minha irmã apenas dá de ombros.

— O que o deixa ainda mais gostoso.

Solto uma risada sarcástica.

— Se gosta dele, vá em frente.

— A-hã. — Seus lábios se curvam de brincadeira. — Estou toda fascinada com a fantasia agora. Quero o pai do meu próprio namorado.

Ugggggghhhh... sinto o rosto queimar de novo.

— Você é nojenta. E não tem namorado — ressalto.

— Bem, eu deveria arrumar um. Alguém que tem um pai *sexy*.

Balanço a cabeça. Não vou mais falar desse assunto. Ela está convencida de que eu estava secando o pai de Cole, e ela vive de malícia. Não vou alimentar isso.

— Além disso, você é minha irmã — afirma. — Não quero te deixar com ciúmes por ficar com ele.

— Por que eu ficaria com ciúmes? — solto sem querer, terminando com a última batata. — Falando sério. Tenho namorado. Com quem Pike Lawson transa não faz diferença para mim. Vá em frente.

Afastando-me, limpo as mãos, e dou a volta por ela. Pego a panela de água com batatas e coloco no fogão, acendendo o fogo. *Costeletas de porco estão de molho. Massa para os biscoitos está crescendo.* Verifico mentalmente minha lista o mais rápido possível para manter a mente ocupada. E longe dele.

Ele pode sair com quem quiser. A casa é dele.

— Bem... — Escuto Cam dizer. — Se não tem problema com isso, então...

Permaneço no fogão, fingindo verificar o fogo, mas minha mão aperta no acendedor, medo me revirando por dentro.

A próxima coisa que ouço é a porta de trás batendo contra o batente, e dou um pulo, vendo que ela saiu da cozinha.

Filha de uma...

Ando até a pia, espio pela janela e vejo Cam andando pelo gramado até onde Pike está trabalhando. Ela me lança um olhar por cima do ombro como se soubesse que estou observando. Ela sorri e eu faço cara feia.

Não estava falando sério. Pensar em suas mãos nele... Seus braços ao redor dela... Não quero ver isso. Ela é minha irmã.

Ele nota sua aproximação e olha para ela, desligando o cortador, e vejo quando ele a escuta, provavelmente se perguntando por que ela o está incomodando.

Talvez ele esteja querendo saber o que ela quer, quero dizer.

Minha irmã é *sexy*, e não existem muitos homens que a recusariam se ela pusesse os olhos neles. Talvez Pike esteja atraído por ela? Ele é homem, como ela disse.

E é mais velha, tem sua casa, carro e está enraizada nesta cidade por enquanto. Ela ainda é significativamente mais nova que ele, mas não é uma criança.

Ela não é uma “garotinha”.

Ela cruza os braços, arrastando os pés um pouco, dando a impressão de humildade, e eu sacudo a cabeça, porque Cam não é humilde. Nem um pouco.

Só muito boa em ler as pessoas. Ela sabe que ir com muita sede ao pote irá assustá-lo.

Depois de um momento, ela toca o braço dele, e quase não respiro enquanto a vejo inclinar o pescoço, inspecionando a tatuagem dele. Então, rapidamente, se endireita e levanta o braço, mostrando a enorme fênix negra na lateral de seu torso.

Ele observa enquanto ela levanta a regata branca e as alças de sutiã, e me decepciono por completo, esperando que fique vermelho de vergonha ou pareça desconfortável, porque desconfortável é coisa de Pike, mas ele não faz isso. Ele a observa enquanto ela fala animada e empolgada, e de repente, ele sorri, seu corpo treme com a risada do que quer que ela esteja dizendo.

A garganta se fecha e não me sinto bem. Ele continua olhando para ela. Seus olhos praticamente não a deixaram desde que ela se aproximou. Ele a quer? Ela o excita?

Quero dizer, quero que ele goste dela, só que não a queira. Não é certo. Não quero ouvi-la gemendo e ofegando pelo corredor a noite toda.

Além disso, ela não vai gostar dele. Ele é muito tenso. Muito chato, na verdade.

Mas definitivamente o faria se sentir bem por um tempo.

Fecho os olhos, sentindo um peso de cinco toneladas nos ombros.

Ela vira e começa a pegar galhos do chão, e ele volta a aparar, os dois trabalhando juntos numa sintonia feliz. Mas eu a vejo virar a boca para mim com um sorrisinho arrogante.

Leva um momento para registrar o que ela disse.

Ainda não está com ciúmes?

Não posso evitar o rosnado que me escapa quando mostro o dedo do meio para ela e me viro, saindo da janela. *Desgraçada*. Ela não fará nada. Acha que eu gosto dele. Ela está só tentando me irritar.

Afasto a gola da camiseta do meu corpo, cada centímetro de pele me incomodando. Preciso de um tempo.

Caminhando até o fogão, desligo o fogo e saio da cozinha, subindo as escadas. Entro no quarto meu e de Cole, pego algumas roupas limpas das gavetas e saio, andando pelo corredor até o banheiro.

Mas assim que entro, paro, vendo a bagunça que Pike fez. A banheira foi tirada, as válvulas estão soltas da pia e há poeira por todo o chão de piso branco.

Ele ainda está reformando. Esqueci.

A porta do seu quarto está aberta, e vejo sua cama daqui, a cabeceira contra a parede oposta assim que caminho até seu quarto. Toda vez que passei por aqui para tomar banho na semana passada, me senti esquisita. Ficar em seu quarto sozinha.

Não fuço, mas é tentador.

Sua cama está sempre arrumada. Alguns cobertores estão jogados às pressas de qualquer jeito na cama, mas não consigo deixar de me sentir um pouco surpresa. Se não fosse pela minha madrasta, a cama do meu pai nunca ficaria arrumada.

Indo para o banheiro, vejo fotos de Cole, do nascimento até o último ano, enfileiradas na moldura do espelho da penteadeira. Uma tela plana está pendurada na parede, o cabo de energia está pendurado e desconectado. Na sua cômoda tem um modelo de escuna com uma fina camada de poeira nas velas brancas.

E um relógio antigo com uma pulseira de couro desgastada que nunca o vi usar está em uma louça na cômoda. Não tem outras joias pelo quarto.

Além da cama, dois armários, a TV e os criados-mudos, o quarto é básico. Nada nas paredes, é claro, um abajur preto com a cúpula cinza e a forte luz da tarde atravessando as fendas das persianas parcialmente abertas.

Odeio que ele tenha vivido aqui sozinho por tanto tempo. Alguém precisa apimentar esse lugar. Não minha irmã.

Fechando a porta do banheiro atrás de mim, eu a tranco e entro no chuveiro, abrindo a água. Coloco as roupas na pia e me dispo, tirando uma toalha da prateleira e pendurando-a no gancho do lado de fora do chuveiro.

Ainda não está com ciúmes? Balanço a cabeça, me sentindo irada de novo quando entro no chuveiro e fecho a porta de vidro.

Não sou ciumenta. Só não quero vê-la o controlando como eu sei que é perfeitamente capaz de fazer. Muitas coisas são apenas um jogo para minha irmã, e ela esconde suas inseguranças por trás do comportamento volúvel e do sarcasmo.

Pike não é assim. Ele precisa de alguém calmo. Alguém que sabe

como *mantê-lo* calmo.

Alguém que pode envolver os braços por seu pescoço e fazer o resto do mundo desaparecer.

Deitando a cabeça para trás, molho o cabelo e fecho os olhos, sentindo o calor da água cair nos ombros e pescoço. Arrepios se espalham pelos braços e a cabeça de repente nada no prazer do calor.

Virando, coloco as mãos na parede e giro a cabeça sob o spray, e por fim eu me endireito e encosto na parede atrás de mim conforme coloco o cabelo para trás.

Minha barriga gela. Se Cole não estivesse na jogada e Pike entrasse no bar uma noite qualquer e sentasse em um banco e conversasse comigo... Eu ia gostar dele. Eu ia gostar muito dele.

Eu ia querer ele.

Aperto os olhos com mais força. Meu Deus, minha irmã está certa. Algo está acontecendo. *Vem acontecendo, na verdade.* Será que todos perceberam também? Ele percebeu?

Merda.

Abrindo os olhos, imediatamente vejo seu sabonete líquido no suporte à minha frente. Cole geralmente usa de outra marca, mas ainda não pegou suas coisas do outro chuveiro, provavelmente usando o de seu pai.

Olho rapidamente através do boxe para ver se estou mesmo sozinha, e pego o frasco abrindo a tampa.

Pequenas bolhas de sabão borbulham ao redor da abertura, depois do banho deles naquela manhã, e fecho os olhos, trazendo o sabonete líquido de Pike até o nariz. A fragrância inebriante enche minha cabeça e sinto um formigamento percorrer a pele. É um sabonete barato, mas sem frescuras, limpo e me lembra de jeans, madeira e barba por fazer no maxilar de um homem.

É ele.

Minha garganta incha como se eu estivesse tomando um gole de água, e eu engulo, me sentindo desapontada que não tem nada lá. Molho os lábios, respirando com dificuldade.

Escondo a realidade em algum lugar no fundo da mente e coloco distraidamente uma gota do sabonete na mão. Levo a palma até o nariz, sinto o cheiro de novo, minha respiração acelera, meus olhos se fecham e meu clitóris lateja na hora.

Devo ir atrás dela? Lembro-me de seu raro e arrogante sorriso que me excitou ontem à noite. Não queria que ele fosse atrás de ninguém, mas minha nossa, estou desesperada para ver como é. Como ele é com uma garota?

Acha que não dou conta dela? Tenho certa experiência.

A mão com o sabonete desce pelo pescoço, desliza sobre a clavícula e lava meu seio e mamilo. *Dar conta dela?*

— Dela não — murmuro comigo mesma.

Meus dedos roçam a barriga enquanto me inclino para trás na parede, e deslizo a mão entre as pernas, mordendo o lábio e estremecendo ao toque.

Começo a me esfregar lentamente, os dedos fazendo pequenos círculos no clitóris endurecido.

— Não — sussurro, abrindo os olhos. — Pare, pare, pare...

Forço minha cabeça a pensar em Cole. Suas mãos no meu corpo. Seus lábios no meu ouvido. O jeito que ele enterra o rosto no meu pescoço, para que eu nunca possa ver seus olhos.

Ah, meu amor.

Porra, amor, porra.

Você é tão, tão gostosa.

Suas mãos seguram minha bunda e eu esfrego a protuberância com

mais força. Mais rápido. Perseguindo o momento que acabei de ter. O orgasmo me provoca e quer tanto sair.

— Cole — digo, fechando os olhos de novo. — Mais forte.

Eu me viro e fico de frente para a parede e me pressiono nela com a minha mão ainda enterrada entre as pernas. Ele está atrás de mim, exigindo. Ele quer foder.

Deslizo um dedo dentro e começo a me mover. Encosto a bochecha na parede, tentando me mover mais rápido para não conseguir pensar. Talvez se for só uma trepada, consigo gozar.

Meu dedo está molhado e eu o deslizo para fora e esfrego o clitóris. Quero gozar. Está tão perto. Mas não consigo. Os músculos do meu braço estão tensos e os pulmões doem desesperados por ar.

Por favor.

Mas não gozo. Meus dedos desaceleram e eu exalo, lágrimas ardem nos meus olhos.

Mordo o lábio, até doer. Estou tão molhada.

E então, minha mente nubla e a força de vontade some, rastejo para dentro da cabeça onde ninguém além de mim pode ver.

Eu me escondo e cedo, porque ninguém além de mim tem que saber. Naquele momento. Em meus pensamentos sujos e com a pequena fantasia escaldante, eu o quero. Quero ser dele. Nosso segredinho.

Escondido.

— Que menina tão boa — uma nova voz sussurra no meu ouvido.

A voz de Pike.

Seu corpo está atrás do meu agora, maior e mais alto, me prendendo na parede. Sua mão agarra meu cabelo, e ele puxa minha cabeça para trás devagar, inclinando-se para lamber meu lábio com a língua. Gemo.

— Cuidando da casa do jeito que eu gosto — provoca, e minha mão se torna a mão dele na minha cabeça quando assume o lugar do meu dedo dentro de mim. — Cozinhando minhas refeições do jeito que eu gosto. Coisinha linda para eu olhar. Está indo tão bem, Jordan.

Mantenho os olhos fechados, sentindo seus lábios, meu corpo inteiro pulsa com uma corrente elétrica ao sentir o gosto de sua boca aquecida e a água do chuveiro caindo em cascata sobre sua pele quente. Consigo sentir seu pau, duro e pronto atrás de mim.

— Preciso que faça agora tudo que uma mulher faz — instrui. — Tudo o que uma boa garota faz por um homem. Pode fazer isso?

Faço que sim com a cabeça, ofegante.

— Sim.

Meu orgasmo está se aproximando de novo, meus mamilos pressionam dolorosamente na parede de azulejos, e sinto algo tão bom entre as pernas. Eu o quero. Quero ele em mim. Quero saber qual é a sensação de senti-lo.

Alcançando atrás de mim, não penso. Pego a bucha e a deslizo entre as pernas. As cerdas arranham o clitóris de uma maneira que me leva ao limite. Rebolo os quadris para dentro, querendo sentir alguma coisa, porque é ele na minha cabeça e isso é suficiente. Seu cheiro me envolve, sua boca suga meu pescoço, e ele está me erguendo para escorregar dentro de mim. É duro e áspero, suas mãos em meus seios em um minuto e a boca roubando minha respiração no seguinte. Deus, sua língua é gostosa.

O orgasmo bem lá no fundo, crescendo e aumentando, e o pai de Cole está me fodendo tão gostoso.

Eu gozo, uma onda me cobrindo, e eu grito em silêncio, respirando com dificuldade, mas sem emitir nenhum som. *Puta merda.* Desmorono contra a parede, quase caindo enquanto estremeço, o orgasmo desliza pelas pernas

fazendo meus joelhos fraquejarem. Fecho os olhos e estremeço até que a sensação passa, deixando-me tonta.

Quando o chuveiro para de girar e minha respiração volta ao normal, abro os olhos, e uma onda de emoções me atinge.

Oh, meu Deus. Sinto vontade de chorar.

O que diabos tem de errado comigo? Por que eu faria isso? E com o pai dele? Eu... Estou confusa e estressada e em busca de conforto em um homem, porque ele tem sido legal comigo algumas vezes. *Jesus*.

Não importa o que aconteça com Cole e comigo, Pike Lawson está fora dos limites. Não se esqueça disso. Há centenas de homens por aí como ele. Ele não é especial.

Não pode ser ele. Jamais.

Eu me endireito, respirando fundo. Olhando para baixo, porém, vejo que a bucha na minha mão não é minha rosa. É a prateada de Pike.

— Merda.

Um pouco de espuma ainda está nela do banho dele desta manhã.

E eu a usei para me masturbar. *Que ótimo.*

Eu gemo internamente.

Saindo do chuveiro, eu escondo por baixo do lixo na lixeira e marco na cabeça para comprar uma nova na próxima vez que eu sair.

E acho que alguns sabonetes diferentes, também.

CAPÍTULO 12

PIKE

— Jordan?

Olho para a esquerda e para a direita passando por cada corredor. Faz quase dez minutos que a perdi de vista. *Para onde ela foi?*

Os rapazes e eu terminamos mais cedo hoje, e ainda estava claro quando voltei para casa e encontrei Jordan trabalhando no jardim. Ela queria ver alguns arames ou alguma coisa para a plantação de tomate, e pensei em colocar uma borda de pedra ao redor da árvore no quintal, então subimos na caminhonete e fomos para Home Depot, a loja de materiais de construção.

Depois de finalizar o pedido das pedras, porém, eu me perdi dela.

Finalmente a encontro no final de um corredor, fuçando numa caixa estreita na prateleira. Aproximando-se, ela puxa um dos azulejos da caixa e o segura na frente dela, analisando atentamente. Carregando duas novas ferramentas que peguei para usar no quintal, ando até ela, mentalizando.

Ela está linda hoje, e merdas continuam acontecendo com o meu corpo toda vez que a olho. Como se houvesse fios elétricos por baixo da porcaria da minha pele. Camiseta preta, shorts brancos, cabelo solto, maquiagem simples – ela não é fresca, e fica bem assim. Filha de fazendeiro e exatamente o meu tipo

no passado.

Sacudo a cabeça para me livrar desse pensamento.

— O que é isso? — pergunto, me aproximando.

Ela olha para mim, ainda segurando o azulejo.

— *Backsplash*.

Estendo a mão livre, passando o polegar sobre as saliências em marrom no azulejo.

— *Backsplash?*

— Você trabalha na construção — ela me interrompe, dando um olhar crítico para mim. — Nunca viu os programas de decoração na Discovery Home & Health? *Backsplash* é tudo na decoração de uma casa.

— Sim, já vi — garanto a ela, abaixando a mão. — Só... Não sei. Parece frescura.

Ela revira os olhos, seu olhar voltando para a peça.

— São as pequenas coisas que adicionam personalidade a uma casa — diz. — Um lustre sofisticado, o tapete certo e *backsplash*. — Ela vira o azulejo para cima, fica de frente para mim, mostrando-o. — Este é você. Ficaria ótimo com o trabalho que fez na cozinha.

— *Eu*, né? — Solto uma risada, encontrando seus olhos. — E o que eu sou?

Seu sorriso desaparece e um olhar surpreso cruza seus olhos.

Eu pisco.

— Não quis dizer isso... assim — explico.

Não é o que eu disse, mas a forma que falei. Insinuante demais.

Mas ela parece não ligar, e virando o azulejo volta a admirá-lo.

— Isso me lembra de uma caverna — ela diz, enfim. — Você parece uma. Não revela todos os seus segredos logo de cara. Ninguém sabe até que

profundidade você vai, não é?

Minhas sobrancelhas sobem. *Como assim?*

Até *que profundidade eu vou?* Ela acabou de...

Seus olhos de repente se arregalam e ela olha para mim, mortificada.

— Quero dizer — diz rapidamente. — Tipo... por... por dentro. Sua personalidade. — Um rubor sobe por suas bochechas. — Não quis dizer... ugh. — Seus ombros cedem e ela guarda o azulejo de volta na caixa, desistindo. — Vou babar nos acessórios do banheiro agora. Tchau.

E se afasta depressa, desaparecendo em um corredor.

Sinto um sorrisinho se formar, e começo a rir baixo, olhando para ela.

— Então, o que acha? — Um jovem num avental laranja aparece ao meu lado.

Não olho para ele, no entanto, ainda observando o corredor por onde ela acabou de desaparecer.

— Vamos levar três caixas disso. — Aponto para os azulejos na prateleira. — E ver como fica...

Ele se aproxima e começa a pegar as caixas.

— Escolha inteligente. Esposa feliz, vida feliz, certo?

Esposa feliz, vida...

Eu o vejo colocar tudo numa caixa e sair com ela, a pulsação no pescoço latejando do nada.

Ele acha que ela é minha esposa?

Um sorriso de canto de boca se forma, e não sei exatamente qual emoção está tomando conta do meu peito agora, mas é bom e em abundância.



Mais tarde naquela noite, relaxo no sofá com o braço debaixo da cabeça e uma cerveja na outra mão, assistindo TV numa espécie de transe há algum tempo, com um programa atrás do outro, sem que percebesse.

Abaixo a cerveja e pego o controle remoto, finalmente tirando do Discovery Home & Health, e pisco, acho que pela primeira vez, em três horas.

— Ela está certa — murmuro. — Estão obcecados pra caralho com esse *backsplash*.

Sentindo um pouco de curiosidade, coloquei no canal depois que chegamos em casa da loja, e é como se eu tivesse apagado depois disso, só voltando a mim momentaneamente para fazer um sanduíche e tentar conversar com Cole.

Ele saiu de novo, no entanto, logo depois de tomar um banho rápido, saindo assim que chegou do trabalho e viu que Jordan não estava. Pensei que nós poderíamos sair para comer ou algo assim, mas parece que os planos dele não poderiam ser cancelados, como sempre.

Ou está com medo de ficar sozinho comigo. Não é como se eu quisesse brigar também. Mesmo assistir a um programa juntos seria legal. Quero dizer, nós fomos capazes de não nos matarmos no passado. Ele costumava gostar de mim.

E onde ele consegue todo esse dinheiro para farrear? Deve estar gastando tudo o que ganha.

Não que eu esteja com pressa de que guarde dinheiro e vá embora, mas acho que agora posso me julgar tão duramente quanto julguei Jordan. *Quanto mais você faz por alguém, menos eles fazem por si mesmos.* Sou tão culpado quanto ela. Cole não vai crescer até que seja obrigado a isso.

Tomo o resto da cerveja e me levanto, levando a garrafa vazia para a cozinha.

Meu telefone toca no bolso e eu o pego.

Dutch.

— Alô — atendo, jogando a garrafa no lixo.

— Oi. Você deveria vir no Grounders agora mesmo.

Hã?

— Tipo, agora — acrescenta antes de eu ter a chance de dizer qualquer coisa.

— Por quê?

— Porque... — Ele pausa, e escuto uma risadinha. — Jordan está, hum... se comportando mal, pode-se dizer assim.

Eu me aprumo, franzindo a cara profundamente.

— Se comportando mal? — repito. — O que você quer dizer com isso? E por que pensa que me importo? Não sou pai dela.

Música toca no fundo, e consigo ouvir pessoas conversando e rindo. Um dos meus funcionários vai se casar daqui algumas semanas, então a turma o levou para sair hoje à noite. Precisamos de pelo menos uma pessoa que não esteja de ressaca amanhã, então fiquei em casa.

— Tá certo, cara — retruca como se não acreditasse em mim. — Mas seu filho pode não gostar do que estou vendo agora. Do que *todo mundo* está conseguindo ver.

— Do que você está falando? — exijo saber.

— Terá que vir aqui pra descobrir. Só espero que não chegue tarde demais.

Há um clique e acho que ele desligou.

— Dutch! — grito no telefone. — Dutch!

Solto um suspiro e afasto o celular da orelha, batendo a tampa da lata de lixo fechada.

Mas paro para conferir algo lá dentro. Levantando a tampa, pego um pequeno papel rosa, a garota *pin-up* no panfleto chamando minha atenção. Analisando-o, solto a tampa e leio.

NOITE DAS AMADORAS!

VENHA SE MOLHAR! (A CAMISETA, PELO MENOS)

27 DE MAIO ÀS 21H

THE HOOK, RUA JAMISON

O GRANDE PRÊMIO DE $300!!

Endireito a coluna, vendo a data e relaxo um pouco. Ainda faltam algumas semanas, portanto Dutch não deve estar falando disso. Não é hoje à noite, e nem no Grounders.

Esse panfleto deve ser do Cole, mesmo.

Mas por reflexo, viro-o e vejo algo escrito atrás.

"GANHE ESSE DINHEIRO, GAROTA!!"

Ergo uma sobrancelha.

Isso é da Jordan? É do “The Hook”. A sua irmã deu isso a ela? Jesus, o que há de errado com essa garota? Quem incentivaria sua irmãzinha a participar de um concurso de camiseta molhada, pelo amor de Deus?

Por outro lado, não é hoje, e ela jogou fora, então isso é bom.

Mas agora me sinto ansioso.

Eu gosto da menina. Não quero que pense que precisa fazer essas merdas para ganhar dinheiro. Não estou apressando os dois para fora de casa, estou?

Jogo o papel e esfrego a cabeça, exasperado. Dutch gosta de brincar com as pessoas, principalmente comigo, mas ela dormiu em uma mesa de sinuca, porque foi orgulhosa demais para pedir ajuda. Ela não toma as melhores

decisões.

Solto um grunhido, sabendo que não vou me acalmar. Deslizando o telefone no bolso, pego minhas chaves e apago as luzes antes de sair de casa.

Entrando na caminhonete, eu a ligo e aumento o volume do rádio o mais alto que aguento para me distrair da preocupação aumentando por dentro. Ele tinha que me encher o saco, não é?

Parecia mais divertido do que nervoso, então é bem provável que esteja tirando sarro de mim. Ele só quer que eu saia de casa.

Demora menos de dez minutos para chegar no Grounders, e acho uma vaga para estacionar ao virar a esquina, não muito longe. Consigo ouvir a música daqui, e me pergunto se os times locais de beisebol jogaram hoje à noite e todos ainda estão comemorando.

Se comportando mal. Balanço a cabeça, abrindo a porta. A garota não sabe o significado disso. Ela é tão boa quanto ouro.

Respirando fundo, eu entro e quase encolho com o barulho. Difícil de acreditar que essa era a minha praia no passado.

“Addicted to Love” berra nas péssimas caixas de som, e mesas redondas e altas estão cheias. O bar está lotado, sem uma única banqueta vazia, e olho em volta, vendo que as cabines estão todas ocupadas, também. Algumas mulheres estão na fila do banheiro, a mesa de sinuca está rodeada de espectadores, e o ar está esfumaçado e carregado. Já consigo sentir olhos em mim.

Aceno para Calista Mankin quando seus olhos se iluminam e ela cumprimenta de volta, e vejo James Lowry pelo canto dos olhos. Os dois, provavelmente, só vi umas cinco vezes desde o ensino médio, e já me sinto desconfortável.

Meu olhar finalmente para em Jordan, ela está parada na frente do

jukebox, as páginas virando percorrendo a lista de reprodução através do vidro. Tem muita gente, mas vejo a parte de trás de sua cabeça. Reconheceria o cabelo dela em qualquer lugar.

Meus ombros relaxam um pouco. Sabia que era apenas uma armação besta para me trazer aqui. Ela está bem.

Caminho através das pessoas, tentando encontrar Dutch e os rapazes, mas então vejo Jordan saindo de perto da máquina e voltando para o bar, e é aí que pego um vislumbre dela em meio ao mar de gente e vejo o que ela está vestindo.

Meu sangue ferve. *Jordan, Jesus...*

A calça jeans cai feito luva como sempre, as curvas perfeitas de sua bunda em forma de coração, mas os malditos seios estão ameaçando pular do... espartilho. Por que diabos está vestindo lingerie?

É branco, cintilante e amarrado na frente do corpete em formato de coração e com babados discretos ao longo das bordas. Meus olhos caem em seu decote, a cabeça girando com imagens do que vai saltar quando o desamarrar esta noite.

O espartilho nem sequer alcança o cós da calça, ele para logo acima dos quadris, a cintura fina e o abdome chamam a atenção de cada homem por quem ela passa. Os laços parecem apertados, dando-lhe a aparência de uma ampulheta que está implorando pelas mãos de um homem. Eu fecho as minhas em punhos fechados.

A pele dos ombros expostos, o cabelo caindo nas costas, o requebrado dos quadris enquanto anda... Afasto os olhos antes de ser pego. Ela volta para o bar, e eu ignoro alguns dos sorrisos satisfeitos dos homens que a seguem com os olhos e tento não imaginar o conteúdo dos sussurros que estão dizendo uns aos outros.

Pelo canto de olho, avisto uma mão acenar e olho nessa direção, vendo Dutch sentado com os rapazes em uma mesa. Caminho até eles.

— Que merda é essa que ela está vestindo? — resmungo, sentando com eles.

Dutch vira a cabeça para mim, sua bebida a centímetros dos lábios.

— Show de lingerie — responde. — Acontece toda quinta à noite. *Bartenders* e garçonetes vestem camisolas ou espartilhos e servem bebidas e comida. É divertido.

Não é, não mesmo.

Mas dou uma olhada ao redor e vejo outras mulheres servindo aperitivos e bebidas, algumas delas com roupas bem mais finas. Pelo menos o espartilho de Jordan parece tão fino quanto uma armadura.

— Mas Jordan nunca fez isso antes — continua. — É o que me chocou. Achei que deveria te avisar.

— Por que eu iria querer saber, porra? — Tiro uma cerveja do balde de gelo na mesa.

— É verdade, peço desculpas. — Ele vira para frente, murmurando contra o copo. — Parece mesmo que está pouco se lixando.

Eu o olho feio de soslaio, sentindo a risada em suas palavras.

Colocando a cerveja no balde, intocada, levanto e vou até o bar. Escuto uma gargalhada atrás de mim, mas não me importo. Ela é um pouco da minha responsabilidade, e não quero que ela faça esse tipo de coisa porque pensa que precisa de dinheiro.

Só tem mais uma bartender além de Jordan. A dona: Shel. Tenho certeza de que ela não se esqueceu de mim, então vou pelo outro lado do bar e Jordan me vê quando abre a tampa da última garrafa de cerveja de uma fileira de seis.

— Que merda é essa que está vestindo? — Eu me inclino, falando o mais baixo possível.

No susto, gira a cabeça na minha direção, encontra meus olhos e vira para frente como se eu fosse a última pessoa que ela quisesse encarar agora.

Ela entrega as cervejas, pega o dinheiro e vira, tocando no visor à sua frente, com força.

— Não se preocupe — garante. — É só um espartilho, Pike.

— Estão todos olhando pra você.

Acena com a cabeça, sorrindo sarcasticamente.

— Esse é o objetivo.

— Jordan — suspiro, tentando sussurrar quando me espremo ao lado de um senhor no balcão. — Estamos em uma cidade pequena. E se seu pai aparecesse?

— Ele não vem aqui — diz, fechando a gaveta do caixa e, enfim, olhando para mim. — E nem você, normalmente. — Ela cora. — Além disso, não sou idiota. Não faria algo se eu achasse que fosse me humilhar.

Ela se vira e entrega o troco para o cliente, mas ele dispensa, deixando-o para ela. Jordan sorri e vira, colocando as notas em uma vasilha já transbordando.

— O que está fazendo aqui? — pergunta, começando a preparar outra bebida. — Pensei que não viria na despedida de solteiro, porque... — Ela abaixa a garrafa e faz aspas no ar imitando minha voz áspera. — “Precisa ter, ao menos, uma pessoa sóbria no trabalho amanhã”.

Arqueio a sobrancelha para ela. Não me pareço assim.

Alcançando meu bolso, tiro o panfleto e o empurro para ela sobre o balcão.

Ela fica tensa e o rosto empalidece.

— Onde achou isso?

Ela o pega depressa e joga em algum lugar embaixo do bar. No lixo, bem provável.

Pegando um guardanapo, ela o estende na frente de um cliente e serve o drinque que acabou de preparar.

— Se precisa de dinheiro — digo quando ela se vira para marcar a bebida na comanda. — Eu te empresto o que precisar, tá bom?

E ela para, lentamente virando os olhos para mim. Seu olhar estreita, irritado, e tenho a impressão de que tem vontade de gritar comigo, mas não faz isso. Ela gira e sai do bar pela divisória, girando-se só o necessário para gesticular um dedo para mim antes de virar e sair pelo corredor.

Fico nervoso. Não tive a intenção de aborrecê-la assim. O que eu fiz agora?

Atravessando entre as pessoas, pego o corredor vazio até chegar na mesma sala que ela estava chorando quando eu a irritei da última vez.

Entro pela porta aberta, e a vejo parada com as mãos na cintura e a cabeça inclinada para mim.

— Prefiro comer restos do que pegar dinheiro de você — diz ríspida.

Eu deveria ficar de boca fechada. Deus que me perdoe, mas não posso.

— Odeio ter que revelar isso a você, mas já pegou — declaro. — Você mora em uma casa onde não paga aluguel nem nada, mocinha.

— Faço comida e a limpeza pra você! — grita, mas duvido que alguém possa nos ouvir com a música alta. — Eu pago a minha parte, seu babaca arrogante!

— Tá, tudo bem — resmungo, fechando e abrindo os olhos. — Você está certa, tá bom? Mas, Jordan, homens poderão pensar coisas. Achar que têm passe livre e que podem tocar o que pertence ao meu filho. Você está fazendo ele

passar vergonha.

— Seu filho? — zomba, rindo. — Bem, ele acabou de sair, na verdade. Já me viu e não liga, Pike. Achou que eu estava bonita e depois saiu com os amigos. Ele não está nem aí!

— Bem, mas eu ligo!

As palavras saem da minha boca antes que eu possa detê-las, e fico paralisado, quase com muito medo de respirar.

Ah, merda. O que acabei de dizer?

Sua boca se abre um pouco, mas logo fecha, certamente chocada pelo meu descontrole. Seus olhos travam nos meus, sem piscar, com uma mistura de confusão e surpresa estampadas por seu bonito rosto.

Mas em vez de me arrepender, a raiva rapidamente cresce outra vez. Como é que ele pode não ligar?

E por que eu acho ruim?

Jesus, mas que caralho.

Ela é adulta, não é? E se o namorado dela não liga, então quem sou eu ou qualquer outra pessoa para opinar? Não é problema meu.

Não, não tem nada de errado com o que a irmã faz para se sustentar ou como Jordan está vestida hoje. Ela é linda demais.

Só não... quero que o corpo dela seja visto por todos.

— Você é especial, Jordan. — Eu dou um passo mais perto dela. — Sabe disso, né?

Seus olhos começam a lacrimejar, seu olhar vacila e ela o desvia.

Meu Deus, ela tem noção do quanto é incrível?

Eu me permito apreciar sua pele sedosa e radiante, a curva da cintura diante de mim é perfeita para segurar. O homem que a vê vestida assim deveria ser alguém que aprecia o que tem.

— Não faça coisas fora de sua natureza por causa de dinheiro — digo. — Você é perfeita do jeito que é. Não mude.

Eu não quero que você mude.

— É só um espartilho, Pike.

— Sim, e depois será apenas um concurso de camiseta molhada e um trabalho no The Hook, certo? — retruco.

Ela revira os olhos e se vira para pegar uma caixa de Bud Light, colocando-a nos meus braços. Eu a pego bem a tempo. Depois, ela pega uma caixa da Budweiser e sai, encerrando nossa conversa.

Mas eu vou atrás dela, apoiando a caixa no ombro.

— Você não vai trabalhar no The Hook — aviso.

— E você não é meu pai.

Quase a olho com cara de bravo, mas isso seria imaturo. Por que arruinar o excelente exemplo de adulto responsável e equilibrado que criei desde que ela veio morar comigo?

Ela coloca a caixa no balcão e vira, pegando a minha.

Abro a boca para tentar dizer algo – qualquer coisa – para atenuar algum estrago que eu tenha feito de novo, ou insistir para que ela vista um pouco de roupa.

Mas ela fala antes de mim:

— Preciso de mais uma caixa de Bud Light — ordena por cima do ombro.

Sacudo a cabeça. Mandona do caramba.

Saio e volto no estoque para pegar outra caixa de cerveja. Depois de colocá-la no bar, sigo para a mesa onde os rapazes ainda estão festejando e pego a mesma garrafa de *Busch Light* que peguei antes.

— Vai ficar? — Dutch pergunta.

Dou de ombros, olhando para todas as direções, menos no bar.

— Acho que um pouco.

Tomo a cerveja num minuto, e nem é a minha preferida, mas de repente, estou com vergonha de ir no bar agora e pedir uma Corona para ela. Devia ter pedido uma enquanto estava lá.

Uma garçonete se aproxima, e estou prestes a chamá-la, mas percebo que já está vindo na minha direção com uma bandeja de shots. Ela é bonita, vestindo minissaia preta e colete preto, mas não parece mais velha que Jordan.

Ela sorri.

— Oi, pessoal. — E então começa a descarregar sua bandeja, colocando uma rodada de shots na nossa frente. São rosa ou laranja na parte de baixo com algum tipo de líquido amarelo por cima.

— O que é isso? — Jason Bryant, um dos rapazes, pergunta.

— Chama “Bolo invertido de abacaxi” — responde. — É por conta da casa. Jordan disse que é o preferido de Pike.

Uma onda de risadas explode ao redor da mesa por causa da bebida de “mulher” que todos agora pensam que eu bebo, e lanço um olhar feio para Jordan no bar.

Ela sorri, mostrando o seu maior e mais orgulhoso sorriso.

E, assim, não estamos mais bravos um com o outro.

Pegando o shot, eu o bebo, o álcool desce parecendo um pedaço de doce, e mesmo que o gosto seja bom, não entendo bem qual é o objetivo dele. Não deve ter álcool suficiente para fazer qualquer efeito.

Com certeza, isso será uma piada constante se eu decidir me juntar aos caras para tomar uma bebida de novo.

Depois de cerca de uma hora e outra cerveja, o público diminuiu um pouco, e já me cansei de ouvir música dos anos 80. Jordan parece bem, e não sei

por que achei que ela precisava de proteção.

Eu deveria ir embora logo de uma vez.

Bem nessa hora, uma Corona aparece na minha frente e olho para cima, vendo Jordan parada perto de mim.

— Oi — diz, sua expressão calma e gentil.

Tenho certeza de que seria assim o tempo todo se eu apenas parasse de ferrar com tudo.

— Você está bem, querida? — Dutch pergunta a ela.

Ela olha para ele e sorri, depois volta a me olhar.

— Eu ia te ligar, na verdade — diz, abaixando a voz. — Não sei se pretende ficar até mais tarde, mas queria saber se tem como você me dar uma carona pra casa hoje. Só saio depois das duas. É muito tarde?

Seus olhos estão sem graça como se estivesse com medo de ser um incômodo. Mas eu já tinha dito a ela para me falar caso precisasse de carona para casa. Fico feliz em ajudar.

— Posso te levar sim. Ficarei por aqui.

Porém Dutch cutuca meu cotovelo.

— Temos que estar na obra às cinco da manhã, só para lembrá-lo.

— Não tem problema — eu digo secamente, mal olhando para ele.

Mas é claro que eu adoraria algumas horas a mais de sono, só que isso está fora de cogitação.

Jordan dá um passo atrás.

— Tem certeza? — pergunta mais uma vez. — Posso pedir a Shel. Fica um pouco fora de mão para ela, mas não quero atrapalhar seu sono.

— Está tudo bem — eu a asseguro. — Vou ficar por aqui.

— Oras, por que não deixa a caminhonete com ela? — intromete Dutch. — Eu te deixo na sua casa e Jordan pode ir com ela. Já estou indo daqui a

pouco mesmo.

Filho da... Qual é o problema dele?

Mas Jordan se apressa a pedir desculpas.

— Não, não, tudo bem. Eu posso...

— Porra, eu disse que não tem problema — deixo escapar, calando a todos. Então olho para o Dutch. — Dá pra calar a boca?

Ele vira para frente, franzindo os lábios para não sorrir, como se soubesse alguma coisa.

Todo mundo fica quieto, e eu balanço a cabeça, tirando as chaves do bolso. Não tem porquê de eu esperar por ela, se Dutch acabou de me oferecer carona.

Eu entrego as chaves para ela.

— Aqui, toma. Pronto, tudo resolvido.

— Tem...

— Sim, tenho certeza — eu a interrompo. — Está tudo certo.

Ela coloca as chaves no bolso.

— Obrigada.

— A caminhonete está estacionada logo depois da esquina.

Ela acena com a cabeça e volta para o bar, olhando uma última vez para mim. Verifico meu telefone, vendo que é quase meia-noite, e se Dutch vai me dar carona, eu prefiro ir logo.

Tomo um longo gole da Corona, bebendo a metade. Não deixei de notar que ela se lembrou da cerveja que eu gosto, também. Tirando um pouco de dinheiro da carteira, jogo algumas notas na mesa para pagar o que bebi e digo para o Dutch.

— Vamos embora.

Ele sai da mesa com dificuldade, seu cabelo oleoso e bagunçado

estremece quando boceja. Seguimos em direção à porta e passo pelo bar, jogando algumas notas na frente de Jordan.

Ela me dá um olhar perspicaz.

— Já não falamos sobre isso?

— Sou só um cliente.

Seus olhos me dizem que não comprou minha desculpa para dar a gorjeta, mas o humor neles diz que vai deixar essa passar. Desta vez.

Saímos e atravessamos a rua, indo até o Tahoe de Dutch e entramos.

— Você não queria realmente esperar até as duas, né? — pergunta enquanto colocamos os cintos de segurança.

Na verdade...

— Não — respondo, decidindo que não tenho energia para começar uma discussão. — Obrigado pela carona.

Ele sai, e eu relaxo no banco, movendo o assento para trás para dar mais espaço para as pernas. Sua esposa é que senta aqui, normalmente. Deito a cabeça para trás sobre a mão, fechando os olhos.

Sinto o carro dar meia-volta e depois ele acelera pela rua, indo para casa. Fica quieto por alguns minutos conforme encontra uma estação de rádio, e o clarão das luzes da rua brilha através das minhas pálpebras fechadas. A distância não é tão longe de carro, mas mesmo assim, gostaria de ter sido eu a trazê-la para casa. E se aquele ex de merda tentar se aproximar? Alguém irá acompanhá-la até o carro?

Não estou apenas preocupado com a segurança dela, no entanto. Sinto esse desejo de garantir para que ela esteja bem e cuidada, e, ao mesmo tempo em que tentei transformá-lo em uma espécie de responsabilidade “paternal”, não é.

Nunca será.

Gosto do que sinto quando a vejo, converso com ela e penso nela.

Mesmo quando brigamos. E tenho que admitir para mim mesmo, estou atraído por ela.

Odeio isso, mas não posso ignorar e fingir que não existe. Preciso resolver essa questão.

Não precisa ser uma tempestade num copo d'água, porém. Passamos a vida esbarrando em pessoas pelas quais nos sentimos atraídos, o tempo todo. Acontece e você não pode evitar. Não significa que vou tentar alguma coisa. Eu me sinto culpado por ter sido ela.

E o fato de ela morar na minha casa deixa isso mais difícil.

Cole não teve muita sorte com os pais. Que belo traste que eu sou.

Não consigo evitar, mas posso garantir não tomar nenhuma atitude a respeito.

Ela não facilita, no entanto, se envolvendo em conversas comigo tão fácil como ela faz. Sabe me atiçar direitinho. Quase como se ela fosse feita para isso.

— Ela parece ser uma boa menina — Dutch quebra o silêncio.

Abro os olhos, as pálpebras cansadas do longo dia.

— Sim. — Suspiro. — É quieta. Na dela. Quase nem percebo que está em casa.

— Que bom. — Posso vê-lo olhando para mim de vez em quando. — Estão se dando bem?

— Sim, por quê?

Eu o vejo dar de ombros.

— Ela parece nervosa perto de você.

Dou risada. Podia dizer a mesma coisa de mim, se reparasse bem.

— É, posso ser intimidante — brinco.

— Sim, parecia que ela queria sentar no seu intimidante pau duro bem

ali no bar.

Meus olhos se abrem completamente e eu o encaro.

— Está de gozação comigo? Que porra é essa?

— Ah, por favor — rebate. — Está me dizendo que não a viu se remexer e morder o lábio só de ver você quando trouxe sua cerveja *preferida*?

Ela fez isso?

— Parecia um cachorrinho com a língua pendurada para fora da boca — acrescentou.

Parecia?

Afasto isso da cabeça e olho pela janela, perplexidade marcando meu rosto.

Tanto faz.

— Não fale dela assim — digo. — É a namorada do meu filho, cara. Qual é?!

Sentar no meu... Sacudo a cabeça. Inacreditável.

— Ela é intocável para você, portanto?

— Sim!

— Então por que estava olhando para ela como se estivesse amando a roupa dela e quisesse ver isso largado no chão do seu quarto hoje à noite?

— Não estava olhando para ela assim — resmungo entre os dentes.

Mas ele só ri baixinho.

Idiota.

— Ei, não estou...

— Cale a boca — digo.

Droga. Não está certo. Já é ruim o suficiente eu estar olhando para ela como se ela fosse uma mulher adulta e não a garota do meu filho, mas farei de tudo para ninguém descobrir isso.

— Tudo que quero dizer é que ela é exatamente o seu tipo — diz ele, com a voz firme. — Já reparou? Sempre gostou de garotas como ela na escola. Antes de Lindsay, o desastre, de qualquer maneira.

— Apenas cale a boca.

Mas ele não para.

— Não estou dizendo que você deveria fazer algo. E, é por isso que eu me intrometi e não te deixei trazê-la para casa.

Seu tom fica mais sério.

— Brincadeiras à parte, Pike — continua —, ela *é* exatamente o seu tipo. Não deveria ficar sozinho com ela.

É.

Eu sei.

Só espero que ele seja a única pessoa que tenha percebido.

— Obrigado pela intervenção — digo —, mas mesmo que eu estivesse atraído por ela, sou capaz de me controlar.

— Você não está se vendo pelo meu ponto de vista. — Ele olha para o para-brisa, sério. — Vocês se olham como...

— Como?

Ele engole, com a testa enrugada de um jeito que nunca vi.

— Como se tivessem uma linguagem própria.

CAPÍTULO 13

JORDAN

Subo no passeio, o corpo sacudindo de um lado ao outro quando os faróis iluminam a garagem fechada à frente. Pressiono a embreagem, aperto o freio e estaciono, desligando o motor.

O movimento no bar acabou mais cedo. Shel e algumas outras garotas ficaram para fechar tudo, então saí bem antes das duas. Pike só saiu uma hora atrás, mas está indubitavelmente na cama agora. Ele não é um ser noturno.

Olho e vejo o Challenger de Cole estacionado na vaga ao lado. Ele está em casa.

Franzo a testa, sentindo-me apreensiva de repente.

A distância entre nós está aumentando, e sinto que ele está a quilômetros de distância hoje em dia. A necessidade que ele tinha por mim há algumas semanas quase não existe mais, e me pergunto por que ainda estou aqui.

Mas eu tenho uma ideia.

A culpa me percorre por dentro quando me lembro do que aconteceu no banheiro outro dia, e como meu cérebro tomou um rumo completamente diferente do que eu queria. Ou sem saber que queria.

Foi só por causa do estresse. O momento me influenciou e Pike foi um

alvo. Ele tem sido gentil e atencioso, e estive desesperada por um pouco de atenção, e foquei nele. Só isso.

A essa altura, porém, não tenho quase nenhuma razão para ficar aqui, mas ainda assim, mesmo com meus problemas com Cole, odeio pensar em sair. Esta casa tornou-se familiar e calorosa. Um lar. E mesmo que Pike possa ser, com toda a certeza, um idiota invasivo às vezes, eu gosto dele. Ele se preocupa. Ele não expressa suas preocupações muito bem, é claro, mas sei que suas intenções são boas. É bom ter alguém cuidando de mim e preocupado com o que eu faço.

E odeio admitir, porém, gosto do jeito que ele me faz sentir. A maneira com que seus olhos olham para mim como se eu fosse a única coisa no mundo.

Saindo da caminhonete, pego minha bolsa com o espartilho. Vesti uma camiseta antes de sair do bar, e ao mesmo tempo em que me senti muito exposta a noite toda por causa de mais pares de olhos em mim do que estou acostumada, sorrio comigo mesma, lembrando do maço de dinheiro das gorjetas no meu bolso. Não chega perto do que Cam ganha ou o que eu poderia conseguir trabalhando de bartender no The Hook, mas é mais do que costumo ganhar em uma semana, então...

E não posso mentir. Eu meio que gostei da atenção. Soube na hora em que seus olhos estavam em mim hoje quando ele entrou no bar e eu estava no jukebox. Também pude vê-lo pelo canto do olho quando fui para o bar, e eu conheço esse olhar. *Possessivo*.

Tranco a porta da caminhonete, o coração batendo de novo enquanto caminho para a casa.

Tenho que conversar com o Cole. Preciso olhar em seus olhos e segurar sua mão na minha, olhar para as nossas pequenas cicatrizes e ver se ainda sinto alguma coisa. Alguns meses atrás, ele sempre estava com o braço em

volta de mim. Agora não me lembro da última vez que ele me tocou.

Entrando na casa, fecho a porta, solto a bolsa no chão e tiro minhas sapatilhas. Curvo os dedos dos pés, a dor neles sobe pelas panturrilhas.

A sala está coberta pelas sombras e ando até a escada no escuro e paro, prestando atenção. Nenhum barulho vem do andar de cima, então Pike e Cole devem estar dormindo. Tentando fazer o máximo de silêncio possível, entro na cozinha na ponta dos pés e pego um copo no armário, pressionando-o sob o dispenser de água da geladeira.

Mas quando olho para cima, vejo Cole no quintal e congelo completamente.

Eu solto a mão do dispenser, o copo vira um pouco e a água cai no piso de madeira. Calor sobe no meu pescoço, os pulmões esvaziam e sou incapaz de desviar o olhar. Tudo me atinge de uma vez, e eu sinto que estou fora do meu corpo, me vendo observar.

Cole.

Engulo duas vezes, mal conseguindo molhar a garganta. Elena Barros está na piscina com ele, seus cotovelos descansando na borda atrás dela, enquanto ele se inclina para ela, a testa encostada na dela igual faz comigo. O corpo nu dela brilha com a água e se ondula, combinando com o ritmo dele enquanto ele agarra sua bunda e a fode, seus seios roçam o peito dele sem parar.

Distraidamente, dou um passo, encosto na pia e continuo tentando entender o que estou vendo. Cole nunca faria isso comigo. Ele não é meu ex. Ele não é meus pais.

Meu peito cede pesado demais para absorver mais ar. A náusea revira meu estômago e a bile sobe pela garganta.

Ele segura seu rosto, beijando-a, o corpo se movendo firme e forte, e eles olham-se fixamente conforme ele entra nela repetidas vezes. Não consigo

ouvir seus gemidos, mas sei que ela está gostando.

Meus olhos se enchem de lágrimas, aperto o corpo com força e cerro os dentes. Estou com raiva de mim mais do que dele. Eu devia ter acabado tudo quando fomos expulsos do apartamento. Sabia que ele só me queria porque não queria ficar sozinho. Pude sentir isso na época.

E aqui estamos nós, e ele tomou a decisão por mim, não é?

Meu queixo treme e as lágrimas transbordam. Minha mãe, Jay, Cole... Serei sempre a pessoa mais lamentável que eu conheço. Continuo desejando que as pessoas mais desprezíveis me queiram. Por quê?

— Oi — alguém diz, mas a voz parece distante. — Chegou mais cedo, hein? Que bom que não está usando o espartilho. Botou fogo nele por mim?

A geladeira se abre, e a luz ilumina a cozinha quando alguém fuça lá dentro e tira algo para fora, mas continuo olhando pela janela, algo frio e espesso cobrindo vagarosamente meu estômago, parecendo um xarope.

Posso mudar na hora que eu decidir.

— Jordan? — Escuto Pike dizer. — Você está bem?

Finalmente, percebo que ele está ao meu lado. A porta da geladeira se fecha e me viro para olhá-lo, com as lágrimas ainda molhando meu rosto.

Seus olhos castanho-esverdeados, parecendo cor de mel agora, logo se estreitam, preocupados. Mas então seu olhar dispara para a janela e ele fica pálido.

— Puta merda — murmura bravo e agarra meu braço, me afastando.

Perco a compostura e começo a ofegar, respirando fundo, enquanto ele vira e sai pela porta dos fundos. Enxugo as lágrimas do rosto, porque estou chateada e magoada, mas principalmente puta. E não só com Cole, também. Comigo mesma. Sempre faço isso comigo.

— Que diabos você está fazendo? — Ouço Pike esbravejar.

Escuto um barulho de água, vozes surpresas e um arfar.

— Merda! — Cole exclama. — Pensei que estava dormindo.

— Ninguém está dormindo!

— O quê? — diz Cole.

Ninguém. Acho que ele acabou de perceber que também estou em casa.

Secando os olhos, atravesso a cozinha e deixo minhas pernas funcionarem sozinhas.

Abrindo a porta dos fundos, desço as escadas de madeira e vejo Elena escondendo o corpo atrás de Cole que ainda está com água na cintura.

— Qual é o seu problema? — Pike se aproxima, pegando algumas toalhas e jogando-as no filho.

Ele os pega e Elena puxa uma, cobrindo-se rapidamente com metade da toalha caindo na água ao seu redor. Ela me lança um olhar assustado.

— Pensei que ela ficaria no trabalho até as duas — diz Cole, soando culpado e falando com o pai como se eu não estivesse aqui. Sua cabeça está curvada e ele não olha para ninguém.

— Ah, e está tudo bem fazer isso escondido dela?

— Não, é só que...

— Eu resolvo isso — corto os dois, entrando na conversa.

Eu me surpreendo de como meu tom está calmo e não estou chorando mais. Não me importo de chorar na frente de Cole, mas não vou me acabar na frente dela.

Pike olha para mim, hesitando por vários segundos. Finalmente, ele se vira e ouço a porta de tela se fechar.

Assim que ele sai, Elena sai rapidamente da piscina, apertando a toalha ao redor dela, pegando suas roupas da cadeira de jardim.

— Vou embora — diz ela, com o arrependimento marcando seu rosto enquanto seus olhos se movem entre mim e Cole. — Eu lamento muito, Jordan.

Ela abaixa a cabeça e passa correndo por mim, na direção da casa e provavelmente direto para o banheiro para se vestir.

Volto a atenção em Cole. Seu cabelo loiro está jogado para trás, e ele me olha com os mesmos olhos de quando me contou que Nick não resistiu.

Queria estar com mais raiva dele.

Mas o que mais sinto é decepção.

— Já faz tempo que isso está acontecendo? — pergunto.

Seus olhos abaixam e ele faz que sim com a cabeça, impotente.

— Desde a sua festa de aniversário.

Você quer dizer a que eu não participei?

Ele respira fundo e endireita os ombros, saindo da piscina e envolvendo a toalha pela cintura.

— Conheço você há muito tempo — diz. — E nós dois precisávamos muito um do outro quando isso começou, mas você ia partir para outra. Sabe disso.

— Então, por que eu vim pra cá? — pergunto. — Por que ficar comigo?

Podia me fazer as mesmas perguntas. Nós dois éramos fracos, agarrados à única coisa boa que cada um de nós tinha. E ignoramos que, ao ficarmos juntos, estávamos estragando tudo.

Eu o amo. Ele é meu amigo. Como ele pôde me humilhar desse jeito?

— Não era pra você ser igual a ele — digo, lágrimas se acumulando de novo.

Ele olha para cima, sabendo exatamente de quem estou falando. Jay era um lixo. Cole não. Cole sabia o que eu passei. Ele estava tentando me

machucar?

— Você era meu amigo primeiro — continuo. Um amigo deve ser bom com você.

Mas ele não diz nada. Não há nada a dizer. Não é culpa dele que acabou. É só culpa dele que acabou bem ruim.

— Na nossa cama também? — pergunto. — Nas noites em que eu estava trabalhando?

Seu silêncio me diz que estou certa e uma onda de raiva me atinge de repente. Pike sabia que Cole a tinha trazido pra cá? Talvez outras garotas vieram, também?

Mas não, paro de pensar nisso, me acalmando um pouco. Ele pareceu tão chocado quanto eu.

Aceno, percebendo que Cole não saiu sozinho com Elena. Ele se encontrou com ela nas festas, sem dúvida.

— E todos os seus amigos sabiam — murmuro, a traição se tornando perfeitamente clara.

Estou sozinha agora. Além de Cam e das mulheres do bar, perdi meu último amigo.

Ele se aproxima, parando na minha frente.

— Vou ficar com Elena por um tempo — diz. — Fique aqui até que você possa...

— Vá se foder. — Ergo os olhos, dizendo isso com a mesma indiferença que diria “de nada”.

Voltando para a casa, não paro para ver se Elena foi embora ou se está esperando no carro de Cole. Pego minha bolsa e vou para o quarto, pegando meu celular e deslizando até o chão contra a porta fechada.

Eu ligo, a linha atende no quarto toque, e limpo uma lágrima solitária

enquanto firmo a voz.

— Oi, pai.



No dia seguinte, eu olho o quarto meu e de Cole, suas coisas jogadas onde ele deixou, e cada uma das minhas coisas empacotadas e no carro.

Acho que estou feliz por não ter trazido muito. A maioria das minhas roupas cabe nas duas malas que tenho – uma que pertenceu a Cam e que eu trouxe quando pensei que ia embora algumas semanas atrás.

Mas então Pike Lawson me construiu um jardim, e isso só serve para mostrar que nenhum homem teve que se esforçar muito para que eu voltasse correndo.

Solto uma risada baixinha. Sentirei falta do jardim, no entanto.

Carrego a última caixa pela sala, resistindo à vontade de dar uma última olhada no jardim através da janela da cozinha, e atravesso a porta da frente, vendo Pike chegando do trabalho, na caminhonete.

Meu coração começa a bater mais forte. *Droga*. Gostaria de poder ter saído daqui antes que ele chegasse. Ainda não são cinco. Saí do turno do almoço mais cedo, para que eu pudesse fazer as malas e sair daqui a tempo. Por que ele já chegou?

— O que você está fazendo? — Ele me segue ao redor da caminhonete.

Enfio a caixa no banco de trás, e por cima de outra, e o carro é do tamanho certo para caber tudo o que eu trouxe. Tudo coube em duas malas e três caixas. O resto está no depósito temporário. E também não me vejo tirando as coisas de lá tão cedo. A “casa” do meu pai não tem espaço para uma mesa de

desenho mais do que tem meu quarto aqui.

— Obrigada por tudo — agradeço, sabendo que ele tem plena consciência do que estou fazendo. — Você foi realmente incrível.

— Está indo embora? — Ele parece confuso.

Fecho a porta do carro e me viro para ele, meu estômago revirando conforme engulo o nó na garganta.

— Agora com Cole fora daqui e nós dois separados, não é certo eu ficar — digo. — Você nunca teve qualquer obrigação de me ajudar, mas ajudou, e não tenho como agradecer. Agradeço por tudo mesmo. — E então eu me obrigo a dar um pequeno sorriso pelo nosso próprio bem. — Principalmente pelas minhas fitas.

Eu encaro seus olhos perturbados, o verde da íris parece escurecer mais, e uma dor atinge meu peito. Eu me viro, fingindo verificar se a porta está fechada para ter um segundo para me recompor.

— Meu pai vai me deixar voltar para casa por um tempo — eu me viro e digo. — Ficarei bem.

— Mas...

— Ah, esqueci minha bolsa. — Passo a mão pelo topo da cabeça e corro para a casa, não o deixando terminar enquanto me afasto depressa.

Não quero discutir com ele e temo que, se ele disser mais alguma coisa, eu comece a chorar.

Não quero ir, mas sei que não tenho mais direito de ficar. Quem sabe, ele venha ao bar de vez em quando para me ver, certo? Talvez o veja mais agora que o conheço e o reconheceria.

É claro que estou aborrecida com Cole também. Falei com ele praticamente todos os dias nos últimos três anos.

Mas eu *quero* ficar longe dele. E, na verdade, não gosto de deixar Pike.

Quem vai fazê-lo conversar com as pessoas, e quem vai colocar escondido essência de baunilha e canela em seu café que ele nem percebe que gosta, agora?

Pisco para disfarçar a dor nos olhos, resmungando comigo mesma. *Ele ficará bem.* Ele sobreviveu trinta e oito anos sem mim, não foi?

Pegando minha bolsa do sofá, abro-a, dando uma olhada geral: cartões, chaves, carteira, telefone... E eu a fecho, tentando me lembrar se peguei tudo; o carregador de celular, a gilete e o xampu do chuveiro, e qualquer roupa esquecida na lavadora e secadora.

Merda. Esqueci de comprar outra bucha, não é? É, já era...

Por fim, respiro fundo, percebendo que peguei tudo, acho.

Voltando para fora, coloco um meio sorriso no rosto e endireito a postura. À esquerda, Kyle Cramer entra em sua casa com duas crianças que presumo serem dele, mas não faço contato visual. Não quero que os vizinhos façam fofoca.

— Jordan... — Pike começa a dizer.

Mas eu o interrompo:

— Muito obrigada novamente. Por tudo.

Vou para o lado do motorista e abro a porta, sentindo tudo dentro de mim se apertar, cada vez mais.

— Jordan — ele chama de novo. — Esse carro não está pronto ainda. Vai pifar toda vez que você parar.

Eu lhe dou um sorriso trêmulo.

— Vou resolver isso. Sério, já estou escolada com as adversidades. Acho que não tem muita coisa capaz de me aborrecer mais. Vou ficar bem.

Tirando as chaves da bolsa, eu entro.

— Obrigada por todo o trabalho que fez nele. Não precisava mesmo

fazer tudo isso.

— Espere — solta, soando urgente.

Eu paro, incapaz de olhar para ele, mas o sinto dar um passo à frente. Ele hesita como se estivesse pensando no que dizer.

Olho para cima.

— Só... — Ele balança a cabeça, parecendo impaciente. — Vou colocar a suas coisas atrás na minha caminhonete. Eu te levo.

Abro a boca para discutir, mas ele me interrompe.

— Preciso terminar de mexer no seu carro — diz. — Ele tem que ficar aqui por mais alguns dias. E não discuta comigo. Pode pagar um mecânico, assim do nada?

CAPÍTULO 14

PIKE

Meadow Lakes. Sinto vontade de rir. Não há prados ou lagos, e certamente não há lago em um prado. É um estacionamento de trailers de sessenta anos cheio de lixeiras apoiadas em blocos de concreto.

Ela realmente cresceu aqui?

Estou começando a pensar que Cole não viveu tão mal antes, afinal. Olho em volta, observando os velhos trailers prateados misturados com algumas casas móveis dos anos 80, persianas quebradas pouco visíveis atrás de janelas enlameadas e exteriores apodrecidos por cupins, esverdeadas com mofo e isolamento exposto. Esse maldito lugar inteiro é um incêndio prestes a acontecer. Eu não a quero aqui. Ela não precisa ficar na minha casa, só que... aqui não.

Jordan está no banco ao meu lado, esfregando as mãos vagarosamente e olhando fixamente para baixo, perdida em pensamentos. Não consigo afastar a sensação de que ela está tentando adiar ao olhar pela janela pelo máximo de tempo possível.

Ainda não está escuro, mas o sol se pôs e algumas crianças correm entre duas casas móveis, correndo atrás de uma bola. Diminuo a velocidade no caso de eles correrem para a rua.

— Bem ali — diz Jordan.

Olho para o lado, vendo seu gesto para a esquerda e sigo seu olhar para um trailer com pintura verde-limão imundo, e cerro os dentes.

Uma unidade de ar-condicionado se projeta da janela da frente, uma cerca de madeira velha e frágil circula na parte de baixo, pedaços dela estão quebrados no chão ou simplesmente sumidos, e a varanda está cheia de lixo jogado, roupas e alguns sacos de lixo. Três rapazes estão na varanda, fumando e conversando.

— Aqui? — Eu me viro e pergunto a ela.

Porém ela apenas solta o cinto de segurança, preparando-se para sair.

— Quem são esses caras? — digo.

Ela olha por um instante antes de desviar os olhos, pegando sua bolsa.

— Deve ser meu irmão postiço com os amigos.

Paro na frente do trailer, já que a pequena entrada está cheia, e desligo o motor.

— Você tem um meio-irmão? — Ela não mencionou ele.

Ela apenas dá de ombros.

— No sentido técnico — diz, dando um sorriso. — Não converso muito com ele.

— Mas ele mora aqui — comento, tentando saber mais.

Ela balança a cabeça e antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, sai da caminhonete, levando a bolsa com ela.

Bem, quantos quartos esse lugar precisa ter se tem outro garoto morando aqui? Será que ela tem uma cama mesmo?

Ela tira uma mala de trás, joga a alça da bolsa sobre a cabeça e mostra o caminho. Pego uma caixa e a sigo, rangendo os dentes para manter a porra da boca sob controle. Não sei se estou zangado ou preocupado ou o quê, e não sei

se tenho o direito de sentir essas coisas ou se qualquer preocupação é justificada. Ela provavelmente ficará bem. Esta é a família dela. Só que...

Sinto que vou explodir a qualquer segundo.

Subimos os poucos degraus até a porta da frente e Jordan mal olha para o meio-irmão e os amigos enquanto abre a porta.

— Ryan, este é o pai de Cole — murmura. — Pike, este é meu meio-irmão, Ryan.

Eu me viro para o garoto, e ele se endireita, estendendo a mão.

— E aí, cara.

Troco a caixa de braço para poder apertar sua mão.

— Oi.

Ele é encorpado e baixo para um rapaz, é quase da altura de Jordan, mas tenta compensar isso com uma tatuagem no pescoço e uma jaqueta de couro preta.

No verão.

— Então, veio pra ficar? — ele diz para ela, tomando um gole de sua cerveja.

— Sim.

Um dos amigos de Ryan o cutuca.

— É essa que é stripper?

Aperto os dedos ao redor da caixa.

Ele bufa, quase cuspindo a cerveja.

— Não, cara. Aquela é outra. — Mas então, seus olhos analisam Jordan, movendo-se de cima a baixo com um sorriso. — Essa deve saber dançar, também.

Todos riem e sinto um nó subir na garganta feito um grunhido. Esforçando-me a permanecer no controle, eu viro e abro a porta para Jordan,

obrigando-a a entrar.

Eu deveria ser mais tolerante. Não é como se eu não tivesse sido um idiota de vez em quando, mais jovem.

Como diabos ele sabe que ela dança?

Eu me dou um esporro mentalmente e respiro fundo. *Deixe as coisas dela e vá para casa. Ela não é problema meu. Essa é a escolha dela.* E se eu fosse ela, faria o mesmo.

Estou realmente orgulhoso de mim. Ela não estranha meu descontrole ou exigências insistentes, e estou muito quieto, considerando o fato de que odeio esse bairro, e que toda essa situação está me desgastando. Posso aguentar mais cinco minutos, certo?

E se eu fizer isso, então talvez vou me congratular, passando na sorveteria Dairy Queen no caminho de casa por ficar de boca fechada pela primeira vez.

Seu pai, Chip, está desmaiado em uma poltrona reclinável à esquerda, a TV passando uma comédia em um volume baixo, e algumas senhoras sentam-se à mesa da cozinha à direita. Elas fumam cigarros e estão com latas de cerveja na frente. O som de um carro berra ao longe, e alguns fogos de artifício explodem lá fora.

— Precisa de ajuda? — uma senhora de cabelo preto pergunta da mesa. Ela levanta a cerveja, tomando um gole e praticamente me ignora.

Jordan faz que não com a cabeça e passa pela cozinha e pela mesa com as senhoras. Ela não nos apresenta, e eu certamente não me importo em conhecer essa mulher. Sua filha – ou enteada – chega em casa com um homem que você nunca viu, e não faz uma pergunta, sequer?

De qualquer forma, suponho que seja a madrasta dela, já que ela tem os pequenos olhos castanhos iguais aos do rapaz lá fora.

Inalo o cheiro de desinfetante misturado com um pouco de burritos e terra molhada, como se tivesse chovido ou algo estivesse apodrecendo em algum lugar. Seguimos pelo corredor, nossos passos criando um baque abafado conforme chegamos à primeira porta à esquerda.

— Pode ter um pouco de roupa suja que jogamos aí — a senhora na mesa diz. — Junte-as e jogue na máquina de lavar, sim?

Eu respiro fundo de novo. *Ela vai ficar bem.*

Ela abre a porta e eu olho para seu antigo quarto. Meu maxilar tensiona.

— Onde está minha cama? — Jordan grita, suspirando.

Mas ninguém responde.

A sala está cheia de lixo, porra. Ela tem uma cômoda sem gavetas, uma toalha de praia pendurada na janela e teias de aranha no canto do teto. Consigo sentir o cheiro da pilha de roupa suja que seu quarto agora abriga e estreito os olhos no buraco na parede.

Não.

Jordan abaixa a mala e se vira para mim, pegando a caixa.

— Não se preocupe — diz ela, sorrindo para qualquer que seja o olhar que tenho no rosto. — Eu vou ficar bem. Você me conhece. Esse lugar vai brilhar até amanhã.

Mas não solto a caixa, mantendo-a nos meus braços.

Afasto meus olhos da armadilha do rato, no chão ao lado da saída de ventilação, sem nenhuma grade para manter os roedores fora e trago meu olhar sério para ela.

— Inferno, não — rosno. — Está conversa acabou. Vamos embora, agora.

Segurando a caixa na dobra de um braço, eu me abaixo e pego sua

mala com a outra mão e imediatamente me viro, saindo tempestuosamente da casa.

— Como? — grita atrás de mim, pasma.

Mas já estou saindo. Ignoro as mulheres na cozinha e nem mesmo me viro para ver se seu pai acordou antes de passar pela porta da frente e pelos rapazes ainda vadiando na varanda.

— Pike! — grita atrás de mim.

Eu a ignoro. Eu sei que ela vai me seguir. Estou com todas as suas coisas.

Soltando a caixa e a mala na carroceria da caminhonete, pego minhas chaves e subo no banco do motorista. Ela corre pela frente do veículo e abre a porta do passageiro.

E olha para mim.

— Que diabos está fazendo?

— Você não vai ficar aqui. — Ligo a caminhonete.

— Qual é o seu problema? — ela deixa escapar.

Olho pela minha janela, vendo os rapazes na varanda olhando curiosos para nós.

— Aquele seu meio-irmão tentou alguma coisa com você? — pergunto a ela.

— Nada que eu não saiba lidar.

— E os amigos dele?

Ela respira fundo e posso dizer que está tentando ficar calma. Ela está impaciente com minhas preocupações.

— Ficarei bem — afirma. — Não sou sua filha. Meu pai está aqui.

— Seu pai não é... — grito, mas paro.

Insultá-la não nos levará a lugar nenhum.

Eu me recosto no assento e esfrego as mãos fechadas pelo volante.

O pai dela não é um homem ruim. Pelo que conheço dele de qualquer maneira. Nós até já conversamos algumas vezes de passagem.

Mas ele é fraco.

Ele é um bêbado e é um fracassado. Ele é o tipo que faz o mínimo na vida e se contenta com pouco, porque ele é muito preguiçoso para lutar por coisa melhor. Ele não pode protegê-la.

— Isso é ridículo — digo. —Você não vai trocar uma casa perfeitamente boa, em um bairro agradável e seguro, por isso. Engula seu orgulho, Jordan.

— Meu lugar não é na sua casa! — Seus olhos queimam com fúria. — É *daqui* que eu venho, muito obrigada. Cole vai voltar, uma hora ou outra, e ele é seu filho. Como acha que vai funcionar com os dois lá? Eu não tenho esse direito.

— Nós vamos resolver isso.

— Não — ela rebate. — Isso não é problema seu. Esta é a minha casa.

— Não é uma casa! Você não...

Abro a boca para terminar, mas meu coração está batendo tão forte, e tenho medo do que eu ia dizer.

Com a respiração ofegante e acelerada, olho para frente de novo, evitando-a. E abaixo a voz.

— Não tem ninguém que se preocupa com você nessa merda.

— E eu tenho na sua casa?

Olho para ela, a resposta dessa pergunta vem tão fácil e pesada na ponta da língua que eu quero dizer a ela.

Mas eu não digo.

E ela me encara de volta, minha resposta não dita entre nós. Ela hesita,

seus olhos suavizando ao entender.

— Entre na caminhonete — resmungo, ríspido. — E vamos para casa.

— Mas...

— Agora, Jordan! — Dou um tapa no volante.

Ela ofega, os olhos pegando fogo. Não sei se a assustei, ou se está preocupada em fazer uma cena, mas rapidamente entra na caminhonete e bate a porta. Ela está tensa e chateada, e provavelmente acha que vai resolver a situação comigo mais tarde, longe dos olhares indiscretos, mas não me importo. Ela está comigo e vamos sair daqui.

Engato a marcha e saio, abrindo uma curva para fazer um retorno. Finalmente, vendo o caminho por onde viemos, acelero e nos tiro dali, dirigindo de volta pela rua e pegando a estrada que leva à cidade.

Não tenho ideia do que seu meio-irmão ou madrasta provavelmente estavam pensando, e também pouco me importo com isso. Deixe-os pensar o que quiserem nos próximos cinco minutos, porque é bem esse o tempo que levarão para esquecer que ela existe.

Não admira que ela tenha saído de lá para começo de conversa. Acho que ela não foi abusada ou coisa assim – nunca ouvi conversa desse tipo sobre o pai dela – mas ela foi, com toda a certeza, negligenciada. Ela merece mais.

As árvores se aglomeram em ambos os lados da estrada escura, e abro minha janela para tomar – um muito necessário – ar fresco.

Ela não diz nada, apenas não se mexe, e eu podia me chutar, porque deveria ter conversado com ela em casa, em vez de passar por tudo isso. Eu sabia como ia acabar. De jeito nenhum que ela ia ficar em Meadow Lakes. Na verdade, não estava ajudando-a a se mudar hoje à noite. Estava tentando encontrar coragem.

Mas e se ela quisesse morar com a irmã? Ou ficar com alguma amiga?

Eu ainda teria brigado com ela. Eu sei que teria.

Não é que ela não saiba se cuidar sozinha. Sei muito bem que ela é capaz.

Só não quero que ela precise. Em algum momento nisso tudo, eu me envolvi.

Ninguém mais em sua vida pode lhe dar o que ela merece, e até que possa fazer isso por conta própria, vou assumir essa responsabilidade. Que se dane. Ela merece o melhor. E vai ter o melhor.

Olho para frente e apoio o cotovelo na porta, passando a mão pelo meu cabelo. *Não é decisão minha, no entanto. É?* Controlar seu passos não me faz melhor do que qualquer outra pessoa em sua vida.

E não quero ser alguém que a sufoque. Ela vai acabar se ressentindo comigo, também. Se há uma coisa que aprendi sobre relacionamentos – qualquer relacionamento – é que ninguém deveria mandar. Você tem que saber quando ir com tudo e quando recuar. Os dois.

Dar e receber. Dividir o comando.

Piso devagar no freio e pego o acostamento à direita da estrada lentamente, parando quando um carro passa por mim.

Seus olhos se mexem, mas ela ainda não olha para mim.

Deus, o que ela deve estar pensando.

— Sinto muito — digo, meu tom mais calmo e normal agora. — Não queria mandar em você assim. — Solto as mãos do volante e tento acalmar o coração um pouco.

— Cole está ficando com a... — Eu paro, ciente de que ela sabe com quem ele está ficando. — Por enquanto — eu termino. — Você terá espaço e pode ficar no outro quarto vazio. É o seu espaço. Você gosta da minha casa, certo?

Ela respira, pensando no que dizer.

— Sim, mas...

— Gosto de ter ajuda na casa — explico. — E é bom voltar para casa e não ter que fazer o jantar toda noite. Nós continuamos com o mesmo acordo.

Ela pausa e o medo me invade. Talvez eu tenha entendido errado, afinal. Talvez ela esteja apenas tentando encontrar uma maneira de se livrar de mim. Talvez não queira mesmo ficar na minha casa.

— Você será feliz? Na minha casa? De verdade? — pergunto. — Mais feliz do que era lá?

O silêncio se estende entre nós e estou começando a me sentir um idiota. Interpretei tudo errado e ela não se sentia à vontade sob o meu teto.

Mas todas as vezes que eu tive vislumbres dela esta semana – acendendo suas velas, trabalhando no jardim, nadando cedo, ou cozinhando e balançando a cabeça ao escutar qualquer merda de banda de heavy metal dos anos 80 – parecia que estava em casa, sabe? Ela sorria tanto, nós ficamos à vontade a ponto de fazer piadas, e ela estava até mesmo sendo brincalhona comigo, acrescentando malditas ervilhas e abacate no sanduíche de peru do meu almoço outro dia.

Dou um pequeno sorriso, pensando nisso.

Não quero que ela faça uma troca por algo ruim porque pensa que é indesejada na minha casa ou que está se impondo. Quero ter certeza de que ela saiba que não precisa ir.

Pisco longamente, de repente, me sentindo cansado. E odeio a ideia de imaginá-la naquele buraco sem ninguém que vai apreciar qualquer coisa que ela faça.

Abaixo meus olhos e a voz.

— Por favor, não me faça te deixar lá.

Vejo a cabeça dela se virar na minha direção e sei como devo ter soado.

— Por favor — sussurro novamente.

Ela está me encarando, mas eu me recuso a olhar para ela, porque tenho medo de que meus olhos digam mais ou mostrem algo oscilando no limiar do meu cérebro que eu ainda não quero encarar.

Ela está feliz na minha casa, está segura lá, ela tem uma cama e não tem a porra de ratos. Simples assim.

É. Simples assim.

Depois de um momento, ouço-a respirar calmamente assim que alcança o cinto de segurança e o prende.

Eu engulo.

— "A Hora do Espanto" está passando na Netflix — diz. — Pizza metade de pepperoni e metade taco?

Começo a sorrir. Virando-me para ela, vejo seus olhos azuis me encarando com o mesmo humor fácil de quando estávamos cortando a melancia naquela noite.

Engato a marcha e concordo com a cabeça.

— Já pode pedir — respondo. — A gente passa pra pegar no caminho de casa.

CAPÍTULO 15

JORDAN

Nós chegamos a novos termos.

Sou uma inquilina agora, essencialmente, e mesmo que o objetivo final seja viver aqui para economizar dinheiro para ter minha casa em algum momento, não posso viver às custas dele como eu estava. Talvez possa ter dado desculpas quando era namorada de Cole, mas agora, precisa ser justo. Não importa o quanto ele recuse.

— Não preciso de seus quarenta dólares por mês para a conta de gás, Jordan.

— Então me deixe pagar a conta de energia.

— Por que eu lhe diria para ficar aqui para economizar e pedir que gaste mais dinheiro?

— Estou economizando. E eu posso continuar economizando, pagando pelo menos uma conta, Pike.

— Ou poderia pagar nenhuma conta, economizar ainda mais dinheiro e sair daqui mais depressa.

E então aquilo me irritou, como se realmente não me quisesse aqui, afinal.

— Não, espere. — Ele estremece. — Não quis dizer isso. Só não preciso do seu dinheiro, tá? Vamos parar com essa conversa agora. Por favor?

Mas nós não paramos. Nós continuamos brigando até que ele finalmente cedeu e me deixou pagar a conta do gás e a conta do supermercado, embora me fez prometer não trocar seus lanches por qualquer coisa orgânica ou livre de gordura, o que concordei. Se ele me pegar colocando em seu café, leite de amêndoa escondido, vou dizer que esqueci.

Levando a vassoura para a varanda da frente, levanto o tapete da entrada e o sacudo antes de pendurá-lo no corrimão. A chuva cai forte, e a rua parece uma corredeira de ondas enquanto as gotas de chuva caem continuamente no chão.

Fico pensando até que ponto Pike conseguirá enxergar as ruas a caminho de casa. Ainda é só uma da tarde, no entanto, e está claro, embora muito cinzento, então pode ser que pare de chover antes que ele saia do trabalho.

Deslizo a vassoura pela varanda de madeira, a cobertura protegendo-a de ficar molhada. O ar está fresco e espesso, e sinto a pele úmida, mesmo sem chuva me atingindo sob o toldo. Minha camiseta gruda um pouco na barriga, e coloco o cabelo atrás da orelha porque está fazendo cócegas nos braços. Olhando para cima vejo Kyle Cramer entrando com seu BMW em sua calçada, e cobrindo a cabeça com a pasta, correndo para a varanda da frente.

Ele me nota e dá um sorriso. Dou um pequeno aceno.

Eu me pergunto por que ele e Pike não são amigos.

Ele desaparece dentro da casa, e eu termino de limpar o pouco de sujeira e galhos da varanda antes de colocar o tapete de volta no lugar.

Além da conta de gás e mercado, assumi a responsabilidade pelo andar de baixo da casa: tirar pó, aspirar, varrer, esfregar, manter a cozinha arrumada, embora ele sempre lave a louça quando cozinho, e só tenho que fazer isso

quando ele cozinha. Que, na verdade, não fez nos três dias desde que voltei para ficar aqui. Eu meio que percebi que em algum momento nas últimas semanas, ele só faz mesmo refeições de alimentos congelados – ou sopa e cozidos enlatados – então acabei de assumir a cozinha completamente e ele lava a louça, e estou satisfeita com isso.

Também cuido do jardim, enquanto ele lida com o gramado, piscina e os irrigadores. Nossos quartos são de nossas próprias responsabilidades, mas eu limpo meu banheiro, e ele mantém o porão em ordem.

Organizar as tarefas individuais foi quase bom demais para ser verdade. Pensei que, com certeza, ele ia furar o esquema, e eu acabaria limpando sujeira dele nas áreas que estava encarregada de manter arrumado.

Mas isso não aconteceu. Ele joga suas botas no armário depois do trabalho, recolhe as camisetas que tira se ficar muito quente, e nunca preciso perturbá-lo para tirar a roupa da secadora. Percebo que nunca morei com um homem que viveu sozinho antes.

Até agora, claro. Pike está acostumado a cuidar de si mesmo e de suas coisas, porque não tem mais ninguém para fazer isso por ele. É como um mundo totalmente novo.

Entro na casa, coloco a vassoura no armário e subo as escadas para arrumar minhas roupas lavadas. O antigo quarto de Cole – nosso antigo quarto – fica vazio, já que ele não voltou desde que foi embora. Não sei o que ele tem usado nos últimos dias, e não sei se conversou com o pai, mas uma coisa é certa: ele voltará em algum momento.

Aguentei muito porque Cole era um amigo e não só namorado. A maioria das garotas – se forem mais espertas do que eu, o que não seria difícil, se me permite dizer – se cansam de aproveitadores bem rápido. Saber que ele e Elena provavelmente não irão muito longe é meu único consolo para o

sofrimento. Ele saiu da minha cama direto para a dela, não foi?

Mas talvez ele tenha me feito um favor. Eu ia querê-lo de volta? Não. Não quero odiá-lo, e sei que ele é melhor do que isso, mas nós insistimos, porque precisávamos nos agarrar a algo no passado. Nós forçamos o que não existia, não porque precisávamos um do outro, mas porque precisávamos de alguém. Nós sempre fomos melhores amigos.

Eu sinto que posso respirar de novo. E se ele tiver algum problema comigo, vou deixar o pai dele lidar com isso.

De frente para o quarto de Cole, abro a porta do outro quarto de hóspedes – meu novo quarto – e pego meu cesto de roupa desmontável do canto.

Adoro meu novo espaço. Já havia uma cama aqui, então só comprei um novo jogo de lençol. Poderia ter pegado o que estava na cama de Cole, já que é meu de qualquer maneira, mas queria começar de novo. Nada para me lembrar de quem eu era com ele. Trouxe o resto das minhas coisas, fechei a porta e não voltei lá mais.

Pike e eu fomos à IKEA, loja de móveis, e pegamos uma cômoda – que eu paguei, mas que eu precisava da caminhonete dele para trazer – um criado-mudo e uma poltrona almofadada. Eu me diverti um pouco decorando, já que não precisava considerar mais ninguém além de mim. Tem pequenas luzes entrelaçadas na minha cama de ferro forjado, algumas almofadas com temas alegres e um abajur, e uma pintura que comprei de um vendedor de rua em Nova Orleans quando fui com a minha irmã. O amigo de Pike, Dutch, chegou a trazer para mim seu velho rádio *boombox* de fita cassetes da Panasonic que encontrou limpando a garagem de seus pais dias atrás. Acho que Pike contou a ele sobre as fitas.

— Jordan! — Escuto um berro do andar de baixo.

Largo a camisa branca que estava dobrando e sacudo a cabeça,

ouvindo a porta de tela bater contra o batente.

Meu coração bate um pouco mais forte.

Saindo do quarto, corro pelas escadas. Pike está na porta da frente, tirando o agasalho do armário. Água escorre pelo seu rosto e na pele bronzeada de seus braços tatuados, e o cabelo está grudado na cabeça. Ele veste o casaco por cima da camiseta molhada.

Ando até ele.

— O que está acontecendo?

— A margem do rio está inundando — diz, correndo para a cozinha, em direção à geladeira. — Eles estão chamando todos que podem ajudar com sacos de areia antes de chegar às ruas.

Entendi. Pego meu tênis do armário, pulando em um pé conforme calço um de cada vez.

— Você ligou para o Cole?

— Sim, mas não está atendendo. — Ele pega um punhado de garrafas de água. — Por que você não tenta?

Tiro minha capa de chuva do cabide e fecho o armário, pegando meu boné de beisebol do lado de fora do gancho.

— Se ele não te atendeu, definitivamente não vai me atender.

Pike volta para a sala, com cinco garrafas presas entre os dedos. Ele levanta as sobrancelhas, silenciosamente pedindo outra vez, e reviro os olhos.

— Mas vou tentar no carro — digo, abrindo a porta. — Vamos.



Chegamos no canal em pouco tempo, já que Pike tinha carregado todos os sacos de areia que tinha na traseira de sua caminhonete. A cidade tem

um grande abastecimento, e já estavam lá embaixo com suas caminhonetes.

Com muita chuva pesada neste verão e todos os centímetros de neve finalmente derretidos mais ao norte, o rio tem sido uma bomba-relógio. Lembro-me de as casas do lado oeste há alguns anos inundarem, mas a cidade se preparou depois disso. A polícia, os bombeiros, as equipes da cidade e os cidadãos estão agora espalhados entre as rochas da barreira de inundação já no lugar. Sacos de areia estão empilhados desde a água, a inclinação das rochas e até na terra e capim aqui em cima. Tem pouco mais de cem metros de mato, árvores e uma estrada de trem para alcançar as casas em ruínas do lado oeste, que foi a primeira parte de Northridge a ser construída. A água está subindo, mas devagar, por isso, se a barreira não aguentar, os sacos de areia irão. As pessoas deste bairro não podem se dar ao luxo de sair e muito menos de perder suas casas.

O rio corre para o sul, cada vez mais veloz, e eu tremo um pouco, cada centímetro meu encharcado. Gotas de água caem da ponta do boné e a chuva escorre pelas pernas.

— Água?

Pike segura uma garrafa para mim e olho para ele por baixo da aba do boné e sorrio, pegando-a.

— Obrigada.

Ele dá a volta por mim sem dizer nada, pegando um saco de areia e jogando-o para um cara na fileira de baixo. Estamos aqui há três horas e não conseguimos falar com Cole, embora não possa dizer que tentei com afinco. Não quero vê-lo agora, então esperei três toques e depois desliguei.

Olho para a garrafa de água na mão. Minha boca está extremamente seca.

Abrindo a tampa, bebo metade da água, respiro e engulo mais dois

goles. Só tem mais um pouco, portanto, coloco no bolso do casaco para beber mais tarde.

— Oi, Jordan — uma voz alegre chama ao passar.

Vejo April Lester colocando um par de luvas grossas, descendo as rochas em direção a Pike, vestida de jeans, abraçando cada centímetro de suas pernas e uma linda camiseta de camuflagem e boné. Seu cabelo preto amarrado, saindo pelo buraco atrás.

Ela parece bonitinha. Estou tão acostumada a vê-la em suas roupas de "noite" no bar.

Pego um saco de areia da carroceria da caminhonete, passo o saco de quarenta quilos para o próximo da fila e volto, repetindo o trabalho. Cada saco segue seu caminho de mão em mão até chegar no lugar na margem do rio.

Noto April em outra fileira, bem na frente de Pike, e ela está conversando com ele.

Tento manter os olhos em outra direção, porque não é da minha conta, mas me encontro olhando de relance para eles, e não sei porquê.

Algo quente esquenta meu peito e sinto um suor frio brotar na testa.

Ele a conhece? Eles já conversaram? Acho que nunca saíram. Não pode ser. Pike parece um padre. Ele é muito certinho, e essa mulher chega mais forte que um martelo na cabeça. Ela iria assustá-lo.

Molho os lábios, entregando outro saco e incapaz de me impedir de observá-los. Ela sorri radiante, dizendo alguma coisa, e ele olha para ela, ouvindo com ar divertido. Um de seus raros, notáveis e lindos sorrisos aparece para ela – *para ela* – e meu coração para de bater.

Faço cara feia e pego outro saco.

Ele está corando, cacete? Na verdade, parece um pouco tímido, mas passa a impressão de ignorar sua paquera.

Eu gemo.

Esquece isso. Ele é homem. Ainda novo e, tenho certeza, que bastante saudável. Ele fez sexo com mulheres – Cole é prova disso. Não é realista pensar que ele vai ficar sem transar. Vai trazer uma mulher para casa algum dia. Todo mundo tem necessidades.

Abaixo os olhos para seu torso, o fino casaco de chuva preto moldado a seu corpo como uma segunda pele. As mangas estão arregaçadas, mostrando os antebraços, e juro que consigo ver daqui a chuva escorrendo do pescoço dele. É alto e grande, e amo o jeito que suas camisetas se encaixam e de como fica em jeans.

Quando um homem parece tão gostoso vestido, você sabe que ele é gostoso sem elas.

E se ele era metade bonito assim no ensino médio, cada garota deve ter querido ficar com ele. Estou curiosa para saber como era naquela época, mas há algumas coisas que prefiro não saber.

April passa um saco para ele, mas se atrapalha, e ele se inclina para pegar o saco antes que caia de seus braços.

Eles estão sorrindo e se inclinando perto um do outro, e sinto meu peito doer.

E, como se me sentisse o observando, seus olhos de repente sobem, encontrando os meus, e por um segundo, todos desaparecem.

Paro de respirar. *Merda*.

Afasto o olhar, pegando outro saco depressa.

Não volto a olhar para eles, mesmo sendo capaz de senti-lo me observar.

Quando a caminhonete está vazia, pego minha garrafa de água e bebo o resto, caminho até o veículo e jogo a garrafa na carroceria.

— Pronta? — Eu o escuto dizer.

Eu giro e o vejo se aproximar e tirar o casaco encharcado. A camiseta sobe com o movimento, e desvio o olhar de seu abdome.

— Todos... todos acabaram? — pergunto.

Ele joga o casaco na carroceria e pega outra água do cooler.

— Acho que fizemos tudo que podíamos. Só temos que torcer para que seja suficiente e aguente.

Dou uma última olhada ao redor, percebendo que todos passaram a fazer outras coisas. Alguns estão entrando em seus carros e outros ajeitando os sacos ou conversando.

Tiro meu casaco, também, e o jogo na caminhonete, e subo no banco do passageiro.

Fecho a porta e ele liga a caminhonete, os limpadores começam a funcionar de onde pararam, na mesma hora.

Olho pela janela.

— Oh, merda — suspiro, olhando para longe. Ele segue meu olhar.

A caminhonete está bem no alto, e nós temos uma visão completa do rio afora, até do outro lado da margem. Um pequeno arquipélago que fica no meio agora está quase coberto pela água, e as casas na margem oposta estão ameaçadas, à medida que o rio sobe até a metade de suas estacas.

Ainda está longe de inundar e a chuva já diminuiu um pouco. Espero que tudo fique bem.

— É alto demais, não dá pra acreditar — digo. — Surreal.

Ele se vira para mim.

— Você está sorrindo de novo.

Encontro seus olhos, meu rosto relaxando. Eu estava sorrindo?

— Bem, estou tentando não sorrir — respondo, dando outro sorriso. —

Quero dizer, espero que ninguém se machuque e que seja inundado, mas...

— Mas?

Dou de ombros, me sentindo um pouco culpada.

— Acho que gostei de ajudar hoje. É divertido se sujar.

Ele ri baixinho e engata a marcha da caminhonete.

— Você ainda não se sujou — brinca. — Coloque o cinto de segurança.



Meia hora depois, estou berrando e segurando o suporte de mão no teto enquanto ele acelera pelo canal lamacento. Ele gira o volante, então nós saltamos para o lado e de volta para o terreno alto, e dou risada, pulando no banco.

Puta merda, isso é divertido. Parece que vou morrer. Meus olhos lacrimejam, estou rindo tanto.

— Não acredito que você nunca fez isso antes — diz ele, olhando para mim como se eu precisasse desistir do meu título de “garota da cidadezinha”. — Na minha época, este era o lugar onde você trazia uma garota para mostrar como você era foda com sua caminhonete.

Escorrego à esquerda e depois para a direita conforme a caminhonete atravessa por todas as descidas e poças lamacentas. Ele me deixou ter total domínio do som e “Glory Days” de Bruce Springsteen toca de uma das fitas que coloquei. Aumento o volume e seguro o painel em busca de apoio.

— Ainda é — informo. — Na minha época, porém, está se tornando cada vez mais difícil que os caras com quem as garotas saem, conservem uma carteira de motorista.

Ele ri.

— Acredito nisso.

Chuva e lama espirram ao nosso redor, e posso ver respingos de ambos os lados batendo na manga da minha capa de chuva próxima da porta e na minha coxa exposta. Pike insistiu em que baixássemos as janelas, sem se importar em que pudesse ficar sujo por dentro. Ele disse que isso intensificaria a experiência.

— Você trouxe as garotas aqui? — pergunto.

— De tempos em tempos.

Dou um sorriso perspicaz de canto de boca.

— E depois as levou para o Hammond Lock para dar uns amassos?

Ele me olha rapidamente, parecendo surpreso.

— O que sabe sobre Hammond Lock?

Dou de ombros.

— Ah, ouvi que é onde o pessoal antigo ia para namorar antigamente, só isso.

Ele finge fazer cara feia e acelera, descendo em outra vala. Tudo por dentro gela e eu grito de novo, rindo.

— Pare! — imploro. — Vai fazer a gente capotar!

O para-choque dianteiro bate no fundo, levantando uma onda de lama e água na nossa frente. Meu corpo dá um tranco para a frente sob o cinto de segurança, e dou um grito extasiado, apertando os olhos fechados.

Merda!

Mas não consigo parar de rir. Ele tem razão. Como eu nunca fiz isso antes? Estive perdendo toda a diversão.

Chuva fria cai levemente pela janela, umedecendo minha perna; abro os olhos e limpo o rosto, vendo manchas de lama na mão.

Virando-me para ele, vejo seus olhos encontrarem os meus, nossos

corpos tremendo com uma risada baixinha.

— Tá, é a minha vez! — solto, entusiasmada.

Soltando o cinto, puxo a maçaneta da porta, e começo a sair.

— Não, passa pra cá — diz. — Vou sair e dar a volta.

Eu paro e viro, vendo-o abrir a porta, e em vez de descer, ele levanta e sobe na carroceria da caminhonete. Eu deslizo depressa pelo assento e sento na frente do volante. A vantagem da sua caminhonete ser tão antiga é que o banco é inteiriço. Não preciso pular por um console.

Prendo o cinto e olho pelo para-brisa, uma onda de calor cobrindo meu estômago à medida que sorrio.

— Cuidado com a lama! — grito da janela para ele.

Não tenho ideia de quão profundo é do lado de fora da porta do passageiro.

Mas aguardo enquanto a caminhonete balança com seus movimentos, e então a porta do lado do passageiro se abre, a mão dele segura o suporte, e ele pula para dentro, sem nem ao menos tocar o chão.

Deslizando no assento ao meu lado, ele bate a porta e passa a mão no cabelo agora encharcado.

Meus olhos caem para sua camiseta moldada ao peito, destacando sua clavícula e os músculos peitorais e ombros largos.

Ele se vira para mim.

— Que foi?

Pisco e limpo a garganta, me recompondo.

— Nada. Você ainda é bem ágil para a sua idade, hein?

Seus olhos pegam fogo. Passando a mão do lado de fora da porta da caminhonete, ele a traz de volta e a esfrega em mim, a lama escorre no meu rosto.

Ofego, fecho os olhos por reflexo e tento me afastar.

— Pare! — Dou risada, erguendo as mãos enquanto mais lama é jogada em mim. — Estou só brincando!

— Desde quando trinta e oito passou a ser um maldito cidadão idoso? — resmunga, mas posso ouvir a diversão em sua voz.

Mais lama voa em mim, e eu me viro de costas para ele, tentando me proteger.

— Desculpa! Não quis dizer isso!

Só que não consigo parar de rir.



Duas horas depois, o céu está escuro e estou felizmente relaxada. Não sou capaz de pensar agora, mesmo se eu tentar. As minhas contas e de Cole estão no meu quarto, as mensalidades – pelas quais me afundarei com empréstimos estudantis para pagar – estão prestes a vencer em alguns meses, e aquilo vive martelando na minha cabeça; saber que posso ganhar mais se eu apenas tiver mais coragem... Tudo está a quilômetros de distância agora. Passei a tarde inteira sem tirar o sorriso do rosto.

— Foi divertido — digo a Pike, os dois dando a volta e entrando pelo quintal.

Estamos enlameados e não queremos deixar um rastro pela sala, então sugeri limpar um pouco da lama com a mangueira no quintal antes.

Olhando de relance para Pike, vejo lama em seu pescoço e os olhos desfocados, como se estivesse perdido em pensamentos. Um pequeno sorriso brota em seus lábios.

— Que foi? — pergunto.

Ele finalmente pisca, respirando fundo e balançando a cabeça.

— Acabei de perceber que nunca faço nada — comenta, empurrando a porta da cerca de madeira e abrindo-a para mim. — Não dou risada assim desde... Eu nem me lembro mais a última vez.

Meu coração pula. Fico feliz por não ser a única que gostou. Feliz que ele gostou de passar o tempo comigo, porque...

Porque estou me acostumando com ele.

Todos os dias, eu me vejo olhando no relógio e ficando mais animada à medida que as cinco se aproxima. Eu me sinto ansiosa para vê-lo e gostaria de não sentir isso. Uma hora ou outra, eu irei embora. Não quero me apegar.

O chuveiro me vem à cabeça, e eu me lembro de sua bucha, e meu rosto esquenta.

Eu me sinto bem com ele e fico feliz que se sinta bem comigo. Só não posso me sentir *tão* bem.

Demos a volta no quintal, até chegar na porta dos fundos, e me inclino para abrir a torneira. Água sai da mangueira e eu a pego do chão.

De pé, molho a mão, agradecida que a água está morna.

Eu a passo para ele.

— Obrigado por vir hoje — diz em voz baixa. — Precisávamos da ajuda.

Aceno, tirando o tênis e o boné.

— É a minha cidade, também.

Ele enxagua o rosto, os braços e as botinas, e percebo a água escorrendo por suas roupas ainda cheias de lama.

Estamos só fazendo mais sujeira.

— Tem toalhas na secadora — digo distraidamente. Ele pode entrar e se limpar com uma enquanto eu fico aqui e me limpo.

Ele tira a camisa, e eu a pego, torcendo-a para tirar o excesso, conforme ele passa a mangueira por cima do ombro e nas costas.

— A lama saiu toda? — pergunta.

Ele vira, ainda segurando a mangueira, e me mostra as costas. De repente, sinto o calor do seu corpo ao meu lado. O sangue começa a esquentar sob a pele e tenho medo de olhar para ele.

— Sim — respondo, tão baixo que mal dá para ouvir.

Pego um dos meus elásticos e começo a soltar uma das minhas tranças, minha pele está queimando. Ele está olhando para mim.

Fecho os olhos, absorvendo seu olhar.

Eu quero que ele me olhe.

Eu o ouço rir, porém, e abro os olhos, vendo-o se aproximar e pegar a outra trança na mão. Ele levanta a mangueira e a enxagua.

Ah, a lama...

— Ah, obrigada, a propósito. — Forço um tom sarcástico.

— Foi você que pediu.

Sim. Eu pedi. É divertido provocá-lo.

Meu couro cabeludo sente cócegas com seu toque e, mesmo não estando mais relaxada, voltei a sorrir. Ele só está tocando as pontas do cabelo e eu me sinto zonza.

Engulo o nó na garganta e lentamente me viro, sussurrando:

— Pode ver como está a situação nas minhas costas?

Aguardo um momento, a pulsação acelerada nos ouvidos e o barulho da água caindo da mangueira no chão.

Mas então eu o sinto. Os dedos macios, quase imperceptíveis, sobre a minha camiseta e a água fria infiltrando no tecido à medida que ele limpa a lama.

Ele é tão quieto, e está tão alto que lateja nos ouvidos.

No começo, ele é rápido. Eu me abraço, nervosa como se essa fosse a primeira vez que estava sendo tocada.

Mas depois desacelera, sua mão para no ombro por mais tempo e aumenta a pressão enquanto aperta minhas curvas e desce os dedos pela nuca, coluna e depois nos quadris.

O pulso entre as pernas começa a latejar e minhas pálpebras tremem.

Sua mão alcança a pele exposta no quadril, demorando por um instante, e eu suspiro, muito nervosa agora, mas excitada.

Não estou imaginando isso. Não estou imaginando a sensação de seu toque.

Engolindo em seco, eu lentamente olho para o lado, vendo sua forma por cima do ombro, e alcanço a bainha da camiseta, hesitando apenas um segundo antes de tirá-la. Depois, rapidamente, eu me aproximo e pego uma toalha da escada, apertando-a na frente do corpo.

Quero que ele olhe para mim, mas tenho tanto medo que ele me afaste.

Deixo a camiseta encharcada cair e fico ali, com medo. O desejo devorando qualquer pensamento racional. Por um tempo, o fluxo contínuo de água cai a esmo, abrindo um buraco na grama.

E então, está sobre mim. Cai em cascata por cima do ombro, pelas costas, sua mão seguindo o fluxo, limpando qualquer sujeira ainda remanescente. Fecho os olhos, zonza.

Sinto um calor nas costas, e percebo que ele está mais perto agora, elevando-se sobre mim.

Eu o ouço engolir.

— A toalha vai ficar molhada — diz ele, sua voz rouca.

Sinto um sorriso esticar os lábios, mas o deixo sair.

Abrindo os olhos, afasto a toalha do corpo e a jogo na escada, excitada

como se uma corrente elétrica estivesse correndo por cada centímetro da pele. Eu não me lembro de querer algo tanto assim.

Ele limpa minhas costas, braços e inclina minha cabeça de um lado a outro para ver se saiu toda a sujeira de lá, também. Termino de soltar o cabelo e passo os dedos por ele, sentindo alguns fios molhados misturados com os secos.

Quero vê-lo e saber o que está pensando, mas tenho medo de quebrar o feitiço, e se eu olhar para ele, pode ser que nós dois nos assustemos.

E está tão bom.

— As pernas estão limpas? — pergunto por cima do ombro.

Sei que estou sendo malvada, mas não quero que ele acabe ainda.

Demora um pouco, mas depois sinto a água bater na parte de trás das pernas e, lentamente, ele segura um joelho, tentando ver melhor.

Fecho os olhos de novo, mergulhando fundo dentro da minha cabeça, onde tudo que eu quero neste instante, mas que tenho muito medo de falar, é seguro. Não é só o toque dele. É como faz isso. As longas e lânguidas carícias nas coxas e a maneira como as pontas dos dedos se arrastam só um centímetro acima do que deveriam. E como ele tenta evitar o interior das pernas, mas continua flertando como se quisesse ir até lá e está lutando para se conter.

Ele termina de enxaguar as panturrilhas e os pés, e por fim, eu olho por cima do ombro para ele.

— Minha vez — digo.

Ele olha para cima, o peito subindo e descendo com a respiração ofegante. Os lábios estão separados e há centenas de emoções diferentes em seus olhos. Mas reconheço o mesmo que estou sentindo. Medo e desejo, turbulência e necessidade.

Nós queremos isso, mas sabemos que não devemos.

Eu me viro e pego a mangueira dele, seu olhar vai para os meus seios

apontados para ele e apenas cobertos pelo fino sutiã de renda rosa com rosas estampadas.

No fundo eu era feminina, e acho que ele gosta disso.

Sem dizer nada, ele se levanta e olha para mim, inabalável, enquanto ergo a mangueira e começo a enxaguá-lo de novo. Não estávamos assim tão sujos. Poderíamos, muito bem, entrar e tomar banho, e sabemos disso.

Passo a mão sobre a pele lisa de seu peito, traçando a arte que ele pintou em seu ombro, peitoral e braço.

Não encaro seus olhos, mas sei que ele está observando meu rosto.

— Fez todas essas tatuagens quando era mais novo? — pergunto baixinho.

— A maioria — responde, rouco. — Quando não tinha aonde gastar meu dinheiro.

— Você se arrepende de ter feito alguma? — Eu vejo lama debaixo de sua orelha e fico na ponta dos pés, deixando-nos peito a peito.

— Não, eu... — Ele para, sua respiração pesada soprando na minha bochecha conforme pairo mais perto.

— Você tem um pouco de lama — explico, olhando para ele com o corpo pressionando o seu.

Volto à posição anterior e continuo.

— Você estava dizendo?

Ele limpa a garganta.

— Uh, sim. Hoje... Hoje estou um pouco enjoado de algumas, acho, mas um dia — diz —, elas foram exatamente quem eu era e o que eu precisava dizer sobre mim.

Aceno, entendendo. Dou a volta para enxaguar suas costas e lavo seu pescoço, ombros e deixo os dedos descerem pela coluna. Ele se mexe sob o meu

toque e calor atravessa minha mão, subindo pelo braço. Estou tão excitada. Não quero parar de tocá-lo, mas usar as mãos já não parece ser suficiente. Quero sentir as dele de novo.

Como será a pegada de Pike Lawson?

Ele vira a cabeça, perguntando baixinho:

— Não vai me perguntar o que as tatuagens significam?

Volto a ficar na sua frente, observando meus dedos acariciarem seu braço musculoso.

— Algum dia — sussurro de volta.

Eu quero saber. Quero saber tudo sobre ele. Mas acho que se guardarmos algumas coisas para depois, continuaremos a ter uma razão para nos encontrarmos.

E agora, estou desesperada para ver o que mais sua boca pode fazer além de conversar.

Toque-me. Por favor.

Beije-me.

Solto a mangueira de lado e arrasto os dedos da minha mão esquerda pelo seu abdômen, meu coração batendo com tanta força que chega a doer. Eles afundam quando as unhas deslizam pelos músculos e sinto tanto medo de olhar para ele.

Isto é errado. Eu sei que é errado.

Mas, nossa, ele é tão gostoso. Sinto seus olhos em mim, e cada fibra do sutiã está esfregando minha pele, e eu só quero ficar nua, agora mesmo. Eu quero que ele me veja.

Fecho os olhos. *Oh, Deus.*

— Jordan... — Ele agarra minha mão, e posso ouvi-lo respirar com dificuldade.

Aceno, abrindo os olhos, mas ainda incapaz de encontrar os dele.

— Eu sei — suspiro alto. — Desculpa.

Minha boca está seca, os olhos ardem com as lágrimas não sei por quê, e há uma necessidade entre as coxas que é quase dolorosa.

Lentamente, ele inclina meu queixo para cima. E, por fim, eu olho para cima, mas ele não está olhando para mim, também. Seus olhos estão abaixados e sua testa está franzida de dor.

— Você só está confusa — diz em voz baixa. — Sente falta de Cole, e por acaso estou aqui. Está tudo bem.

Eu permaneço imóvel, os dedos ainda tocando seu abdome e sua mão ainda no meu queixo. O peito dele sobe e desce e, por um instante, acho que vou virar e correr. Ele está dando desculpas por mim. Uma bem fácil para me esconder por trás. Faria sentido estar me sentindo perdida e precisando de alguém para esquecer de tudo um pouco.

Mas qual é a desculpa dele? Eu sei que ele olha para mim. Sei quando olha e pensa que eu não vejo, mas eu sei.

Meus olhos ardem, enchendo-se de lágrimas.

— Não é por isso que estava me desculpando — digo.

Ergo os olhos, encontrando os dele, e mesmo estando com medo, eu tenho que ir fundo. Não consigo resistir.

— Pedi desculpa, porque — sussurro trêmula — esta não é a primeira vez que eu queria que você me tocasse.

E seu olhar congela em mim.

Ele me olha fixamente, imóvel, exceto pela subida e descida de seu peito, e não tenho ideia do que está passando por sua cabeça agora, mas acho que não me arrependo. Chega de desculpas de que isso é sobre eu estar perturbada por causa de Cole.

A atração já estava ali.

Ele solta meu queixo devagar, ambas as mãos se fechando em punhos, e ele aperta a mandíbula, parecendo estar com raiva, de repente.

Por reflexo, dou um passo para trás, mas não vou muito longe. Agarrando minha cintura, ele me puxa em sua direção, serpenteando um braço ao meu redor e segurando meu queixo entre o polegar e os quatro dedos. Eu ofego, amando a sensação de seu corpo firme contra o meu, mas com medo também, porque parece que está tão bravo.

— Não — rosna, mostrando os dentes e olhando para mim com fúria nos olhos. — Você me entendeu? Não vai acontecer. Não vai conseguir isso comigo.

Meus olhos se enchem de lágrimas, e quase não consigo enxergá-lo à medida que meu corpo treme com um soluço silencioso.

Seu braço parece aço ao meu redor, e posso sentir o calor de sua raiva emanando de sua pele.

Ele me sacode.

— Você quer transar, então vá caçar em outro lugar.

Ofego e me solto dele, empurrando seu corpo para longe.

Ele tem razão. O que estou fazendo? Por que eu faria isso? Eu me sinto tão idiota e me agacho depressa, pegando minha camiseta e tênis.

Mas não estava imaginando, estava? Havia algo entre nós e vinha dele tanto quanto de mim. Só vi o que eu queria ver?

Sinto vontade de gritar. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, e ele fica apenas parado ali, olhando bravo para mim.

— Vá para o seu quarto — manda.

Solto uma risada, o som amargo pingando descrença.

— Vá se foder! — Eu me levanto, endurecendo a voz. — Vou

encontrar outra cama hoje à noite, obrigada. Qualquer um vai servir para uma puta como eu, não é?

Eu me viro e corro para a porta dos fundos, mas ele me agarra na altura do cotovelo e me puxa de costas contra o muro de seu tórax. Solto a camiseta e o tênis, e ele nos força até uma parede da casa. Levanto as mãos rápido, batendo no revestimento.

Jesus.

Estremeço, com a respiração rápida e ofegante enquanto meu coração dispara e o sangue esquenta sob a minha pele.

Mas que por...

Ele estende o braço, segurando meu rosto com a mão, e com a respiração quente no meu ouvido.

— Não me ameace com essas merdas. Se quer agir feito uma pirralha malcriada, então talvez devesse ser castigada como uma, não?

Quase dou risada através das lágrimas secando no rosto.

— Fique à vontade — insulto. — Estou morrendo de vontade de ver como vai tentar me controlar. Você não consegue nem fazer o Cole cumprir com as tarefas dele, e quando foi a última vez que uma mulher sentiu prazer na sua cama? Você nem mesmo é um homem.

Ele rosna e bate a palma da mão na parede à minha frente.

Dou um pulo.

De repente, a mão dele envolve meu cabelo e minha cabeça é torcida de lado enquanto seus lábios esmagam os meus.

Gemo alto, a sensação e o gosto dele me inundando com tanta força que meu clitóris pulsa entre as pernas. *Puta merda.* As pálpebras se fecharam, o calor e a adrenalina mergulhando do meu peito para a virilha no espaço de um segundo.

Ele se afasta.

— Porra. — E seu punho aperta meu cabelo.

Mas ele volta, sua boca cobrindo a minha, exigindo mais, e mal consigo respirar. Estou pegando fogo.

Ele tem o gosto tão bom. É tão gostoso. Só demora um pouco, mas meu cérebro finalmente entra em ação, e estico o braço por trás, seguro sua nuca e o beijo, também.

A mão aperta minha cintura, e sinto seus dedos deslizarem sob a tira de seda vermelha da minha calcinha que está aparecendo, enrolando o tecido uma vez na mão como se estivesse se preparando para arrancá-la.

Minha boceta lateja só de pensar. Sua língua é quente e exigente, sacudindo e brincando com a minha, e quando ele se afasta minimamente para morder meu lábio inferior, eu me movo na ponta dos pés, sentindo uma ardência aquecer entre as pernas.

Mãe de Deus.

Ele passa dos meus lábios para as bochechas, beijando ao longo do queixo e de volta para o pescoço. Só sou capaz de arquear para dar livre acesso.

E sorrio por dentro. Ele quer isso. Ele me quer.

Minha pele vibra, os pelos nos braços sobem e sinto um arrepio ao sentir as mãos dele começarem a explorar tanto quanto sua boca.

Pressiono a bunda em sua virilha e sinto o cume de seu pau, duro e tentador. Ele afasta a boca, gemendo com o meu impulso.

— Jordan — ele ofega, com os olhos fechados e sobrancelhas cravadas de dor. — Caralho, não podemos fazer isso.

Eu me viro, erguendo-me na ponta dos pés e encostando a testa na dele, as mãos em sua cintura.

— Eu sei — eu digo. — Eu sei.

Jesus, por que isso teve que acontecer?

Pairo sobre seus lábios, sentindo-os e seu hálito quente me deixa com vontade de me envolver dentro dele.

— Eu sei — sussurro de novo. — Estraguei tudo, não foi?

Somos vítimas das circunstâncias. Pelo menos, acredito piamente que eu teria gostado dele, não importa o quê. Se ele fosse qualquer outro homem que entrasse no bar, sentasse e conversasse comigo, eu o teria desejado. Ele pode ser ríspido e estar fora de forma para lidar com pessoas, mas estou feliz com ele, e gosto que a única coisa que ele parece precisar de mim é a minha presença. Ele está mais feliz comigo aqui.

— Preciso que pare de teimar comigo, tá bom? — digo. — Vou pra casa da minha irmã amanhã e ficarei mais do que bem. Você não precisa se preocupar. Nunca deveria ter ficado...

De repente, porém, ele agarra a parte de trás das minhas coxas e me levanta, forçando as pernas a envolvê-lo. Plantando-me contra a parede, ele olha para mim e nega com a cabeça.

— Você não vai a lugar nenhum.

E, então mergulha, mordendo meu queixo por baixo. Ofego, minha cabeça cai para trás e os olhos se fecham conforme morde e beija, enviando arrepios pelos meus braços.

Aperto seus ombros e cedo, contorcendo-me contra ele e ansiando pela fricção dele entre as pernas.

Um de seus braços me segura enquanto o outro sobe, roçando a alça do sutiã, puxando-a para baixo para beijar a pele em meu ombro.

Suspiro, desesperada.

— Tire. Por favor.

Sua mão alcança as minhas costas, mas em vez de soltá-lo, ele puxa a

alça e a abaixa. Fico nua só por um segundo, porque ouvimos uma porta bater dentro da casa e nos assustamos.

— Pai? — Cole chama. — Está em casa?

— Merda — Pike murmura entre dentes.

— Meu Deus. — Eu me contorço para descer e ele me solta. Eu me agacho, recolhendo minha camiseta e tênis de novo, segurando-os para me cobrir. Através da porta dos fundos, vejo a luz da cozinha acender, e saio pela lateral da casa, escondendo-me.

Sinto o coração batendo nos ouvidos e não consigo engolir. Dou uma espiada em Pike e ele está olhando em volta como se não soubesse o que fazer, mas finalmente pega a mangueira, ainda correndo água, e continua a lavar os braços e as mãos já limpos.

— Sim, aqui fora! — grita, seu pomo de adão subindo e descendo.

Escuto a porta da tela se abrir e recuo, assegurando-me para ficar fora de vista.

— Oi, o que você está fazendo? — Eu ouço Cole perguntar.

Ajeito o sutiã depressa e visto a camiseta.

— Só limpando — responde Pike. — O rio quase inundou o porto hoje. Tentei te ligar.

— Sim, foi mal.

Há um momento de silêncio, e tudo o que consigo ouvir é a água corrente derramando na grama, agora inundada.

— Onde está Jordan? — pergunta Cole.

— Não sei... lá dentro?

Meus olhos caem e a culpa me atinge feito uma facada. Ele precisou mentir.

Quero dizer, claro que ele mentiria. Eu também teria feito isso. Mas a

realidade fica bastante clara agora; eu posso deixar Cole e ir embora e a vida vai continuar. Pike não pode fazer isso. Esse é o filho dele.

— Vai ficar? — pergunta Pike a ele.

— Só vim pegar algumas coisas — explica Cole, soando sério. — Acho que ela não vai me querer ao redor por um tempo ainda. Obrigado por deixá-la ficar.

A voz de Pike sai um pouco mais alto que um sussurro:

— Não tem problema.

Há mais silêncio, e então escuto a água ser fechada e alguns movimentos.

— Ela realmente cuidou de mim quando... — Cole para e continua: — Quando não suportava ter mais ninguém por perto. Nunca foi minha intenção machucá-la.

Sinto ferroadas na garganta. Tudo é tão confuso, porque não sei até que ponto tenho permissão para isso.

Ele me traiu bem debaixo do meu nariz. Por semanas.

Mas em meu coração, não fui fiel a ele também.

Em algum lugar no fundo, sempre soubemos que essa relação não era eterna.

— Você pode voltar para casa — seu pai diz baixinho, quase implorando.

Mas Cole não responde e gostaria de poder ver seu rosto. Ele está olhando para o pai? Ele não consegue encontrar os olhos das pessoas quando está chateado ou triste.

— O que você está fazendo? — Pike pergunta, sua voz é de pura tristeza. — O que está fazendo com você mesmo, hein?

Escuto um suspiro e Cole diz:

— Vou conversar com ela. Mais cedo ou mais tarde.

E então a porta da tela se fecha, batendo contra o batente, e lentamente dou uma espiada, vendo Pike sozinho no lugar onde o deixei.

Sua testa está marcada pela dor e ele está olhando para o chão. Sua cabeça se vira ligeiramente para mim, no entanto.

— Ele não te trata bem, e deveria — diz Pike, com o rosto cheio de culpa. — Mas isso não pode acontecer, Jordan.

Cerro os dentes, a garganta aperta com vontade de chorar.

Eu sei.

Eu sei.

CAPÍTULO 16

PIKE

Posso senti-la. Suas pernas aquecidas serpenteando entre as minhas sob os lençóis, e ela está quente e molhada no meio das pernas conforme se esfrega em mim. Eu a agarro pelos quadris e nos viro, descendo sua calcinha bruscamente, e mergulho, caindo de boca.

Jesus, seus gemidos são tão doces, e nunca mais quero sair dessa cama. Não quero fazer nada além de senti-la, saboreá-la e cheirá-la, fazê-la sorrir, suar e gozar.

Ela é minha.

Mas de repente, meus olhos se abrem, piscando com a penumbra da manhã.

Estou sozinho e respiro pelo nariz, em busca do cheiro dela no sonho.

Fecho os olhos.

— Jesus — ofego, molhando os lábios secos.

Cerro os punhos, ainda sentindo sua bunda nas mãos, e eu preciso dela. Preciso do mesmo corpo macio, que tive nos braços na noite passada, de tal maneira que a mandíbula chega a doer de tanto apertar.

Esfregando o suor do pescoço, eu olho para baixo e vejo meu pau

empurrando o lençol.

Cacete.

Preciso transar. É só do que se trata. Jordan não é especial.

Ela não é.

Ela é uma mulher jovem e *sexy* que mora na minha casa e está constantemente na minha frente, andando de shortinho com as pernas compridas, bunda empinada e lábios com a porra do gosto de pêssego. É como colocar um bife na frente de um pit bull faminto e dizer “não encoste”.

Solto um gemido ao mesmo tempo em que meu pau incha com sangue, ficando ainda mais duro.

Deus, se eu a chamasse aqui agora, ela viria? Estou tentado a retirar o que disse ontem à noite, quero de volta o que tive nas mãos, quero muito.

Mas não.

Eu já estou sofrendo demais pela culpa, e perder o controle indo mais longe com ela resultaria em um mundo de dor. A noite passada foi apenas o resultado de não ser saciado há muito tempo. Nada mais.

Cristo, ela é uma criança. Se fosse dois anos mais nova, eu poderia ir para a prisão pelo que quase fiz a ela ontem.

Preciso tirar isso da cabeça.

Jogando o lençol de lado, saio da cama e pego uma boxer e jeans. Depois de jogar um pouco de água fria no rosto, escovar os dentes e passar um pouco de gel no cabelo, meu pau se acalmou suficiente para sair do quarto. Visto uma camiseta e o resto das coisas que preciso para o trabalho e saio do quarto.

Se Cole não tivesse voltado para casa quando apareceu...

Desço as escadas, afastando aquilo da cabeça. Só espero que ela não pense que precisa sair por causa disso. Provavelmente seria o melhor, mas não quero ser mais uma pessoa com quem ela não pode contar.

Na cozinha, eu me sirvo uma caneca de café e abro a geladeira, procurando o leite.

Franzo a testa, remexendo nas caixas e encontrando apenas leite de amêndoa. Tiro a caixa e enrugo o nariz, analisando-o. Amêndoa virou leite?

Jordan. Reviro os olhos e abro a tampa, sentindo o cheiro.

— Hmm... — Não tem cheiro ruim.

Eu dou de ombros e coloco no café.

Pegando a caneca, coloco a outra mão no bolso e me inclino contra o balcão, soprando no café.

Escuto os passos de Jordan nas escadas, e meu estômago revira. Eu fecho e abro os olhos fortemente, preparando-me.

Ela entra na cozinha toda tranquila, levantando os olhos e encontrando os meus a tempo só de me dar um breve sorriso de canto de boca antes de dar a volta na mesa e tirar sua bolsa de uma das cadeiras.

Ela parece estar com pressa.

Eu me obrigo a dizer as palavras. Quanto mais cedo lidarmos com isso, mais cedo poderemos voltar ao normal.

— Quero pedir desculpas por ontem — digo. — Foi culpa minha, e não deveria ter acontecido. Tá bom?

Suas mãos desaceleram e vejo seus olhos se moverem enquanto fuça na bolsa, mas ela não olha para mim.

Ela fecha o zíper e se endireita, vindo em minha direção para abrir a geladeira.

— Tenho que ir — diz ela.

Eu a observo com cautela. Ela não parece brava. Parece nervosa. Talvez estivesse esperando que eu assumisse o controle da situação para ver como lidar com isso.

Ou talvez queira agir como se não tivesse acontecido. Pode ser que esteja arrependida.

Eu me arrependo?

Sim. Sim, claro que sim.

Mas eu também gostei. A necessidade de levá-la até a minha cama e saborear cada segundo e cada centímetro dela era o mesmo que esperar pelo paraíso na noite passada. Eu queria isso. Não via a hora.

E eu não teria parado. Meus músculos doem só de pensar no que eu sujeitaria meu corpo para poder aproveitar cada momento com ela.

Mas mesmo sem Cole, ela ainda tem metade da minha idade. Nada disso está certo.

— Você é uma garota linda, Jordan — digo quase em um sussurro —, porém, é apenas uma garota.

Ela pausa na geladeira ao meu lado e eu a vejo engolir. Ela é tão bonita. Cabelo limpo e solto, maquiagem sutil com apenas um toque de rosa nos lábios...

— Minha cabeça não estava no lugar — explico. — Nós dois estamos solitários e adorei tanto ter você aqui que os limites ficaram borrados. Isso não vai se repetir.

Ela acena com a cabeça e abaixa o olhar. Gostaria de saber o que estava pensando. Não costuma ser tão quieta assim. Ela me odeia?

— Está tudo bem — diz ela, gentilmente.

Mas faço que não com a cabeça.

— Não está. Não espero isso de você. Quero que saiba disso.

Deus sabe que ela já tem demais dessa merda no trabalho.

Pegando a maçã e a garrafa de água, ela vira e volta até a mesa, pegando a bolsa. Ela não deve ter aula tão cedo, mas não vou questioná-la como

se fosse da minha conta. Já basta o que fiz para ela nas últimas vinte e quatro horas.

Observo quando ela sai da cozinha e entra no foyer, tirando as chaves da casa do gancho. Ela alcança a porta, mas para.

— Minhas mãos estavam em você, também — diz ela.

Depois abre a porta e sai, fechando-a suavemente atrás dela.

Fico olhando por onde ela saiu, o espaço vazio me fazendo querê-la de volta, de repente.

— Não diga coisas assim — murmuro para uma casa vazia.

Se eu sei que também quer, como poderei resistir a você?



— Tem certeza de que não quer vir? — Dutch pergunta.

Nego com a cabeça, jogando as ferramentas na carroceria da caminhonete.

— Nada parece pior do que um bar cheio de pessoas e palitos de muçarela pré-congelados agora — respondo. — Tenho um encontro com um resto de Calzone na geladeira.

Todd passa rindo.

— Aposto que Calzone é mais saboroso ainda com uma certa loira descalça o esquentando, também.

Meu pescoço queima com a provocação. Acho que ninguém sabe que Cole não está ficando em casa agora, mas as interações com a Jordan não passaram despercebidas. A noite de pôquer, o show de lingerie, ela me trazendo almoço... Os rapazes estão tirando suas próprias conclusões, tenho certeza.

E, na verdade, essa sobra de Calzone é de algumas noites atrás, mas

sim, Jordan não vai trabalhar esta noite, e estou ansioso para ver como ela está. E para – esperançosamente – voltarmos ao normal.

Não muito ansioso, no entanto. Segurei o pessoal hoje por mais uma hora além do horário de propósito, porque enquanto estou morrendo de vontade de vê-la, eu não *quero* estar morrendo de vontade de vê-la, e precisava provar que tenho algum controle sobre mim mesmo.

Dutch coloca seu boné de beisebol, me dando um sorrisinho mostrando que concorda com Todd, mas apenas franzo o cenho e entro na caminhonete. Não preciso da imagem na cabeça de Jordan andando pela minha cozinha com os pés descalços, curvando-se sobre os balcões para pegar as coisas, e fazendo aquele negócio bonitinho que ela faz quando tira o cabelo do rosto, mas que sempre cai de volta no mesmo lugar.

Nós podemos viver ali, e nossas vidas continuarão até que ela consiga o próprio lugar. Ela irá para a faculdade e trabalhará e, de vez em quando, pode ser que um cara apareça para buscá-la, e eu vou seguir com a minha vida, também. Sou um homem solteiro. Ela precisa saber que vou sair com uma mulher uma hora ou outra. E está tudo certo, e é como deveria ser.

Se ela fosse dez anos mais velha, no entanto...

Sorrio, finalmente me sentindo com a cabeça de volta no lugar. Giro a chave, ligando a caminhonete e saio do estacionamento, indo para casa.

Ainda bem que não tentei sair da obra logo às cinco. No fim das contas, fiz bem. Quem interrompeu as coisas ontem à noite fui eu, certo? Duas vezes? Tenho limites morais e, embora tenha vacilado, tomei a decisão certa. No fim.

Sou só um ser humano. Alguém seria capaz de não ver como ela é bonita?

Solto um suspiro, ligo o rádio entrando na cidade e atravessando as

ruas do bairro.

Preciso sair com alguém. Vou distorcer, enrolar e moldar o que aconteceu com Jordan ontem como uma casualidade de seis minutos sob a lua cheia e voltar a ser... para ela, tipo... uma pessoa mais velha ou coisa assim. Apenas um adulto responsável com quem ela conta para guiá-la. É isso.

Ela não é uma mulher, não tem experiência do mundo, e eu não sou o homem que vai se casar com ela ou lhe dar filhos. Não tenho direito sobre ela.

Respiro fundo, me sentindo preparado, e pego a minha rua, logo entrando na garagem. Já passa das seis, o carro de Jordan está aqui, mas isso não significa que ela esteja. Pedi que não o dirigisse ainda, mas ela poderia estar com a irmã.

Estaciono e alcanço a marmita antes de sair da caminhonete. Pego meu cinto com as ferramentas, da carroceria e o jogo por cima do ombro, atravessando o gramado até a escada da varanda.

Mas vejo algo pelo canto do olho e viro a cabeça, vendo a casa de Kyle Cramer. Jordan está saindo da porta de entrada dele, seguida por Kyle, que a entrega um pedaço de papel e sorri.

Ela continua se afastando, mas retribui o sorriso e aponta o polegar para a minha casa; eles trocam algumas palavras e acenam com a cabeça. Afastando-se dele, ela vem na minha direção, e olho para ele de pé atrás dela, vendo seus olhos vagarem até sua bunda.

Sinto os pulmões se encherem de calor e o instinto aflora. *Nem tente, babaca.*

Ela se aproxima, olhando para cima e diminuindo o passo só um pouco quando me vê.

Gesticulo com o queixo, mantendo o tom uniforme.

— O que foi isso?

Ela pisca, subindo os degraus da varanda.

— Ah, ele, uh... os filhos estão com ele hoje — responde —, mas se esqueceu de que tinha um jogo de beisebol, então me pediu para tomar conta deles. Eu disse que tudo bem. Ele estava apenas me mostrando a casa e passando as orientações.

— Por que você? — Eu a sigo.

Ela olha para mim e percebo que soou rude.

— Quero dizer, ele deve ter babás já acertadas — acrescento. — Só fiquei curioso do porquê de ele ter te pedido.

— Não sei. — Ela dá de ombros e pega sua bolsa, verificando se tem o que precisa. — Provavelmente porque estou bem ao lado, e ele acha que ainda estou atrás de alguns trocados — brinca. — Não tem problema. Sério. Não tenho mais nada pra fazer. Volto mais tarde, tá?

Mais tarde? Os jogos acabam depois das dez.

Depois ele deve ir com o time para o bar.

E então o depravado voltará bêbado para a casa com uma babá novinha e gostosa.

Nem fodendo.

Ela segue para a porta, jogando a bolsa sobre o ombro e eu me aproximo.

— Espere... — digo.

Ela se vira, mas seus olhos me olham rápido, não permanecendo muito tempo em mim.

Ela está tentando me evitar.

— Se quiser — sondo, gentilmente. — Pode trazer as crianças pra cá. Eles podem nadar.

Ela finalmente encontra meu olhar e percebo que seus olhos estão

vermelhos. Ela não está feliz, porém tenta esconder isso. *Jesus*.

Faz que não com a cabeça, com ar arrependido.

— Você acabou de chegar do trabalho. Quer descansar e eles serão barulhentos.

Ela abaixa os olhos de novo, parecendo nervosa.

Sou eu ou é outra coisa? Fiz a coisa certa na noite passada. Eu não quero que ela se sinta rejeitada, porque faria qualquer homem o mais sortudo do mundo.

Algum dia.

Talvez não esteja com raiva porque parei ontem. Talvez esteja chateada que tenha acontecido.

Eu me aproximo mais, abaixando a voz como se estivesse com medo de que os vizinhos pudessem nos ouvir.

— Você está com raiva de mim? — eu pergunto a ela.

Ela levanta os olhos, respondendo depressa.

— Não. — E depois pensa no que vai dizer. — Só estou tentando entender algumas... coisas.

Consigo ver as lágrimas em seus olhos, e sinto dor por todos os lados. Por que sempre tenho essa vontade imensa de abraçá-la?

Ela inclina a cabeça, tentando esconder as lágrimas que não pode impedir de se formarem, e chego perto dela, hesitando um segundo apenas antes de tocar seu rosto de lado. Meus dedos envolvem sua cabeça por trás, e ela não me afasta.

— Estou aqui, viu? — sussurro. — Nada mudou. Ainda amo o cheiro de suas velas e o som da música que você coloca na casa. — Paro e, então, acrescento: — Embora não seja muito fã do pepino que você enfiou escondido no meu almoço ontem.

Ela começa a rir baixinho, seus ombros tremendo.

Acaricio sua bochecha com o polegar.

— Não vou a lugar nenhum.

E eu a puxo, abraçando-a forte, querendo nada mais do que protegê-la e lhe dar todas as benditas coisas que não tem.

Envolvo o outro braço por sua cintura, e depois de um momento, ela cede e envolve meu corpo com os seus, desmanchando-se nos meus braços. A gente se abraça com tanta força que não sei quem está segurando quem, mas por um instante, sinto medo de cair se eu a soltar.

— Traga eles pra cá — digo. — Vai ficar menos tenso pra você entretê-los. Vou encher as boias e pedir pizza.

Ela se afasta, fungando, porém, não tem mais lágrimas em seus olhos e ela me dá um sorriso de canto de boca.

— Crianças gostam só de queijo — avisa, um ar pacífico tomando conta de sua expressão.

— Sim, eu me lembro. — Acho que Cole ainda gosta de queijo, na verdade.

Ela deixa a bolsa no mesmo lugar onde pegou perto da porta e me lança um olhar antes de sair, um entendimento se estabelecendo entre nós. Não estou aqui para magoá-la.

E com a condição de que posso ficar bem longe dela, diferente da noite passada, portanto, não farei isso.



— Não consigo! — Jensen grita, água escorrendo da boca.

O menino de sete anos anda dentro d’água, óculos de natação enormes

no rosto. Abaixo dele, três argolas de mergulho estão posicionadas no fundo da piscina, e depois que eu o encorajei bastante para segurar meu pescoço enquanto eu mergulhava para pegá-las, acho que está na hora de ele tentar.

Cramer é um idiota, mas seus filhos não são ruins.

— Tente ir andando primeiro, então — eu digo a ele. — Olha, abaixa o rosto e me observe.

A piscina só tem pouco menos de dois metros de profundidade, mas nado mesmo assim, ficando por cima das argolas. Jordan está na parte rasa com Ava, que só tem dois anos, e está mostrando como soprar bolhas na água. Fiquei aliviado ao vê-la sair em um biquíni mais conservador do que aquele maldito de cortininha, mas não estou achando mais fácil de aguentar esse, em um modelo sem decote, infelizmente.

— Pronto? — pergunto, afastando meu olhar de seu cabelo molhado e grudado nas costas, voltando a atenção para Jensen.

Ele concorda com a cabeça, como se ela fosse muito mais pesada que seu corpo, e respiro fundo, e então mergulho primeiro no fundo da piscina, soltando ar conforme desço e empurro a água para cima com as mãos.

Meus pés alcançam o chão, pego uma argola e me impulsiono de volta para a superfície, inspirando profundamente. Ele tira a cabeça da água, cuspindo um pouco.

— Viu? — pergunto, limpando meu olho. — Soltei bolhas e empurrei a água por cima de mim, e isso me ajudou a afundar.

Ele acena novamente.

— Quer tentar?

Faz que não com a cabeça.

Dou risada, alisando o cabelo para trás.

— Tudo bem. Fica pra próxima.

Bem nesse momento, um jorro de água acerta minhas costas, e olho por cima do ombro, vendo Jordan atirando em mim com uma pistola de água. A garotinha em seu quadril ri, e Jordan enruga o nariz, com a cara pronta para a batalha e aponta a arminha para a minha cabeça. Eu desvio, ouvindo a garotinha rindo atrás de mim.

— Quero uma! — Jensen corre para o lado da piscina e pega um dos lançadores de água Nerf que Dutch esqueceu quando trouxe seus filhos uma vez no verão passado. Eu pego o outro, e todos nós começamos a encher nossas armas, Jordan dá a sua para a bebê e pega outra para ela.

Nos próximos dez minutos, não paramos nem para respirar enquanto rimos, atacamos e disparamos ao redor da piscina para escapar do ataque. Todo mundo vira alvo, a bebê atirando em Jordan bem nos olhos, e Jensen me acertando na cabeça.

Eu pego a bebê, usando-a para me proteger de brincadeira, e Jordan grita, mergulhando para escapar de jatos vindo de mim, Jensen e Ava.

O garoto finalmente vai se sentar, e Jordan e eu estamos respirando com dificuldade pelo esforço. Coloco a bebê no deque e ela caminha até a mesa de piquenique e começa a comer melancia. Jensen se junta a ela, pegando outra fatia de pizza que sobrou.

Um *déjà vu* me atinge. Fico surpreso por ainda ter energia para isso. Parece que foi muito tempo quando estava tentando ensinar Cole a nadar e o deixando trazer sua primeira namorada da escola, enquanto eu, secretamente, ficava de olho neles de dentro da casa. Dessa vez não foi tão estressante como eu me lembro, no entanto. Talvez porque eu seja mais velho.

Ou talvez porque é mais fácil quando são dois adultos disputando com as crianças ao invés de um. Eu me diverti muito hoje à noite.

Observo Jordan saindo da piscina para o deque e se sentando com as

pernas ainda penduradas na água. Pegando cada pistola de água, ela as esvazia e sacode, colocando-as de lado.

A dualidade de seu traje de banho faz as engrenagens do meu cérebro girarem cada vez mais, e eu me sinto bastante confuso. Ela veste preto na parte de baixo. Adulta, *sexy* e bonita em contraste com a pele bronzeada. E rosa na parte de cima. Inocente, meiga e inteiramente Jordan, porque ela consegue ser uma garota tão feminina.

Suas coxas, tonificadas e lisas, e a expressão bonitinha e estudiosa no rosto à medida que enruga a testa e se concentra em sua tarefa. Tudo nela é jovem.

Exceto seus olhos.

Olhos que podem ser tão pacientes, porque teve anos de prática sendo decepcionada, mas que também podem ser furiosos, porque você sabe que ela só teve problemas em sua vida desde o primeiro dia e não diminuiu nem um pouco depois.

Dá para ver seu cérebro trabalhando em todas as decisões e interações, porque é boa demais em avaliar a consequência e o perigo a essa altura, tanto que se tornou uma segunda natureza.

Sabe que o tempo sempre passa e o dia dela chegará. Apenas aguenta firme.

Ela tem a pele sedosa e corpo de uma jovem, mas os olhos são de alguém que já viu décadas.

Meus olhos descem para sua boca, lembrando a sensação de seus beijos, e outra onda de calor reveste meu peito bem abaixo da pele. Eu me viro, passando a mão pelo meu cabelo molhado.

Não foi uma casualidade. Eu a quero.

Eu amo o cheiro dela em casa, a maneira como se senta ao meu lado,

seja aqui ou no cinema naquela primeira noite, tão fácil e à vontade como se fossemos unha e carne, e o jeito que fico animado para acordar todos os dias, sabendo que posso vê-la.

— Puta que pariu — digo em voz baixa.

Estou tendo minha primeira paixão em vinte anos, caralho.

— Que foi? — Eu a ouço perguntar.

Ergo a cabeça, virando-me para ela. Eu disse aquilo em voz alta?

— Nada — respondo.

Ela olha para mim enquanto esvazia a última arma, e tiro os macarrões da piscina, jogando tudo no deque para evitar seus olhos.

Quero mais do que aconteceu ontem à noite e não sei o que vou fazer.

Um telefone toca de novo na mesa de piquenique e eu olho para ela.

— Seu telefone está tocando outra vez.

Ela acena, franzindo a testa ligeiramente.

— Sim, eu sei quem é.

Minhas sobrancelhas sobem um pouco. Quem ela está tentando evitar?

O telefone tocou várias vezes desde que cheguei em casa e, que eu saiba, ela não havia respondido.

Ela olha para mim, e me vê a encarando com um olhar questionador no rosto, sem dúvida.

Jordan apenas ri, e explica:

— Os caras da cidade acham que estou fácil de pegar, agora que Cole e eu terminamos. — Ela passa a mão no cabelo, ajeitando os fios molhados. — Eles estão aparecendo para me *confortar*.

Ela diz a última parte fazendo aspas no ar e minha armadura reforça. Confortá-la?

Mas me obrigo a recuar. Na verdade, é exatamente o que preciso para

colocar as coisas na perspectiva correta. Ela deveria sair com os amigos.

— Bem, talvez deva dar a um deles uma chance — comento, forçando as palavras para fora da boca. — Eu quero que você e Cole se entendam e que sejam amigos de novo, mas você deve sair e se divertir um pouco.

As palavras têm um gosto amargo, mas me sinto bem por ter feito a coisa certa. Ela vai sair com alguém. Eu posso começar a ver alguém. Vamos nos distrair e investir em novas pessoas.

— Eu vou — responde, cortando minha linha de pensamento. — Carter Hewitt me convidou para andar de lancha neste fim de semana, então eu disse que iria.

Meu semblante muda para decepção. Não conheço nenhum Carter Hewitt, mas...

— Andar de lancha? — pergunto, tentando manter a calma.

Eu me aproximo dela na beira da piscina.

— Uh... não — digo, sacudindo a cabeça. — Não.

— Oi? — Confusa, seu cenho franze.

— Seis horas à deriva em um rio com nada mais para fazer além de beber até cair? — solto. — No momento em que ele te levar de volta para o carro, você estará pra lá de Bagdá, e aí sim, está fácil, fácil de pegar. — Solto uma risada sarcástica. — Nem pensar.

Seus olhos se fecham e o maxilar aperta de raiva.

Oh, merda.

— Você é tão... — Brava, ela sussurra para que as crianças não ouçam. — Antiquado! — Ela me olha feio, os lábios apertados. — Essa coisa alfa e possessiva “mantenha a sua filha trancada e com uma espingarda na mão” é uma ofensa! Não sou idiota e você... — E praticamente rosna. — Você não é meu pai.

Arqueio uma sobrancelha, vendo-a sair da beira da piscina, bufando.

Caio para trás, boiando na água. *É, acredite em mim, eu sei disso. Os pensamentos que tenho a seu respeito não são nem um pouco paternais.*

— Enrole a pizza com papel alumínio antes de guardá-la na geladeira — manda. — Colocar só com o prato não adianta.

Travo o queixo para esconder a diversão com suas ordens. Como se eu não tivesse guardado sobras antes durante a minha vida adulta.

Pegando as sacolas e as toalhas das crianças, ela segura na mão de Ava e conduz Jensen até o portão dos fundos.

— Vou levar eles para casa e colocá-los para dormir — avisa, e então, vira para os dois. — O que devem dizer ao Sr. Lawson?

— Obrigado! — as crianças dizem, com as vozes engroladas por estarem de bocas cheias.

Saio da piscina e pego uma toalha, secando meu cabelo.

— Sr. Cramer disse que estaria em casa às onze — diz Jordan. — Mas sei que o time geralmente vai para o bar tomar cerveja depois do jogo, portanto, pode ser que eu chegue tarde. Estou com a minha chave, pode trancar tudo.

— Estarei acordado — respondo em voz baixa. Confiaria mais em um viciado com a minha carteira do que confiaria em Kyle Cramer.

Escuto a porta se abrir e as crianças passarem.

Depois a sua voz:

— Ah, e você é um babaca — diz.

Olho para ela.

— Vai me agradecer quando não acabar estuprada em um encontro.

Ela faz cara feia e fecha o portão, batendo-o com força.

Fico olhando na direção que ela saiu, rindo baixinho. Ela é linda demais.

E então fico aborrecido, percebendo que estou parecendo um bobo.

Não sou do tipo sorridente, e excedi minha cota desde que ela veio morar em casa.

Termino de limpar o quintal enquanto o céu escurece lentamente, e não me esqueço de guardar a pizza no papel alumínio, seguindo as instruções. A piscina está limpa, os brinquedos e boias guardados, e a mesa de piquenique está arrumada. Pegando as toalhas úmidas no deque, entro e tranco a porta dos fundos, desligando a luz da piscina.

Jogando as toalhas na máquina de lavar, deixo a tampa aberta, para poder colocar mais roupas depois do banho.

Ao caminhar para as escadas, a campainha toca.

Atravessando a sala, abro a porta da entrada e vejo um jovem através da tela. Fico um pouco em alerta, mas eu a abro, obrigando-o a recuar.

— Oi — diz ele.

Aceno com a cabeça, observando o elegante e pretensioso garoto de fraternidade que me parece um pouco familiar, embora eu não consiga me lembrar de onde.

— Lembra de mim? — pergunta, estendendo a mão. — Meu nome é Jay McCabe. Sou amigo de Cole.

Aperto sua mão, analisando-o. Jay...

— Jordan está? — pergunta. — Me disseram que ela ainda estava morando aqui.

Jordan? O que ele quer com...

E então a ficha cai.

— Jay — eu digo, percebendo quando minha coluna enrijece e apruma. — Seu ex-namorado?

O canto de sua boca sobe, dando um sorrisinho e um brilho ilumina seus olhos.

— Sim, nós fomos namorados.

Mas não estou mais ouvindo. Passo os dedos sobre o polegar, morrendo de vontade de fechar o punho, conforme meu peito começa a subir e descer com respirações pesadas.

Saio de casa e caminho direto para ele, só poucos centímetros mais alto, mas quero garantir para que ele saiba disso.

Seu semblante fica nervoso quando não paro, e tropeça para trás para evitar que eu trombe nele.

— Ei — reclama.

Mas continuo. Eu ando até que ele é obrigado a ir para trás, descendo as escadas e voltando para a porra da grama.

Seus olhos ficam em estado de alerta.

— Jesus, que merda é essa?

Caminho até ele e cruzo os braços.

— Não costumo usar meu peso pra cima de um menino como você, mas quero deixar uma coisa clara — aviso, irritado. — Você pode ter a própria legiãozinha de seguidores que são apaixonados por você ou têm medo da sua pessoa, mas eu... — Faço uma pausa para reforçar. — Não sou. Eu sei quem você é e o que gosta de fazer. Fique longe de Jordan, e eu realmente agradeceria se saísse de perto do meu filho, também. — Começo a avançar na direção dele outra vez, forçando-o a sair do meu gramado. — Não volte a pisar na minha propriedade, ou vou colocá-lo em um buraco com cimento úmido por cima, e torná-lo parte da fundação da próxima casa que eu construir, para nunca mais ser visto. Agora, cai fora.

E gesticulo com o queixo para ele ir.

— Mas que p...

— Eu gaguejei? — eu o interrompo.

Ele está respirando com dificuldade, seu pomo de adão subindo e descendo, e ele enfia a mão no bolso para pegar sua chave, suponho.

— Nossa — diz e entra em seu carro.

Mas tudo que consigo sentir é fúria. Sinto vontade de despedaçá-lo. Como meu filho pode chamar esse cara de amigo?

Ele que se atreva a colocar as mãos nela. Não vai nem colocar seus malditos olhos nela se eu tiver algo a dizer a respeito disso.

Observo quando ele sai e pega a rua, indo o mais rápido que pode. Em algum ponto, qualquer medo que esteja sentindo se transformará em raiva, e ele vai se iludir em acreditar que não sou capaz de cumprir a ameaça.

E parte de mim espera que ele tente a sorte de novo só para me dar uma desculpa.

Olho para a casa de Cramer, vendo todas as luzes acesas, mas nenhum movimento através das cortinas, por isso torço para que ela não o tenha visto aqui.

Voltando para dentro, tranco a porta, mas depois penso melhor e a destranco. Só por precaução, caso ela esteja lá fora e ele volte, e ela precise entrar em casa rapidamente ou algo assim.

Reviro os olhos. *Jesus*.

Subindo as escadas, vou para o banheiro principal e abro a porta do chuveiro, abrindo a água. O vapor preenche o lugar rapidamente, tiro o short de banho e entro, fechando a porta.

A água quente atinge minha pele como se fossem mil agulhas, mas o calor que vem a seguir é tão bom que me deixa um pouco zonzo.

Estendo as mãos na parede, e mergulho a cabeça sob o jato, deixando o fluxo forte de água cair atrás da cabeça, pescoço e costas.

Mas que desastre.

Meu filho não me atende e, quando consigo contato, ele não quer falar comigo. E para piorar a situação, estou babando em cima de sua última namorada como jamais fiz por qualquer outra mulher na vida.

E, pior ainda, agora que ela está solteira, vou ter todos os imbecis da cidade farejando na minha porta, doidos para colocar as mãos nela.

Sei que não posso tê-la, mas não consigo parar. O desejo.

Fecho os olhos, esvazio os pulmões e a sinto em todos os lugares.

— Jordan — sussurro.

Meu pau incha na hora, e eu o sinto crescer ao som do seu nome. Ela retribuiu o meu beijo na noite passada. Está atraída por mim, também. Ela fantasia comigo?

Endureço ainda mais ao imaginá-la na cama, pensando em mim. Querendo a mim.

Aperto meu pau, porque está doendo muito, e o acaricio sem querer. Solto um gemido de tão boa que é a sensação.

Ela enche minha cabeça e eu juro que posso sentir o cheiro dela. Ela está tão perto.

Eu me acaricio, cedendo à fantasia.

Estou na cama e está escuro no quarto. Uma batida soa na porta e eu me mexo, sentando-me.

— Sim? — respondo, dobrando uma perna e descansando um braço nela.

Jordan abre a porta e só consigo dizer que é ela pelo vislumbre de seu cabelo loiro.

— O que foi? — pergunto gentilmente.

Estou pelado debaixo do lençol, mas ela não consegue ver nada.

— Está chovendo muito forte — responde, encostando no batente da

porta. — Posso dormir com você?

Um relâmpago brilha através das janelas, iluminando seu corpo, e vejo de relance suas pernas nuas e o rosto meigo. A água continua a cair sobre mim e meu pau na mão se estende mais. A realidade se esvai quando mergulho, perseguindo a única coisa que poderei ter dela.

O que quer que seja nos meus sonhos.

— Venha aqui — sussurro.

Ela se apressa para o lado da cama e puxo as cobertas para ela.

Deslizando na cama, ela chega perto de mim, e eu coloco o braço ao redor dela, sentindo sua perna sobre a minha. Minhas mãos vagam, e tudo que sinto é barriga e coxas nuas. Ela está praticamente sem roupa.

— Jordan... — ofego.

Meu Deus, sua pele é tão macia e ela é gostosa demais.

— Estou com frio — diz, sua respiração acariciando meu queixo. — Tudo bem se eu ficar aqui?

Minha coxa repousa entre suas pernas e consigo sentir o calor emanando dela. Eu a trago para mais perto.

— Venha aqui.

Esfrego suas coxas e quadris, passo pelas costas e mantenho seu nariz enterrado no meu pescoço. Cada centímetro dela parece uma corrente elétrica que vai direto para o meu pau.

Eu me toco com mais lentidão, mas seguro apertado, como eu imagino que ela seja.

— Está melhor? — pergunto.

Ela faz que sim com a cabeça, seus lábios a centímetros dos meus.

— Sua boca é ainda mais quente — diz, sentindo minha respiração nela. — É a parte mais calorosa de você.

Luto para esconder meu sorriso. Quem sou eu para não dar a minha garota o que ela precisa?

Virando-a de costas, continuo passando as mãos para cima e para baixo por seu corpo, mas começo a passar a boca sobre sua pele, também. Soltando ar quente no pescoço dela e por cima da regata preta, na altura dos seios com os mamilos duros chamando por mim, eu resisto. Trilho por sua barriga, descendo com os lábios em seu umbigo, e por um segundo, meus dentes aparecem, morrendo de vontade de tirar um pedaço dela com a boca, porém, ela geme, e eu olho para cima, vendo a curva de seus seios espreitando por baixo da bainha da regata.

A água do chuveiro cai no meu rosto e escorre pelo queixo, e quero que isso seja real. Eu a quero na porra da minha cama.

— Melhor? — pergunto a ela.

Ela acena, os olhos ainda fechados.

— Mmm-hmmm — murmura. — Mas pode continuar fazendo isso? Ainda estou com frio.

Pode apostar que sim. Seguro suas coxas quando rolo de costas, trazendo-a para cima de mim.

— Venha aqui, querida.

Não posso ter tudo dela, mas vou ter isso.

Esfrego suas coxas e deslizo as mãos mais acima em seu corpo, provocando-a bem abaixo da regata.

Ela está de regata e calcinha preta, e eu brinco.

— Pensei que gostasse de rosa.

Não posso vê-la sorrir, mas ouço o sorriso em sua voz.

— Você quer rosa? — provoca.

E então sobe a regata curta, colocando-a por cima de seus belos seios.

Ela roça os mamilos, mostrando-me onde está o rosa nela.

Eu me ergo, envolvo o braço em volta de sua cintura, e coloco um na boca, puxando-o e, depois, chupo-o.

Sinto o sangue correndo no meu pau, e estou tão perto. Abro a boca, como se pudesse sentir sua pele macia entre os dentes.

Jesus, quero muito saber qual é o gosto dela.

— Esquentou? — pergunto, sabendo muito bem que sua pele está quente agora.

Eu a sinto acenar e sei que tenho que parar. Já deixei ir longe demais.

— Jordan, nós temos que parar.

Mas posso sentir que ela está encharcada.

Ela começa a se esfregar em mim, rebolando aquela bunda enquanto suas palavras caem sobre a minha testa.

— Está tudo bem — sussurra. — Ninguém precisa saber.

Ela começa a se esfregar em mim ainda de roupa, indo mais rápido, seus gemidos ficando cada vez mais altos. Estamos sozinhos, no escuro e ninguém precisa saber.

— Jordan — arfo, o mundo girando ao meu redor com um prazer do caralho. — Querida, nós não podemos. O que você está fazendo?

— Estou te deixando duro.

Ah, não brinca.

Eu me masturbo mais forte, calor inundando a virilha e o fogo se espalhando pela barriga e coxas.

Ela crava as unhas em meus ombros, e eu aperto seus quadris à medida que ela me cavalga enlouquecida.

— Querida, você tem que parar — imploro. Puta merda, eu vou gozar.

— Mas é bom quando está duro.

Balanço a cabeça, sussurrando contra seus lábios.

— Não sirvo pra você. Algum outro homem vai... Nós não podemos.

— Não consigo parar — geme. — Por favor, não me faça parar.

Seus seios chamam a minha atenção e os quadris rebolam para dentro e para fora, e ela é a coisa mais *sexy* que já vi.

Que se foda!

— Tudo bem — grunho por fim, e deito na cama, ainda segurando seus quadris enquanto o cume do meu pau se esfrega nela. — Dê à sua boceta o que ela quer.

Ela ronrona, fecha os olhos e coloca as mãos nos meus joelhos e pega o que quer de mim.

Aperto meu pau excruciantemente, sentindo-a projetar os quadris nas minhas mãos, e eu disparo, masturbando-me mais e mais forte gozando.

— Caralho. Porra! — grito. — Merda!

Puta que pariu. Deixo cair a cabeça contra a parede do chuveiro, sêmen derramando, e desacelero minha mão, os músculos queimando conforme termino de soltar tudo.

Minha visão está desfocada com manchas brancas, mas ainda posso sentir o cheiro dela, e não quero que isso acabe. Eu quero mais.

— Puta merda — rosno, molhando os lábios e engolindo em seco. — Merda.

Eu quero mais.

Não me lembro da última vez que gozei desse jeito, mas ainda assim... não foi suficiente.

Solto meu pau e cerro os punhos, irritado. Isso deveria ajudar, caramba. Deveria tirá-la da minha cabeça.

Sinto meu pau começar a esquentar de novo, e me afasto da parede,

grunhindo. Abro a torneira com força, mudando da água quente para gelada e me lavo.

Só preciso foder alguém de verdade. Não ela. Outra pessoa. Vou me trancar em um quarto de motel com uma caixa de camisinha e tirá-la da cabeça.

Isso. É o que farei.

Esta semana. Vou resolver isso.

Estendo a mão no suporte para pegar o que eu preciso para terminar de me lavar, mas não tem nada ali.

Ela sumiu tem dias, na verdade, e franzo o cenho, olhando em volta.

— Onde diabos está minha bucha?

CAPÍTULO 17

JORDAN

— Você fez molho de taco, né?

Faço que sim com a cabeça, vendo meu Instagram no banco do passageiro.

— Sim.

— E jalapeño enrolado no bacon? — pergunta Pike.

— Sim — murmuro, ríspida. — Você só me perguntou umas dez vezes.

Ele fica quieto, dirigindo por um bairro não muito longe do nosso.

Quero dizer, do dele.

Nosso.

— Eu só gosto deles, só isso — responde.

Um sorriso preguiçoso puxa meus lábios e sinto um pouco de orgulho. Amo que ele não é só legal com as coisas. Gosta mesmo da minha contribuição. Quer seja uma refeição ou um lanche, que deixo no balcão para ele depois do trabalho ou na nova rampa de pedra que fiz para o quintal ontem, o que ele adorou.

Tive a ideia depois daquela sujeira com a lama e ao perceber como a

mangueira aberta fazia mais bagunça, então resolvi que seria divertido colocar algumas pedras lisas juntas à mangueira, então, agora podemos nos apoiar nelas para nos limpar e manter os pés limpos ao mesmo tempo. Elas também drenam a água excepcionalmente bem, e será útil. Quando nos sujarmos de lama outra vez.

Faz uma semana desde aquela noite e mais seis dias desde que cuidamos das crianças de Kyle, e eu tentei transformar o que aconteceu entre nós em nada mais que um incidente anormal sobre eu arrumar um substituto e estar vulnerável querendo atenção ou algo assim, mas isso não impediu de aumentar o que eu comecei a sentir por ele. É paixão. Passamos tempo demais sozinhos, e é compreensível que formemos um laço.

Espero que esta festa de bairro onde cada um está levando seu prato, bem como sair de casa e estar perto de outras pessoas, faça com que vejamos as coisas de maneira diferente.

— E não é bacon de peru, né? — ele solta do nada.

Hã?

— Nos enrolados? — explica, e consigo vê-lo olhando para mim pelo canto dos olhos.

Jesus, ele ainda está pensando na comida?

— E não colocou escondido coisas estranhas como gérmen de trigo ou usou couve-flor em vez de batatas de verdade na salada de batata, do jeito que aquelas porcarias de dietas pedem, certo? — continua.

Eu caio na gargalhada, soltando a cabeça para trás, meu celular caindo no colo e os olhos se fechando. *Oh, meu Deus.*

— Jordan, estou falando sério — repreende. — Passei a semana toda esperando por isso.

Meu corpo convulsiona quando balanço a cabeça para ele e sorrio. Ele é tão esquisito.

E estou achando engraçado que ele esteja desejando as coisas que eu fiz tão veementemente.

Dou risada baixinho e paro, enfiando o nariz no telefone de novo.

— Tudo está gorduroso, saboroso e delicioso — afirmo. — Não se preocupe. Vou deixar você trapacear hoje. Pode obstruir suas artérias até dizer chega.

Percebo ele acenar.

— Bom. — Há uma breve pausa e ele fala novamente: — Se você se sentir desconfortável, me avise. Posso te levar embora.

— Eu ficarei bem — respondo. — Converso o tempo todo no trabalho. Eu sei como conversar.

Dutch e sua esposa convidaram Pike, Cole e eu, mas Cole disse que tinha que fazer turno extra hoje e não poderia vir.

Mas, estou percorrendo meu feed, quando deparo com uma foto da Patrick's Last Ditch, a superloja de conveniência nos arredores da cidade, e reconheço o carro de Cole na bomba. É um post dele.

"SAINDO PARA CURTIR FORA DA CIDADE! YEAHHH!"

Trabalhando, uma ova. Mas parece bem estranho e ambicioso da parte dele. Saindo para viajar no seu dia de folga. Surpreendentemente, não olho no perfil da Elena ou de qualquer outra garota que possa estar com ele, mas sinto uma pontada de ressentimento por ele estar seguindo em frente como se eu nunca tivesse existido. Quero dizer, não é como se eu atendesse o telefone de qualquer maneira, mas seria bom saber que ele tentou ligar. Que ele está, pelo menos, preocupado comigo. Acho que namorarmos arruinou qualquer amizade que tivemos, também.

Eu não sei porque me importo. Meu pai, minha mãe, meus ex-

namorados... Há algo a ser dito sobre manter seu círculo social pequeno, acho. Tenho Cam e Shel.

Viramos na Owens e imediatamente vemos a rua à frente bloqueada com algumas barricadas. Pike vira para a direita e estaciona ao longo do meio-fio. Passa das duas da tarde, e mesmo que a festa tenha começado algumas horas atrás, a esposa de Dutch disse que iria até mais tarde para que as crianças pudessem se divertir com os fogos de artifício.

Saímos e empilhamos a comida nos braços, e Pike pega suas preciosas bandejas de jalapeños enrolados com bacon e molho de taco, enquanto eu puxo o pequeno cooler com as bebidas e a salada de batata por cima.

— Oi, cara — diz Dutch, vindo até Pike com uma cerveja na mão, que está em um porta latinhas que diz EU MIJO EM PISCINAS.

— Oi, Pike! — alguém chama de dentro das barricadas.

Pike acena para quem quer que seja, e eu paro ao lado deles, Dutch me dando um sorriso. Deus sabe que conclusões está tirando a respeito do porquê estou aqui com Pike. Por que estou sempre com o Pike. Não tenho certeza se ele sabe que Cole e eu terminamos.

Uma mulher bonita com cabelos ruivos se aproxima e pega as bandejas de Pike, inclinando-se para beijá-lo no rosto.

— Como você está? — pergunta, sorrindo para ele.

Ele se abaixa e pega a salada de batata do cooler para mim.

— Bem. Como você está?

— Oh, agora a festa começou — ela brinca, abrindo o caminho para a festa. — Embora, este — ela gesticula para o Dutch —, precisou de cerveja toda vez que era obrigado a mover uma mesa de piquenique hoje de manhã.

Pike ri e presumo que esta é a esposa de Dutch.

— Esta é Jordan — Pike me apresenta. — Uma... amiga de Cole. Ele

não pôde vir.

Dou risada internamente de sua gagueira. Acho que é uma explicação melhor do que “esta é a ex-namorada de Cole que ainda mora na minha casa e discute comigo o tempo todo, e odeio a música que ela escuta, mas, ei... molho de tacos!”.

— Meu nome é Teresa — diz ela, rolando a língua no *r* e dando um sorriso para mim por cima do ombro. Ela aponta para as minhas bandejas. — Isso é *cream cheese*?

— Ah, sim.

— Aeee — ela vibra, levando-nos para as mesas de comida.

Tudo está organizado igual em um self-service, três longas mesas alinhadas e cheias de comida. Tem vários coolers no final delas, e o cheiro de hambúrguer grelhando me ataca, enchendo minha boca de água. Turmas de pessoas se sentam em cadeiras nos seus jardins ou na rua fechada, e crianças correm por todos os lugares, brincando ou rolando pelos declives de alguns dos gramados. Alguns adolescentes não muito mais jovens do que eu estão sentados, jogando em seus telefones, enquanto os adultos riem e conversam, parando, vez ou outra, para gritar ordens a seus filhos. Pode ainda não ser verão, propriamente dito, mas o calor diminui e ficou mais fresco por causas das nuvens esporádicas cobrindo o sol. É um lindo dia.

— Vem — diz Dutch, cutucando Pike.

Pike olha para mim, muito provável que para ter certeza de que estou bem, e finalmente põe a salada antes de se afastar. Ele para, apertando a mão de alguns amigos e abrindo a tampa de uma cerveja que alguém lhe dá.

Eu me remexo ao lado de Teresa enquanto ela coloca tudo na mesa.

— Há quanto tempo você e Dutch estão casados? — pergunto.

Ela suspira.

— Catorze anos. — Ela olha para mim. — E três crianças depois, eu ainda quero matá-lo todos os dias, mas ele faz bons espaguetes, portanto...

Bufo. Tenho certeza de que ela está apenas tentando ser engraçada, porque duvido que ela possa justificá-los. Ela parece bem-arrumada, enquanto ele está mais para camisa de flanela e botas de cowboy.

— Está com uma cara tão boa — comenta ela, removendo o plástico filme. — Obrigada por trazer tudo isso. Não vai durar muito tempo.

Bem nesse momento, um braço aparece entre nós, levando embora quatro enrolados de jalapeño perto do porta-palitos de dente. Na hora, reconheço a tatuagem no braço.

— Ei — repreendo Pike, mas não consigo tirar o sorriso do rosto.

Ele olha para mim sob pálpebras pesadas, tão *sexy*.

— Com licença — sussurra e se afasta, voltando para seus amigos. Ele olha de volta para mim, sorrindo, e eu levanto uma sobrancelha para ele. Já deveria saber que ele ficaria com medo de que sumissem antes que ele tivesse uma chance.

— Ouvi que você e Cole estão ficando com Pike por um tempo — diz Teresa.

— Sim. — Coloco nosso cooler junto com os outros e pego uma garrafa de água de dentro. — Parece que pagar por nosso próprio apartamento foi maduro demais para nós — brinco.

Ela acena a cabeça, compreendendo.

— Não tenha pressa. Quis tanto sair dos meus pais e quando descobri que não tinha dinheiro, porque as contas eram de uma responsabilidade muito maior do que eu esperava, corri de volta para casa. — Ela pega seu copo vermelho e segura contra os lábios, olhando para os rapazes. — Estou feliz que Pike tenha um pouco de companhia, porém. Aquela casa é grande demais para

uma pessoa.

Tomo um gole de água, seguindo o seu olhar. Eu odiaria pensar em Pike vivendo naquela casa sozinho depois que eu sair. Ele realmente deveria estar dividindo sua vida com alguém.

— Conheço algumas mulheres solteiras que não se importariam em mudar isso se tivessem a chance — comento, pensando em April, minha irmã e metade das mães em nosso bairro que o paqueram quando passam pela casa dele durante suas “corridas”.

— Sim, mas ele é um lobo solitário — ela responde.

Concordo, sorrindo ao pensar o mesmo.

— Sim, estou começando a perceber isso.

— Ele nem sempre foi assim. — Ela olha para mim, tomando um gole de sua bebida. — Era muito parecido com Cole no passado. Festejando, rindo, correndo em alta velocidade, quebrando regras... Ele chegou até a passar a noite na cadeia uma vez.

Minhas sobrancelhas sobem. Sério?

Volto os olhos para ele e o vejo puxar o boné do bolso de trás e colocá-lo sobre o cabelo castanho claro, os músculos de seu braço tatuado salientes sob a camiseta.

— Mas então Cole nasceu — concluo, adivinhando a história a partir daí.

— Sim. — Suspira Teresa, balançando de um lado ao outro com a música tocando de algum alto-falante de uma das casas. — Alguém tinha que ser o adulto, e Lindsay... — Ela para e se endireita, limpando a garganta. — Desculpa. Não quero falar demais.

— Tudo bem — eu a asseguro. — Ele não revela muito sobre sua vida.

Eu vi a mãe de Cole aqui e ali, e é difícil imaginá-la com Pike. Gosta

muito de ostentar, e eu sinto que o Pike que eu conheço ficaria nervoso tentando acompanhá-la.

Pelo menos, o que sei de acordo com o que Cole me disse foi que a relação deles não durou muito, e se ele não tivesse alguns dos mesmos maneirismos que o pai, eu ia querer saber se Pike tinha certeza de que Cole era seu filho. Ela teve pelo menos quatro namorados pelo que vi nos últimos dois anos.

Teresa solta um suspiro e abaixa a voz.

— Pike é a prova de que aprendemos quando somos impostos e a maturidade é mais o resultado da experiência do que da idade — reflete. — Ele era o único garoto de vinte anos que eu conhecia, trabalhando em dois empregos, sem pensar duas vezes em todos os amigos que estava perdendo porque nunca podia sair.

Olho para ela, de repente, querendo saber de tudo. Quero ter qualquer noção sobre quem ele era antes de eu o ter conhecido.

— Todos os seus amigos estavam comprando carros da moda — continua ela —, mas ele tem dirigido a caminhonete do pai desde que o conheço. Nunca foi um sacrifício para ele, e nunca houve qualquer dúvida sobre tomar conta de Cole. É preciso ter convicção para fazer o que sabe que deve fazer, independente do que se quer.

Suas palavras me atingem e eu abaixo meus olhos. *Convicção para fazer o que sabe que deve fazer...*

E, de repente, eu me sinto um lixo.

Ele me queria na outra noite. E se não fosse por Cole, não tenho dúvidas de que teríamos dormido juntos.

Mas Cole *está* aqui, entre nós, e não podemos mudar isso. Jamais. É errado, e não importa o quanto eu o queira, ele só se odiaria depois. Seu filho

sempre será mais importante que qualquer outra coisa.

— Ele é um bom homem — diz.

Então ela se vira para colocar uma colher na salada e abre as batatas fritas para o molho de taco, e eu fico parada ali, sentindo como se um caminhão tivesse passado por cima de mim, e não consigo me mexer.

Ele é um bom homem.

Não posso estragar isso.

Do nada eu sinto que preciso sair daqui. Pike não é minha família e, por mais natural que pareça estar aonde ele está, estou com os dias contados.

Nas duas horas seguintes, mantenho a distância de Pike. Teresa me leva para conhecer sua casa, e eu sento com ela e algumas outras pessoas, comendo e conversando, embora eu não converse muito; um dos filhos de Dutch me envolve em um jogo de queimada na garagem de alguém. Ajudo as crianças a acender fogos de artifício, embora ainda não esteja escuro, e ajudo Teresa a levar as latas vazias para o lixo e a juntar as latas de refrigerante e garrafas de água.

Não tenho certeza se Pike está prestando atenção em mim porque não olhei para ele para saber onde estava, mas, de vez em quando, sinto a nuca esquentar ou um arrepio subindo pela espinha.

— Oh, oi, Jordan — alguém diz, pulando sobre as minhas pernas, quase tropeçando. — Não te vi aí.

Ele ri, e eu olho para cima de onde estou deitada na grama e vejo Carter Hewitt sorrindo por cima do ombro para mim. Outro rapaz e uma garota estão ao lado dele, mas não me lembro de seus nomes, apesar de termos nos formado todos juntos.

Carter e eu deveríamos ter saído para passear de lancha hoje, mas ele cancelou porque seus pais pediram que ele viesse nessa festa. O que foi uma

sorte, também, porque estava tendo muita dificuldade para me convencer de cancelar. Não queria deixar que Pike ganhasse aquela discussão, mas ele estava certo. Andar de lancha é uma desculpa para ficar bêbado e eu não estava a fim.

Eu me sento e limpo a grama dos braços, que estavam sendo usados como travesseiro para eu ver as estrelas começarem a sair.

— Oi, o que estão fazendo? — pergunto.

— Qualquer coisa, menos isso. — Ele suspira. — Tá lotado no A&W. Quer vir? Eu te pago um milk-shake.

Dou risada e me levanto. Aquilo parece mesmo muito bom.

— Não vou lá faz tanto tempo — comento. — Por que não? Me deixa só avisar a minha carona.

Ele e seus amigos seguem para seus carros estacionados na rua e eu corro até algumas cadeiras no meio da rua cheias de homens. Pike está de costas para mim, enquanto Dutch está relaxado na cadeira ao lado dele com a esposa no colo e, alguns outros ao redor do círculo, eu reconheço dos jogos de pôquer na casa de Pike.

— Oi — eu digo, parando ao lado de Pike. — Alguns amigos estão indo para o A&W. Milk-shake, essas coisas. Eles me convidaram para ir.

Não estou pedindo permissão, mas meio que saiu assim.

Ele não olha para mim, apenas inclina a garrafa de cerveja e toma um gole.

— Milk-shake? — repete sério. — O que você tem... cinco anos?

Babaca.

— Nãoooooo — respondo —, mas é assim que você gosta de me tratar, às vezes.

Dutch ri baixinho ao lado dele, mas fala em minha defesa:

— Ei, eu ainda amo milk-shake, cara.

Reviro os olhos para Pike e olho para Teresa, sorrindo.

— Muito obrigada por me receber — digo a ela. — Foi legal.

— Obrigada por ter vindo, querida. E obrigada pela comida.

— Como vai pra casa? — interrompe Pike, ainda evitando meus olhos.

— Eu vou levá-la.

Olho de lado e vejo Carter se aproximando de nós, e Pike gira a cabeça só um pouquinho para vê-lo antes de se virar de novo.

Ergo o canto da boca, dando um pequeno sorriso e me abaixo, falando alguns centímetros de sua orelha.

— Tenho hora pra chegar?

Dutch solta uma gargalhada, e vejo a boca de Pike entortar em um rosnado antes de sumir.

— Divirta-se — diz em um tom firme.

Eu me levanto novamente e viro, seguindo Carter para sua caminhonete, meu humor melhorando conforme eu me divirto.

Pike está com ciúmes.

E mesmo não querendo pensar nele, gosto muito de saber que ele está tentando não pensar em mim.

Quanto do que ele quer que está escondendo, enterrando ou tentando reprimir? Como será quando ele não se controlar mais?



— Oh, meu Deus, você ouviu sobre a Jillian? — Selena Gardner gesticula para outra garota, mastigando sem parar a ponta do canudo. — Ela disse a Dean e Matt que um deles é o pai, fizeram o teste de paternidade, e nenhum deles é o pai! — Ela ri.

— Meu Deus! — Os olhos da outra garota se arregalam. — Merda, será que ela sabe mesmo quem é o pai?

— Quem liga? — Selena franze a testa, recostando-se de volta no carro. — Eu ficaria mais preocupada em pegar algo diferente de um bebê. Não saio mais de casa sem camisinha. Você nunca sabe quando vai precisar delas. Tipo, fala sério...

Todo mundo ri e dou um sorriso um pouco falso na esperança de não parecer esquisita, mas tenho certeza de que sou, já que mal disse duas palavras nos últimos dez minutos.

Chegamos à A&W há uma hora, e como esperado, o lugar está lotado de adolescentes e famílias com a carroceria das caminhonetes cheias de crianças. O luar e os grilos competem com todos os faróis e sons dos carros, e o cheiro de hambúrgueres grelhados e asfalto quente preenche a atmosfera quando os motores aceleram e as portas dos carros batem.

Não tem uma pessoa aqui com quem falei mais de duas vezes desde que me formei há um ano.

— Adorei essa bolsa — alguém diz para Selena, estendendo a mão, pegando sua bolsinha Louis Vuitton. — Onde comprou ela?

— Não é linda? — Selena passa a alça sobre a cabeça, mostrando-a para a garota. — Eu me sinto um pouco mal. Fiquei devendo muito dinheiro ao meu pai, mas tinha que ter essa bolsa.

Permito-me olhar na bolsa, igualmente com inveja e irritada. Claro que eu adoraria uma bolsa como essa, e amaria ter os problemas dela onde pode explorar sua família, porque é para isso que a família serve quando você tem dezenove anos.

Uma parte em mim gostaria de poder ser assim.

Mas, mesmo depois de eu terminar a faculdade, ficarei tão atolada com

empréstimos estudantis, que futilidades como bolsas de grife ainda será quase impossível ter. E por mais estranho que pareça, não me importo. Prefiro ter um carro bom. Uma casa. A capacidade de pagar todas as minhas contas sem atraso.

Selena e eu vivemos problemas completamente diferentes, e eu me identifico com ela ainda menos agora do que no ensino médio. Tenho certeza que o sentimento é mútuo.

Sem inventar qualquer desculpa para escapar, eu apenas viro e ando na direção da lateral do prédio, pegando meu celular.

— Ei, Jordan. Está tudo bem? — Escuto Carter me chamar.

Viro a cabeça, vendo-o com algumas pessoas, e aceno.

Quando chego em um lugar um pouco mais silencioso, eu ligo para Cam e seguro o telefone no ouvido, jogando meu copo vazio na lata de lixo.

— Oi — atende toda animada, sabendo que sou eu.

— Oi — digo, sua voz me acalmando no mesmo instante. — Está trabalhando? Pode vir me dar uma carona?

— Estou — responde —, mas posso dar uma escapada por meia hora. Onde você está? Tá tudo bem?

Escuto a música no fundo e percebo que está no trabalho.

— Sim, está tudo bem. — Coloco meu cabelo atrás da orelha. — Estou na A&W. Só quero ir pra casa.

Casa.

Hesito toda vez que digo isso, sabendo muito bem que não é minha casa de verdade, porém, é estranho dizer: “a casa de Pike” ou “a casa do pai de Cole”, também.

Depois que desligo, vou ao banheiro primeiro e então aviso a Carter que vou pegar uma carona para casa. Percebo um desapontamento momentâneo, mas tenho certeza de que é porque perdeu de ficar com alguém hoje. Embora,

não sei bem como foi achar que seria comigo, de qualquer maneira. Principalmente depois de me ignorar para conversar sobre carros e então ficar todo feliz em me deixar bater papo com uma turma de garotas que eu nunca conversei, nem mesmo na época do colégio.

Não é que exista algo de errado com Carter, Selena ou qualquer outra pessoa aqui. Mas quando eles falam, dá para perceber que possuem coisas boas, como dinheiro no bolso. E as mães deles. Têm essa leveza nas vozes, onde dá pra notar que nunca foram despejados de um apartamento antes ou estão tentando decidir se devem trocar seus smartphones por um telefone flip, porque é mais barato.

Sou diferente deles e sempre fui. Estar aqui esta noite somente trouxe aqueles sentimentos de volta, os sentimentos que odiava ter na escola, e quando estou perto de Pike, eu...

Franzo o cenho, pensando.

Quando estou perto dele, estou no meu ambiente, acho.

E mais do que qualquer coisa agora, eu só quero ir para casa. Ou onde quer que ele esteja.

Cam chega em menos de quinze minutos e eu entro no carro dela, sem reclamar enquanto ela atravessa a cidade em direção ao bairro de Pike. Seu chefe é tolerante, porém, quanto mais tempo ela fica fora, mais dinheiro perde, então deixo que vá depressa.

— Obrigada — agradeço. — Desculpe por tirar você de lá.

Ela está com um casaco preto na altura da coxa, amarrado na cintura, e tenho certeza de que não está usando muita roupa por baixo, só colocou algo para atravessar o estacionamento sem ser molestada.

— Tem certeza de que está bem? — volta a perguntar.

Seguro no painel quando ela faz uma curva acentuada à direita.

— Sim.

— Está tudo indo bem com o *papai*? — Ela olha para mim. — Sabe que pode vir para a minha casa a qualquer momento. Pode ficar lá se quiser.

— Eu sei.

Não tem nada de errado. Na verdade, agora estou percebendo tudo o que é certo, e não está no A&W. Sei o que quero e porque não pode ser com Pike. Eu só preciso encontrar alguém igualzinho a ele.

Seguro firme o milk-shake que trouxe para ele de brincadeira conforme minha irmã atravessa as ruas e finalmente para na frente da casa de Pike.

Solto um gemido, sentindo o estômago ainda revirar.

— Obrigada.

Saio do carro, ajeitando a carteira na mão e fecho a porta.

— Aquele é o carro de April Lester? — Cam pergunta através da janela aberta.

Viro a cabeça, vendo um conversível Mazda Miata vermelho estacionado atrás da caminhonete de Pike e perco o chão.

Que porra é essa? Já está tarde.

Disparo os olhos para a casa e vejo que está escuro, sem nenhuma luz acesa lá dentro. O que estariam fazendo com as luzes apagadas?

Um nó gigante se forma na garganta e tenho vontade de vomitar.

— Ela provavelmente está vendendo cookies igual a uma escoteira — brinca Cam.

Só que estou fervendo.

— Não é época de cookies.

— Ah, querida, para algumas de nós, é sempre temporada de cookies.

Eu me viro para a minha irmã que coloca os dedos na frente da boca

formando um V e estica a língua entre os dois dedos, sacudindo-a.

Eu me afasto da porta, murmurando:

— Não enche.

Mas ela apenas ri, saindo com o carro.

— Boaaaaa soooorteeee!

São necessárias duas tentativas para engolir ao olhar para a casa. O que ela está fazendo aqui? O que ela está fazendo *lá dentro?*

É, a casa é dele e, até onde sei, não ficou com ninguém desde que vim pra cá há algumas semanas. Ele é jovem, solteiro – tem todo o direito de trazer mulheres para casa.

Porém isso não impede meu coração de bater acelerado ou meu estômago de doer. Estou aqui. Ele não poderia ir para a casa dela? Ou para um motel?

Subo os degraus da varanda da frente, meu coração pulsando nos ouvidos e giro a maçaneta, mas está trancada. Pike quase sempre deixa a porta destrancada para mim. Mesmo se eu estiver no trabalho até às duas da manhã.

Tento manter a mão esquerda sem tremer procurando no bolso do short pela chave. Pegando-a, eu destranco a porta, sentindo um peso no meu corpo ao abri-la. Se eu os encontrar, por acidente, fazendo algo, não sei se não vou começar a chorar ou a gritar.

Por favor, não, Pike. Por favor não faça isso.

Entro na casa, fecho a porta gentilmente atrás de mim e a tranco. Olho em volta da sala escura, e meus ouvidos se atentam diante do silêncio, escutando qualquer coisa que possa confirmar meus piores medos.

Caminho até a cozinha devagar, vendo minha vela aromatizada de maçã acesa na mesa, o brilho suave iluminando a escuridão. Eu não a acendi, no entanto.

Cerro os dentes. Ele preparou o lugar ou algo assim?

Olho pela janela sobre a pia, no quintal, vendo a piscina iluminada, mas ninguém lá fora.

Caminhando de volta para a sala de estar, sigo para às escadas, mas então ouço risos abafados, e paro. Indo até a porta do porão, giro a maçaneta bem devagar e abro a porta em silêncio, ouvindo na hora suas vozes perfeitamente.

— Quero bater na preta — reclama April.

— A preta é a última — explica Pike, com a voz mais profunda e mais animada que o normal. — Você encaçapa agora, e perde o jogo.

— O que eu levo se ganhar?

— O que você quer?

Ela ri baixinho e ouço movimentos. Não consigo vê-los porque estão no outro canto da mesa de sinuca, mas ela está fazendo alguma coisa, e aperto a maçaneta, frustrada.

E, então, escuto sua voz baixa e abafada.

— Acho que esse é o meu prêmio se eu ganhar — ele responde o que quer que ela está fazendo, e eu posso ouvir o sorriso em sua voz.

— Mmm-hmm — ela geme, e meus olhos se arregalam, sem saber se ela está fazendo algo com ele ou se ele está fazendo nela.

Que diabos? Ele está falando sério? Há quanto tempo já estão aqui? Ele sabia que eu poderia chegar em casa a qualquer momento.

Sou uma menina, pelo amor de Deus. Como devo fazer meus trabalhos de faculdade e dormir se eles vão fazer sexo a noite toda?

E é isso que ele estava planejando, tenho certeza. Se eles quisessem jogar sinuca, poderiam ter ido ao The Cue. Ele a trouxe aqui para sexo.

Volto pela cozinha e vou até a lavanderia, abrindo a porta da lavadora

e despejando o milk-shake, copo de papel e tudo. Bato a tampa fechada e ligo a máquina, depois abro a porta da secadora, tirando suas coisas e a bato, também. Se ele quer me tratar igual a uma criança, então aqui vamos nós.

Subo correndo as escadas e entro no meu quarto, ligando minha caixa de som e colocando “Bad Medicine” no último volume tirando as roupas e visto shorts de pijama e uma camiseta cortada na altura da barriga.

Segurando na alça do toca-fitas, desço as escadas e vou até a mesa da cozinha e deslizo em uma cadeira, com o mais recente modelo de paisagismo que estou trabalhando para a faculdade na minha frente, e a música ainda bombando ao meu lado.

Não dá nem dez segundos para eu ouvir os passos pesados de Pike na escada do porão e meu queixo trava, me preparando.

Ele entra na cozinha e vai até a mesa, apertando o botão *Parar/Ejetar* na minha caixa de som. A casa imediatamente fica silenciosa, e levanto a cabeça, fingindo inocência.

— Oh, me desculpe — digo. — Achei que ninguém estivesse aqui.

Pike se endireita, me prendendo com um olhar que diz que sou uma péssima mentirosa.

— Oi, Jordan. — April entra na cozinha atrás dele. — Como você está?

Dou um sorriso tenso.

— Bem. — E volto a atenção para a minha maquete, mexendo com algumas gramas artificiais.

Pike ainda está olhando para mim, e há um longo e constrangedor silêncio conforme April provavelmente tenta descobrir o que está acontecendo.

— Eu vou... indo — diz, por fim.

Pike hesita um pouco, e consigo ver seu punho apertar em torno da

cadeira do outro lado da mesa, mas não vou olhar para ele.

Sei que só agi como uma criança, e estou um pouco envergonhada, ainda mais porque não o enganei, mas...

Ele poderia tê-la levado a qualquer lugar. Ele a trouxe aqui na esperança de que eu os visse juntos.

Pike a leva para fora e não consigo ouvir as poucas palavras abafadas que eles trocam, porém, assim que a porta se fecha e ouço o clique da fechadura, solto a respiração.

Ela foi embora.

Ele volta para a cozinha, vai até a geladeira, e percebo que ainda está vestindo a camiseta azul-marinho e os mesmo jeans e botinas de antes. Não está nem um pouco despido, então é um bom sinal.

— Desculpe se isso foi estranho — diz, pegando um refrigerante. — Na verdade, acabamos de chegar aqui. Ela parou para...

— A casa é sua. Não ligo — respondo, fingindo estar concentrada no trabalho. — Faça o que você quiser.

— Tem certeza? — pergunta, seu tom divertido. — Você estava batendo as portas da lavadora e secadora e escutando música alta às dez da noite. Parece... irritada.

Nego com a cabeça, dando de ombros.

— Claro que não. Não esperaria que mudasse seu estilo de vida só porque estou aqui. Vá em frente.

Ele fica em silêncio, e posso vê-lo pelo canto do olho, parado ali por um momento. Eu me sinto mal que agora estou exultante por ele ir dormir sozinho. Quero que ele tenha alguém. Alguém para amá-lo e fazê-lo se sentir bem.

Mas...

Não ela.

E ninguém mais, na verdade.

Estou me apaixonando por ele. Quero que ele tenha a mim.

E é tão teimoso, armou isso hoje à noite só para provar o quanto não me quer.

— Mas pensei que tivesse um pouco de bom gosto, pelo amor de Deus — comento, colando mais grama debaixo da árvore artificial.

— O que você disse?

Olho para cima.

— Sabia que ela acabou com o casamento de Marcus Weathers? — pergunto. — Ela frequenta o bar, esperando para ver quem vai levá-la para casa em qualquer noite, e não é exigente. Casado, comprometido, o que for...

— Ainda bem que não sou comprometido — retruca. — Portanto não tem problema.

Abaixo os olhos e tampo a cola, percebendo que perdi essa rodada.

— Você pode conseguir coisa melhor — murmuro, finalmente.

Não é que eu deteste April. Não liguei para o que ela fez com o casamento dos outros antes. Quando um não quer, dois não brigam, não é, e Marcus Weathers também foi responsável.

Mas eu me importo agora porque está me afetando diretamente. Pike é comprometido.

— O que você tem com isso? — ele me enfrenta, voltando para a mesa. — Sou um homem crescido que faz sexo desde antes de você nascer. Estou acostumado a ter isso quando eu quero e não te devo satisfações, você me ouviu? — Suas palavras machucam e me sinto pequena. — Continuarei fazendo o que eu quiser, independente da opinião de uma *menina* que vive sob o meu teto.

A palavra “menina” me atinge igual um martelo e meu coração dói. Cerro os dentes, a dor virando raiva.

— Entendido. — Eu olho para ele. — Vou para o meu quarto.

Eu me levanto e seus olhos se abaixam para a minha barriga exposta. A camiseta termina bem acima do umbigo, e eu me delicio com o jeito que o corpo dele congela e em como ele afasta os olhos.

Dou a volta na mesa, em direção à sala, mas lembro da vela queimando. Voltando, faço uma cena e tanto ao me inclinar sobre a mesa oval, arqueando as costas e sentindo o short descer um pouco e expor o cós da mesma tanguinha vermelha que usava quando nos pegamos no quintal há uma semana.

— Esqueci a vela — digo, levantando os olhos aquecidos para ele. — Mas posso deixar queimando se quiser. Eu sei que a vermelha é sua preferida.

Vela ou tanguinha vermelha? Não é preciso mais do que um palpite para dizer em qual está sua atenção.

Ele engole, os olhos tímidos olhando para a seda vermelha espreitando. Abro um sorriso, e seu olhar dispara para o meu, estreitando.

— Você está me irritando mais a cada segundo. — Seu grunhido rouco parece perigoso. — Você acabou com a minha noite, e eu ainda tenho muita energia pra extravasar, portanto, cuidado.

Fecho os olhos, fazendo meu desejo, e apago a vela antes de me endireitar.

— Essa “menina” é a razão pela qual tem tanta energia pra extravasar, não é? — insulto. — Você é um mentiroso.

Ele apruma os ombros, respirando com dificuldade.

— Vá para o seu quarto, Jordan.

— Com prazer. — Recuo, provocando-o. — Eu tenho um vibrador lá em cima com bolas maiores do que as suas.

Ele avança em mim e me levanta, jogando-me por cima do ombro, e grunho quando o ar é arrancado de mim e seu ombro afunda no meu estômago.

Mas que merda é essa?

Ele sobe as escadas, e sinto que vou cair quanto mais alto subimos.

— Pike, pare com isso! — grito.

— Então pare de me provocar! — esbraveja e minha bunda leva um tapa.

Eu grito, o ardor se espalhando pela nádega esquerda. *Filho da...* Alcanço por trás e tento cobrir a bunda, caso ele me dê outro tapa.

Parece que ele chuta a porta do meu quarto, e no segundo seguinte, estou voando de seu ombro e caindo na minha cama.

Meus cotovelos afundam no colchão, e minha cabeça se inclina para frente, o cabelo voando no rosto.

— Agora vá para a cama! — brada.

Afasto o cabelo dos olhos e o vejo saindo.

— Vai me colocar para dormir?

Ele abaixa a cabeça e está respirando com tanta dificuldade, como se estivesse quase sem força. Pike se vira, sua voz calma por um fio.

— Que diabos deu em você hoje?

Ele está de brincadeira?

Saio da cama e paro na frente dele.

— Você a trouxe aqui, foi isso que aconteceu.

— A casa é minha!

Balanço a cabeça, de um lado a outro.

— Ela não vai te satisfazer — digo. — Não é ela que você quer.

— Está com ciúmes então?

Abaixo a voz, aproximando-me dele.

— Você tem tudo que precisa nesta casa. Não há razão para procurar em outro lugar por... — Abaixo a cabeça, sentindo-me um pouco envergonhada de repente. — Por qualquer coisa que você *precisa* — confesso.

Eu sou tudo que ele precisa.

Seu peito sobe e desce diante dos meus olhos, e eu inalo o cheiro que é único dele. Sol, madeira e as leves fragrâncias de seu corpo, xampu e o sabão de lavar roupas que ele usa. Ele cheira como uma noite quente de verão e do jeito que eu gostaria que a minha primeira vez tivesse sido, e eu absorvo enquanto posso, porque a qualquer minuto, ele vai se afastar.

— Portanto você teve uma pequena birra de propósito? — diz, sem perguntar propriamente. — Por que queria ser a pessoa na minha cama hoje?

Ergo os olhos, estreitando-os.

— Porque você a convidou para me machucar, mas conheço o seu jogo, e quem perderá é você — retruco.

Fecho a curta distância entre nós, minha camisa roçando a dele. Seu queixo abaixa quando ele olha para mim, e meu coração acelera no peito.

— Porque, mesmo que ela ficasse e o montasse até levá-lo a outro planeta a noite toda — provoco —, você ainda vai acordar pensando em mim antes mesmo de se lembrar que ela está na cama ao seu lado.

Sua respiração fica mais pesada e posso vê-lo enfraquecendo.

Continuo:

— Vai ficar se perguntando o que estou fazendo sozinha na minha cama, se estou acordada e acalorada, ou... — Fico na ponta dos pés e pairo a boca pelo queixo dele ao mesmo tempo em que sussurro: — Se estou me tocando e sonhando com você entrando aqui e me comendo por cima da calcinha.

Ele ofega, fechando os olhos, e consigo senti-lo ficar duro através do

jeans.

— Jordan, por favor — implora, soando desesperado. — Porra.

Tento conter o sorriso, mas estou muito feliz. Eu sei que ele me quer.

Engancho os dedos nos passadores de sua calça jeans, roçando seu queixo com o nariz para provocá-lo.

— Eu sei que você quer — sussurro de novo. — Você me quer desesperadamente.

Eu fico bem ali, em cima dele, mas afasto as mãos dele e deslizo os dedos no cós do meu short, e – gentil e lentamente – desço-o pelas pernas. Ele cai aos meus pés, e cerro os punhos, meu corpo tão vivo de medo, desejo e necessidade.

Olhe para mim.

Toque-me.

— Estou morrendo de vontade de te provar — confesso. — E sentir você. Está ficando cada vez mais difícil ignorar o que meu corpo quer. Acordo tão molhada, Pike. — Movo a boca sobre a dele, nivelando nossos lábios. — Quero que você me queira. Quero *ver* você me querendo e se satisfazendo comigo.

Posso sentir como está encharcado entre as minhas pernas e a respiração dele está muito quente. Eu me endireito, mas mantenho os olhos nos dele.

— Amo como se preocupa comigo e quer me proteger — afirmo. — Mas uma garota tem necessidades também, e uma hora ou outra, precisarei encontrar outro homem que possa fazer melhor o seu trabalho.

Raiva queima por trás de seu olhar congelado, mas ele não pisca.

— Outro homem vai me beijar — arfo. — E tirar minhas roupas e me traçar em sua cama, em seu chuveiro, e vai me espalhar em cima da mesa da

cozinha em vez de tomar café da manhã...

Os lábios de Pike estão quase retorcidos em um grunhido, e está respirando com dificuldade – dentro e fora, dentro e fora conforme ele olha para mim.

Está lá. Consigo sentir. É como se estivéssemos presos um no outro, o calor entre nós quase sufocante, e tudo o que ele precisa fazer é estender a mão e me puxar para seus braços.

Possua-me.

Eu aguardo.

Sou sua. Só estenda a mão e me pegue.

Mas ele não faz isso.

Apenas fica parado, e as lágrimas queimam no fundo dos meus olhos à medida que ele paira, imóvel.

Relutante.

Meu coração está se partindo.

Sacudo a cabeça.

— Você não tem ideia do que fazer comigo, não é?

Zombo e me afasto dele, mas, de repente, ele agarra meus braços me puxando para ele. Ofego quando ele coloca as mãos por baixo dos meus braços e me levanta, trazendo-me cara a cara com ele como se eu tivesse cinco anos de idade.

— Ah, posso estar fora de prática, mocinha — diz em um tom ameaçador —, mas acho que vou descobrir se tenho ou não.

E ele me puxa, me beijando e roubando minha respiração com tanta força que tudo o que posso fazer é o envolver com as pernas e me segurar.

Porra, é disso que eu estou falando.

CAPÍTULO 18

PIKE

Maldita seja.

Droga. Não vou parar. Que se foda. Não consigo.

Ela continuou provocando e provocando, atacando meus pontos fracos, em todos que ela sabia que me levaria a esse ponto, e eu queria que ela fizesse isso. No fundo, sempre soube que não conseguiria *ficar sem* tê-la.

Agarro sua bunda com as mãos e caio com ela em sua cama. Jordan abre as pernas e senta escarranchada em mim, nossos lábios nunca perdendo o contato. Eu amo a sua boca. Quente e doce, e ela me provoca com aquela língua – sacudindo e roçando de um jeito que me deixa louco.

— Odiei me sentir assim — ofega.

— Assim como? — Passo as mãos por seu corpo, agarrando e apertando conforme ela respira sobre a minha boca e se esfrega em mim, me deixando dolorosamente duro.

— Com ciúmes — revela.

Demoro um segundo para me lembrar de que estávamos brigando por causa de April estar aqui. Deslizando a mão por baixo da camiseta, seguro seu seio na palma da mão, e ela solta um pequeno ofego. Eu gemo, finalmente a

tendo nas mãos.

— Eu sei — digo. — Quando você saiu da festa com aquele merda hoje à noite, fiquei tão puto. — Mordo seu lábio inferior entre beijos. — Como se eu tivesse a porra dos dezessete anos de novo e outra pessoa estivesse pegando o que era meu.

Meu pau incha e, puta merda, não consigo parar de tocá-la. Ela é tão linda. Sua pele macia e cabelos bagunçados. O triangulozinho de tecido vermelho entre as suas pernas onde eu já consigo ver que ela não estava mentindo sobre estar excitada. Está molhada e eu estou morrendo de fome para prová-la.

Outro homem para fazer melhor o meu dever... Que baboseira.

Afasto seu cabelo do rosto à medida que ela se esfrega em mim, e nós olhamos fixamente um no outro. Seus olhos dizem tudo que estou sentindo, e nós dois estamos nos apaixonando.

Merda.

— O que você vê em mim, garota? — pergunto, balançando a cabeça. Não fui capaz de fazer uma mulher de dezenove anos feliz quando eu tinha dezenove anos. Será que ela acha que consigo fazer isso agora?

— Você não tem ideia, né? — Ela segura meu rosto, me beijando. — Quando nos conhecemos e assistimos aquele filme juntos no cinema, eu me senti tão culpada. — Ela me beija de novo. — Porque quando você mencionou sobre a sessão do "*Poltergeist*", eu... fiquei tentada, porque queria te ver outra vez — confessa ela. — Ali já estava acontecendo alguma coisa.

Eu mergulho em sua boca, beijando-a longa e profundamente, enquanto envolvo o corpo dela com o braço e a pressiono contra mim. Enrolando os dedos ao redor da seda em seu quadril, sinto uma vontade de me enterrar dentro dela agora.

Mas não. Para ela, vou acabar sendo uma aventura, mas vou garantir que seja a melhor que já teve.

Eu beijo seu pescoço, chupando e mordiscando todo o caminho até o queixo e esfregando os polegares sobre os pequenos mamilos duros.

— Pike... — implora. — Por favor, me diga que tem camisinha.

Afirmo com a cabeça, voltando para a sua boca.

— No meu quarto.

— Mais do que uma, né?

Sorrio.

— Sim.

— Vá buscá-las.

Eu a pego no colo, levando-a comigo.

— Tenho uma ideia melhor.

Ela prende os tornozelos nas minhas costas e eu a carrego do quarto e caminho no corredor até o meu. Precisamos de uma cama maior.

O tempo todo ela não para de me beijar, e quase fecho os olhos de tanto prazer, porque acho que nunca me senti tão bem. Ela vai me arruinar para qualquer outra pessoa.

Entramos no meu quarto e chuto a porta para fechá-la, deitando-a na cama. Mas quando eu me afasto e me levanto, ela reclama.

— Não...

Eu ando de costas até na porta, observando-a – eu enfim a tenho na minha cama – e sinto que acabei de ganhar na porra da loteria.

Alcançando por trás de mim, tranco a porta e a encaro, a luz da lua atravessando a janela a ilumina. Ela está sentada com os joelhos dobrados e as mãos estendidas atrás dela, apoiando-se. Seus lábios estão inchados dos beijos e já estou a imaginando nua no meio dos lençóis.

— Nossa, você é tão linda — digo em voz baixa.

Um sorriso tímido se forma em seus lábios.

— Não sou não.

Arqueio uma sobrancelha, desafiando.

— Então do que você gosta?

— O que você tem pra mim?

Mas que merdinha.

Atravessando o quarto até a cama, eu me inclino sobre ela e enrolo a calcinha na mão.

— Você disse que queria que eu comesse alguma coisa. — Eu lembro a ela. — O que você quer na minha boca?

Seus olhos descem, encarando meus lábios.

— Um... — Ela engole e acaricia por dentro da coxa, movendo a mão até no meio delas. — Aqui embaixo.

— E o que tem aí embaixo? — brinco com ela, ficando fora de alcance toda vez que ela tenta me beijar. — Use suas palavras adultas, Jordan. O que você quer que eu beije?

— Hum — gagueja, excitada e doida por isso. — Hum, minha...

Minha...?

Ela tenta me beijar de novo, mas eu me afasto, fazendo-a mostrar os dentes em um grunhido silencioso.

— Minha...

— Sua?

— Minha, hum... minha boceta — sussurra.

Minhas sobrancelhas sobem, surpreso. Não estava esperando por essa palavra, na verdade, mas tudo bem.

— Eu quero que você beije e chupe — ela ofega, implorando. — Me

faça gozar?

E eu fecho os olhos, meu pau lutando contra o jeans por espaço para crescer.

Porra.

Qualquer coisa que você quiser.

Apertando a mão em torno da calcinha, eu a puxo com força. O tecido rasga e eu o jogo no quarto ao mesmo tempo em que ela arfa.

E então eu tiro minha própria camisa e mergulho, abocanhando sua linda boceta.

— Pike — geme, segurando minha cabeça contra o corpo e caindo de volta na cama.

Jesus, como estou chapado, porra. Queria isso há muito tempo, e eu finalmente a tenho, pernas abertas na minha cama, corpo implorando por mim.

Chupo seu clitóris primeiro, esticando-o na boca e voltando por mais e mais, fazendo-a se contorcer desesperada para gozar. Eu a lambo de cima a baixo, girando a língua ao redor do broto e ficando bêbado com seu perfume e gosto. Depois de um minuto, perco o controle, e estou beijando e mordiscando em todos os lugares. Curvo o braço sob sua coxa e a seguro firme por apoio me alimentando dela, fazendo isso tanto por mim quanto por ela. Suas costas se arqueiam para fora da cama quando eu agito minha língua nela, e Jordan geme.

Continuo fazendo isso até que ela fica com a respiração ofegante tão acelerada que eu sei que está pronta para desmoronar. Espalmando um de seus seios, mantenho a cabeça enterrada entre as suas pernas até sentir sua barriga começar a tremer e, então, ela ofega profundamente e congela quando o orgasmo a possui.

Ela grita, soltando-se, e eu enfio a língua, sem parar até ela começar a se acalmar.

— Jordan — sussurro contra sua pele. Não sei por que digo o nome dela, mas acho que estou com medo de que ela não esteja realmente aqui e que tudo não passe de um sonho.

Seus dedos acariciam meu cabelo e eu subo, pairando sobre ela. Tirando uma mecha de cabelo de sua testa, eu a encaro, vendo suas bochechas coradas e olhos radiantes, sua pequena camiseta subiu, expondo os belos seios e mamilos empinados.

Eu me abaixo, pegando um na boca, sugando e o puxando para fora exatamente como fiz com seu clitóris. Ela geme, suas mãos me envolvendo pela nuca. Vou para o outro, passando uma mão por seu corpo e tentando absorver o máximo que posso.

Sei que tudo o que estamos fazendo é errado, e não sei como explicarei isso a alguém, mas aqui mesmo – bem agora – não quero estar em outro lugar. Gostaria de poder morrer feliz como estou nesse instante. Aqui, na calada da noite, neste quarto escuro, atrás de uma porta fechada, não precisamos explicar nada a ninguém.

Por enquanto, esse momento é nosso.

Saio da cama e me levanto, soltando o cinto e abrindo o zíper do jeans. Tiro um preservativo da caixa da gaveta do criado-mudo, eu me endireito e olho fixo para ela. Suas pernas estão fechadas, um joelho ligeiramente arqueado para cima e as mãos ao lado do corpo, apertando o edredom me observando.

— Tem certeza disso? — pergunto.

Afirma com a cabeça.

Tiro as botinas e o resto da roupa, ficando em pé novamente. Abrindo o pacote, eu a observo, mas os olhos dela desceram para outra coisa, sua respiração ficando ofegante. Sinto um sorriso nos cantos da boca, imaginando quantas outras palavras adultas ela conhece.

Mas não tenho a chance de perguntar. Ela se senta, jogando as pernas sobre a borda da cama, e alcança meu pau, colocando-o na boca.

Eu gemo e ofego ao mesmo tempo, sua língua molhada e quente enquanto recua e suga a ponta.

— Jordan, por favor. — Enrolo seu cabelo no punho, tentando afastá-la com gentileza. — Isso vai me deixar no limite, e eu quero que você goze de novo.

Empurrando-a de volta na cama, deito sobre ela, desmanchando-me em sua boca, beijando-a profundamente. Eu me aninho entre as suas pernas, e ela ergue os joelhos para cima enquanto arrasta as unhas nas minhas costas.

Deslizando a mão por baixo dela, aperto sua bunda e pressiono nossos corpos juntos, o mundo girando por trás dos meus olhos fechados. Tê-la sob mim, pele na pele... Meu pau está tão duro que não consigo aguentar.

Isso é meu.

Apoiando-me nos calcanhares, coloco o preservativo, nunca afastando os olhos dela.

— Estou um pouco assustada — diz ela, preocupação enrugando sua testa.

Eu paro, tentando não apertar o punho em volta do pau com força demais.

Assustada?

— E se eu fizer muito barulho? — sussurra.

E eu exalo, aliviado por ela não ter mudado de ideia. Esfrego meu pau e desço sobre ela de novo.

— Levanta a camiseta, Jordan — respondo, sussurrando. — Quero ver seus seios quando eu te foder.

Sua respiração oscila e um sorriso excitado aparece em seus lábios,

mas ela levanta a camiseta para mim, e eu mergulho depressa e agarro um mamilo entre os dentes outra vez.

Ela ofega e abre bem as pernas, e a ponta do meu pau encontra o calor úmido de sua boceta apertada feito a merda de um ímã.

Eu me afasto um pouco, apoiando em um braço e me inclino, mordiscando seus lábios.

— Tente ficar quieta, tá? — sussurro, provocando-a. — Cramer não pode descobrir o que estou fazendo com a babá dele.

Ela ri, me beijando.

— Sim, Sr. Lawson.

Pegando meu pau, eu seguro seu olhar à medida que encaixo a ponta em sua entrada, e então, agarro seu quadril e empurro dentro dela, e meu corpo estremece, imediatamente inundado por senti-la.

Ela arqueia o pescoço para trás e fecha os olhos, gemendo, e os seios saltam com o movimento.

— Oh, porra, porra... — geme. — Pike...

— Eu sei, baby. — *Você é tão gostosa*.

Empurro de novo e ela agarra minha cintura para se segurar à medida que eu aumento o ritmo devagar, entrando mais fundo nela, hipnotizado por seu corpo debaixo do meu. Eu me inclino, chupando seu seio enquanto ela geme e ofega.

Subindo, eu beijo sua boca, e ela faz aquela coisa de lamber a minha língua, e eu surto.

— Jordan, porra — suspiro, entrando mais rápido e mais forte até que a única coisa que escuto é a união de nossos corpos.

Seus gemidos enchem o quarto, ficando mais altos, e eu a beijo, abafando o barulho quando ela desmorona de novo, a boceta apertando meu pau

quando ela goza.

Olho para cima e nos vejo pelo espelho da cômoda, ficando mais excitado pela visão de suas pernas ao meu redor. Ela acompanha meu olhar, malícia brilhando em seus olhos.

Ela se inclina, sussurrando no meu ouvido:

— Eu quero ver.

Passo o braço em volta de sua cintura e me viro, deixando-a por cima. Sua camiseta volta a cobrir seus seios, e o cabelo cai ao seu redor em uma bela desordem. Agarro seus quadris só para poder sentir seu corpo se mover comigo dentro dela. Ela olha nos meus olhos, os quadris rebolando, a barriga ondulando e a bunda projetando-se – dentro e fora – conforme me cavalga.

Então ela olha para cima, sua boca curva na hora, o que me diz que ela gosta do que vê no espelho.

— Você é tão apertada — gemo.

Ela coloca as mãos no meu peito e os empurra, abrindo a boca e respirando com dificuldade enquanto me fode mais rápido.

— Sim — ofega com os olhos fechados. — Isso, nossa, por favor...

Agarro sua bunda e ergo a cabeça, pegando um mamilo na boca, sugando e puxando e depois parto para o outro em um frenesi. Ela se inclina para mim, nunca diminuindo o ritmo, e consigo sentir o suor deslizando em suas costas.

Ofego, meus músculos tensos, e estou perto. Eu a viro, com fome de estar no controle de novo, e sua cabeça cai de lado na cama, muito perto do criado-mudo. Agarro a ponta dele e o empurro para longe, derrubando-o, abajur e tudo mais caindo no chão.

Ela geme e me beija, envolvida pela loucura do momento, também.

— Não pare — arfa. — Não pare. Vou gozar de novo.

Pressiono a testa na dela, nós dois quase hiperventilando enquanto empurro sem parar, tentando pensar em qualquer coisa que não me faça gozar, mas ela é deliciosa demais, e eu estou completamente perdido.

— Oh, Pike — ofega. — Bem assim, isso...

Meus músculos estão queimando, a cabeça está girando, mas não diminuo o ritmo, porque se eu morrer agora, é assim que quero deixar esse mundo.

— Ah — ela geme, seu corpo enrijecendo e a respiração vacilando.

Ela fica em silêncio e então... Joga a cabeça para trás e grita.

— Puta merda!

Eu a beijo com força, basta vê-la gozar outra vez para me levar ao limite. Empurro com força, apertando os olhos e derramando, mergulhando profundamente dentro dela, de novo e de novo, à medida que o orgasmo se espalha pelo corpo e a exaustão e a euforia se instalam ao mesmo tempo.

Um calor incandescente sobe pelas minhas coxas, meu pênis lateja, e tudo sobre ela é o paraíso. Tudo isso parece como se fosse a primeira vez.

Eu me abaixo, descansando os cotovelos de cada lado de sua cabeça e afasto o cabelo do rosto dela.

Jordan olha para mim, o rosto corado e brilhando com uma leve camada de suor.

— Você não a beijou, né? — pergunta em voz baixa.

Dou uma risadinha.

— E é nisso que está pensando agora?

Ela torce os lábios com vergonha, mas insiste mesmo assim.

— Não a beijou, né?

— Não — respondo. — E ela não teria passado a noite. Estava tentando te esquecer e o quanto eu queria isso, mas não teria acontecido nada.

Você estava certa. Eu queria você.

Eu a beijo, surpreso que, embora eu tenha gozado, eu ainda a quero. Eu poderia ficar aqui a noite toda.

— E com aquele merdinha da festa? — pergunto. — Nada aconteceu, certo?

Suas covinhas fracas ficam mais profundas.

— Jordan — aviso, franzindo a testa.

Ela ri.

— Não — enfim responde. — Ele não tem o seu corpo. — Ela dá um beijo no meu rosto. — Ou suas tatuagens. — Beija meu queixo. — Ou sua boca. — Ela beija meus lábios. E cada palavra que sai dela me irrita e me deixa louco de todas as maneiras certas.

Eu me derreto nela, beijando-a longa e intensamente. A porcaria do estrago já está feito. Amanhã eu me sentirei culpado.

— Uma coisa, porém — diz, afastando a boca da minha para deixar um rastro de beijos pelo meu rosto. — Sei que você trabalha amanhã e provavelmente quer dormir, mas estou com fome. Podemos pegar um pouco de sorvete e depois fazer tudo de novo antes de dormir?

Encosto a cabeça em seu ombro, tremendo de rir.

Tudo que você quiser, baby.



Rolo o pescoço sob o spray quente, cada músculo do corpo tenso e dolorido. Não me exercito de verdade, mas quase nunca estou sentado sem fazer nada, então pensei que estava em boa forma. Ela acabou com esse pensamento ontem à noite, no entanto. Não posso deixar de ceder à fantasia de tê-la aqui

todos os dias, quantas vezes por dia eu quiser, só pelo bem da minha saúde muscular, é claro.

Mas sei que não posso. Nós transamos de novo ontem à noite e depois apagamos, e por mais que eu a queira ainda mais esta manhã, agora que sei o que estou perdendo, não podemos deixar isso se tornar um hábito. Já será doloroso demais quando acabar.

Fecho a água e saio do chuveiro, puxo a toalha do gancho, secando o cabelo. O banheiro está escuro, porque queria me iludir que a noite ainda não acabou, mas já passa das cinco da manhã, e preciso estar no trabalho em uma hora. Quando eu a vir de novo, vai ser à luz do dia, e vou ter que encarar a grande merda que fiz ontem.

Termino de me secar e enrolo a toalha na cintura antes de ir até a pia escovar os dentes. Tudo isso enquanto tento não pensar na garota gostosa ainda dormindo na minha cama no outro cômodo.

Quero dizer, o que estamos fazendo de errado? Ela é solteira, eu também. Somos adultos. Sim, existe a diferença de idade, mas isso não é algo novo.

E eu gostei demais dela antes de saber quem ela era. Ninguém mais estava no meio. Nós não estamos tentando machucar ninguém.

Voltando para o quarto, olho para ela na cama. Dormindo de bruços, abraçando um dos meus travesseiros embaixo da cabeça, e o cabelo espalhado para trás. Ela está com uma das minhas camisetas e, embora eu ame vê-la nua, não posso reclamar. Também adoro quando ela usa as minhas roupas.

Caminhando até o lado dela da cama, pego meu relógio do criado-mudo – o que não está tombado do outro lado – e o coloco enquanto olho para ela.

Nós nos conhecemos há menos de um mês, mas sinto que Jordan

sempre existiu. Como se eu estivesse guardando esse lado da cama só para ela.

Não sei se a amo, mas nunca quis nada ou alguém tanto assim.

Seu pé espreita para fora do lençol e sorrio ao ver os dedos pintados de rosa. Tão a cara de Jordan.

Ela geme e gira a cabeça, e eu ergo os olhos, vendo-a virar durante o sono, descansando a mão no travesseiro ao lado de seu rosto.

O lençol está na altura de sua cintura, e a camiseta subiu, mostrando um pedacinho de barriga, e deixo meus instintos assumirem. Continua escuro lá fora.

A noite não precisa acabar ainda.

Puxando o lençol, vejo sua calcinha rosa-choque e não me importo que ela não durma nua. Significa que posso despi-la.

Desço a calcinha suavemente, e subo em cima dela, colocando um joelho entre as suas pernas subindo a camiseta com uma das mãos.

Eu a toco e a beijo com delicadeza, passando por sua bochecha até a orelha e de volta para a boca.

— Bom dia — sussurro, mordiscando-a.

Ela geme de novo, arqueando-se para acompanhar meus lábios que estão descendo por seu corpo, provando o abdome, os quadris e de volta para os seios.

— E não é mesmo? — diz, brincando.

Dou risada.

Estendendo a mão no criado-mudo, pego outra camisinha e puxo a minha toalha do corpo.

— Só uma rapidinha, tá? — provoco. — Para me dar energia para o dia.

Ela geme novamente, esticando os braços acima da cabeça.

— Tá bom.

E eu vou com tudo.

Vários minutos depois, estamos ofegantes e suados de novo, e preciso de outro banho, mas não tenho tempo.

Porra, isso foi bom. Sou eu ou ela é ainda melhor de manhã?

Olho para o relógio.

— Preciso ir.

Não quero, no entanto. Seria terrível demais se o chefe ligasse e desse uma desculpa para não ir trabalhar, a fim de ficar em casa e foder sua inquilina gostosinha o dia inteiro?

Com relutância, eu saio dela e ando até a cômoda, pegando uma calça jeans e camiseta.

— Você tem que trabalhar hoje à noite? — pergunto.

Ela se cobre com o lençol e olha para mim com sono.

— Talvez.

Balanço a cabeça. Sempre fazendo joguinhos.

— Talvez eu esteja em casa — explica. — Ou talvez você tenha que me encontrar.

Fecho a gaveta e abro outra, pegando as meias.

Eu me viro para ela, com um olhar sério no rosto.

— Estarei em casa às cinco. Esteja aqui — mando. E então começo a ir na direção da porta, mas viro e suavizo a voz, acrescentando: — Por favor?

Ela sorri e vira de lado, voltando a abraçar meu travesseiro por baixo dela e olhando para mim com os olhos mais meigos que já vi.

— Sinta saudades de mim.

Eu já sinto.

Saio, fecho a porta e fecho o quarto dela, também. Por precaução, no

caso de Cole aparecer em casa, ver sua cama vazia e começar a se perguntar onde ela está.

Descendo as escadas, sinto vontade de sorrir, mesmo quando a culpa me atinge. Eu quase me sinto normal.

Com mais sorte do que qualquer homem que conheço. A garota dos meus sonhos está na minha cama agora, e venho para casa com ela aqui, também. Ela estava certa. Tudo que preciso está sob este teto.

Exceto meu filho. Esta casa é sua, e ele não está aqui, e Jordan me faz esquecer dele.

Por dezenove anos, sempre foi tudo por ele. Me sacrificar para construir meu negócio para poder dar a ele um bom lar e educação, e também ter receio de relacionamentos depois do que passei com Lindsay ou os perder, porque outras mulheres não queriam ter que lidar com a mãe do meu filho pelo resto de nossas vidas. Minha vida girava em torno dele, mas não importava o que eu fizesse, tudo ainda dava errado. Ela o manipulou e o usou contra mim, e ele não sabe em quem confiar.

Permitir-me ser feliz com uma mulher não é errado, mas essa mulher ser a Jordan é o que poderia quebrar a fé que ele ainda tem em seus pais. Por que não consigo parar? Por que meu coração dói tanto toda vez que ela sorri? Ou morde a unha do polegar ou fica na ponta dos pés para pegar alguma coisa no armário, ou quando pisca, pelo amor de Deus?

Entro na cozinha e coloco café na caneca de viagem. Fecho a tampa e pego meu almoço da geladeira, acrescentando um pouco de salgadinho, já que não tenho tempo para tomar café da manhã.

A campainha toca de repente e eu me viro, franzindo o cenho. Quem pode ser a essa hora da manhã?

Largando tudo no balcão, ando até a porta de entrada e me inclino,

olhando pela janela da frente.

E falando no diabo...

Minha ex está ali fora com calças *legging* e top combinando. O cabelo castanho está em um coque bagunçado, mas a cara está entupida de maquiagem. Ela é a única pessoa que conheço que vai arrumada para a academia.

Mas é claro que ela só vai para conhecer homens, obviamente.

Abro a porta, tentando fazer silêncio para que a Jordan não acorde.

— O que você quer? — digo, segurando a porta aberta.

— Ora, que simpático... — zomba, mantendo os braços cruzados. — Idiota como sempre, hein?

E sem esperar por um convite, ela entra empurrando meu braço.

— Se está aparecendo na minha casa às cinco da manhã, não deve ser bom — comento, fechando a porta. — Está bêbada?

Ela entra na cozinha, joga as chaves no balcão e gira, encarando-me.

— Por que meu filho está morando na casa de alguma garota qualquer e não com você?

Luto contra a vontade de revirar os olhos diante de sua preocupação fingida, que é apenas uma desculpa para ser invasiva.

— Ele pode voltar pra casa a qualquer hora — explico, pegando a camiseta na banqueta — Foi ele que saiu.

— Porque está permitindo que a Jordan fique. Por quê?

Eu visto a camiseta.

— Se quer saber o que está acontecendo com Cole, pergunte a ele. Quanto a quem eu alugo um quarto, não é da sua conta.

Penteio o cabelo com os dedos; esqueci de dar uma ajeitada nele. Ela fica quieta, e eu não olho para ela enquanto tiro o telefone do carregador e o coloco no bolso.

Ela se aproxima e pega meu queixo, me forçando a encará-la.

Eu me afasto bruscamente.

— Que foi?

— Você está corado.

— Está calor — retruco.

Mas por baixo da pele, meu sangue esquenta e o coração bate acelerado. Pego meu café, tomando um gole para esconder o nervoso. A mulher é um tubarão. Ela consegue sentir cheiro de sangue do outro lado do oceano.

— Conheço a sua aparência depois que goza — acusa. — Então a questão é... é aquela adolescente bonita e disponível no andar de cima ou alguém novo?

Bato a caneca no balcão, olhando para ela.

— Já chega.

Droga. Esqueci de como ela é esperta. Eu nem saí de casa ainda, e nem consigo explicar o que estou sentindo pela primeira pessoa que dou de cara. *Impressionante*.

Indo até a mesa, sento e visto as meias e botas, recolhendo tudo que preciso para hoje.

— Cole largou o emprego — ela finalmente diz. — Há três dias.

Olho para cima, parando o que estou fazendo. *Três dias?*

— Me deixa te dar uma dica. — Seu tom é condescendente. — Você não deixou de ser pai quando ele completou dezoito anos e não precisou mais pagar pensão alimentícia. Ele ainda precisa de você.

— Lamento muito se eu não pegar os conselhos de como ser pai de uma mulher que engravidou para ter pensão o resto de sua vida. — Eu me viro para ela, prendendo-a com o olhar. — Talvez ele tenha pedido demissão para não ter que trabalhar por nada, já que você o faz se sentir mal até que ele lhe dê

metade do salário.

Ela me dá um tapa no rosto e minha cabeça vira para o lado.

Mas apenas dou risada.

Claro que estou preocupado. Ele está desempregado e fora de casa, mas não vou aceitar um sermão dela. Ela o usou e eu já me cansei de sua encheção de saco.

— É por isso que você não o deixa vir trabalhar comigo, não é? — pergunto, sem recuar. — Porque, em troca, eu ia pagar as contas dele e dar uma quantia para garantir que você não colocasse as mãos em todo o maldito salário dele. Você só se importa com ele quando Cole chega com dinheiro. — Pego minhas coisas e caminho até a porta, abrindo-a. — Sabe de quem eu tenho inveja? De todos os homens que escaparam antes que você os amarrasse com uma criança. Não me arrependo por ter tido o Cole, mas por ter sido com você. Saia.

Sinto orgulho de ter mantido a voz baixa e conseguido manter um pouco de controle, mas estou fervendo por dentro. Ela entra na minha casa, me acusando de ser um péssimo pai e depois me dá um tapa. Ela não é minha esposa e nunca foi. Tenho que aturá-la, mas não em tudo.

Ela fica parada, como se estivesse achando graça, e enfim se aproxima de mim.

— É — diz, prestes a sair, mas se vira e me provoca por cima do ombro —, porque a sua casa é o único lugar de onde você é capaz de me tirar da sua vida.

E então seus olhos olham rapidamente para as escadas e depois para mim, um sorriso doentio brincando em seus lábios.

Ela sai, e continuo sem me mexer, tudo o que senti no meu quarto, minutos atrás, desapareceu por completo. Cole está desnorteado e agora precisa

de mim mais do que nunca.

E Lindsay sabe sobre a Jordan. Ela pode não ter certeza de nada, mas suas suspeitas serão suficientes.

Ela vai infernizar a vida de Jordan. De jeito nenhum vou permitir que ela passe por isso.

Eu só queria poder tê-la por mais de sete horas.

CAPÍTULO 19

JORDAN

Pressiono as pedras no degrau com o mindinho e pego a cola, espremendo-a na fenda para prender as peças na maquete. Sinto vontade de olhar no relógio do micro-ondas outra vez, mas me contenho, sabendo que não passou nem dois minutos desde a última vez que chequei.

Já passa das seis e Pike está atrasado. Ele quase nunca chega atrasado.

No entanto, à medida que os minutos passam, eu me sinto mais nervosa porque ele também não ligou, e especificamente me pediu para estar em casa. Pike não costuma agir assim, mas é bem parecido com qualquer outro cara que conheço. Sou aquela garota que eles podem tratar feito lixo e fazê-la esperar, porque eu aceito.

Por um tempo, de qualquer maneira.

A pizza que eu pedi, metade pepperoni e metade taco, foi entregue há uma hora e está no forno para não esfriar enquanto a minha salada está na geladeira, para mantê-la fresquinha. “Os Garotos Perdidos”, para continuar a nossa maratona de filmes de terror dos anos 80, está na TV, no ponto para começar, e eu estou sozinha.

De novo.

Tudo bem. Ele poderia estar no meio de algum serviço, ainda no trabalho. Compreensível. E sou adulta, não preciso de atenção o tempo todo. Ele também poderia ter sofrido um acidente, mas isso é extremo, e também, não quero ser aquela garota que liga atrás. Ele vai pensar que estou me apegando ou algo assim.

Coloco as bolas de vidro no leito do que em breve será o riacho, deixando os minutos passarem e acabarem com suas desculpas enquanto eu me sento aqui, espero, e fico cada vez mais brava.

O dia foi tão bom. Acordei dolorida, mas nem mesmo percebi, porque as lembranças da noite passada me faziam corar o tempo todo. Ele não estava fora de forma, e eu não conseguia parar de sorrir conforme varria a lâmpada quebrada e colocava o criado-mudo no lugar.

Limpei a sujeira de milk-shake da máquina de lavar quando o joguei lá na noite passada. Graças a Deus que ele não viu isso ou mudaria de opinião a respeito de eu ser ou não adulta.

Depois de arrumar a casa, não queria tirar o cheiro dele de mim, mas precisava desesperadamente de uma chuveirada. Tomei banho, liguei para Cam e peguei o carro dela emprestado para buscar meu salário no Grounders e fazer algumas compras. Recebi olhares de soslaio da minha irmã e de Shel, ambas querendo saber por que estou praticamente saltitante, mas não liguei.

Porque em poucas horas, os olhos dele estariam voltados para mim de novo, e amo demais quando seus olhos estão focados em mim. Talvez fossemos nadar hoje à noite ou jogaríamos alguns travesseiros e cobertores na parte de trás da caminhonete para irmos dar uns amassos em algum lugar. Ou talvez eu começasse uma briga, e então, ele me dobraria sobre a mesa da cozinha para me dar umas palmadas.

Estúpida. Fantasias e expectativas que nunca correspondem à

realidade. Já devia saber. Aqui estou eu, sentada esperando-o aparecer, pronta à sua disposição.

Depois de um tempo, pego o telefone de novo, verificando se tenho alguma mensagem.

Ainda nada.

Olho as horas e já são quase sete. Duas horas atrasado.

Ele sabia que eu estava esperando por ele. Se não ligou, talvez tenha acontecido alguma coisa.

Eu ligo para ele, prestes a me sentir realmente lamentável, caso ele *não* esteja no pronto-socorro agora ou muito mal, sentindo todas as minhas dúvidas, se ele estiver.

A ligação vai para o correio de voz, entretanto, e eu desligo, hesitando apenas um segundo antes de me levantar e ir até a geladeira, descendo o dedo pela lista de contatos de Pike presa nela. Vejo o número do Dutch e ligo para ele, pensando em algo para dizer que não me fará parecer desesperada.

A linha toca três vezes antes de ele atender.

— Alô?

— Oi, Dutch — digo depressa, acrescentando algum ânimo à voz. — É a Jordan. Desculpe incomodá-lo. Eu sei que Pike nem sempre fica com o telefone dele e pensei que você estaria com o seu. Estou saindo para o trabalho e perdi a chave de casa. — Molho os lábios secos, o coração martelando. — Já terminaram por hoje? Não sabia quando Pike estaria em casa e não queria sair e deixar a porta destrancada.

— Ah, nós acabamos há duas horas, querida — responde ele. — Eu já estou em casa e ele foi com os rapazes tomar uma cerveja no “Poor Red’s”. Tenho certeza de que se você ligar, ele vai correndo pra casa trancar tudo.

Minha garganta se contrai e sinto os olhos arderem com as lágrimas.

Ele saiu.

Forço um sorriso tenso, esperando que disfarce a raiva dentro de mim.

— É, vou fazer isso. Obrigada.

Desligo e fecho os olhos, obrigando-me a me acalmar. Ele saiu. Sem nem avisar. Ele simplesmente me deixou sentada aqui, esperando.

Pisco para afastar a dor, recusando-me a sofrer. Gosto dele e dormi com ele. Mas não o amo e ele claramente não está nem aí. Já conseguiu o que queria.

Toda aquela possessividade e a necessidade de tomar conta de mim e de me proteger, foi só para me manter aqui, para que pudesse transar comigo. Ele resistiu a mim porque se sentia mal, mas estava só ganhando tempo para se convencer. Levar-me para a cama sempre foi o plano. Agora que conseguiu, o problema foi resolvido, mas ei, quem sabe April esteja hoje no Red's também, e eles podem continuar de onde pararam.

Resmungo, chutando uma cadeira da mesa.

Isso não tem que acontecer comigo. Não mais. Tudo acaba agora.

Pego meu telefone e ligo para Cam, lembrando o que tem hoje à noite.

— E aí, tudo certo? — diz ao atender.

Sorrio, me sentindo de repente corajosa.

— Acho que quero ver como será o meu primeiro concurso de camiseta molhada.

Ela arfa e depois grita:

— Aeeeee!

CAPÍTULO 20

PIKE

Estaciono na garagem um pouco depois das nove e olho para a casa. Ela ainda não estará dormindo, e não estou em melhor condição para lidar com ela do que há quatro horas quando acabei no trabalho. Mas não posso mais adiar. Nós precisamos conversar.

Vejo uma pequena luz acesa na cozinha que eu sei que é a do fogão, provavelmente, só que o resto da casa está escuro, e uma parte em mim, torce para que ela esteja na cama, porque não quero fazer isso.

Descendo da caminhonete, fecho a porta e caminho para a casa. Colocando a chave na fechadura, giro e abro a porta, entrando na sala escura. Não tem luz vindo de qualquer lugar, e não ouço suas músicas tocando. Eu sei que furar com ela não passou despercebido. Ela ligou há algumas horas, porém, não deixou mensagem. Ela está indubitavelmente brava.

Respiro e na hora sinto o cheiro de queijo e carne picante. *Pizza*.

Entrando na cozinha, abro o forno e encontro a caixa grande do Joe’s e a pego, colocando-a em cima do fogão.

Levanto a tampa. Cada fatia ainda está na caixa, intocada.

Meu estômago revira e me sinto um merda. Claro que eu sabia que ela

arrumaria algo para o jantar. Voltando para a sala, pego o controle remoto e ligo a TV, vendo a tela escura ganhar vida e a imagem de “Os Garotos Perdidos” aparecer na tela da Netflix. Ela preparou tudo para essa noite.

Subindo as escadas, paro na porta de seu quarto, e nenhuma luz vem de dentro.

Bato duas vezes e espero. Quando não tem resposta, giro a maçaneta e abro a porta.

Com a luz da lua entrando pela janela, vejo a cama dela ainda arrumada e o quarto vazio.

Minha pulsação acelera. O carro de Jordan ainda não está pronto. Onde ela foi?

Ela tinha que trabalhar, afinal? Verifico meu telefone de novo à procura de alguma mensagem, mas não tem nada.

Talvez a irmã tenha dado uma carona para ela.

Mas ela teria me dito se tivesse que trabalhar.

Disco para Jordan, desço correndo a escada com a linha tocando e desligo a televisão.

Quando ela atende, uma explosão de música atinge meu ouvido e eu estremeço, afastando-o um pouco.

— Oi — diz ela, e estou surpreso que ela soa tão... calma.

— Onde você está?

— Saí — responde. — Volto mais tarde.

— Você está trabalhando?

Ela ri e escuto a voz de outra mulher e um monte de conversas ao fundo.

— Uh, não — responde, por fim.

Então ouço uma barulheira do que parece ser vários homens

aplaudindo ao fundo, e me endireito, tentando descobrir o que diabos está acontecendo.

— Jordan, peço desculpas por ter atrasado — digo.

— Hã?

— Desculpa por ter atrasado! — grito no telefone. — Tinha trabalho pra acabar e precisei ficar.

— Então por que não ligou? — responde, sua voz ficando mais alta. — Você não estava trabalhando. Estava no Red's e eu não espero. Não mais. Estou com minhas amigas e me divertindo. Vou chegar tarde.

E aquela música alta no meu ouvido com a voz do DJ no fundo somem quando ela desliga.

Ela desliga na *minha* cara.

Abaixo o telefone e olho para a ligação encerrada. Tudo bem, ela está brava. *Acho*. Ela não parecia puta, no entanto. Ou bêbada. Só indiferente e, por algum motivo, isso parece pior. Sei lidar com a raiva, mas não com uma garota que parece estar perfeitamente satisfeita com qualquer conclusão que tenha tirado. Merda.

Então me ocorre o que o DJ estava anunciando.

Noite da camiseta molhada no "The Hook".

Meus olhos se arregalam. Ela não seria tão idiota, seria?

Droga. O que diabos devo fazer? Ela está se divertindo como disse ou está me desafiando? Está tentando me atrair para ir atrás dela e brigar por fazer algo que não vou gostar, ou fico onde estou, aceito seu blefe e vejo o que acontece? É por isso que as mulheres e eu não nos damos bem e meus relacionamentos não duram. Não tenho paciência para essas besteiras.

Mas a questão é que ela só saiu por minha causa. Se eu tivesse chegado em casa na hora que eu disse, ela estaria agora mesmo enrolada ao meu

lado no sofá, me provocando com seus olhos, mãos, cheiro, e aquele jeito *sexy* de arquear o corpo quando se alonga.

Suspiro e balanço a cabeça.

Eu a quero tanto.

Guardando o telefone no bolso, pego minhas chaves e vou até a porta. Assim que eu a abro, vejo Cole ali com a mão erguida como se estivesse prestes a abri-la.

Paro, as sobrancelhas levantando.

— Oi — diz ele, sua voz estranhamente agradável.

Abro a boca para falar, mas demoro um minuto para encontrar minha voz.

— O-oi — gaguejo, um pouco assustado ao vê-lo de repente. — Estou tentando falar com você o dia todo. Até fui nos lugares que você costuma frequentar durante o meu almoço. Onde diabos estava?

— É, eu sei, desculpe. — Ele entra e vai para a cozinha. — Tinha algumas coisas para resolver.

Ele vai para a geladeira e pega um refrigerante, então vira e se inclina contra a pia, abrindo o lacre.

— O que está acontecendo com você? — Eu paro na frente da ilha central. — Sua mãe apareceu esta manhã, dizendo que você saiu do emprego?

Ele me olha, achando graça, como se eu estivesse exagerando.

— Se me mantivesse informado, eu não importunaria — solto, mas tento soar como uma brincadeira.

Ele olha para trás na janela, vendo alguma coisa, e se afasta do balcão, saindo pela lavanderia e indo para o quintal. Eu o sigo.

— Eu estou bem — diz por cima do ombro. — É porque, na verdade, tenho um novo emprego. É por isso que saí.

Ele caminha até a piscina e começa a puxar o tubo do aspirador. Eu esqueci completamente disso. Ficou ligado desde ontem à tarde.

— Um trabalho novo? — pergunto, pegando a corda por trás dele. — Onde?

— É surpresa.

— Não gosto de surpresas. Onde é o trabalho?

Ele começa a rir e eu franzo a testa.

— Por que você está rindo? — exijo. Ele sabe o quanto todos estão preocupados com ele, e agora age como se tivesse se encontrado, e nós não deveríamos fazer perguntas?

— Porque estou animado — responde. — Vou te contar em breve. Prometo.

— É dentro da lei? — Eu puxo o tubo, sentindo o peso do vácuo quando ele começa a flutuar através da piscina em nossa direção.

Suas costas tremem com outra risada.

Ergo uma sobrancelha.

— Eu prometo que não existe nada mais dentro da lei do que este trabalho — diz, sinto uma piada interna em suas palavras que não entendo. — Receberei pagamento mensal, assistência médica e odontológica, aposentadoria, tudo que um trabalho pode oferecer. — Ele olha para mim. — Não estou mexendo com drogas ou em apuros. Estou absolutamente bem. Peço desculpas por não ter estado por perto. Eu só não queria deixar as coisas estranhas para Jordan.

Deixo o tubo cair, quando ele estava quase saindo da piscina.

— Então você está bem? — pergunto para ter certeza.

— Sim.

— Vai voltar pra casa?

Mas ele dá de ombros, parecendo inseguro.

— Seria desconfortável, acho. Quero que Jordan fique aqui o tempo que ela precisar.

Eu me aproximo dele. Ainda sou um pouco mais alto do que ele, mas sempre me surpreendo com o quanto parece maior cada vez que o vejo.

Hesito em dizer, porque não quero que ela vá a lugar algum, mas sei que o lugar de Cole é aqui.

— Posso encontrar outro lugar pra ela — digo a ele.

Consigo resolver isso e garantir para que ambos fiquem bem instalados.

Parece que ele não precisa pensar sobre isso, no entanto.

— Não. — Balança a cabeça, aprumando os ombros. — Não valeria a pena. Vou ter um lugar meu mesmo, em breve.

— Sério? — Agora estou preocupado. Esse novo trabalho parece bom demais para ser verdade. — Você está me deixando nervoso de novo — digo.

Mas ele só volta a rir, pega o aspirador, e eu me junto a ele para puxá-lo para cima.

— Escuta — diz. — Queria fazer a minha primeira tatuagem antes que este trabalho comece. Estava pensando em fazermos uma, juntos. O que você acha? — Ele me olha nervoso, e posso dizer que foi difícil para ele me pedir isso. — Tipo, no próximo fim de semana?

Uma tatuagem?

A última que fiz, ele tinha dois anos, acho. Não é mais minha praia, mas eu definitivamente faria isso por ele. E apenas agradeço muito por ele estar pedindo para fazer qualquer coisa comigo.

— Sim — eu concordo. — Parece ótimo.

Eu já até sei o que quero fazer, a ideia surge na minha cabeça bem

rápido.

— Vamos — ele me cutuca, puxando o aspirador. — Vou te ajudar com isso, e depois eu vou me encontrar com amigos, tá?

— Sim. — Eu puxo o último tubo e o aspirador emerge, escoando água.

Tenho uma coisa para resolver, também.



Acho que nem mesmo alguém com menos de vinte e um anos é permitido neste lugar, a menos que seja um empregado, e é melhor que Jordan não seja. Tenho um pensamento fugaz durante o caminho até aqui, para ligar e prestar queixa de Mick Chan por deixar uma garota de dezenove anos entrar em sua boate de *strip-tease*, mas não é como se eu não tivesse tirado proveito de donos de bar tolerantes quando tinha dezenove, também. Além disso, apenas deixaria Jordan mais irritada. Já consigo ouvi-la dizendo: “Ah, tenho idade suficiente para você cair de boca *lá*, mas não para beber?”.

Porra, sim, legalmente falando. Se quer ser mais meticulosa, de qualquer maneira.

Guardando as chaves no bolso, atravesso o estacionamento e abro a porta do The Hook. A música pulsa nas paredes vibrando sob os meus pés, e inalo o cheiro familiar dos limpadores de carpetes que Mick sempre usa com aroma de orquídea. Cheira igual aos aromatizantes que você sente quando entra em um casino de alto nível, que usam na tentativa de encobrir o odor dos cigarros. Faz muito tempo desde que estive aqui, mas de repente, tenho dezenove anos novamente.

Pago a entrada e entro, paro quando passo pelo bar e vejo o mar de

pessoas no lugar. Jovens rapazes, homens mais velhos, algumas mulheres e casais, luzes roxas sob o palco branco e ondas de fumaça subindo pelo ar das pontas laranja dos cigarros.

Apreensão toma conta de mim. Eu não devia ter vindo.

Deveria sair antes que ela me veja. Ela é adulta, cuidou de si mesma por muito tempo, e aquela vozinha na minha cabeça está certa. Se posso levá-la para a cama e mantê-la acordada a metade da noite, ela tem idade suficiente para fazer suas próprias escolhas. Deveria ser capaz de sair com as amigas. Eu *quero* que ela saia com as amigas.

Só não a quero aqui, porque sei que Mick a quer, ela precisa de dinheiro, e eu deixei a situação dela na minha casa parecer instável esta noite. Ela está chateada, e se começar a pensar que precisa ir embora? E se beber um pouco e decidir que precisa ganhar algum dinheiro extra?

Esfrego a mão pelo cabelo, sentindo o gel que passei e me lembro de como eu me limpei para ela. Até troquei de roupa.

Olho para baixo no terno azul marinho que comprei ano passado para a formatura de Cole, mas não coloquei a gravata esta noite. Só uma camisa branca, aberta na gola e sapatos pretos. Não sei por que calcei isso, porque estou me sentindo um idiota agora, mas acho que só quero que ela saiba que não sou um livro aberto. Posso ser diferente. Eu ainda posso surpreendê-la.

Eu me viro para sair, rezando para que ela não tenha me visto, mas o público no clube aplaude e berra, e minha atenção é atraída para o palco onde um grupo de garotas está enfileirado.

Estão vestidas de todos os jeitos, de jeans a saias e fio-dental, parecendo nervosas, mas rindo e animadas. Algumas mulheres já começaram o concurso, e parece que a vontade de ganhar trezentos dólares agora exige medidas mais extremas do que no meu tempo. Duas mulheres já estão molhadas,

uma mulher mais velha passa jogando baldes de água em cima delas, que alcançam por dentro de suas camisas encharcadas e balançam os seios, depois se viram, sentam sobre as pernas dobradas no chão enquanto rebolam as bundas para o público que ruge. Mais água é despejada por suas costas. Cabeças com cabelo molhado se sacodem, e elas poderiam muito bem estar nuas, porra. Praticamente estão.

Alguns dos rapazes estão filmando com seus celulares, e tenho certeza de que isso não é permitido, mas ninguém se importa. Essas mulheres não são amadoras, são? Jordan não pode fazer essa merda.

Pode?

Bem nessa hora, uma turma de mulheres empurra uma jovem loira no palco, e vejo Jordan resistindo, rindo, mas fazendo não com a cabeça, nervosa.

Mas que po...

Não consigo ouvi-la, mas vejo seus lábios murmurando *não* sem parar conforme ela planta os pés no chão e tenta afastar os braços da irmã.

Alguém a alcança por trás, abre seu pequeno agasalho branco, e eu avanço, mas então um balde de água é jogado em seu peito, e eu paro, momentaneamente congelado no lugar.

Seus olhos se arregalam, a boca abre, e ela parece estar em choque por causa da água fria, sem dúvida, à medida que apenas fica parada lá com as mãos estendidas para a frente, e o casaco agora encharcado quase escorrega de seus braços.

As pontas de seu cabelo estão molhadas, mas as mechas longas e sensuais envolvem seu rosto, e a água escorre pela barriga, fazendo sua pele brilhar.

Onde ela arrumou aquela lingerie? É de cor creme com alças finas e rendadas sobre os ombros, e praticamente transparente. Seus mamilos escuros

estão visíveis daqui, assim como as curvas dos seios enquanto o tecido molhado se agarra ao seu corpo.

E meus olhos pegam fogo à medida que vagueiam pelo lugar em todos os homens a assistindo e assobiando. Ela deveria estar usando isso na minha cama. Não em um maldito palco. Cerro os punhos.

Parece que ela sai do choque, porque do nada, abraça o próprio corpo e sai do palco, deixando o agasalho para trás. Ela desce os degraus e pega a direção do corredor onde ficam os banheiros. Algumas garotas chamam sua atenção ao gritar seu nome, mas ela continua andando com um sorriso tímido, corando para suas amigas. Ou as amigas da irmã dela.

De repente, ela olha para cima e prende os olhos nos meus, parando. As garotas na mesa a veem parar e acompanham seu olhar, olhando entre nós dois.

As linhas marcadas de seu abdome sarado brilham, cobertas de gotas de água, e a visão de sua pele faz meu pau encher de sangue.

Ela vestiu aquilo. Ela o colocou de propósito, o que significa que estava pensando em subir no palco. Ergo os olhos de seu corpo e a encaro, dando um passo para frente.

Minha.

Ela recua um passo.

Eu avanço de novo. E ela também.

— Foi um acidente — solta, as sobrancelhas franzidas formando uma carranca. — Ela estava só brincando. Não preciso de encheção de saco sobre algo que não foi cul...

Eu a alcanço rapidamente e enlaço sua cintura, tocando seu rosto com a mão e trazendo sua boca até a minha.

Ela geme, surpreendida, e não me preocupo com quem está nos vendo

agora. Sem interromper o beijo, eu a conduzo para trás no corredor e depois para um canto.

Ela afasta a boca bruscamente da minha.

— O que você está fazendo?

Mas, Deus, estou faminto. Eu mergulho em seus lábios de novo, provando a sua língua e entremeando os dedos através de seu cabelo macio.

— Não. — Ela se afasta de mim.

Abaixo os braços, meu coração batendo forte e os dedos ainda entorpecidos por sentir sua pele.

— Não vou brigar com você — digo, respirando com dificuldade. — E não vou pedir para que volte pra casa. Eu só quero pedir desculpas.

Ela levanta o queixo, se fingindo de ignorante.

— Pelo quê?

— A pizza, o filme...

— Por me esquecer — acrescenta.

Eu me aproximo dela, tentando manter a calma e as mãos longe dela.

— Não me esqueci de você. Não consigo... te esquecer.

Ela fica quieta, sem desviar os olhos dos meus, e não sei bem o que está acontecendo em sua cabeça, mas preciso dizer a verdade na cara dela. Não quero que reaja porque acredita que não estava dando atenção a ela.

Sem outra palavra, ela vira e segue pelo corredor, empurrando a porta da saída.

— Onde você vai? — Eu a sigo.

— Minha irmã tem uma muda de roupa no carro — responde, ainda impaciente comigo. — Estou bem, e mais tarde eu vou pra casa, tá bom?

Ela chega ao Mustang branco de Cam no estacionamento lotado e vai para o lado do motorista.

— Pare. — Eu me próximo por trás dela, colocando a mão na porta à sua frente . — Me deixe explicar.

Ela se volta para mim, com ar de compreensão no rosto.

— Ah, tenho certeza de que tem uma desculpa. Uma muito boa. Não se preocupe.

Ela vira e segura a maçaneta, porém, preciso que ela me ouça. Só por um segundo.

— Pare. Por favor. — Respiro fundo, olhando sua nuca. — Jordan, eu...

Engulo, só quero que ela se vire e olhe para mim com seu sorriso meigo e olhos gentis de novo.

Abaixo a voz para quase um sussurro:

— Não posso perdê-lo — digo.

Ela fica tensa, e tudo que consigo ouvir é a sua respiração. Ela sentiu algum arrependimento quando acordou esta manhã?

Por fim, Jordan olha para mim, concordando com a cabeça com calma.

— Eu sei — diz devagar. — Portanto você tem que me perder. Entendi. Não quero machucá-lo, também.

Ela começa a abrir a porta, mas recosto minha cabeça em sua nuca e meus olhos se fecham. Ela é como água escorrendo pelos meus dedos e eu estou morrendo aqui.

— Estou me apaixonando por você — sussurro.

Lentamente, ela me encara de novo, e eu não sei se deveria ter dito isso a ela, mas ergo meus olhos cansados, contemplando sua expressão quieta. Os olhos parecem igualmente chocados revelando algo entre desejo e a batalha interior para se segurar.

— Eu sabia que você estava lá fora em algum lugar — revelo, a boca

curvando em um sorriso triste. — As namoradas, mulheres com quem saí, a mãe de Cole... Nunca quis me casar com ninguém, porque não eram o que eu estava procurando. Tinha começado a pensar que minhas expectativas eram altas demais e você não existia. — Seguro firme em sua nuca e acaricio com os polegares a sua garganta. — Acontece que a garota dos meus sonhos pertence à única pessoa pela qual eu morreria se eu magoasse.

Seus olhos se enchem de lágrimas, e eu a puxo, meus lábios encostam em sua testa.

— Não quero te assustar — continuo. — Mas você meio que me assusta, porque eu quero você como preciso do ar pra respirar, e existem...

Ela concorda com a cabeça.

— E existem complicações — ela termina por mim.

Ela se afasta um pouco e olha para longe, e nenhum de nós sabe ao certo o que fazer agora. O problema existe e não vai a lugar algum.

— Precisava de tempo para pensar hoje — explico. — Peço desculpas por tê-la deixado esperando.

— E o que descobriu? — Ela abaixa os olhos, arrancando a merda do meu coração. — Com toda a reflexão feita?

Não hesito porque sei que não conseguiria me impedir.

— Que posso deixar para me sentir culpado amanhã.

Capturo seus lábios e a beijo com força, sentindo-a lentamente se desmanchar contra mim e pressionando seu corpo ao meu. Calor transborda por dentro, e fico duro, descendo as mãos por suas costas, agarrando sua bunda e levantando a perna pela parte de trás do joelho. Deixo um rastro de beijos em seu rosto e pescoço, e ela deixa a cabeça cair para trás, me dando livre acesso a pressionando no carro e mordisco a garganta e clavícula.

— Pike, alguém vai ver a gente — implora.

Mas estou esfomeado por ela. A alça da lingerie desliza do ombro, e abaixo a taça de seu seio e vou com sede ao pote, abocanhando a sua carne, mamilo e tudo.

Ela arfa.

— Pike. Oh, nossa...

Ela geme à medida que eu beijo e chupo, mordiscando a pele de seu mamilo.

— Puta merda, nós precisamos ir pra casa — gemo. — Ou vou te comer aqui mesmo.

— Oi, Pike — alguém chama.

Levanto a cabeça, Jordan grita, e eu a envolvo com os braços assim que ela se afunda no meu peito, tentando esconder o corpo quase nu.

— Merda — rosno e viro a cabeça, vendo Ben Lovell em sua viatura da polícia, parando ao nosso lado. Como não o ouvimos se aproximar?

— Ben — digo, respirando com dificuldade. — Mas o que é isso?

Ele está fazendo um péssimo trabalho em esconder seu divertimento quando responde:

— Só fazendo minhas rondas, cara — diz. — É a garota do Chip Hadley que está com você?

— Não é da sua conta. — Eu me mexo, tentando garantir que Jordan esteja escondida.

Mas ele ainda tenta olhar para ela.

— Você está bem, querida? — pergunta, ainda sorrindo.

Ela abraça seu próprio corpo, cobrindo sua nudez enquanto morde os lábios para esconder o sorriso.

— Hum, sim, senhor.

Ele ri e balança a cabeça.

— Caramba — murmura, saindo com a viatura lentamente.

Espero ele sair do estacionamento antes de me virar para Jordan.

— Não se preocupe. Ele não vai dizer nada.

Lovell não é fofoqueiro.

Ela rapidamente sobe a alça da lingerie e cruza os braços, olhando em volta nervosamente.

— Vamos. — Pego sua mão, levando-a para a minha caminhonete. — Vamos pra casa e dar um mergulho.

— Pelados? — provoca.

Abro a porta para ela, balançando a cabeça.

— Não — respondo. — Use aquele biquíni de cortininha. Estou morrendo de vontade de tirar aquela peça do seu corpo.

Ela sorri e senta no banco, e dou a volta na frente da caminhonete, abrindo a porta. Ela pega o telefone, provavelmente enviando uma mensagem para avisar a irmã que está indo embora, e eu dou a partida, acelerando.

Antes mesmo de sairmos do estacionamento, ela rasteja ao meu lado e começa a mordiscar meu pescoço.

— Falando em ternos... — diz, deslizando a mão por dentro do blazer, e me acariciando. — Poderia me acostumar com essa sua aparência.

— Não — aviso. — É só para ocasiões especiais.

— E eu sou uma ocasião especial?

— Acho que você sabe que é — brinco. — Não amplio minha zona de conforto para qualquer uma.

Eu lhe dou um sorriso, nem um pouco aborrecido que ela virou todo o meu mundo, cuidadosamente construído e chato, de cabeça para baixo. Estou fazendo coisas que normalmente não faria, só para agradá-la, mas ela também está fazendo com que eu sinta coisas que não sinto há muito tempo. Algumas

delas pela primeira vez. Eu realmente me encontrei hoje fazendo uma lista na cabeça sobre todas as coisas que quero fazer com ela. Levá-la em jogos de beisebol e viagens, e até fucei na porra do *eBay* hoje por fitas cassete dos anos 80 que imaginei que pudessem surpreendê-la, como se eu ainda fosse estar por perto para os feriados e seu aniversário no ano que vem, pelo amor de Deus.

Ela me deixa animado por tudo que há por vir. Seja lá o que for.

Eu me viro para ela, tentando manter um olho na pista e a beijando ao mesmo tempo, mas acabo rindo.

— Ponha o cinto. Você vai me meter em apuros.

Ela volta a sentar no seu lugar e se ajeita, puxando o cinto de segurança.

— Ah — digo, olhando para ela —, e eu sei que Mick quer te contratar. Você não vai trabalhar lá. Você me entendeu?

Ela descansa a cabeça no banco, olhando através do para-brisa.

— Ah, agora está estabelecendo a lei?

— Não gosto de me preocupar. Isso fica resolvido agora.

Acho que ela não está falando sério mesmo, mas gosto de coisas muito bem esclarecidas.

Ela apenas dá de ombros.

— Minha irmã ganha um bom dinheiro. Ela não está prejudicando ninguém, e eu não vou permitir que ninguém me sustente. — Ela pausa e continua: — Acredito que farei o que for necessário. E realmente não preciso da sua permissão, sabe?

Franzo as sobrancelhas, sentindo a irritação enfiar suas garras em mim.

Mas então eu me lembro da forma com que precisou ser empurrada no palco hoje à noite, obviamente decidindo que um concurso de camiseta molhada não era para ela, não importando se estivesse vestida ou não.

Solto uma risadinha sarcástica, lembrando de como ela reclamou.

— Nem sei porque eu estou preocupado — digo, minha voz cheia de humor. — Você é uma boa garota. Não tem o que é preciso para trabalhar lá.

— Não sou uma garota.

Aperto os lábios para não rir, mas é difícil. Eu sei, eu sei, ela é uma *mulher*.

— E se Dutch ou aquele merdinha do Jay ou algum dos rapazes que trabalham para mim aparecerem? — pressiono. — Você será capaz de usar um biquíni atrás do bar e servir bebidas a eles, ou pior ainda, tirar suas roupas e dançar para eles? Vai deixar que te usem para se masturbarem? Vai sentar no colo deles e se esfregar lá por quarenta dólares?

Não consigo deixar de rir baixinho diante dessa ideia ridícula. Se ela pensar mesmo nisso, e mentalmente se colocar nessa situação, saberá que é um absurdo.

Ela vira a cabeça para mim.

—Você está rindo de mim?

— Estou dizendo que conheço você — digo, meu tom normalizando. — Você e eu sabemos que não tem coragem mais do que eu pra isso, então vamos parar de perder tempo discutindo sobre algo que nunca vai acontecer.

Ela desvia o olhar e fica quieta, mas vejo seu maxilar tenso quando encara o para-brisa. Supor que eu conheça seus pensamentos mais do que ela mesma, provavelmente, é arrogância, porém ela está agindo feito uma criança, mantendo essa farsa. Ela tem mais senso do que isso e eu não gosto de joguinhos. Jordan sabe que nunca seria capaz de lidar com aquele público, e definitivamente não vai conseguir tirar a roupa e dançar nua. É bem provável que ficaria tão envergonhada de ser vista que cairia em lágrimas.

Sete minutos depois, porém, paro na entrada da garagem e ela desce

antes mesmo de eu desligar o motor.

— Jordan? — chamo, abrindo a minha porta.

Mas que merda? Nós não estamos brigando de novo, estamos?

Porém ela olha por cima do ombro caminhando em direção à varanda.

— Só vou vestir meu biquíni.

Eu permaneço ali, girando o chaveiro no dedo. Tuuudo beeeem.

Sinto uma sensação estranha e minha nuca começa a pinicar, e viro a cabeça, percorrendo com os olhos a vizinhança à procura do carro de Cole ou de sua mãe. Depois, olho para as janelas das casas mais próximas, procurando cortinas ou movimentos repentinos.

Tenho certeza de que estão falando de nós pelo bairro a essa altura.

As pessoas reparam nas coisas, e Cole raramente está aqui, enquanto que a namorada dele e eu estamos o tempo todo juntos. Não vai demorar muito para que cheguem às suas próprias conclusões.

Assim que entro, não vejo Jordan em lugar nenhum. Subo e passo pelo seu quarto fechado e vou para o meu, para colocar uma bermuda. Ela ainda está no quarto quando eu saio, e desço as escadas para pegar algumas garrafas de água e acender as luzes do quintal. A piscina se ilumina, e eu ligo o rádio que fica embaixo do armário, uma música com uma garota cantando algo sobre “Guys My Age” toca na estação que Jordan deixa sintonizada.

Meu telefone apita com um toque desconhecido e ando até a ilha central para pegá-lo.

Jordan. Por que ela está me chamando pelo Facetime?

Respondendo, eu a vejo aparecer na tela, mas ela está olhando para mim, como se seu telefone estivesse apoiado em algo mais abaixo dela. Tipo, em sua escrivaninha. O cabelo está ao redor dela, e não consigo ver nada além do brilho da luz no teto.

— O que você está fazendo? — pergunto, carregando o telefone para a sala.

Mas ela permanece em silêncio.

Sento no sofá, apoiando os cotovelos nos joelhos e a observo. Um pequeno sorriso brinca em seus lábios enquanto ela move a cabeça da esquerda para a direita, e posso dizer que ela está brincando comigo. Jordan se levanta, e o rosto dela some, mas seu belo corpo aparece, e vejo que está usando o biquíni de cortininha.

Meu coração acelera e tenho que lutar para não sorrir. Seus seios se sobressaem para fora do pequeno tecido rosa, as alças finas parecem tão delicadas contra sua pele bronzeada. Quero pedir a ela para se virar, só que prefiro tê-la aqui.

A tela desfoca, e vejo que está reposicionando o telefone mais para trás, e quando ela aparece de novo, posso ver parte da mesa, seu corpo e rosto agora. Ela se inclina na mesa, me olhando com um olhar sensual, seus braços pressionando o corpo e, coincidentemente, os seios, também.

Dou um sorriso de canto de boca.

— Sim, Jordan?

— Não sou uma menina — diz ela, seu sorriso desaparecendo de repente.

Um tremor me atravessa e eu sabia que isso era bom demais para ser verdade. Ela está me provocando, e não vai descer agora.

Suspiro e relaxo no sofá.

— Então pare de agir feito uma — respondo.

Ela olha para baixo, prendendo-me com seus olhos desafiadores.

— Não sou uma menina — repete.

E eu vejo quando ela alcança uma mão atrás do pescoço e a outra atrás

das costas puxando as duas alças. Os minúsculos pedaços lamentáveis de tecido caem de seu corpo no chão.

Engulo um nó duro ao vê-la. *Eu que faria isso, caramba.*

Seus mamilos duros me chamam a atenção, e a pele das minhas palmas vibram com a lembrança dela em minhas mãos. Sinto um frio na barriga e meu pau já está inchando de desejo.

Por favor, não faça isso comigo.

Mas não sou capaz de desviar o olhar.

Não consigo ouvir a música em seu quarto, ou talvez ela esteja ouvindo a minha na cozinha, mas ela começa a balançar um pouco rebolando os quadris, fechando os olhos e passando as mãos de cima a baixo por todo o corpo, rosto e cabelo. Ela parece uma sobremesa.

Mordendo o lábio inferior, ela brinca comigo, acariciando os seios e deslizando as mãos pela barriga, brincando com a borda inferior da calcinha do biquíni, ameaçando descê-lo.

Ela me provoca com os olhos e com a promessa de ver algo de bom. Igual a uma *stripper*.

A ficha cai, e eu finalmente sei o que ela está fazendo.

Sacudindo a cabeça, meu corpo incendeia por ela.

— Você não consegue fazer isso — provoco.

Ela não pode fazer *strip-tease* e dançar.

— Você está certo — diz, virando-se e olhando para mim por cima do ombro. — Não consigo fazer isso. Sou apenas uma garotinha, né? Uma garotinha boba.

Ela fica de frente para mim de novo, dando um sorriso tímido abaixando celular, e percebo que ela se esfregando no canto arredondado da escrivaninha. Ainda de pé, ela coloca uma das mãos na escrivaninha e a outra na

parede, acho, com o canto da mesa de madeira descansando entre as pernas.

E vejo quando ela lentamente começa a se mexer. Os quadris rebolam e o abdome sobe e desce ao respirar à medida que sua bunda move e se esfrega sobre a mesa, e consigo ouvir o atrito do tecido por cima de sua boceta roçando na madeira.

Puta que pariu. Meu peito sobe e desce mais rápido a contemplando fazer a coisa mais linda que já vi. Deus, eu amo observá-la. Seus seios balançam com o movimento, saltando um pouco quando ela começa a ir mais forte, e minha boca fica tão seca que não consigo engolir.

— Você quer me ver fazer isso? — brinca, seus grandes olhos me dizendo que sabe muito bem que eu gosto do que estou vendo.

— Pare de palhaçada e desça aqui.

Ela deixa cair a cabeça para trás, passando os dedos pelo rosto e corpo, segurando um seio e apertando-o antes de arrastar a mão pela barriga.

— Eu te disse que tinha um vibrador — diz, olhando para mim de novo. — Eu não o uso, no entanto. — Ela aumenta a velocidade, e posso ouvir que o atrito ficou mais forte. — Gosto de estar no controle. Gosto de me esforçar, como se eu estivesse fodendo alguém de verdade.

Molho os lábios.

— Jordan...

— Shhh...

Ela abre a boca e geme e, depois levanta um joelho, colocando-o sobre a mesa para abrir bem as pernas. Suor esfria minha testa e eu me sento direito, inclinando-me para frente de novo.

— Gosto de você me observando — comenta. — Sempre me observou, não foi? Sempre quis se divertir comigo.

Hesito, sabendo que ela está dizendo a verdade. Eu a quis desde a

primeira vez que a vi.

— Está tudo bem — sussurra. — Eu sempre soube e sempre gostei. Continue me observando, Sr. Lawson.

Engulo, a boca ainda muito seca.

— Estou — sussurro.

— Oh, merda — geme.

Meus olhos queimam e estou desesperado para piscar, mas não consigo afastar o olhar dela. Quase posso senti-la. Como se o canto da mesa fosse meus dedos sendo fodidos por ela, e sua carne macia se esfregando na minha mão. Ou na porra da minha boca, não me importo. Nunca senti ciúmes de um objeto inanimado.

— Coloque o telefone na cama — peço. — Eu quero te ver por trás.

Ela desacelera os movimentos, tremendo e respirando com dificuldade, e posso dizer que a interrompi quando estava quase gozando.

Oh, bem, ela vai ter que se esforçar mais para consegui-lo de volta.

Levando o telefone para a cama, ela o apoia contra algo e rapidamente olha para trás e para frente entre a tela e a escrivaninha para ter certeza de que está aparecendo, e então volta para o canto da mesa.

Passando as mãos pelo cabelo, ela olha para mim por cima do ombro, sorrindo. Cerro o punho, ansioso para sentir aquela bunda empinada.

Mas antes de levantar o joelho outra vez, ela desliza os dedos sob a borda do biquíni e o desliza, parando logo abaixo da bunda. E ela o deixa ali. Plantando as mãos sobre a tampa da mesa, ela se inclina, levanta o joelho e arqueia as costas para mim, empinando a bunda quando começa a se masturbar no canto da mesa.

De costas, o cabelo espalhado, seu jeito de mover e provocar... Abaixo a mão e ajeito meu pau, agora dolorosamente duro e pronto. Só em vê-la assim,

estou morrendo.

— Mmmm, é disso que eu gosto — ela ofega, encontrando meus olhos por cima do ombro. — Me observe. Assista enquanto eu me fodo por você. Farei o que você disser. É tudo pra você.

Ela se esfrega mais duro, mais forte e mais rápido, e não tenho certeza se quero sua boceta na minha boca ou ao redor do meu pau primeiro. Vou pegá-la por trás hoje à noite. Preciso tê-la nessa posição.

— Jordan... — O telefone estala na minha mão.

— Você gosta? — provoca. — Gosta quando me toco pra você?

— Baby. — Eu me levanto do sofá.

Preciso dela.

— Mmm, gosto de você assistindo — geme. — Estou sendo boa agora?

Não tiro os olhos dela conforme subo as escadas.

— Eu gostaria que houvesse mais dez de você me vendo — diz. — Me querendo.

Se houvesse mais um de mim, ela teria um grande problema hoje.

— Pike, estou tão encharcada. Você deslizaria facilmente dentro de mim.

Meu pau pula e pulsa, e chego em sua porta girando a maçaneta.

— Gosta disso? — Ela bombeia mais rápido. — Estou tão excitada e molhada pra você.

A porta está trancada e eu sacudo a maçaneta, morrendo de vontade de entrar.

— Jordan? — chamo, sem um pingo de paciência. — Abra a porta.

— Oh, Pike. Minha nossa...

Olho para a tela de novo, vendo seu maldito cabelo perto de alcançar a

bunda quando ela joga a cabeça para trás e fode a mesa. Deus, essa bunda...

— Mais, mais, mais, mais... — geme. — Vou gozar. Santo Deus. Sim!

— Jordan, merda... — Puxo a porta bruscamente, prestes a derrubá-la. — Abra a porta.

Não goze sem mim.

— Porra! — grita, gemendo e ofegando. — Isso! Assim... Assim... Assim.

Sua voz fica mais baixa e calma enquanto sente o êxtase, gozando do outro lado da porta e terminando sem mim.

— Jordan?

Porra, eu não a quero satisfeita ainda.

Mas a porta não se abre, e quando olho para o telefone, os movimentos dela desaceleram, apenas um rangido baixinho e os pequenos sons saindo dela assim que termina de gozar. Eu vou dobrá-la sobre a porra daquela escrivaninha agora mesmo.

— Jordan, Jesus, abra a porta — rosno.

Ela se endireita, colocando o pé de volta no chão e veste a parte de baixo do biquíni. Andando até a cama, ela se inclina e encontra meus olhos, com um ar sonhador no rosto.

— Adoro ver que você gostou — diz, a doce expressão de contentamento em seu rosto. — Amo ver que consigo prender sua atenção. E não só *consigo* fazer isso, Pike, mas acho que também gostei.

Ela dá um sorrisinho.

Sacudo a maçaneta da porta novamente.

— Jordan, abra a porta.

Ela só faz *tsc*.

— Eu gostaria de abrir, baby, mas... — Suspira. — A dança acabou, e

você não tem permissão para tocar nas garotas. — E então ela dá uma piscadinha. — Noite, querido.

A tela apaga quando ela encerra a ligação e todo o corredor fica escuro de repente. Eu fico parado ali, tentando descobrir se está realmente fazendo o que acho que está fazendo quando a luz sob a porta desaparece, também, e percebo que apagou as luzes do quarto.

Ela vai dormir?

Sacudo a porta.

— Jordan! — brado. — Que porra é essa?

Escuto uma gaveta abrir e fechar e depois a cama ranger com o peso. Após alguns segundos, não escuto mais nada e meus piores receios se tornaram realidade. Estou de pau duro. O que ela faria se eu derrubasse a porta agora mesmo? Merda!

Encosto a testa na porta e estou prestes a desistir do meu título de homem e chorar.

— Quando eu te pegar, você vai ver só — aviso. — Eu te prometo. Vou acabar com você.

Meu telefone apita e olho para baixo, abrindo a tela.

Vá dormir

Diz a mensagem.

Meu estômago revira, e estou meio tentado entre descer e colocar música no último volume para que ela não consiga dormir enquanto extravaso um pouco de energia dando voltas na piscina ou arrumando outra briga para tirá-la da cama novamente.

Está tarde, porém, e se eu fizer exercícios agora, ficarei acordado por horas. Tenho a mão e a Internet, não tenho? Embora eu não precise de

pornografia quando só a memória dela de instantes atrás ainda não saiu da minha cabeça tempo suficiente para amolecer meu pau.

Seguindo para o meu quarto, bato a porta atrás de mim e me deito na cama, esfregando minha virilha dolorida.

Outra mensagem chega.

E não se masturbe

Diz.

Cerro os dentes e jogo o telefone de lado, ouvindo-o bater na cômoda e cair no chão.

É melhor eu acordar e encontrá-la no meu pau logo cedo ou ninguém estará a salvo amanhã.

CAPÍTULO 21

JORDAN

Não demorou tanto para eu dormir ontem à noite quanto pensei que demoraria. Momentos depois que enviei a última mensagem, ouvi algo bater na parede do quarto de Pike, e eu meio que me senti um pouco mal, mas também sorri, me sentindo ligeiramente poderosa, também. Mexer com ele não era meu objetivo, embora, eu adore que sejamos bons em afetar um ao outro.

Eu só queria mostrar a ele que sou capaz de mais do que ele pensa que sou e não aprecio as pessoas me dizendo o que estou pensando.

Então, quando ele tentou entrar no quarto, eu o queria muito – suas mãos, boca, as palavras –, mas sempre perdoo muito facilmente, e não quero mais ser aquela garota. Mesmo que Pike seja um dos bons – e tenho certeza de que ele é – precisava provar a mim mesma que mereço o esforço e a espera. Era necessário elevar a minha moral e não dar a todos o que querem de mim tão facilmente. Tenho sido boba há muito tempo. Jay, Cole, meus pais...

E adormeci, orgulhosa por ser mais forte.

Agora hoje, por outro lado... Ele pode ter o quanto quiser, porque não aguento mais esperar também. Depois de dizer a ele para não se masturbar ontem à noite, me obriguei a agir da mesma forma hoje, e a primeira coisa que

vou fazer quando o vir é tirar sua camiseta, porque eu o amo só de jeans.

A temperatura está quente no momento, mas está um pouco encoberto, mantendo o calor suportável, e eu deito na grama de bruços, ouvindo Don Henley no toca-fitas enquanto folheio o catálogo dos cursos de outono da minha universidade. Eu já me inscrevi para o próximo semestre, mas estou pensando em me inscrever em mais um.

Meus tornozelos estão cruzados, balançando para frente e para trás, quando meu telefone toca. Eu o alcanço e o pego da grama. Olhando na tela, franzo o cenho.

O que Dutch quer?

Colocando no ouvido, eu atendo.

— Oi — digo. — Está tudo bem?

Minha cabeça desconfiada vai direto para Pike e algum acidente horrível com qualquer uma das máquinas com as quais ele trabalha.

— Uh, sim, desculpe incomodá-la — ele diz. — Você sabe o que tem de errado com Pike hoje?

— O que você quer dizer?

— Bem, ele está de péssimo humor — lamenta. — Todo mundo está com medo de chegar perto dele. Está esbravejando com todos, ele martelou cerca de oitenta pregos em cada placa de gesso que pendurou, e então acidentalmente aceitou o carregamento errado de madeira, o que resultou numa birra bem interessante, que me fez lembrar da minha filha de doze anos. Tem sido estranho.

Solto uma risada, mas depois aperto a mão sobre a boca para abafá-la.

— Um... — Procuro pelo que dizer, as risadas sufocando minha garganta. — Não faço ideia, na verdade.

Bem, tenho uma boa noção.

— Bem, esteja avisada, querida — diz. — Ele está indo pra casa e não

sei qual é o problema dele.

Meu corpo estremece com uma risada silenciosa e, nesse instante, vejo a caminhonete de Pike rugindo pela rua. Até o motor dele parece puto.

— Tudo bem — digo a Dutch. — Tenho que ir.

Desligo, sem esperar pela despedida dele, e vejo quando Pike entra na garagem, a caminhonete cantando pneu ao parar. Olho para o celular, vendo que são só quatro da tarde. Ele saiu bem mais cedo.

Ele olha para mim na grama, e seus olhos se concentram, raiva e intensidade fluindo como se eu estivesse prestes a levar a enorme surra que mereço.

Coloco um olhar tímido no rosto e arqueio as costas, empinando o bumbum e, depois balanço as pernas mais devagar para chamar a atenção dele para o meu corpo.

Ele sai da caminhonete e fecha a porta com força, e não consigo esconder meu sorriso de satisfação quando ele se aproxima, nenhum de nós é capaz de desviar o olhar.

— Eu não estou rindo — ressalta com severidade. — Agora entre e tire as roupas. Tive o dia inteiro pra sonhar com o parque de diversões que vou fazer com seu corpo esta noite, garota.

Uma onda de excitação se aloja em meus pulmões e não consigo respirar. Posso ver todas as promessas do que está por vir em seus olhos, e não posso mais mentir ou brincar com ele. Eu o quero, também.

Segurando seu olhar com o meu, eu me levanto, e seus olhos percorrem meu corpo conforme volto pra casa, sem pressa.

E ele me acompanha.

Mas então uma voz passa por cima de seu ombro, nos interrompendo.

— Pike, oi! — uma mulher chama.

Nós dois paramos e vejo a Sra. Taft, uma das vizinhas, parada atrás dele.

— Como você tem passado? — pergunta.

Ele range os dentes, fecha os olhos e parece prestes a bater em alguma coisa. Minha barriga treme com a risada que não deixo escapar.

Ele se vira rapidamente, colocando um sorriso falso no rosto.

— Constance, oi — diz ele, quase soando animado. — Estou bem. Apenas ocupado.

Ela acena com a cabeça e olha em volta do ombro dele.

— Oi, Jordan.

— Olá, Sra. Taft.

Ando até o lado de Pike, colocando as mãos nos bolsos.

Ela alisa a mão pelo cabelo castanho em um rabo de cavalo, segurando a coleira do cachorro da raça Cavalier King Charles Spaniel com quem estava andando desde que saí para deitar na grama há meia hora. Ela olha para Pike.

— Não tenho visto seu filho ultimamente.

— Ah, sim. Ele também está... ocupado... — Pike gagueja tentando inventar alguma desculpa. — Precisa de algo?

— Bem, ouvi dizer que Jordan trabalhava de babá. — Ela olha para mim. — Tem interesse? Vai ter uma festa em comemoração da casa nova do Kuhl do outro lado do rio — ela diz a Pike. — Você deveria vir comigo. Relaxar. Só preciso de alguém para cuidar das crianças, no entanto.

— Hoje à noite? — ele deixa escapar.

Mas ela não o responde, só olha para mim.

— Jordan, o que você acha? Eu sei que não tem mais quinze anos, mas pensei que deveria tentar.

— Sim, claro...

— Não — Pike me interrompe.

Fecho os olhos. *Jesus, Pike*. Isso foi realmente discreto e nada óbvio.

Constance olha para ele, surpresa.

— Ela tem aula de manhã — ele explica depressa.

É, tenho aula no domingo.

— E, alguns afazeres da casa — acrescenta, lançando-me um olhar bravo. — Que ela tem sido péssima por não deixar em ordem.

É, Sra. Taft. Depois de lavar a louça, tenho que cuidar do Sr. Lawson, portanto...

— Sinto muito — ele diz.

Ela olha entre nós, e sabe que tem alguma coisa acontecendo porque ele está agindo muito estranho agora, mas ela reage com classe.

— Oh, não se preocupe — ela canta. — Talvez outra hora.

Eu sorrio para ela e aceno, tentando me recuperar do constrangimento e agradecida quando ela finalmente se afasta.

Pike e eu ficamos parados ali por um momento, e estou tentando avaliar como, se ainda não estão falando sobre nós, estarão depois disso.

— Sr. Lawson... — repreendo, balançando a cabeça.

Eu me viro e começo a ir para dentro, e quando olho para trás, ele está me seguindo, com os olhos fixos nos meus.

— As pessoas estão vendo — eu digo. — É melhor você não me seguir. Vai parecer estranho.

Vejo seus olhos dispararem da esquerda para a direita, observando os muitos vizinhos trabalhando nos gramados, brincando com os filhos do lado de fora ou sentados em suas varandas. Eu realmente não me importo, mas sei que ele, sim.

Com sua passada longa, ele está nas minhas costas em pouco tempo, e

sinto o corpo inteiro formigar enquanto me apresso, abro a porta e entro. Seu corpo praticamente me empurra, a porta se fecha atrás de nós, protegendo-nos do mundo exterior, e ele me gira e me puxa em seus braços. Só tenho um segundo para inspirar antes que a sua boca esteja na minha, uma das mãos me segurando pela nuca, e o outro braço em volta da minha cintura, me pressionando contra ele com tanta força que mal consigo respirar.

Mas Deus, não estou nem aí. Eu me sinto quente e cercada pelo seu cheiro, e ele parece tão fora de si que está me levando com ele. Circulando os braços em seu pescoço, abro as pernas quando ele me levanta e travo os tornozelos atrás de suas costas.

— Merda, baby, estou sujo — diz, ainda devorando meus lábios. — Preciso tomar um banho.

— Vamos tomar um depois — gemo, afastando-me só um pouco.

Ele me leva para a cozinha e me coloca na mesa. Puxo e tiro sua camisa, interrompendo o beijo por um segundo antes de nossos braços estarem ao redor um do outro. Ele se inclina sobre mim, me obrigando a ir um pouco para trás aprofundando o beijo.

— Eu não via a hora de chegar em casa — sussurra. — Você não sabe o quanto tentei me controlar hoje.

— Quanto? — Remexo no seu cinto, frenética para tirá-lo.

— Estava num humor do caralho — resmungou. — Eu não consegui parar de pensar em você. Tudo que eu queria era isso. — Suas mãos descem pelas minhas costelas, e ele me empurra para trás subindo minha camiseta e sutiã acima dos seios. Deito na mesa e ele mergulha, mordendo e lambendo meus mamilos.

Fecho os olhos e gemo, me contorcendo debaixo dele e arqueando as costas, sem saber direito se estou tentando chegar mais perto de sua boca, ou se é

demais para aguentar. Posso sentir seus lábios até os dedos dos pés.

Calor enche minha boceta encharcada, e observo quando sua língua quente se agita sobre o botão endurecido do mamilo, meu clitóris pulsando tão forte que não consigo respirar. Tremo, uma explosão de prazer me devastando e me aquecendo inteira. Meus olhos rolam para trás da cabeça e eu grito.

Merda! Merda, merda, merda...

Estremeço, abrindo os olhos, um pouco assustada.

Olho para baixo, vendo Pike me encarar.

— Você acabou de gozar? — pergunta, seus olhos arregalados de espanto.

Engulo, a boca subitamente seca e faço que sim com a cabeça.

— É. Acho que sim.

Suas sobrancelhas sobem.

— Gosta de beijos nos seios, hein?

— Gosto quando você me beija em qualquer parte.

Ele levanta e me puxa, mantendo os olhos fixos nos meus, desabotoando meu short.

— Você foi tão incrível ontem à noite.

Meus olhos se iluminam.

— Então, fui bem, hein? — Talvez exista uma dançarina dentro de mim, afinal.

Mas ele apenas ergue uma sobrancelha.

— Não tenha ideias. Não será assim com mais ninguém.

Meu short cai no chão, ele me vira, e eu planto as mãos na mesa para me apoiar. Escuto uma embalagem rasgando e depois o barulho de seu cinto quando ele abre o jeans. Minhas coxas tremem, de tão excitada que estou do que está por vir. Graças a Deus as cortinas estão fechadas.

Arqueando as costas, abro as pernas para ele e olho por cima do ombro.

— Desculpa por ter feito aquilo com você na noite passada — digo.

Ele tira o pênis para fora da calça e coloca o preservativo, e depois se aproxima, envolvendo a mão no meu pescoço e me beijando com força.

— Quer dizer, não estou tão arrependida assim, acho — ofego contra seus lábios. — Isto aqui fez valer a pena.

Pode apostar que sim. Ele está tão excitado agora. Bem, sempre está, mas...

Tirando a calcinha, ele agarra meus quadris e guia seu pau para a minha entrada. Assim que está encaixado, ele me puxa contra o seu corpo, e sou repartida ao meio, ofegando e estremecendo quando seu pau desliza dentro de mim.

— Oh, meu Deus... — suspiro, minha cabeça afundando, porque estou tremendo tanto.

Ele não dá tempo para eu me recuperar, e tudo que posso fazer é aguentar ele me segurando apertado com as mãos e me fodendo. Ergo o joelho direito sobre a mesa e me inclino um pouco mais para frente, seu comprimento deslizando mais profundo e me fazendo gemer.

Ele ofega intensamente, grunhindo no meu ouvido, e suas mãos estão por todo o lugar à medida que alcança ao redor, uma mão apertando meu seio e a outra mergulhando entre as minhas pernas para esfregar o clitóris.

— Você consegue outra vez mais tarde, né? — pergunto por cima do ombro.

— Está me insultando — resmunga no meu ouvido. — Acha que eu não sou capaz de te acompanhar?

— É que eu quero muito...

— Quer o quê?

Abro a boca, sussurrando contra seus lábios enquanto nossos corpos se encontram de novo e de novo.

— Eu quero te chupar. — Roço os lábios nos dele, provocando-o. — Quero te sentir na minha boca.

Ele exala com força, cerrando os dentes e fechando os olhos.

— Jordan... — E balança a cabeça quase como um aviso.

Eu o beijo, nossos lábios pairam um sobre o outro conforme o suor desliza pelas minhas costas.

— Você quer seu pau na minha boca? — sussurro.

Ele morde meu lábio inferior suavemente e o solta.

— Diga isso de novo.

— Eu quero chupar seu pau — repito.

Seu pênis me bate igual a um martelo, e meus dedos enrolam, sentindo o orgasmo.

— Quero te lamber — sussurro. — E te provar e fazer você gozar.

Seus dedos cravam na minha pele, e o topo das coxas doem onde continuam batendo na mesa, mas ele está me fazendo gozar de novo, e nada no mundo já me fez sentir tão bem. Estou quase lá.

Agito a língua no seu lábio, fogo se espalhando pelas coxas e me sacudindo por dentro.

— Por favor? — sussurro, voltando a falar de seu pau e provocando-o, também. — Fode a minha boca hoje?

— Jordan, Jesus! — grita, e ele agarra minha nuca e me estoca com tanta força, que não consigo falar nem se quisesse.

Nós dois gozamos, meus dedos ficando brancos ao cravar as unhas na mesa, enrijecendo e apertando cada maldito músculo do meu corpo.

— Pike! — gemo alto. — Puta merda.

Eu me abaixo na mesa, abraçando-me, fechando os olhos e sentindo-o pulsar dentro de mim. Sua mão está estendida ao lado da minha cabeça, e ele paira, respirando com dificuldade e empurrando mais algumas vezes.

Quero que ele goze dentro de mim. Quero que ele derrame em mim e quero sentir isso. Estou tomando pílula e não tenho nenhuma doença. Assim que souber se ele também é saudável, vou dizer a ele que as malditas borrachas podem ir para a porra do lixo.

Talvez eu o provoque via vídeo novamente se sua frustração reprimida me fizer gozar assim.

Alguns momentos depois, minha respiração volta ao normal e estou exausta.

— Sabe que estou te provocando, né? — confesso. — Eu só farei isso pra você.

Sua mão desliza pelas minhas costas úmidas, e o escuto inalar como se estivesse prestes a falar, mas então uma batida forte soa na porta.

— Jordan! — uma voz grita. — Jordan, você está em casa ou não?

Nós dois levantamos de supetão, meu coração acelerando. *Cam*.

Pike sai de mim e eu puxo a calcinha para cima, rapidamente me atrapalhando para arrumar o sutiã e camisa. Ouço a lata de lixo fechar, e então Pike está ao meu lado, vestindo sua camiseta e eu, as minhas roupas.

Bem nessa hora a porta da frente abre com tudo e escuto a voz de Cam.

— Jordan! — ela chama de dentro da casa.

— Que porra é essa? — Pike resmunga baixinho, lançando-me um olhar assustado assim que Cam entra na cozinha.

Pike se afasta um pouco de mim, passando a mão pelo cabelo ao

mesmo tempo em que eu fecho meu short.

Cam olha para nós, seus olhos passando de Pike para mim, claramente compreendendo nossa confusão.

— Oi — diz, um tom suspeito em sua voz.

Molho os lábios secos, tentando recuperar o fôlego.

— Oi — respondo. — Então, começou a invadir casas agora?

— Estava batendo na porta e tocando a campainha — ressalta, seu choque indo embora e agora substituído por diversão. — Eu vi os dois carros do lado de fora, então sabia que você estava em casa.

Um silêncio desconfortável segue enquanto ela olha para Pike com um sorriso nos olhos e para mim com as sobrancelhas levantadas.

Pike parece que quer fugir. Ele se endireita, apontando o polegar para o quintal.

— Vou colocar alguns cachorros-quentes na grelha para o jantar.

E pega um pacote da geladeira saindo para o quintal, depressa.

Assim que ele sai, Cam fica boquiaberta com os olhos arregalados para mim.

— Puta merda! — gesticula com a boca.

— Shhh... — digo, olhando preocupada na direção em que Pike saiu.

— É sério isso? Como foi? — Ela vem até mim e passa o dedo na minha testa úmida. — Bom assim, hein?

Não consigo deixar de soltar uma risadinha, porque não sei mais o que fazer. Não consigo pensar direito agora.

Tenho certeza de que estou corando.

— Awww... — Ela olha para mim com amor, esfregando meu braço. — Estou feliz por você. É avassalador, né? Trepar com alguém que é realmente bom nisso.

É. Não que Cole fosse ruim, por assim dizer. Só é diferente com o Pike. Ele está na minha cabeça mais do que qualquer um já esteve.

— Bem, divirta-se — diz, indo até a geladeira e pegando um refrigerante. — Só não fique grávida, tá?

— Por quê? — deixo escapar, mas então percebo como soou. — Quero dizer, não que eu esteja planejando. Tenho dezenove. — Eu me aproximo dela. — Mas você não disse isso quando namorei outros caras. Por que com o Pike?

— Porque você está se divertindo — avisa, fechando a geladeira e virando-se para mim. — E isso pode ser tudo o que ele está tendo, também. Apenas tenha cuidado.

As palavras meio que me apunhalam. Ela está certa? É só o que estamos fazendo?

— Você pode desfrutar de um homem estável que tem um emprego e uma carteira de motorista válida ao mesmo tempo — esclarece. — E ele tem uma jovem gostosa em sua cama. Aproveite enquanto durar. — Ela cutuca meu queixo como se eu tivesse cinco anos. — Só não tenha esperanças. Fica esperta.

Não alimentar as minhas esperanças.

Mas acho que elas já me fizeram explodir quando eu não estava prestando atenção.

Sinto o cheiro do cachorro-quente assando no quintal, mas não estou mais com fome.

CAPÍTULO 22

JORDAN

Na quinta-feira seguinte tenho aula, e Pike me deixa usar sua caminhonete. Ele tem pegado carona com o Dutch para ir e voltar do trabalho a semana toda, portanto tenho um veículo confiável para me locomover, e até mencionou comprar outro carro para ele sob o pretexto de que deveria ter algo mais legal para “sair”, mas sei que é só uma desculpa para me fazer andar em algo melhor que o meu carro.

Eu recusei. Ele já quase terminou de arrumar o carro, então vou sobreviver pelo tempo que demorar para ele ficar pronto e decidir quando trocá-lo quando o momento chegar.

Encosto do outro lado da rua e estaciono a caminhonete, vendo Dutch e Pike na garagem, trabalhando no meu carro. Na verdade, Pike está trabalhando, e Dutch está sentado em uma cadeira próxima com uma cerveja na mão.

Pego a bolsa e atravesso a rua subindo a entrada da garagem.

— Oi, pessoal — digo animada. — Como tá indo?

Pike me olha por cima do ombro, seus olhos subindo e descendo pelo meu corpo. Escondo meu sorriso e ele também, voltando rapidamente a trabalhar sob o capô.

Acordei com a sua boca descendo minha barriga às duas da manhã, terminando entre as minhas pernas e permanecendo lá até eu gozar duas vezes.

E então nós não voltamos a dormir até as quatro. O homem tem mais energia do que sou capaz de aguentar e estou tão cansada hoje, mas da melhor maneira possível. Cada centímetro do meu corpo está sendo bem usado, e é difícil me concentrar em qualquer outra coisa, exceto na necessidade de estar com ele quando não estamos juntos. Eu não quero me apaixonar por ele.

Quer dizer, eu quero, mas não até saber exatamente o que está acontecendo aqui. Cam poderia estar certa e isso ser apenas uma aventura.

— Estamos indo bem, querida — responde Dutch, a cerveja apoiada no joelho. — Quase pronto pra você poder usar.

Passo pelo carro e pelos rapazes, vendo Pike apertando ou desapertando algo com uma chave.

— Sério? — Franzo o cenho. — Está quase pronto?

Pike olha rapidamente para cima.

— Em breve.

Poxa, que legal. Será bom não ter que andar de carona. Por um tempo, pelo menos.

— Obrigada — digo a eles e depois olho para o Dutch. — O que posso fazer por você? Sanduíche? Cerveja? Trabalhar de babá de graça?

Ele apenas ri.

— Ah, está tudo certo. Eu vi como a casa está bacana, então Pike deve estar te explorando muito.

— Oh, você não tem ideia — provoco. — Estou trabalhando de suar até tarde da noite ultimamente.

A chave na mão de Pike vacila e ele solta o parafuso, me olhando feio.

Mordo meus lábios para esconder o sorriso e me viro, subindo as

escadas e entrando na casa.

Levo a bolsa até a cozinha e a coloco ao lado da maquete na mesa. Retiro uma garrafa de água da geladeira e subo as escadas. Pegando uma toalha do armário do corredor, vou para o quarto de Pike e entro em seu banheiro. O banheiro principal já está pronto, mas ainda não tirei as minhas coisas do dele, e não tenho planos para isso.

Fechando a porta, tiro a roupa e fico só de sutiã e calcinha, abrindo o aplicativo no meu celular, colocando “Hurts So Good”. Molho a escova de dentes antes de passar um pouco de pasta de dente nela.

A porta se abre e pulo de susto até ver que é Pike.

Ele fecha depois de entrar.

— Aquilo não foi engraçado — diz, olhando sério para mim.

— Não estava tentando fazer você rir — murmuro com a escova na boca.

Seus lábios se curvam levemente divertidos ao se aproximar de mim por trás, me virando e me pressionando na pia.

— Tentando me tirar da minha zona de conforto, é?

Sorrio.

— Você faz muito disso — acusa, mas eu sei que não está com raiva.

Dou de ombros e me viro, cuspindo a pasta de dente e enxaguando a boca.

— Não consigo evitar — digo, secando a boca com a toalha de rosto que está em cima da pia e olho para ele através do espelho. — Não gosto da sua zona de conforto. É apertado demais para nós dois.

Suas mãos rodeiam da cintura até na frente da barriga, e ele me abraça contra seu peito nu, beijando meu pescoço.

—Mas eu gosto de lugares apertados — sussurra.

Eu me viro e o olho nos olhos enquanto abro seu cinto.

— Você precisa de um banho — digo. — Ele ainda está aqui?

Ele pegas as minhas mãos, me impedindo.

— Sim, infelizmente...

Ando até o chuveiro, abro a porta e a água.

— Sabe — comento. — Se eu estiver incomodando, posso ir embora. April me ligou hoje. E me fez uma oferta.

Ele se vira e cruza os braços, recostando-se na pia.

— April? — repete. — Como ela conseguiu seu número? E que tipo de oferta?

Solto meu sutiã, deixando-o cair no chão, e deslizo a calcinha pelas pernas. Seus olhos descem pelo meu corpo, parando nos meus seios – seu lugar predileto – e eu continuo:

— O irmão dela é dono de uma casa, mas ainda não teve sorte em alugá-la — explico. — Ela achou que seria ótimo para eu me mudar. O aluguel é barato e em troca de limpar o lugar. Uma casa inteira só pra mim.

Entro no chuveiro, mas quando tento fechar a porta, Pike a segura.

— Bem, isso foi legal da parte dela — diz, sem parecer feliz.

Então começa a desabotoar a calça jeans, de repente, decidindo se juntar a mim, acho.

Aceno inocentemente.

— Mmm-hmm — digo. — Ela é um anjo. Tão altruísta.

— É. — Ele arqueia uma sobrancelha e entra, fechando a porta.

Nós dois sabemos muito bem que eu arruinei a noite dela quando esteve aqui da última vez, portanto, ela pode ser “útil” tanto quanto quiser, mas o que realmente está fazendo é ajudar a si mesma me tirando do caminho.

— E o que você respondeu? — pergunta, inclinando a cabeça sob o

jato e molhando o cabelo.

— Que pensaria sobre isso.

— Mas você pode economizar mais ficando aqui por um tempo — ressalta. — Acho que é melhor. E você?

Dou risada comigo mesma, colocando sabonete na bucha. Seus motivos também não são exatamente altruístas.

— Ela estava preocupada que eu poderia estar desconfortável — explico. — Nós dois aqui sozinhos...

Ele me empurra contra a parede, e eu arfo, deixando a bucha cair. Sua mão mergulha entre as minhas pernas, e ele levanta meu joelho, abrindo-me para ele. Gentil e lentamente esfrega meu clitóris em círculos, fazendo-me pulsar e bambear as pernas.

— Você está desconfortável? — pergunta, sua voz baixa e rouca.

— Não. — Minha respiração estremece. — Mas talvez você sinta falta de ter o lugar só seu? Talvez ela tenha pensado que eu esteja te amolando.

Seus olhos aquecidos perfuram os meus e balança a cabeça devagar.

— Se você sair, não terei tudo que preciso nesta casa.

Ele aumenta a velocidade, pairando sua boca sobre a minha, e então desliza um dedo dentro de mim.

Ofego, fechando os olhos, e seus lábios afundam nos meus, me beijando suave e devagar conforme entra no meu corpo de novo e de novo.

Sua língua golpeia meu lábio superior e então ele sussurra:

— Como não vou querer voltar para casa todos os dias para isso? Tão doce, caralho.

Ele sai de dentro de mim e depois desliza de volta, com dois dedos desta vez, lentos e gentis, enquanto me prende na parede. Deixo a cabeça cair para trás, gemendo à medida que ele observa meu rosto.

Deus, ele é bom. Eu desço a mão e acaricio seu pênis.

— Ela está certa em zelar por você, Jordan — diz, mordendo meu lábio inferior. — Você é muito jovem para todas as coisas que eu quero fazer com você.

— Não sou tão jovem — provoco. — Tenho idade suficiente para um monte de coisas, na verdade.

— Ah, é? — geme, crescendo e endurecendo na minha mão. — Se segura, baby.

Ele tira os dedos, agarra a parte de trás das minhas coxas e me levanta, pressionando-me contra a parede. Seu pau está longo, duro e pronto, e o sinto provocando a minha entrada.

Isso.

— Ô, Pike! — grita Dutch.

Nós dois levantamos a cabeça, Pike me desce e vira a cabeça, olhando para fora do vidro fosco.

— Estou no banho! — brada, escondendo meu corpo com o seu.

— É, dã — zomba. — Seu telefone tocou algumas vezes. Parece que é a Lindsay. Vou deixá-lo aqui na pia.

Pike pressiona o corpo em mim para que Dutch só veja um corpo aqui se olhar no vidro.

— Sim, obrigado — diz secamente.

Mordo o lábio inferior, me sentindo malvada. Eu me inclino nele, beijando sua mandíbula e o acaricio.

— Jordan... — ele rosna entre dentes.

Eu rio baixinho.

— Shhh... — Eu o escuto me repreendendo.

— Vou colocar no jogo — diz Dutch. — Te espero lá embaixo.

— Está bem.

Há uma pausa e depois o Dutch fala de novo:

— E, uh... onde a Jordan foi? Eu não a vi lá embaixo.

— Como vou saber? — Pike rebate, perdendo a paciência. — Dá pra sair daqui?

— Tá, tudo bem — diz ele. Mas então acrescenta: — Só diga a ela para não esquecer de pegar todas as roupas dela do chão quando sair do banho com você, beleza?

Meus olhos se arregalam, fico boquiaberta e enterro o rosto no corpo de Pike bem a tempo de abafar minha risada. *Ah, Merda.*

A porta do banheiro se fecha, a cabeça de Pike deita no meu ombro, e o calor do momento evaporou enquanto a vergonha aquece minhas bochechas.

Obrigada, Dutch.



Acordo no meio da noite, sentindo que estou prestes a cair. Abro os olhos, vendo que estou nos braços de Pike. Ele me levanta, um braço sob as minhas costas e um sob os joelhos.

— O que você está fazendo? — pergunto, fechando os olhos novamente e me aconchegando nele.

— Dorme comigo? — pede.

Dormir com ele? Será que ainda precisa perguntar? Algumas noites dormi com ele, mas na maior parte do tempo, tentei passar as noites na minha própria cama no caso de Cole chegar em casa e começar a procurar por mim. Ou pior, entrar no quarto do pai e me encontrar lá. Eu quero que Cole saiba – não quero esconder isso de ninguém –, porém, nós dois concordamos que ele não

precisa descobrir assim.

Ele me deita em sua cama, e eu puxo o lençol por cima da calcinha e camiseta.

— Você me quer nua? — provoco.

— Não, por favor, não. — Ele tranca a porta e, depois dá a volta na cama e deita do outro lado. — Eu preciso mesmo dormir um pouco, e já vai ser bem difícil não ficar duro agora com você vestida, também.

Ele levanta o braço, gesticulando para eu me aproximar, e me enrolo ao lado dele, descansando a cabeça em seu ombro.

Uma onda de paz me domina. Isso é tão bom.

Acaricio seu peito e abdome e, depois eu o abraço, olhando para ele no escuro.

Ele e eu estamos em dois lugares completamente diferentes em nossas vidas. Ele me perguntou uma vez o que eu vejo nele. Poderia fazer a mesma pergunta a ele.

— Por que está me olhando? — ele pergunta.

Abaixo a cabeça, roçando os lábios em sua pele, pensando.

— Eu te invejo.

— Por quê?

Dou de ombros.

— Já tem tudo planejado pra sua vida, e eu não — digo. — Eu me preocupo com tudo. Vou me formar na faculdade? Serei quem eu quero ser? Terei amigos e contribuirei para o mundo ou vou acabar trabalhando com algo que odeio, igual a minha irmã, meu pai e todos que conheço? — Eu olho para ele. — Todos, exceto você, é claro. Você dá a impressão de estar exatamente onde quer estar, e não se arrepende de nada. Eu me arrependo de tudo.

Solto uma risadinha.

— Bem, nem de tudo — eu me corrijo. — Eu me sinto muito idiota, no entanto. Sobre as palavras que digo assim que saem da minha boca. Coisas que faço. Decisões que tomo. Eu sempre estou me questionando. Como se talvez fosse ser mais feliz se ficasse calada e mantivesse a maldita boca fechada e com a cabeça baixa.

Seu braço aperta em volta de mim.

— Mais feliz ou mais segura?

E não são a mesma coisa?

Mas não, eu sei do que ele está dizendo. *Um navio no porto é seguro, mas não é para isso que os navios servem.*

— Acho que você está com medo, porque as pessoas têm se esforçado muito para fazer você pensar que não é digna da atenção delas, Jordan — diz ele. — Seus pais, seus ex do ensino médio... até mesmo Cole. Você deu uma chance às pessoas e elas abusaram disso. Isso é culpa delas, não sua. — Ele inclina meu queixo para que meus olhos encontrem os dele. — Não pense que tem algo a ver com quem você é. E não permita que ninguém te deixe insegura consigo mesma. Você é incrível.

Meu sorriso aparece, e mesmo que mil dúvidas sobre o nosso futuro juntos passem pela minha cabeça, se tenho só essa noite, vou aproveitá-la ao máximo. Precisava ouvir aquilo. A única pessoa que me motiva assim é minha irmã.

Mas Pike é melhor, porque também posso beijá-lo.

— Eu me tornei quem sou, porque não tive escolha — ressalta. — Se as coisas tivessem sido diferentes, teria gostado de ir para a faculdade. Viajado. Talvez usado terno para trabalhar. — Seu corpo fica rígido. — Eu invejo *você*. Ainda está crescendo e pode ser quem quiser. Você tem todas as escolhas do mundo à sua frente.

Não tinha pensado nisso. Que diferente teria sido sua vida se Cole nunca tivesse acontecido.

— Lembro de você naquele terno... — penso alto. — Você deveria me levar em um encontro. Nunca me viu em um vestido.

Ele está em silêncio, esfregando o polegar para cima e para baixo no meu braço, e sei o que não está dizendo. Não pode me levar a menos que a gente vá para algum lugar fora da cidade.

Respiro fundo, afastando a preocupação para longe.

— Quando eu vi você pela primeira vez, senti como se tivesse levado um soco — sussurra. — Você tem um corpo que me faz sentir como se eu estivesse em uma montanha-russa quando o toco.

Sorrio e tiro a calcinha antes de passar uma perna por cima dele, montando-o e me sentando.

Ele exala, segurando meus quadris.

— Na verdade, é o conjunto de cada coisinha que você faz: me levar o almoço, me colocar no meu próprio lugar naquele almoxarifado do bar duas vezes, e até mesmo me dizendo para colocar aquele *backsplash* e me fazendo rir com a sua insinuação sobre como eu me pareço com uma caverna. — Ele ri. — Você faz meu coração bater tão forte que chega a doer, Jordan. Você, sua boca e quem você é, tudo isso me faz querer tocar em você. Faz com que não queira parar com isso.

Ele encontra meus olhos e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha esquerda.

— Você se arrepende de ficar comigo? — pergunta.

Faço que não com a cabeça.

— Está tudo bem — sonda. — Pode ser honesta, mesmo que seja apenas uma pequena parte em você. Eu vou entender.

Eu me inclino, colocando uma mão ao lado de sua cabeça.

— Eu me arrependo do jeito que não conseguia parar de olhar pra você no dia em que me mudei e você carregava algumas das minhas caixas para a casa — digo. — Como eu amo a maneira que você não fala muito e gosta de assistir filmes comigo. Eu me arrependo da forma com que meu estômago revira quando escuto você se movimentando no seu quarto pela manhã, e sei que vou te ver em breve. — Acaricio seu peito e pescoço com a mão. — E eu me arrependo de te procurar quando entro em algum cômodo e de como, depois que você sai para o trabalho de manhã, eu tenho que me masturbar no banheiro de novo, porque não consigo parar de fantasiar sobre você e isso me deixa excitada demais para esperar que volte pra casa.

Seu abdome flexiona quando ele arqueia um pouco, pressionando o pênis contra mim.

— E eu me arrependo porque não iria fazer nada diferente — prossigo. — Não seria capaz de não sentir isso.

Saio de cima dele, me viro e volto a subir de novo, dessa vez de costas para ele. Eu tiro a minha camiseta, deixando o cabelo solto nas costas nuas, e olho por cima do meu ombro, provocando-o.

Seu pau incha debaixo de mim, e começo a rebolar os quadris, esfregando.

— Você está tentando me matar — geme.

Passo as mãos no cabelo, sentindo as suas vagarem por todo o meu corpo até alcançarem meus seios.

— Com quantas mulheres você já dormiu? — pergunto.

— Com quantos homens você já dormiu? — retruca. — Não, deixa pra lá, não responda isso.

Sorrio, respondendo mesmo assim:

— Antes de você? Dois.

— Mais de duas — ele retruca.

— Existe alguma coisa que não estou fazendo que você quer fazer? — Continuo rebolando sobre ele, seus olhos travados na minha bunda enquanto ela se move.

— Por que está perguntando isso?

— Só gostaria de saber se estou à altura de um homem com muito mais experiência — explico.

Ele encontra meus olhos.

— Primeiro de tudo, não tenho *muito* mais experiência. E, em segundo lugar, há muitas coisas que ainda não fizemos, o que eu tenho toda a intenção de fazer com você, assim que conseguirmos nos acalmar e parar de arrancar as roupas um do outro no instante em que entro na maldita casa depois do trabalho todos os dias — resmunga, brincando.

Deito sobre ele, minha cabeça ao lado da sua e uma de suas mãos desce entre as minhas coxas.

— Pare de ser tão gostoso, e irei me controlar — digo.

Ele me beija e depois prende meu olhar com o seu, algo sério nele.

— Não pense nas outras mulheres — pede. — Eu não penso.

Meu peito desmorona quando olho para ele, e estou me sentindo cheia de sentimentos que não consigo dizer. *Eu...*

Abro a boca. *Eu...*

Eu o beijo, sentindo a barba por fazer em volta de sua boca, seu cheiro com aroma de casa. *Não posso amar você. Eu não te amo, não é?* É um impulso. É o que ele dirá. Vai dizer que sou uma menina. Que não é verdadeiro.

Eu te amo.

— Jordan, Deus — ofega, me beijando mais profundamente. — O que

você está fazendo comigo?

A mesma coisa que você está fazendo comigo.

Seu telefone começa a tocar, e tentamos continuar o beijo e ignorar o celular, mas com relutância, ele finalmente suspira e se afasta.

Pegando o telefone, ele olha para a tela.

— Merda — sussurra.

Beijo seu rosto e mordisco a mandíbula.

— Baby, espera um pouco. — Ele se senta e eu saio de cima dele, permitindo que atenda.

Ele joga as pernas para fora da cama e atende. Eu puxo o lençol para cima, me cobrindo.

— Oi. — Eu o ouço dizer.

Escuto uma voz alta de homem do outro lado, e acho que é o Cole.

— Sim — responde Pike, endireitando as costas e passando a mão pelo cabelo. — Sim, desculpe, estava ocupado. Não percebi que era urgente.

Cole fala de novo e acho que Pike não está respirando.

— Cole, eu...

Cole o interrompe e Pike fica tenso à medida que escuta.

— Não, acho que não é uma boa ideia.

Ele é interrompido novamente enquanto Cole retruca do outro lado.

Depois de um momento, vejo-o respirar fundo e acenar com a cabeça.

—Sim — diz. — Tá bom... Sim. Tudo bem. Te vejo amanhã.

Ele desliga o telefone e o joga na cama, caindo de costas e esfregando as mãos no rosto.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Você quer dizer mais do que estar no telefone com meu filho enquanto sua ex-namorada está nua na cama ao meu lado?

Franzo a testa.

Ele afasta um pouco a cabeça e me olha.

— Nós temos um problema maior do que isso, na verdade. Se prepara.

CAPÍTULO 23

PIKE

— Coloquei lençóis e cobertores no sofá — aviso, entrando na cozinha. — A geladeira está cheia. Fiquem à vontade.

Cole e sua mãe me seguem, a porta da frente se fechando e tudo, menos hospitalidade, saindo da minha voz. Cole é mais do que bem-vindo, mas eu adoraria colocá-la em um hotel se pudesse.

Porém ele está me deixando com sentimento de culpa.

— Não vou dormir no sofá — Lindsay informa, colocando a bolsa no meu balcão. — Preciso de privacidade. Sou uma mulher adulta.

Jordan segue atrás deles em silêncio, cruzando os braços e encostando-se ao batente da porta. Seus olhos estão abaixados, e acho que ela não olha para mim desde a noite anterior, quando Cole ligou. Precisei trabalhar hoje, enquanto ela pegou o turno do dia no bar, e entre ela levar todos os seus produtos de higiene pessoal de volta para o próprio banheiro e ficar escondida em seu quarto – fazendo sabe-se lá o quê –, e eu dando os últimos retoques em seu carro esta noite, não conversamos muito. Eu acho que não sei o que dizer mais do que ela.

Eu olho para Lindsay, seu forte batom vermelho combinando com o sutiã de renda vermelha que espreita para fora da blusa preta de seda, e por cerca

de cinco minutos, vinte anos atrás, eu pensei que ela era gostosa e confiante. Agora, não é nada atraente, porque sei como é por dentro.

Com sorte, só tenho que aturá-la por uma ou duas noites. Cole havia voltado a morar com ela nos últimos dias, mas eles estavam trocando as janelas em seu apartamento, então precisavam de um lugar para ficar enquanto os trabalhadores terminavam.

— Você pode ter toda a privacidade que quer em um hotel — eu a lembro. — Eu me ofereci para pagar.

— Pai, qual é — resmunga Cole, caminhando até a geladeira para pegar um refrigerante.

Ele olha para Jordan, mas ela não está olhando para ninguém.

A cozinha está silenciosa e muito desconfortável.

Limpo a garganta.

— Bem, a menos que você queira dividir um quarto com Cole — digo a Lindsay. — Não tem outro lugar, exceto o porão.

— E quanto ao quarto de hóspedes? — retruca.

— É o quarto de Jordan.

— Jordan não deveria estar morando aqui — diz, quase entre os dentes. E então se vira para Jordan. — Você pode dividir um quarto com meu filho por algumas noites, para que eu possa ter o quarto de hóspedes?

— Não é mais um quarto de hóspedes — respondo ríspido, meu coração, de repente, batendo com força. — É o quarto dela.

Sem chance...

— Isto é ridículo. — Lindsay me encara. — Sou a mãe do seu filho e preciso de um quarto. — Ela volta a olhar para Jordan. — Você passou muito tempo em uma cama com Cole. Mais uma ou duas noites não vão te matar, né?

Eu avanço, plantando as mãos na ilha central.

— Ela não vai dormir com Cole. Eles não estão mais juntos. É injusto.

— É uma cama — Cole finalmente fala, suspirando. — É só para dormir. Nós podemos fazer isso.

Eu olho para Jordan, esperando que ela diga algo, faça alguma imposição, e me ajude aqui, mas tudo o que faz é erguer os olhos, encontrando os meus sem dizer nada. Como se eu fosse o responsável por deixar isso acontecer, e ela estivesse esperando que eu tome alguma atitude.

Se ela não vai me apoiar, então vou parecer um bobo, lutando por sua honra. Ela é uma garota crescida. Eles não vão entender porque sou o único argumentando.

E estou com medo agora.

Eu quero que ela e Cole se reconciliem e sejam amigos de novo, mais cedo ou mais tarde, mas não os quero juntos, sozinhos, a noite toda. Eles eram um casal, caramba. Ele conhece o corpo dela tão bem quanto eu. E se começarem a sentir o que sentiram quando se encontraram pela primeira vez e tudo era bom? E se ela começar a pensar que precisa de alguém... mais jovem? Eles têm uma história.

Não vou ficar com ciúmes do meu filho. Nós não estamos competindo. Mas ele a conhece muito melhor. E se conversarem e se reconectarem?

Está na ponta da língua simplesmente soltar. *Ela é minha e não vai dividir a cama com outro homem.*

Mas eu olho para Lindsay e a dor de cabeça que tem sido, e como, nos últimos seis anos, ele repetidamente ficou ao lado dela. Ela sempre fez o papel de vítima e o fez se sentir culpado forçando-o a ficar ao seu lado, e ele vai ficar outra vez, porque sabe que sou capaz de me cuidar sozinho. Ela adoraria descobrir que eu estava transando com Jordan escondido dele. Está apenas procurando por um motivo para odiar, e não vou colocar Jordan no meio disso.

Abaixo meus olhos, quase não conseguindo destravar o maxilar.

— Jordan, tem cobertores no sofá — digo baixinho. — Me fale se ficar com frio.

Eu começo a sair, mas então escuto Jordan finalmente dizendo:

— Não, Cole está certo — responde ela. — É apenas uma cama, para dormir, e é só por uma ou duas noites. Por mim, tudo bem.

Paro e olho para ela, mas ela está focada à frente, tão calma quanto poderia estar. Cerro o punho direito e saio, subindo as escadas. São só sete horas de uma sexta à noite, mas se não tiver espaço, farei algo estúpido.

Como enfrentá-la como quero tanto agora, na frente de todos.



Algum tempo depois da meia-noite, adormeço. Estive prestes a nos entregar meia dúzia de vezes esta noite, mas o risco de me arrepender por esclarecer tudo era muito grande. Agora não. Não na frente da minha ex.

Isso é uma aventura. Uma aventura sórdida e indecente, certo? Pelo menos é o que todo mundo vai pensar.

E isso partiria o coração de Cole. Tenho certeza de que ele espera que ela se mude em algum momento. Ele não esteve muito preocupado com ela desde que foi embora, afinal.

Mas saber que me intrometi, brinquei com um de seus brinquedos, e saber que há uma chance de que eu poderia fazê-la mais feliz... Sim, falando por experiência, sempre existe uma parte em você que sente que tem mais direito sobre uma ex-namorada do que qualquer outra pessoa, mesmo depois do rompimento. Ele vai ver isso como traição. Mesmo estando ao lado dela e tentando fazer melhor, quando ele não pôde.

E ele estaria certo. Cada sentimento que ele teria eu entenderia.

Vou abrir o jogo. Em algum momento. Ela vai perceber que sou muito velho – muito acomodado – e ela vai querer mais. Não vai durar.

Saber disso, no entanto, não me impede de a querer. De sentir falta e de precisar dela.

A cama se afunda atrás de mim e abro os olhos, percebendo que outra pessoa está no quarto. Demora um segundo para eu me dar conta, mas então alívio me inunda e estendo a mão, puxando-a para mim.

Jordan.

Mas então franzo o cenho, o coração martelando quando o perfume "Heavenly" da Victoria's Secret flutua até meu nariz, e sinto uma perna que não tem as mesmas curvas e tonificação que eu tenho começado a desejar todos os dias.

Levantando um pouco, viro a cabeça e vejo uma silhueta familiar ao meu lado, mas não a que eu quero.

— Mas que merda é essa?

Afasto as cobertas e acendo a luz, sentando e olhando para Lindsay. Ela está vestindo uma camisola de seda vermelha.

O que diabos ela pensa que está fazendo?

— É sério isso? — Ela me perfura com um olhar chocado como se não fosse a reação que estava esperando. — Não finja que você não se lembra de como era, Pike. Quando uma mulher aparece seminua e excitada em sua cama, você não a rejeita.

Ela se inclina, pressionando o corpo no meu e avançando no meu pescoço com a boca.

— Pare. — Levanto-me da cama e pego minha calça jeans da cadeira, vestindo-a. — Não estou tão desesperado assim.

— Não precisa ser assim, Pike. — Ela suspira, se aproximando de joelhos e colocando uma mecha de cabelo castanho atrás da orelha. — Eu era jovem. Fui idiota. E egoísta — ela implora. — Não enxerguei que homem bom você é. Que sorte tive de ter alguém ambicioso, responsável e estável. Eu quero você. — Ela inclina a cabeça, tentando me enganar com os olhos. — Não foi sempre ruim. Você se lembra, né? Você se lembra de como éramos fogosos na cama.

Abro a gaveta do criado-mudo, vendo a nova caixa de camisinha que precisei comprar, porque Jordan e eu usamos a última mais rápido do que eu esperava. Depressa, pego um cigarro da caixa e o isqueiro e fecho a gaveta para que Lindsay não veja e comece a se meter.

— Não tinha muita noção naquela época — despejo. — Agora eu tenho.

— Você está sozinho — afirma. — Quero tentar de novo. Por Cole. Você sabe o quanto ele gostaria de nos ver juntos? Ele era jovem demais para lembrar como era.

Solto uma risada sarcástica. *Ainda bem, graças a Deus*. Chegar em casa de um turno duplo e gastar sessenta dólares por uma babá antes de passar o resto da noite dormindo apenas uma hora, já que Cole acordava para mamar, enquanto ela estava fora na farra.

— Não está cansado de sair sozinho? — Ela sai da cama e se aproxima de mim. — Vendo todos os nossos amigos com suas famílias, em suas casas e saindo de férias? Nós podemos ter isso. Eu amadureci. Poderia estar aqui por você, cuidar de você e desta casa.

Desta casa. Ela quer dizer *nossa casa*. Ela quer morar aqui.

Pensar nela na minha casa, andando por aí como se fosse dela, me deixa doente. Esta casa não é dela. Nunca será. *É*...

Eu paro, não precisando colocar em palavras meu pensamento. Há apenas uma mulher que vejo morando nesta casa.

Vou até à porta.

— E, me deixe adivinhar... em troca, eu te sustentaria nesse acordo, certo?

— Eu poderia fazer você feliz — diz. — Como já fiz antes.

Abaixo meus olhos, sem precisar refletir muito sobre essa afirmação. Um mês atrás, eu poderia ter concordado com ela. No passado, por um período muito curto, fomos felizes. Dias aqui, horas ali.

Mas agora eu sei, não chegou nem perto de felicidade. Ela nem se compara ao que eu tive nas últimas semanas.

— Volte para o seu quarto. — Saio, deixando a porta aberta e, então, acrescento sobre o ombro. — Para o quarto de Jordan, quero dizer.

Atravesso o corredor, diminuindo a velocidade quando passo pela porta de Cole e me sinto tentado demais a abrir. É meu o que está lá dentro. Que tipo de homem coloca sua mulher nessa situação? Que tipo de homem não assume a porra toda e pega o que é dele?

Preciso pensar. Desço as escadas e atravesso a cozinha, depois a lavanderia, cada momento de espera, me aproximando cada vez mais perto de não suportar. Eu sei que ela não vai permitir que nada aconteça, porém, preciso tirá-la de lá.

Mas assim que saio, vejo que o problema já está resolvido. Pelo menos por enquanto. Ela está sentada na beira da piscina, com as pernas na água, e olha para mim quando apareço.

Pauso momentaneamente, seus olhos azuis frios e distantes. Consciência faz minhas costas pinicarem, sabendo que o quarto de Lindsay – o quarto de Jordan – fica de frente para o quintal, e ela poderia estar espiando.

Casualmente, vou até a mesa no gramado, acendo meu cigarro e coloco o isqueiro na mesa, puxando e inalando até a ponta queimar em laranja vivo. O cheiro doce enche meu nariz, e solto a fumaça, imediatamente sentindo um formigamento na cabeça. Caminho até o lado da piscina de frente para ela e a olho, vendo que está usando shorts de pijama e uma regata preta sem sutiã.

Os pontos duros dos mamilos visíveis daqui.

Meu queixo enrijece.

— Você vai dormir nisso? — murmuro, quase não movendo a boca direito e mantendo a voz o mais baixo possível.

— Ele me viu com menos do que isso.

Aperto o cigarro e bato as cinzas com o dedo do meio.

— E?

— E o quê?

Arqueio uma sobrancelha.

— Ele tocou em você?

Ela solta uma risada baixa.

— Talvez. — E então me olha com olhos estreitos. — E talvez eu deixe. Tal pai, tão filho, afinal de contas.

Meu queixo dói e ela balança a cabeça, olhando para longe.

Eu sei que ela está com raiva. Sei porque está com raiva. E sei que todos nós fazemos coisas estúpidas quando estamos com *raiva*. Ela está me afastando e eu só preciso de tempo para pensar. Só um pouco de tempo.

— Não faça isso — digo a ela.

— Então não me faça perguntas estúpidas.

Seu peito sobe e desce com respirações ofegantes, e ela parece infeliz. Não sei o que fazer.

— Isso está me matando — sussurro, dando uma olhada para a janela

para ver se Lindsay não está observando. — Está me matando, caralho. Saber que está na cama com ele.

— Então você deveria ter dito a verdade — acusa. — Que ela poderia usar o meu quarto o quanto quisesse, porque eu durmo na sua cama agora.

Ela se levanta, limpando a sujeira da bunda, e não consigo mais olhar em seus olhos. *Ela dorme na minha cama agora*. É, ela dorme.

E eu a quero mais do que qualquer coisa nesse momento.

— Se você me quer, vamos ter que enfrentá-lo mais cedo ou mais tarde — diz. — Você não pode me manter presa aqui, Pike. Quero fazer as coisas com você, sair, ir jantar, beijar você e não ter que me preocupar em ficar atrás de portas fechadas quando eu fizer isso.

Fico calado e ela não espera que ache a minha língua. Sai em direção à casa, e olho freneticamente para a janela de novo antes de correr atrás dela. Agarrando sua mão, eu a puxo para o canto da casa e a empurro contra a parede.

— Nós não podemos — imploro, olhando para ela. — Ainda não. O que estamos fazendo não é certo. Todo mundo vai falar. Cole não vai entender.

Seus olhos brilham com lágrimas conforme ela olha para mim, mas seu queixo tensiona com raiva.

Eu recuo um passo, passando a mão pelo cabelo.

— E se isso terminar em duas semanas, e eu destruir o relacionamento que tenho com o meu filho, porque não pude controlar meu pau? — digo. — Devia ter apenas mantido as mãos longe de você! Por que não resisti? Hã?

É uma pergunta retórica, mas é a verdade. Eu deveria ter ficado longe dela. Vai saber como Cole vai aceitar isso? Quão profundamente Lindsay poderia afundar as garras nele por causa disso? Tudo o que fiz na minha vida foi por ele. Não fui para a faculdade porque ela não trabalhava, e nós precisávamos de dinheiro. Trabalhei muito para poder pagar tudo o que ele precisaria. Ele

finalmente está se aproximando e isso pode estragar tudo.

Ela está quieta, e eu odeio isso. Quero saber o que está pensando, e quando está com raiva, pelo menos, sei que ela quer brigar. Agora, a respiração dela é lenta e firme, e só olha para mim, calma demais.

Jordan acena como se fosse para ela mesma.

— Não vale a pena — interpreta. E então começa a se afastar. — Sei que você está certo.

— Jordan...

— Não, está tudo bem. — Ela para. — Eu entendi. Sabia que minha irmã estava certa. Isso nunca iria dar certo.

Não é o que...

Mas é o que eu quis dizer, não é? Se não posso contar a ele agora, estava pretendendo algum dia? Quando seria mais fácil? Depois de terem ficado separados há alguns anos?

Quando não respondo, ela olha para mim.

— Te vejo amanhã cedo.

Ela anda para a porta dos fundos e parece que levei um chute. Eu sinto que nunca mais vou vê-la.

Eu corro atrás dela, segurando a sua mão, parando-a.

— Não — imploro. — Jesus, não quis dizer isso. Jordan, eu... Você vale a pena. É só que... — Balanço a cabeça. — Eu não sei.

— Está tudo bem — diz, soando tão calma que me dá medo. — Sério. Eu deveria te agradecer, na verdade. Tenho tentado por anos, parece, ser o tipo de mulher que admiro, e de repente, eu sinto que sou essa mulher agora. Eu sei que tenho valor. Você é que não tem.

Ela começa a se afastar e eu a paro novamente.

— Jordan.

Desta vez, ela se vira, de cabeça erguida e arrancando a mão do meu alcance.

— Diga a ele agora — exige.

Fico sem ar com o ultimato.

— Diga a ele junto comigo, agora — diz. — Para que eu possa ir para a nossa cama, e possamos dormir e amanhã começar a seguir em frente, porque tudo foi dito, e não temos que nos preocupar mais com isso. — Seus olhos me desafiam. — Diga a ele agora.

Abro a boca para falar. Para dizer a ela que vou. Agora mesmo irei até lá dentro e contarei ao meu filho a verdade. Que eu acho que a amo e que sinto muito, e que não queria magoá-lo.

Mas eu sei que estou certo. Ela voltará à faculdade em tempo integral em dois meses, vai conhecer outros caras que são educados e têm suas vidas inteiras pela frente. Não vou aborrecer minha família quando ainda não sei o que é essa relação. Ela não tem o direito de me pedir isso.

Ela começa a recuar, o azul de seus olhos frios como gelo.

— Como é incrível o que pode acontecer tão depressa, né? — ela diz à medida que me deixa lentamente. — Como não sinto absolutamente nada por você agora.

CAPÍTULO 24

JORDAN

— Você não parece muito bem, querida.

Olho para cima do refrigerador que estou abastecendo com garrafas de cerveja e dou um sorriso fraco para Grady.

— Nada que uma caixa de cookies não conserte — respondo.

Ou um pote de sorvete ou Pike entrando aqui agora, me arrebatando nos braços na frente de todos e dizendo que me ama.

Meu Deus, estou tão exausta. E cansada. Não suportei olhar para ele na noite passada, e não queria nada além de estar longe dele e de sua vida.

Peguei meu carro recém-consertado e fui para minha irmã, e então vim trabalhar às dez para me preparar para o turno do almoço, e estou aqui há doze horas, ficando muito mais do que o horário combinado.

Minha raiva e determinação ainda estão aqui, mas agora a tristeza também. Sinto falta dele.

Mas eu me odeio mais.

Eu o amo e o quero, mas...

Não posso estar perto dele.

Ele me faz rir e quando estou com ele, eu me sinto em casa. Ele é a

única coisa na minha vida que eu entendo.

Porém não me entendo mais. Alguém tem que lutar por mim ao menos uma vez.

Eu não vou voltar.

— Você saiu sem fechar a comanda antes de ir embora da última vez — diz Grady, tirando dinheiro da carteira. — Aqui está a sua gorjeta.

Ele desliza algumas notas pelo balcão e eu fecho o refrigerador e rio baixinho, meus olhos pesados de fadiga.

— Grady, nem sequer me lembrei disso — digo. — Não se preocupe com esse tipo de coisa. Estou feliz por você estar aqui.

Isso é verdade. Ele me salvou de ter que forçar papo com qualquer outra pessoa quando estava trabalhando. Ele não flerta, nem faz comentários grosseiros e gosta da música que coloco no jukebox.

Eu deixo o dinheiro e pego sua garrafa vazia, abro outra e a coloco na frente dele.

— Ei, eu posso ter duas Buds? — alguém pede, com dinheiro na mão sobre no bar.

Eu me aproximo, ouvindo o telefone tocar e vejo Shel atender.

Abrindo o refrigerador, pego duas Buds.

— Jordan? — repete Shel no telefone.

Eu olho para ela, colocando as duas cervejas na frente do cara.

— Quem está falando? — pergunta.

Mantenho meus olhos nela, minha respiração fica ofegante enquanto pego o dinheiro dele e registro suas bebidas no caixa.

— Pike? — ela diz.

Ela me lança um olhar e faço que não com a cabeça. Está tarde, estou fora desde a noite passada, e estou bem surpresa que ele não tenha vindo me

procurar, fazendo suas insistentes demandas como de costume.

— Sei, ela não está aqui — mente Shel. — O turno dela acabou. Tente no celular.

Ela desliga, provavelmente sem esperar que ele diga mais alguma coisa e, com certeza, sem saber que Pike já ligou no meu celular algumas vezes hoje. Ele não deixou recados, porém, e não mandou mensagem via texto.

Ela se aproxima de mim.

— O que está acontecendo?

— Nada.

Ela inclina a cabeça, não acreditando em mim.

— Você parece exausta. — Ela gentilmente coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha enquanto eu limpo a balcão. — Já comeu alguma coisa hoje?

— Estou bem — asseguro. — Só cansada.

— Cole está te causando mais problemas?

Suspiro, sentindo meu estômago doer. Quero conversar com alguém, mas estou cansada de ser a garota com problemas de relacionamento. Estou cansada de Shel se preocupar comigo e não quero que ela saiba. Ela já acha que Pike é um babaca e, por algum motivo, odeio isso. Não quero dar mais munição a ela.

— Por que o pai dele está atrás de você? — ela me pressiona.

Evito seu olhar, jogo o pano de prato no balde de água quente e pego um novo, limpando as mesmas garrafas de bebidas que limpei hoje à tarde.

Sinto seus olhos em mim.

— Jordan, em que você se meteu?

Meu queixo treme e lágrimas fazem meus olhos arderem.

— Nada — respondo, ainda sem olhar para ela. — Eu ficarei bem.

Um garçom sai da cozinha com comida, e dou a volta por um dos *bartenders* trazendo uma nova garrafa de Captain do depósito de bebidas. Penso por um momento, tentando me lembrar do que tenho que fazer a seguir, e finalmente me abaixo para pegar um pacote de guardanapos de um armário. Rasgando-o, começo a encher um dos porta-guardanapos no bar.

— Vá para casa — diz Shel, colocando a mão sobre a minha. — Durma um pouco.

— Estou bem. Prefiro ficar aqui.

— Se não for para casa, vá para a casa da sua irmã — sugere. — Mas, por favor, vá descansar um pouco. Se você trabalhar mais horas hoje, não vai ser capaz de dirigir pra casa à noite. Te vejo amanhã.

Abro a boca para discutir, mas ela só balança a cabeça, sabendo o que estou prestes a dizer.

— Não sou sua mãe — ressalta —, mas faço o papel de uma muito bem. Você precisa dormir. Pegue um pouco de comida na cozinha e vá. Por favor.



Faço o que Shel diz, preparo um sanduíche que não sinto vontade de comer e entro no carro, ligando o motor. Uma música do Alice Cooper está tocando na estação dos anos 80 que sempre deixo sintonizada, mas eu desligo, nem um pouco no clima para a fuga que geralmente anseio.

Casa. Levo uns bons vinte minutos dirigindo sem rumo pela cidade, perdida em pensamentos, antes de me decidir para a casa de quem vou. Preciso de roupas e dos meus livros da faculdade, e mesmo que não queira ver Pike, Cole ou sua mãe, não posso usar a maquiagem da minha irmã nem mais um dia.

Tudo tem glitter.

Ao entrar no Windy Park Place, vejo o fluxo de carros e caminhonetes que se alinham em ambos os lados da rua, bem como na entrada de Pike. Reconheço alguns veículos, outros não, mas paro em uma vaga entre dois carros na frente da casa de Cramer, observando as luzes vindo da cerca de Pike em seu quintal.

Cole deve estar dando uma festa. *Que legal.*

Deixando a bolsa no carro, pego minhas chaves, tranco a porta e ando em direção à casa, querendo estar em qualquer lugar, menos aqui, mas sei que preciso fazer isso. Consciente, minha pele formiga, e meus braços arrepiam à medida que a música inunda meus ouvidos. Subo os degraus da varanda, ainda vestida com a blusa de frente única do trabalho. Aperto o rabo de cavalo alto e só espero que com todas as pessoas aqui, Pike e Cole não percebam eu entrando e saindo.

Entro na casa e olho em volta, vendo a porta dos fundos se fechar quando alguém sai, e então ouço a porta do banheiro fechar na lavanderia. A luz por baixo da porta do porão está acesa e a conversa lá fora é quase tão alta quanto a música. Pelo menos Cole está mantendo as pessoas fora da casa, na maior parte do tempo. É bem provável que Pike não esteja dormindo com esse barulho.

Subo as escadas devagar, ando em silêncio pelo corredor, vendo a porta do quarto de Pike fechada e a luz apagada do lado de dentro. A porta de Cole também está fechada, e eu abro a minha, espiando dentro e encontrando o quarto vazio. Minha cama está desfeita, bagunçada pela mãe de Cole na noite passada, e olho em volta, usando a luz que entra pela janela para enxergar. Nenhuma das coisas de Lindsay está aqui, talvez o apartamento dela tenha ficado pronto. Deixando a luz apagada, pego minha bolsa de couro com os livros

e outras coisas da faculdade e cadernos da escrivaninha e começo a encher uma bolsa com roupas e qualquer outra coisa que vou precisar com mais urgência.

— Pensei ter ouvido alguém entrar — diz uma voz atrás de mim.

Meu coração para e hesito, instantaneamente reconhecendo a voz. Fecho os olhos, querendo que ele vá embora.

Cole não o teria convidado. Deve ter vindo de penetra.

Minha tesoura está na mesa à minha frente, e eu a olho, instinto me envolvendo.

— Cole terminou com Elena — comenta Jay. — Vai aceitá-lo de volta?

Terminou? Eles estavam mesmo juntos? Olho para o meu polegar, vendo a pequena cicatriz no escuro e praticamente não sinto mais nada. Como ele sempre foi capaz de fazer meu coração vibrar, e agora, parece que faz tanto tempo que Cole ligava para mim. Hoje, não consigo sentir um pingo de saudade pela conexão que tivemos no passado.

O modo de sobrevivência entra em ação. Meu cérebro está no controle agora, e não vai me dar as chaves do meu coração até que esteja certo de que ele pode aguentar.

— Quer uma pequena vingança primeiro? — Jay provoca, e posso ouvir sua voz se aproximando. — Sério, Jordan. Vai ver como vou te foder gostoso agora mesmo, bem aqui.

— Diferente da péssima trepada que sempre foi? — respondo.

Ele não diz nada, mas posso apenas imaginar o grunhido provocando seus lábios e o formigamento que está sentindo nas mãos, implorando para que ele me faça pagar por esse comentário.

Pegando a tesoura, eu me viro e a agito com os dedos, brincando com ela enquanto olho para ele.

Ele está do lado de dentro da porta, vestindo jeans e camiseta, com seus olhos frios me encarando sob as sobrancelhas castanhas.

— O que você deve ter dito a si mesmo para convencer esse seu cérebro de ervilha que tem dentro da cabeça, que me fez gozar tão gostoso? — digo friamente. — As três vezes que transamos foram tão ruins que fiquei ali deitada, confusa e achando engraçado, antes de finalmente começar a chorar porque não havia nada em você que não fosse absolutamente lamentável.

Seu lábio superior contrai e, nesse instante, ele está avaliando a probabilidade de escapar com o que quer fazer comigo tendo um quintal cheio de testemunhas do lado de fora da janela.

— Agora só fico apavorada por todas as mulheres que vejo ao seu lado — continuo. — Mas também sorrio secretamente, porque sei que depois que fingem o quanto amam seu pau na cama, elas irão para o banheiro, e vão se masturbar pensando em qualquer cara na cidade que não seja você.

Ele avança e eu me preparo, abaixando as mãos e apertando o punho ao redor da tesoura. Seus olhos detectam o objeto e ele para.

— Saia do meu quarto — mando, meu tom calmo e uniforme. — E nunca mais volte a falar comigo.

Ele hesita.

— Agora — afirmo.

Seu peito cede com respirações pesadas, e consigo ouvir a raiva borbulhando dentro dele.

Ele quer tanto me machucar.

Mas nem medo estou sentindo. Eu não sinto nada.

Seu orgulho demora um pouco para perceber que não vai muito longe se eu decidir gritar, mas depois de um instante, ele se afasta e finalmente sai, desaparecendo pelo corredor. Seus passos soam nas escadas, e espero ouvir a

porta dos fundos se fechar antes de correr o risco de voltar a me mexer.

Pode ser que ele não mexa mais comigo, mas tem um histórico de decidir que mereço o mínimo de esforço antes de partir para outra pessoa. Vamos torcer para que continue assim.

Termino de empacotar minhas roupas e vou para o banheiro, pegando minha escova de dentes, gilete e xampu, enfiando tudo na bolsa e fechando-a. Jogando as alças das duas mochilas no ombro, saio do quarto, resistindo à vontade de olhar para trás; desço as escadas e entro na sala.

Pike está parado bem na porta da entrada, e eu estaco meus passos, nossos olhares travados um no outro.

Merda. Já estava quase fora daqui.

— Estava te procurando — diz. — Só queria ter certeza de que estava bem.

Ele vê minhas malas e o punho aperta em torno de suas chaves. Sua voz sai em um sussurro:

— Não. Por favor.

— Não o quê? — Eu dou um passo à frente. — Não vá ou não conte a Cole?

A festa continua rolando a todo vapor do lado de fora, e nós estamos aqui na sala escura, presos em uma batalha sem vencedor. É simplesmente uma questão de quem sairá machucado, e é uma escolha que ele ainda acha que pode deixar de fazer.

Ele me quer, mas é um covarde.

— Isso teria que acabar, certo? — arfa, falando em um tom um pouco mais alto para eu ouvir. — Em dez anos, estarei com quase cinquenta. Não vou te amarrar com isso. Isso ia acabar. Você sabe que ia.

Agora eu sei. Meus olhos queimam, lágrimas se formam, mas é

estranho. Não tenho certeza se estou triste. O que ele diz é quase um conforto, porque conheço essa história. Estou acostumada com isso.

Caminho até a porta.

— Não sei se posso te deixar ir — diz, entrando na minha frente. — Ainda não. Eu não tive tudo... — Ele procura pelas palavras. — Conversar com você e... amar você. — Ele segura meus ombros, movendo-nos de lado, minhas costas se apoiam no armário. — Vamos para outro lugar. Só nós. Tem uma sessão à meia-noite hoje. Vamos lá. Sair daqui e nos afastarmos de tudo por algumas horas, então conversaremos.

Eu olho para ele.

— Em algum lugar escuro, né?

No cinema onde não seremos vistos?

Ele olha para mim como se fosse exatamente o que estava pensando, e se arrepende por isso, mas é assim que as coisas são.

— Nós vamos resolver isso. — Ele coloca as mãos nos dois lados da minha cabeça na porta atrás de mim e se inclina. — Só não será agora. Não vá ainda.

A dormência que tenho sentido desde a noite passada enfraquece, e eu o ouço na minha cabeça. *Não vou a lugar nenhum. Não vou a lugar nenhum...*

Não tenho dúvidas de que é verdade. E sempre será. Pike não se afasta de suas responsabilidades. Ele sempre cuidará de mim.

E não consigo pensar em nada que prefira ser para ele, mas qualquer coisa, menos uma obrigação. Não posso ser como Cole ou o trabalho, sua casa ou suas contas. Não sou um dever.

Sou todo o resto.

— Você me ama? — pergunto. — Está apaixonado por mim?

Ele não desvia o olhar e, mesmo no escuro, posso ver que seus olhos

estão vermelhos, cansados e abatidos. Mas quando abre a boca, nenhuma palavra sai.

Balanço a cabeça.

— Não importa, acho. — Desisto. — Você não tem coragem, então não será para sempre. — Eu me endireito, apertando a mão ao redor das alças das mochilas. — E no final, vai acabar sendo nada mais do que um desperdício do meu tempo.

Seu semblante é de desamparo e ele parece estar completamente vazio. Não tem a convicção de fazer nada. Tudo o que sabe é que não quer que eu vá.

— Ah, mas isso é bom demais — diz alguém. — Então sua fantasia é essa, hein, Jordan?

Pike e eu viramos a cabeça no susto, vendo que Jay acabou de sair da cozinha e entrou na sala. Pike abaixa as mãos e apruma a postura, dando um olhar sério para Jay.

— Ah, qual é, querida — Jay me provoca, e consigo sentir o cheiro da cerveja no seu bafo daqui. — Eu serei seu papai e você poderá abrir as pernas pra mim também, por um pouco de dinheiro de aluguel.

Pike avança nele e eu arfo. Ele agarra Jay pelo colarinho e o sacode, jogando-o contra a porta. Jay quase não reage, provavelmente porque sabia o que estava fazendo.

Meu coração para, vendo-o tropeçar na varanda e Pike correndo atrás dele.

Ambos descem correndo as escadas, algumas pessoas estão espalhadas pelo gramado, saindo da festa pelo portão dos fundos ou vindo de seus carros.

Jay empurra Pike para longe, mas Pike agarra seu braço, joga o punho para trás e desce parecendo um martelo, socando o rosto de Jay e o jogando no chão. Saio na varanda, vendo espectadores pararem e assistirem, enquanto outros

gritam.

— Mas que merda está acontecendo? — Escuto a voz de Cole.

Olhando de relance, vejo-o sair do lado da casa. Ando até o corrimão e vejo Pike tirando Jay do chão e jogando-o em um carro.

— Pai! — grita Cole, se apressando.

Mas ninguém mais parece notá-lo.

— Não se preocupe. — Jay ri de Pike, sangue escorrendo do lábio. — Podemos compartilhar a putinha.

Cole se vira para mim.

— Jay machucou você?

Acho que não foi difícil para ele descobrir a quem Jay estava se referindo. Não digo nada.

Jay vira seu olhar para mim, gritando:

— Por que não conta para Cole como você e o pai dele ficaram aqui à vontade sem ele?

— O quê? — Cole olha entre nós, confusão marcando seu rosto.

— Eu vou te ver de novo, Jordan! — grita Jay, empurrando a mão de Pike dele e pegando as chaves do carro. — Você vai trabalhar no The Hook igual a sua irmã, e eu irei lá e comprarei sua bunda. Isso é uma prom...

Outro punho desce em seu rosto, mas não é de Pike dessa vez. Cole correu até ele e o fez tropeçar na calçada.

Jay rosna, cospe no chão e leva a mão à boca, e a afasta, inspecionando-a.

— Você quebrou um dente meu! — esbraveja.

— Saia daqui! — Cole grita, apontando com os braços. — Vaza!

Suor brilha na testa de Pike e ele olha para mim com o mesmo olhar que tinha na noite em que dormimos juntos. Quando eu o montei na minha cama,

e ele olhou para mim, cedendo e me dando tudo de si.

Tudo mais ao nosso redor desaparece. Ele cerra os punhos ao lado do corpo e seu corpo está rígido, como se estivesse prestes a avançar em mim, e me puxar em seus braços e me levar embora.

— Vocês dois? — Ouço Cole dizer.

Eu pisco, Pike abaixa o olhar, e o feitiço é quebrado. Cole fica entre nós, olhando de um para o outro enquanto as pessoas lentamente se dispersam, e percebo quando ele começa a ligar os pontos por causa da forma com que estávamos olhando um para o outro.

— Jordan? — Cole me pressiona para eu dizer algo, mas só abaixo o olhar, incapaz de encará-lo.

Pike engole em seco, ofegante.

— Cole...

— Oh, vá se foder — diz Cole, cortando-o e se afastando.

Pike dá um passo à frente, mas Cole gira e sai correndo pelo gramado e desce a rua.

Pike não vai atrás. Ele conhece o filho pelo menos tão bem quanto eu, e Cole não vai ouvir nada esta noite. E o que ele poderia dizer para melhorar de qualquer forma? O estrago está feito.

Pike fica parado, olhando para Cole e com o semblante de quem acabou de perder tudo. O que ele tem agora?

Pegando minhas chaves, desço as escadas da varanda e caminho até o carro, sem parar ou hesitar quando passo por Pike Lawson.

E ele não me segue, também.

Agora eu sei que o ele quis dizer e insinuou na noite passada. Eu não tenho valor.



Eu sei que está tudo uma confusão

Digito no celular.

Por favor, saiba que não foi vingança. Aconteceu e eu lamento muito.

Estou olhando para o meu telefone há vinte minutos, tentando descobrir o que dizer a Cole. Desconectei minhas redes socias e só estou conversando com minha irmã e outras poucas pessoas por um tempo. Preciso de espaço e tranquilidade. Só não queria ficar sem dizer alguma coisa.

Não me arrependo do que aconteceu, mas lamento que isso o machucou. Tive uma conversa comigo mesma e me convenci de que não devo nada a ele; Cole me traiu, oras.

Mas não quero que isso termine assim. Não me incomoda partir. Tudo bem não vê-lo por agora.

Só precisava que ele soubesse que... não foi sobre ele.

Você o ama?

Sua resposta aparece.

Sinto ferroadas na garganta, e pressiono o botão *Power* na lateral do telefone, desligando-o.

Forço o nó na garganta a descer e enfio o telefone no bolso lateral da bolsa, fechando os olhos para afastar as lágrimas.

Shel entra no depósito de bebidas onde estou parada na frente de uma

pilha de caixas de cerveja, e em vez de me entregar meu pagamento, ela pega um maço de dinheiro e enfia na minha bolsa sem me deixar ver.

Depois que dormi de novo na minha irmã na noite passada, vim aqui hoje para buscar o pagamento antes de ir embora. Mas a julgar pelo maço de dinheiro que ela acabou de esconder na bolsa, sem dúvida, colocou mais do que ganhei.

Se eu brigar com ela, seria apenas um desperdício de energia. Farei questão de trabalhar horas extras quando voltar. Seja lá quando for.

— O que vai fazer? — pergunta, com a mão apoiada no quadril e olhando para mim.

— Não sei.

— Onde você vai?

— Não sei.

Ela suspira e levanto minha bolsa, jogando-a por cima do ombro.

— Normalmente isso me assustaria, mas... — Eu paro, pensando. — Não quero continuar fazendo nada que estou fazendo. Só quero acordar amanhã e não ver nada da minha vida. — Eu levanto os olhos, encarando-a. — E, por favor, não me dê um sermão sobre como estou fugindo, sofrendo, deixando os outros controlarem o que eu sinto...

Ela segura meus ombros, falando com firmeza.

— Fuja — diz categoricamente. — Fuja para longe. Apenas vá. Ligue se precisar de alguma coisa, tá?

Aceno, agradecida por ela entender.

— Pode dizer a Cam para não se preocupar? Estou bem e vou ligar pra ela.

— Não vai vê-la?

Lágrimas ameaçam, e dou a volta por Shel para longe do seu toque,

saindo do depósito de bebidas.

— Não posso.

Se eu pensar demais, ou olhar no rosto dela, vou perder a coragem. Pike me disse uma vez: “vá a todo vapor”. Tenho certeza de que não é sobre isso que ele quis dizer, mas vou arriscar.

Jordan Hadley não sai do emprego. Não pula em um carro precário e pouco confiável e pega a estrada sem ter para onde ir. E certamente tem muito medo de ficar sozinha.

Se eu pensar, não farei. Eu vou. Não tem volta. Talvez eu volte amanhã, no dia seguinte ou na próxima semana, mas quanto mais mantiver o pé no acelerador, mais longe estarei de quem eu era.

Paro no bar e pego meu moletom que deixei em um banco.

— Eu sei que dói — diz Shel, vindo por trás de mim. — Você era feliz.

— Eu ficarei bem. — Penduro o moletom na bolsa, evitando seus olhos. — Ele não foi o meu primeiro.

— Sim, ele foi.

Eu paro e olho para ela, me sentindo ainda mais nervosa.

— Não precisa dizer nada, mas sabe... — ela continua. — Você não sentiu isso com Cole, Jay ou com qualquer outra pessoa.

Desvio o olhar de novo, mordendo o canto da boca para manter meus sentimentos sob controle.

Vou superá-lo. E muito em breve, todas as lembranças desaparecerão, todas as suas palavras, assim como cada sensação de seu toque. Tudo vai desaparecer.

— Mas me deixe te dizer uma coisa, menina — ela continua falando baixo e discretamente para que os poucos clientes não escutem. — O que sente por ele ou qualquer outra pessoa não é o que você precisa. Isso... — Ela aperta

meu peito sobre o coração. — O que está sentindo agora é a melhor coisa que pôde te acontecer. Porque quando todos os pedaços do seu coração começarem a se juntar, e eles irão, serão mais fortes. E será muito mais trabalhoso para alguém penetrar. — Ela coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha do jeito que sempre faz. — Portanto pode ter certeza de que quando alguém finalmente conseguir acesso, ele terá lutado por isso. Nós precisamos de comida para sobreviver a esta vida tanto quanto precisamos de nossos corações quebrados pelo menos uma vez. Mas a melhor parte é que o primeiro coração partido é sempre o pior. Nunca mais será tão ruim assim.

E fico feliz por isso.

Mas também me faz pensar... Se meu coração nunca se machucar assim de novo, então amarei alguém como eu amava Pike Lawson?

CAPÍTULO 25

PIKE

Paro na frente da casa de Lindsay, percorrendo o estacionamento ao meu redor com os olhos à procura do Challenger de Cole. Eu não o vejo, mas quase não dá para ver nada por causa da chuva. Liguei para ele e para Jordan sem parar pelas últimas vinte e quatro horas, mas não aguento mais. Se ele quer tempo, posso dar. Se precisa de espaço, eu darei.

Mas preciso me desculpar cara a cara. Preciso que ele saiba que eu o amo e não foi minha intenção que isso acontecesse.

Não que ele vá me escutar ou até mesmo compreender qualquer coisa através da raiva, mas não posso mais ficar sentado esperando.

Saindo da caminhonete, corro até a entrada de Lindsay, sob a varanda coberta, e bato com o punho na porta. Está chovendo o dia todo, e mesmo tendo liberado os rapazes, ainda fui na construção e resolvi algumas coisas só para passar o tempo até que o Cole saísse do trabalho. Se é que ele já não começou no novo.

Lin abre a porta, ainda com a saia lápis de trabalho, mas descalça e com a camisa para fora. Ela me vê e cruza os braços, dando-me um olhar presunçoso.

— Quero falar com ele — digo.

— Você já fez o bastante — critica, soltando o cabelo do rabo de cavalo. — Jesus, pensei que eu fosse uma mãe ruim. O que você estava pensando? Pegando as sobras dele como se não houvesse outra mulher nesta cidade pra você pegar?

— Não foi desse jeito.

— Me poupe dos detalhes. — Ela se aproxima de uma mesa ali perto e pega um copo com o que deve ser vodca e suco de laranja. — Ela não é diferente do que você pensou que eu era. Ela te usou, Pike. Usou você para ter um lugar para viver e desfrutar das coisas da casa, e oh, o que mais você fez? Consertou o carro dela, também? — Ela sacode a cabeça, sorrindo sarcasticamente. — Ela teve sorte com você e tudo o que precisou fazer foi abrir as pernas. Cristo, vocês homens são realmente burros quando se trata de um rosto bonito.

Meu queixo fica rígido. *Jordan não é assim. Ela não é nada igual a você.*

Mas não estou aqui para falar dela, de qualquer maneira.

— Você não sabe de nada! — grito.

— Aw, vocês dois estavam apaixonados?

Meu coração bate duas vezes mais forte, e me sinto derrotado, uma imagem dela aparece na minha cabeça, parada na piscina só há três noites, pedindo-me para contar tudo a Cole e depois levá-la para a cama – para a nossa cama.

Eu me sinto péssimo. Tenho tantas saudades dela.

— Ah, meu Deus, você a ama — diz Lindsay, olhando para o meu rosto e com cara de quem está prestes a rir.

Mas antes que ela possa dizer qualquer outra coisa, eu a enfrento.

— Onde ele está?

— Foi embora — diz, inclinando-se no batente da porta e tomando um gole de sua bebida. — Pelas próximas oito semanas.

— Como assim?

— Bem, talvez se estivesse prestando mais atenção ao seu filho do que no lixo descartado dele, saberia que ele foi no comando de alistamento uma semana atrás, e foi fazer os testes físicos e resolver outros procedimentos — diz, muito satisfeita em esfregar tudo que eu não sei na minha cara. — Ele se alistou na Marinha, Pike. Parece que estava desesperado pela orientação que claramente não conseguiu de você. Ele viajou esta manhã.

Meu rosto empalidece.

— O quê? — grito dessa vez.

Marinha? Você não se junta à Marinha assim. Demora meses para se alistar. Eu sei bem disso. Quase me alistei quando tinha a idade dele.

Como se sentisse minhas perguntas, ela continua:

— Ele estava planejando há um tempo. Estava se sentindo perdido, à procura de alguma direção — diz como se estivesse recitando sua lista de compras. — Ele estava com medo de contar para as pessoas, porque tem o hábito de não seguir com nada. Ele queria nos surpreender quando tivesse certeza. Depois que passou pelo comando, fez os testes, fez exames médicos e físicos e se comprometeu, no entanto, ia te dizer, mas acho que nunca teve a oportunidade.

Meus pulmões esvaziam e abaixo a cabeça.

Sinto a garganta pinicar e meus olhos ardem. Isso não é certo. Ele não teria feito algo assim. Cole não é... disciplinado. Ele se propôs a passar por isso voluntariamente? O que ele estava pensando?

— Ele está na Estação Naval dos Grandes Lagos — avisa. — Estará de volta em alguns meses. Verifique no Instagram dele se não acredita em mim. Ele

publicou um último *post* hoje cedo.

Instagram? Eu não...

Jesus Cristo.

Ela bate a porta na minha cara e escuto a fechadura trancar.

Eu fico ali parado, do lado de fora da casa dela, a chuva caindo ao meu redor com os últimos dias passando pela minha cabeça enquanto tento conectar quaisquer pistas que Cole tenha mostrado sobre seus planos. Sair do trabalho, contar todas as vantagens do novo... Ele queria fazer uma tatuagem.

Este novo trabalho era algo muito importante.

Ele se alistou mesmo para o serviço militar?

Voltando para a caminhonete, entro e bato a porta fugindo do aguaceiro, e verifico de novo o telefone para ver se tem recado no correio de voz ou mensagens.

Mas ainda nada. Nem de Cole ou de Jordan.

Ela sabia disso?

Não, ela teria me dito.

Lembrando do que Lin disse, digito “Cole Lawson Instagram” na barra de pesquisa e imediatamente vejo algumas contas diferentes aparecerem. Clicando nelas, encontro uma com a sua foto e noto que o primeiro post é o mais recente. É só uma foto das portas abertas de um ônibus em que parece estar prestes a entrar com a legenda que diz “eu deveria ter tomado a pílula azul”.

O que isso significa? Então eu lembro de “Matrix”. Um de seus filmes favoritos de quando era pequeno.

Esfrego a mão no cabelo, querendo arrancar minha própria pele. Como pôde nem ao mesmo enviar uma mensagem? Entendo se não quer falar comigo, mas ele tem que saber que eu ficaria preocupado. Partir por meses com todas essas perguntas...

Fico sentado na caminhonete, e passo a próxima meia hora procurando sites e blogs para os pais, tentando descobrir como posso falar com ele. Não tem permissão para usar o celular durante o treinamento, e não posso ligar para ele a menos que haja uma emergência, e mesmo assim, tenho que passar pela Cruz Vermelha para contatá-lo.

Porra. Estou me sentindo em um universo paralelo agora. Ele se foi. Sem nenhum recurso para falar com ele por oito semanas.

Nós não passamos muito tempo juntos nos últimos anos, mas ele só estava a um telefonema de distância. Não posso deixar as coisas ficarem assim por dois meses.

Procuro o escritório de recrutamento local da área e ligo. Poderia conseguir seu endereço através deles assim que ele receber sua designação.

Ninguém atende, amanhã eu vou atrás dele, ou dela, e descobrirei como posso entrar em contato.

Mas que droga.

— Merda!

Eu me sinto tão impotente.

Sabendo que seu celular provavelmente já foi confiscado, eu ligo para ele mesmo assim e coloco o telefone no ouvido. Vai direto para o correio de voz.

— Cole — digo, engolindo algumas vezes para molhar a garganta. — Eu... eu...

Balanço a cabeça, fechando os olhos.

— Eu te amo — digo a ele. — E estou sempre aqui se precisar. Eu sei, eu sei que não tenho desculpa. Eu só... — Meus olhos se enchem de lágrimas, e eu não sei mais o que dizer, além da verdade. — Eu tentei não me apaixonar por ela. Eu tentei. Eu lamento tanto.

Desligando, jogo o telefone de lado, sentindo-me vazio. Não quero que

nenhum deles fique sem saber que eu os amo.

Estou sozinho de novo e só os quero de volta. Eles são tudo para mim.

Jordan estava certa. Devia ter contado a ele, acabado com isso, e feito com que ele aceitasse aquilo. Nunca desistiria dela voluntariamente. Quanto tempo eu estava planejando mentir para ele? Mesmo se nós não tivéssemos terminado, eu teria que contar a ele em algum momento.

Eu dou a partida e engato a marcha a ré, saindo e acelerando para fora do estacionamento. Voltando para a rua, eu atravesso a cidade, checando periodicamente meu telefone no caso de ter recebido alguma mensagem.

Jordan deixou quase tudo em casa. Ela pegou algumas roupas, os livros e alguns itens pessoais, mas sua maquete, a cama e os móveis, e até a pintura ainda estão lá. Ela voltará para buscar suas coisas, certo? A esperança ainda não está perdida. Eu a verei de novo.

Mas não a vi na cidade em nenhum lugar, ela não está no trabalho e não vi seu carro. Onde ela está?

Jordan estava tão calma na outra noite. Sinistramente calma, na verdade. Como se já não se importasse mais.

Vou me odiar para sempre se eu a tiver destruído. Minha garota linda, feliz e *sexy* que me mata com seus sorrisos e piadas.

Entrando no estacionamento do The Hook, saio da caminhonete e caminho debaixo de chuva até o clube.

Não tem ninguém na porta, cobrando a entrada, mas duvido que me impeçam de entrar de qualquer maneira. Eu entro e paro, um *déjà vu* me inundando. A mesma música que a Jordan colocou quando dançou pelo FaceTime está tocando e duas mulheres giram em torno de postes no palco. A imagem de seu belo corpo se apresentando só para mim me atinge, e fico louco de raiva de como sou estúpido e pelo que perdi.

Vendo Cam à esquerda, eu ando, e nem mesmo me preocupo que ela esteja no colo de um homem. Ela está montada nele, os braços descansando sobre os ombros.

— Onde ela está? — exijo.

Cam olha para cima, arqueando uma sobrancelha enquanto se esfrega no homem, sem perder o ritmo.

— Olha, eu só quero falar com ela, tá bom?

Cam termina o trabalho com ele, sussurrando algo em seu ouvido e se levanta da cadeira, passando por mim.

Eu a sigo.

— Posso pelo menos saber se ela está bem? — pergunto, meu tom firme. — Já faz dias. Ela está ficando em algum lugar seguro? Ela deixou quase tudo para trás, então sei que não está em um lugar dela.

Cam continua andando, e eu me sinto um pouco desconfortável com a meia arrastão que ela tem cobrindo o fio dental em sua bunda, mas continuo indo atrás. Ela gesticula para o barman que abre um cooler e pega uma garrafa de água para ela, deslizando-a pelo bar.

Mas ao invés de parar, ela pega a água, vira e continua se afastando de mim.

— Cam, Jesus! — solto, pegando minha carteira e tiro um pouco de dinheiro. — Aqui estão cem dólares por cinco minutos do seu tempo! — Bato com o dinheiro no balcão. — Não quero uma dança. Tudo que eu quero....

Ela gira, e não tenho tempo para reagir antes que seus joelhos me acertem entre as pernas, me fazendo cair para frente.

Rosno, ofegante quando um dor excruciante feito balas atravessam pela minha virilha, coxas e estômago. Fecho os olhos, caindo sobre um joelho e suor frio exala pelo meu corpo todo.

Escuto a voz dela no meu ouvido:

— Eu não dançaria pra você, nem se você valesse um bilhão de dólares e seu pau tivesse gosto de pirulito de cereja — esbraveja. — Fique longe de mim e da minha irmã. Esqueça que ela existiu.

Sinto vontade vomitar e demora um pouco até que eu possa respirar normalmente de novo. Assim que sou capaz de me levantar, minhas pernas tremem, e vejo que Cam desapareceu.

Assim como meus cem dólares.



— Você não a ama, né? — Dutch pergunta.

Termino de empilhar as caixas na garagem, meu quarto projeto da semana passada para me manter ocupado quando não estou no trabalho.

Dutch está sentado em uma cadeira de jardim do lado de fora, inclinando-se para a frente, com os cotovelos nos joelhos e me observando como se eu fosse um touro em uma loja de porcelanas, prestes a quebrar alguma merda a qualquer instante.

Já faz nove dias desde que vi meu filho ou Jordan, e todo dia que passa parece que eles estão se afastando cada vez mais. Como se ele tivesse seguido com sua vida e como se eu nunca tivesse existido para ela.

Qualquer esperança que eu tinha está se esgotando rapidamente.

Eu liguei, mandei mensagem e deixei recado para os dois, e a única pista que tenho é um endereço para escrever para Cole, depois de ameaçar seu recrutador para conseguir para mim. Mandei minha primeira carta ontem.

Quanto à Jordan, a única garantia que fui capaz de conseguir de que ela está bem, veio de Dutch que ouviu de sua esposa que perguntou à Shel, e ela

disse que Jordan está fora da cidade visitando alguns amigos, e que está bem.

Ela vai voltar?

Parei de ligar depois de alguns dias, porque é óbvio que não quer conversar comigo, e estou tentando respeitar seus desejos, mas... Se ela ligasse agora mesmo, eu a buscaria em qualquer lugar que fosse e daria o que ela quisesse. Pelo resto da minha vida, ela pode ter tudo que quiser.

— Pike, você não pode se casar com ela — afirma Dutch como se soubesse o que estou pensando. — Sabe disso, né?

Continuo de costas para ele, arrumando as ferramentas jogadas na bancada e limpando a mesa.

Nove dias atrás eu teria concordado com ele. Teria dito que ele estava certo.

As pessoas vão falar. Provavelmente já estão falando. Eles vão tornar isso nojento e errado, e suas amigas da escola vão tirar sarro dela, e ninguém nos levaria a sério. Tudo o que veriam é a idade dela e como ela passou do filho para o pai, e seria o assunto da cidade.

Mas agora não tenho tanta certeza. Quem se importa com o que eles pensam? Nós superaríamos isso, e o círculo de amigos de Jordan é tão pequeno quanto o meu. Ela não vai ligar para o que estranhos têm a dizer disso.

Nós seríamos muitos felizes, e mais cedo ou mais tarde, as pessoas esqueceriam.

Ela me queria. Ela queria me amar.

Estava pronta para nós.

Balanço a cabeça, argumentando.

— Ela é diferente.

— Não, não é — retruca Dutch. — Ela é jovem e cheia de esperança. Como nós costumávamos ser.

Eu me viro devagar e olho para ele. Não é comum ele ficar contra mim.

Mas fico escutando conforme ele continua:

— Tudo é novidade para ela — explica. — Ela está animada com a vida, e faz você se lembrar de como era essa sensação. Antes de crescermos e percebermos que não seríamos pilotos de caça salvando o mundo ou os reis de Wall Street andando em grandes limusines. — Ele ri baixinho, sentando-se na cadeira. — Antes de ter contas para pagar e as responsabilidades se acumulando com o passar dos anos.

Seus olhos abaixam e posso ver tudo o que estou sentindo em seu rosto. Ele não odeia a sua vida, e ele adora sua esposa e filhos, mas se pudéssemos voltar e fazer pelo menos uma coisa diferente, eu sei que nós dois faríamos.

Aqui estamos, e não temos certeza do que queremos mais.

— Olha, cara. — Ele ergue os olhos e me olha. — Você se divertiu com ela. Não estou dizendo que fez algo errado. Se o sexo é bom, então desfrutem um do outro. Mas você tem que pensar no futuro e sabe que nem sempre será assim. — Ele pausa, enrugando a testa. — Ela vai acordar daqui a dez anos e ver uma foto online de uma amiga do ensino médio que está viajando pelo Nepal ou alguma merda assim, e vai olhar em volta e pensar em como está presa com duas crianças nesta pequena cidade e casada com um homem de quase cinquenta anos, cuja vida já passou da metade.

Eu permaneço em silêncio, suas palavras pesando feito tijolos por dentro.

— Acha que ela não vai se arrepender de escolher você, sabendo que seus melhores anos quase se foram? — pergunta.

Mas eu não preciso responder. Ele sabe que está certo.

Em dez anos, ela ainda será jovem e bonita, e eu a merecerei ainda menos do que agora. Não posso dar tudo o que ela quer, não importa o quanto meu ego pense diferente.

Ela nasceu para realizar grandes feitos. Ela é inteligente e forte, e merece o mundo. Merece uma vida que acabou para mim há muito tempo.

Outro homem será para ela tudo o que eu não sou e jamais serei, e mesmo que esse pensamento pareça ácido na minha boca, ela será mais feliz por isso. E acima de tudo, é o que eu quero. Ela vai construir um caminho com outra pessoa, e essa é a vida que ela merece.

Dutch vai embora, e eu fecho a garagem, entrando em casa e subindo as escadas direto. Paro no quarto de Jordan, a porta aberta e a suave brisa do lado de fora da janela soprando as folhas da árvore no quintal.

Seu leve cheiro permanece, e a marca de sua cabeça ainda está aparecendo no travesseiro encostado na cadeira.

Eu não entro, no entanto. Não é o meu quarto, não é mais a minha garota, e ela está fora em algum lugar, seguindo em frente com a sua vida, e eu preciso fazer o mesmo.

Já chega. Faça a coisa certa.

Alcançando a maçaneta, inalo seu perfume uma última vez.

E fecho a porta.



PIKE

Dois meses depois

Enrolando a corda fina e branca ao redor da roda, eu a puxo, vendo-a se mover na roldana em minha direção. Vou para o outro poste de madeira que eu cimentei no quintal e puxo a corda, testando-a também.

Não tenho noção do porquê estou colocando varais.

Tudo o que sei é que estou ficando sem ideias. Eu já construí uma mesa de piquenique de madeira com um porta-cerveja embutido no meio, pintei e coloquei bancos. Também instalei uma lareira, fiz um caminho de pedra que leva do portão até na porta dos fundos, espalhei fertilizante nos canteiros de flores, tochas ao redor da piscina, uma pérgula, uma rede e um pequeno lago com um jardim de pedras. Continuo saindo de um projeto para o outro, assim não tenho tempo para pensar em como não estou usando nada disso. Vou aproveitar de tudo quando terminar, acho.

— Está um pouco diferente aí atrás. — Escuto alguém dizer.

Olho para cima, vendo Kyle Cramer parado na varanda do seu quarto e olhando para o meu quintal.

Esse cara tem tesão por mim ou algo assim? Por que está sempre

tentando conversar comigo?

— Tá com tempo sobrando, hein? — sonda. — Reparei que tem estado mais silencioso por aqui nas últimas semanas.

Olho de relance para ele, dando um sorriso seco. Talvez se eu mostrar que o vi, ele vai me deixar em paz.

E sim, tem feito bastante silêncio. Até agora.

— Então, hum — ele começa, e eu resmungo baixinho. — Eu vi você e Jordan uma noite.

Eu paro e olho para cima, encarando-o. Calor sobe pelo meu pescoço ao ouvir seu nome. Não converso sobre ela com ninguém há meses.

— Minha cozinha fica de frente para a sua — explica. — Já era tarde e vocês dois estavam na pia.

Meu corpo aquece, lembrando daquele dia. A visão dela andando nua até a cozinha uma noite, e como eu não a deixei buscar um lanche no meio da noite até que eu tivesse o meu. Ela era tão linda.

Eu me endireito, cerrando os dentes.

— Você assistiu?

— Não — solta como se jamais fosse ficar olhando. E então dá de ombros. — Quero dizer, poderia ter visto tudo se você dois não tivessem ido parar no chão e fora da minha linha de visão.

Ele começa a rir, e se eu pudesse voar, estaria pulando essa cerca agora mesmo para o estrangular.

Ele parece notar minha raiva e tenta me acalmar.

— Olha só, não foi minha intenção ver nada, tá? Mas poderia tentar ficar longe das janelas, sabe? — Ele sacode a cabeça. — Só estou dizendo que acho que é a primeira vez que te vi sorrir. Ela certamente parece tê-lo feito feliz. Não consigo imaginar qualquer homem infeliz ao lado dela, na verdade.

— Cale a boca — murmuro, abaixando e pegando minhas ferramentas, jogando-as na pequena caixa.

Sério? Como é que a gente pôde ter sido tão descuidado? Ele é a última pessoa cujos olhos eu quero nela.

— Então, para onde ela foi? — pergunta. — Vocês não deram certo?

Eu o ignoro, recolhendo minhas coisas para poder fugir para dentro.

— Como ferrou isso, cara? — Ele ri, tomando um gole de sua cerveja. — Você arruma uma mulher assim; jovem e gostosa com tudo em cima... Você não a perde.

Jogo a chave no chão, avançando sem ter para onde ir.

— Vou acabar com a sua raça. Cala a boca.

— Ela está disponível agora, né?

— Filho da puta — esbravejo.

Ele só ri. Eu devo ser tão engraçado.

— Você está realmente triste — diz. — As mulheres não são tão difíceis de se fazer feliz se é o que você quer.

— Não foi porque eu não quis — digo. — Mas a questão não é essa. Jovens mulheres ficam com rapazes jovens, e não se esqueça disso da próxima vez que se deparar com uma. Ela merece alguém da idade dela.

Ele balança a cabeça, pensando. E então me perfura com os olhos.

— O seu filho era da idade dela, né? Ele a tratou melhor do que você?

Respiro fundo, mas fico em silêncio. Ele me dá um sorrisinho presunçoso e sai, voltando para dentro.

Não é por isso, idiota.

Sim, posso dizer com segurança que os relacionamentos dela com rapazes da mesma idade também não deram certo, mas…

Mas o quê? Não vou poder dar tudo o que ela quer? Não construirei

uma vida com ela? Não vou recomeçar e formar uma família na minha idade?

Dois meses atrás, pareciam argumentos viáveis, mas com o tempo, eles parecem menos convincentes agora. Como quem eu sou e em que ponto estou na minha vida não é esculpido na pedra. Ainda pode estar sujeito a alterações.

Balanço a cabeça. *Eu não sei.*

Não, eu fiz a coisa certa. Já faz meses e não tenho notícias dela. Ela seguiu com sua vida, obviamente.

Mas, nossa, eu sinto falta dela. É como se eu estivesse constantemente passando fome, mas a comida não vai me satisfazer. Há um vazio dentro de mim que não posso preencher sozinho.

Pego a caixa de ferramentas e me viro para entrar, mas quando olho para cima, vejo Cole parado na porta aberta dos fundos.

Eu paro. *Jesus*. Há quanto tempo ele está ali?

A caixa balança em meus dedos enquanto nossos olhares não desviam um do outro, e me sinto completamente atordoado ao vê-lo aqui.

— Eu vi você na formatura — diz, com a mão no bolso.

Sua formatura do treinamento foi ontem, e tenho escrito e perseguido seu recrutador durante todo o verão à procura de qualquer meio de contato. Precisava vê-lo, no entanto. Não podia perder esse momento. É uma grande conquista.

Lentamente, caminho em sua direção, incapaz de afastar o olhar. Ele está com a aparência ótima. Mais alto e maior, um longo verão no campo de treinamento deixou sua pele bronzeada e iluminou seu cabelo loiro, agora bem rente ao couro cabeludo. Ele está com seu uniforme camuflado verde e o quepe na mão, encostado no batente da porta.

— Eu só queria te ver — digo. — Não tinha certeza se tinha me colocado na lista ou se o seu recrutador que colocou, mas você não respondeu a

nenhuma das minhas cartas, então não sabia se você me queria lá.

Depois que a cerimônia acabou, eu queria falar com ele, mas a mãe dele estava lá com o namorado mais recente, e Cole foi cercado por um casal de amigos que foram prestigiá-lo. Não queria atrapalhar, então saí. Agora ele teria seu celular de volta, portanto, veria todas as chamadas, mensagens de texto e de voz. Ele me avisaria quando estivesse pronto para falar comigo.

Ele abaixa a cabeça, olhando o chão à sua frente.

— Recebi todas as suas cartas. Obrigado pelas mensagens.

Você quer dizer aquelas que não retornou? Abro um sorriso, sem culpá-lo. Foi um tiro no escuro, mas estou feliz que viu tudo. O importante era ele saber que eu estava pensando nele...

— Como você está? — Eu me aproximo e coloco a caixa de ferramentas no chão, puxando uma estopa do bolso de trás e limpando as mãos.

Ele fica quieto e respira fundo. Finalmente, ele levanta seus olhos azuis para mim.

— Tem cerveja?

Faço que sim com a cabeça gentilmente e abro caminho até a cozinha. O ar condicionado me atinge, resfriando o suor nas costas e meus nervos dificultam a respiração, mas não estou tão nervoso quanto pensei que estaria quando esse momento chegasse. Ele não está gritando ainda, então é um bom sinal.

Abro a tampa de duas Coronas, a luz do sol da tarde desaparecendo da mesa da cozinha, mergulhando atrás de algumas nuvens.

Ele se senta e eu faço o mesmo. Quando ele permanece quieto, percebo que cabe a mim a iniciativa de começar a conversa.

— Então, você está feliz? — pergunto. — No serviço militar?

Eu tive tempo para me acostumar com a ideia, especialmente depois de

conseguir as garantias de seu recrutador, mas preciso ouvir isso dele.

— Sim. — Ele coloca sua cerveja na mesa, mas não a solta. — Não sei, acho que é o que eu precisava. Ser dilacerado e reconstruído para melhorar.

Eu aguardo ele continuar.

— Não posso dormir até tarde — ele diz. — Não posso aparecer bêbado, não posso inventar desculpas porque estou com preguiça naquele dia... É uma droga, mas também tenho um emprego e dinheiro no banco. Uma carreira. É muito bom. — Ele finalmente levanta os olhos para mim. — Eu tenho um futuro, e para alguém que nunca soube onde era o seu lugar no mundo, é legal deixar que os militares decidam por você e lhe deem orientação.

— Tem certeza disso? — Levanto a garrafa, tomando um gole.

Acho muito bom que ele esteja fazendo algo por ele mesmo, mas também quero ter certeza de que está traçando o próprio caminho.

Ele continua:

— É aí que Jordan e eu nunca fizemos sentido. Ela sabia o que queria e eu me ressentia quando estava com ela, porque eu nunca sabia. — Ele solta um suspiro. — Eu não era igual a ela, nunca suficiente para ela. Nunca seria tão determinado. Alguns de nós simplesmente não são.

Meu coração acelera ao ouvir o nome dela de novo, mas ignoro. Não estou confiante de que se juntar ao serviço militar era realmente o que ele queria fazer na vida, mas tenho certeza de que não estava encontrando respostas nesta cidade. Pelo menos ele sabia disso.

Ele foi determinado o suficiente para dar esse salto.

— Você conseguiu, né? — pergunto. — Terminou o treinamento. Estou orgulhoso de você.

Vejo o pomo de Adão dele subir e descer, e os músculos de sua mandíbula se flexionam. Ele toma outro gole, ainda sem olhar para mim.

— Então, onde ela está? — pergunta, dando uma olhada atrás dele para a sala como se ela ainda estivesse em casa.

— Não sei. — Balanço a cabeça. — Ela foi embora depois de você. Não a vejo há dois meses.

Seu olhar vira para mim, preocupação fazendo sua testa franzir.

— Falei com a irmã dela — eu o tranquilizo. — Ela está bem. Onde quer que esteja.

Ele parece aceitar essa explicação, porque toma outro gole. Mas agora estou um pouco mais nervoso do que instantes atrás. É claro que ela não manteve contato com Cole, também. Não que eu achasse que se falariam depois de tudo, mas eram amigos. Essenciais na vida um do outro no passado. Quanto mais laços ela cortar, menos razões terá para voltar.

— Está saindo com alguém? — pergunta.

— Naaan, agora não. — Eu tomo outro gole. — Apenas me concentrando na casa e nos negócios.

— É, eu encontrei com o Dutch quando cheguei na cidade, e ele me disse que vocês estão, tipo, dois anos adiantados.

Dou risada.

— Nem tanto...

Embora, estejamos indo muito bem. Você consegue fazer muito trabalho quando não está correndo para casa todos os dias para uma mulher que incendeia seu corpo.

— Ela terminou com você ou você com ela? — Cole pergunta, tocando no nome de Jordan de novo.

Eu olho para ele. Não quero falar disso. Eu só quero que ele fique bem. Que ele fale sobre qualquer outra coisa comigo.

Mas principalmente porque não tenho orgulho da minha resposta. Se

Jordan não tivesse ido embora, eu a teria mantido por quanto tempo ela quisesse ficar. Eu deveria ter desistido dela por ele e não desisti. E não sei se teria, caso a escolha tivesse sido deixada para mim.

— Eu lamento tanto. — É a minha resposta. — Você jamais saberá o quanto.

Seus olhos estão presos nos meus, uma inundação de emoções que não tenho certeza se quero encarar, cruza seu olhar. Dor, decepção, confusão, solidão... Mas também calma, determinação e aceitação.

— Quando eu te vi na formatura ontem, queria ainda estar com raiva de você — diz. — E fiquei irritado porque não estava.

Ele abaixa os olhos, mil pensamentos passando por sua cabeça.

— Há algo a ser dito sobre o tempo e a distância, acho. — Ele dá um sorriso triste. — Você consegue ver muitos pontos de vista diferentes. Muito tempo para pensar sobre as coisas.

É.

— Quando eu tinha seis anos — ele continua —, você perdeu um contrato porque veio no meu jogo da Little League naquele dia. No meu décimo aniversário, você mudou minha festa e pagou para todos irem no kart, porque mamãe e um de seus namorados começaram a brigar em casa e me envergonharam pra cacete na frente de todos. Quando me formei no ensino médio, você fez uma segunda hipoteca para pagar minha faculdade, que eu só deixei escorrer pelo ralo.

Minha garganta se fecha. Ele se lembra de tudo isso?

— Fazendo o que pôde para me fazer feliz, não importa o sacrifício, nunca pareceu ser uma decisão difícil para você. — Ele olha para mim, sua voz cheia de emoção. — Então, eu acho, que fazer algo que sabia que poderia me machucar, definitivamente não foi uma decisão fácil — diz. — Eu sei que você

me ama.

Cerro os dentes para controlar a respiração, e alívio me inunda.

— Eu não sei o que pensar de tudo isso, mas... — Ele acena com a cabeça. — Sei que você me ama.

Estou sem palavras. É um pouco doloroso olhar para o seu filho e pensar se tem alguma coisa a ver em como ele se tornou uma pessoa tão boa. Não posso acreditar que ele está sentado aqui agora, quando eu nem tinha certeza se ele voltaria a olhar na minha cara algum dia.

— Você ainda a ama? — pergunta.

Hesito, procurando pelas palavras certas. Sim, eu ainda a amo, mas...

— Ela está melhor assim — digo a ele.

Ele não insiste, deixando o assunto morrer.

— Tenho que voltar amanhã à noite. Tudo bem se eu passar essa noite aqui?

— Claro.

Ele se levanta, levando sua cerveja para a sala com ele.

— Os Twins estão jogando com os Cubs hoje à noite — diz. — Quer assistir?

Respiro fundo e solto, sentindo meu corpo relaxar pela primeira vez em meses.

— Acho ótimo. Vou pedir uma pizza.

— De muçarela — pede.

Dou uma risada baixa.

— É, eu me lembro.

E pego o telefone do bolso e começo a discar para o Joe’s, mas depois ouço a voz dele.

— E pai? — ele me chama.

Eu olho para cima.

— Eu te amo — diz. — Mas ninguém está melhor sem você.



Naquela noite, acordo com o estrondo do trovão em algum lugar ao longe. Não abro os olhos, o resultado de muitos longos dias na obra pesando em minhas pálpebras. Eu me viro de lado, sabendo que vou voltar a dormir logo, logo.

O interior do meu braço direito queima com a tatuagem que fiz esta noite. Cole e eu decidimos ir ao Rockford depois da pizza e fazer as tatuagens que ele mencionou. Ele escolheu uma âncora no meio das costas, acompanhada por uma bússola e um nó de pescador com o lema “Forjado pelo Mar” ao redor. Só está delineado, no entanto. Ele disse que vai colorir depois que merecer.

Estou supondo que isso significa após seus primeiros seis meses no mar.

A vela tatuada na minha pele parece estar acesa de verdade, a fumaça do pavio subindo pelo interior do braço até o cotovelo. Eu sei, desde que Cole mencionou pela primeira vez sobre fazer as tatuagens dois meses atrás, que algo que representa Jordan era a única coisa que eu queria em mim pelo resto da vida. A aniversariante e seus desejos. Ela sempre fará parte de mim.

Respiro fundo, e apesar de ter lavado os lençóis várias vezes desde que ela foi embora, ainda sinto o cheiro do seu cabelo nos travesseiros.

E se eu me concentrar o suficiente e ficar de olhos fechados, ela estará ao meu lado.

Envolvo seu corpo com o braço e a puxo para mim, enterrando o nariz em seu cabelo solto.

— Eu estava roncando? — sussurra.

Eu sorrio, tentando não rir.

— Não.

Ela é tão tímida e adorável. Eu a abraço, me sentindo tão preenchido, porque tudo que eu preciso está em meus braços agora. Suas curvas se encaixam em cada centímetro do meu corpo e eu me sinto inteiro. Meu peito se enche com algo que é quase impossível de conter.

Ela respira tranquila, e percorro sua barriga nua com a mão, meu corpo avivando por ela. Tão facilmente, como sempre acontece.

De repente, sua vozinha penetra do quarto silencioso.

— Você me engravidou — sussurra.

Eu fico tenso. O que ela disse?

Não, não pode ser. Nós fomos cuidadosos.

Quando eu não digo nada, ela se vira e me encara, seus olhos, cautelosos, nos meus.

— Não desceu na semana passada — diz timidamente. — Eu fiz alguns testes hoje cedo. O melhor que posso imaginar é que estou com cerca de um mês.

Fecho os olhos. Meu Deus. Um bebê?

Meu bebê.

— Espero que ela tenha os olhos iguais aos meus — ela me diz.

Abro os meus.

— Seus olhos?

— Bem, ela vai ser uma mistura de nós dois, afinal — explica. — E quero que ela tenha seu sorriso. Isso equilibra as coisas, certo?

Eu toco seu rosto.

— Tem certeza? Tem um bebê?

Ela acena com a cabeça.

— Tenho. — Ela olha para mim com cautela e pergunta: — Tudo bem?

Abro a boca, mas nada sai. Um bebê? Eu me vejo acordando com uma criança no meio da noite, assentos de carro e desenhos animados, e sendo sobrecarregado, mas estranhamente, eu me sinto... tão apaixonado por ela e pela ideia de seu corpo crescer com a minha criança.

Mas eu queria que ela tivesse escolhas. Ela realmente quer isso?

A única coisa que sei é que a quero. Quero tudo com ela, e eu desejo, pelo bem dela, que isso ainda não acontecesse, mas mais tarde, sim.

— Eu te amo — sussurro. — Eu te amo muito.

Ela exala e sorri como se estivesse prendendo a respiração o tempo todo, e sobe em cima de mim, escarranchando-me.

— Eu também te amo. — Ela me beija, seu corpo nu se moldando ao meu. — Estava tão nervosa. Não sabia se você queria mais filhos ou...

— Shh, baby — sussurro, beijando-a e segurando seu rosto. — Eu te amo. Eu só... — Eu paro e continuo, olhando em seus olhos. — Você está presa comigo agora, né?

Ela me dá um sorrisinho e eu seguro sua bunda.

— Eu já vi muito amor ruim, Pike — diz ela. — Nós dois vimos, não? — E então ela se esfrega em mim de um jeito quase que imperceptível, despertando meu corpo na hora. — Esse é do tipo bom. Quando você o encontra, você o segura. Nada é mais importante.

Fico duro quando ela se move contra mim, e eu seguro seu rosto, olhando em seus olhos.

— Você me ama? — pergunta.

— Eu nunca vou deixar de te amar.

Ela mergulha, me beijando e pairando os lábios sobre os meus.

— Então tenho muita sorte — sussurra. — Somos tão sortudos.

Aperto as mãos nela e puxo para mais perto, mas de repente, não tem nada ali, e eu pisco abrindo os olhos, vendo meus braços vazios. Foi um sonho e não consigo acalmar minha respiração. Tirando o lençol de lado, sento-me, jogo as pernas para fora da cama e coloco a cabeça nas mãos.

— Porra — arfo, minha testa coberta de suor.

Eu ainda estou duro, o sangue pulsando através do meu pau, porque ainda posso sentir o desejo por ela tanto quanto podia dois meses atrás. Eu daria tudo para tê-la em meus braços agora.

Levantando-me, visto meu jeans e saio. Passo pelo quarto de Cole onde ele está dormindo e silenciosamente abro a porta do de Jordan. O quarto dela está fechado há oito semanas, e sou sobrecarregado assim que inalo. Ela está em todos os lugares e eu fecho a porta acendendo a luz.

Suas revistas “Casa e Jardim” estão ao pé da cama, e eu olho para a escrivaninha, meus olhos indo para o canto do móvel e me lembro de como estava linda naquela noite. A caixa de som que Dutch deu para ela está lá em cima, e eu me aproximo, abaixando o volume e pressionando *Play*. Reconhecendo “I’m On Fire”, de Bruce Springsteen, que sai dos alto-falantes, eu ajusto o volume de novo, não querendo acordar Cole.

Andando até a cama, eu sento e escuto a música, olhando em volta.

Não posso me afastar dela e não quero jamais. Pensei que estava apaixonado por Lindsay no passado, mas não estava. Não foi assim.

E eu nunca disse isso a ela. Ela não sabe que eu a amo.

Nunca pensei que diria isso, mas Cramer está certo. Eu teria amado Jordan com tudo de mim. Ela era a mulher da minha vida. Eu teria feito todo o possível para fazê-la feliz pelo resto de sua vida.

Mas eu estraguei tudo.

Olhando por cima, vejo um pote no criado-mudo, no rótulo diz “Sonho”. Eu me aproximo e o pego, estudando a meia dúzia de rolinhos de papel, todos de cores diferentes e amarrados com um cordão dourado, empilhados dentro.

Sinto o coração bater nos ouvidos, não quero invadir sua privacidade, mas preciso saber. Tenho que saber que os sonhos dela não me incluem ou coisas que eu posso dar a ela. Seu amor obscurece a mente dela. O que escreveu aqui será a verdade.

Abrindo a tampa, despejo os rolinhos na cama e pego um. Deslizo a corda, meu estômago revira de nervoso assim que o desenrolo.

INVENTAR MINHA PRÓPRIA TRADIÇÃO NATALINA.

Dou um leve sorriso, algo assim é bem a cara dela. É criativa e eu adoraria ver o que ela inventaria.

Colocando-o de lado, pego outro e o abro, lendo.

DIRIGIR UM CONVERSÍVEL COM A CAPOTA ABERTA NA CHUVA.

Sim, consigo visualizá-la me arrastando para algo assim, tentando fazer com que eu me divirta.

Pegando outro rolinho, meu sorriso desaparece e a boca seca, me preparando para ver algo que eu não gostaria de ver. O pulso no pescoço lateja quando o desenrolo.

TER UMA BIBLIOTECA EM CASA ALGUM DIA. ESTANTES EMBUTIDAS, FOLHAS AO VENTO DO LADO DE FORA E UMA ESPREGUIÇADEIRA CONFORTÁVEL COM COBERTORES ACONCHEGANTES.

Franzo a testa e coloco o papel de lado, rapidamente pegando outro.

Eu me pergunto se seria capaz de fazer Pike ficar na cama em um dia

chuvoso inteiro para assistir a filmes.

Garanto a você, garota, assistir filmes não será tudo o que faremos se ficarmos na cama o dia todo.

Desenrolo outro.

ANDAR EM UM BALÃO DE AR QUENTE.

Minha respiração acelera enquanto continuo desenrolando os rolinhos, um após o outro.

ADOTAR UM CACHORRO

COMO FAZER A CERVEJA ARTESANAL? GOSTARIA DE TENTAR ISSO.

VIAJAR COM MEUS FILHOS PARA O LAGO NO VERÃO.

TER UM VARAL NO QUINTAL DA MINHA FUTURA CASA. NINGUÉM MAIS USA ISSO!

Eu pisco. Acabei de instalar um varal. Agora ela tem um.

Eu continuo.

CORRER UMA MARATONA.

DEIXAR UM COBERTOR NO PORTA-MALAS PARA UM PIQUENIQUE DE ÚLTIMA HORA.

VER UM DESFILE.

APRENDER A FAZER MOLHO DE CHILI.

FAZER OFF-ROAD 4X4.

NADAR NO MAR.

ENCHER A CARROCERIA DA CAMINHONETE DO PIKE DE COBERTORES E TRAVESSEIROS E IR VER AS ESTRELAS.

Continuo lendo um após o outro, e por fim, incapaz de suportar mais, eu os empurro para longe.

— Porra — suspiro, meus olhos ardendo.

Eu posso dar tudo isso a ela. Cada uma dessas coisas – seus sonhos, a vida que ela quer – eu posso dar para ela. Tudo isso.

O que foi que eu estava pensando? Ela queria riqueza, poder e fama? O que foi mesmo que ela disse em uma de suas primeiras noites aqui?

Na verdade, eu não ligo para a cerimônia. Eu só quero a vida.

Ela quer um lar. Quer pessoas para amar.

Ela queria que eu a quisesse. Era tudo o que ela quis.

Lágrimas que não vou deixar cair, escorrem dos meus olhos.

— Mas que porra foi que eu fiz?

CAPÍTULO 27

PIKE

Respiro fundo e prendo a respiração enquanto seguro a maçaneta da porta do Grounders. Eu tentei ligar para Cam e até fui ao The Hook de novo, mas não consigo encontrá-la. Então penso que vai ter que ser com Shel mesmo. Tenho certeza de que isso é uma perda de tempo – a mulher me odiou desde que me conheceu –, mas estou desesperado.

Abrindo a porta, eu entro, a música e o cheiro de fritura invadem meu nariz na hora. Shel está atrás do balcão com apenas três fregueses à sua frente e eu olho em volta, vendo algumas mesas cheias, mas a maioria vazia. É uma noite de segunda-feira bem tranquila.

Estalo o pescoço, me preparando à medida que caminho até o bar.

Ela me vê e para de secar o copo ficando tensa.

— Cam, você pode servir esse cara? — diz em voz alta.

Eu olho para o outro lado e vejo a irmã de Jordan se inclinando sobre o balcão. Ela deve estar cobrindo os turnos de Jordan enquanto ela está fora.

Ela apoia a cabeça na mão, conversando com um cliente, mas assim que seus olhos encontram os meus, ela se endireita, seu sorriso desaparecendo.

Shel começa a se afastar.

— Espere — eu digo, interrompendo-a. — Não vou ficar.

— Ótimo.

— Eu só...

— Não vou te dizer onde ela está — ela me corta.

Eu vejo Cam nos observando e respiro fundo, aprumando os ombros.

— Só preciso saber se ela está bem.

— Ela está — responde secamente. — E ficará ainda melhor se ficar longe de você e desta cidade.

Eu me aproximo, abaixando a voz.

— Preciso vê-la. Por favor.

— Você a teve.

Seus olhos estão quase cobertos por sua longa franja preta, mas posso ver o ódio neles com bastante clareza.

Não quero incomodar Jordan. Ela se afastou, e não ouvi nenhuma notícia dela, o que me diz que fiz a coisa certa. Ela está bem e ficará mais feliz.

Mas eu não estou. Não acabou para mim. Você precisa do seu coração para sair da cama, andar, falar, trabalhar e comer, e ela o levou quando foi embora. Já não tinha muito antes de ela aparecer, mas o que restava dentro de mim, ela levou embora. Estou extremamente infeliz.

— Por favor, diga a ela... — Eu paro, admitindo em voz alta o que eu estava com medo de enfrentar. — Que eu a amo.

Shel não diz nada, e não sou capaz nem de olhar em seus olhos e ver tudo o que ela está pensando que eu sei que é verdade. Eu estraguei tudo.

Estou prestes a sair quando Cam se aproxima.

— Já faz dois meses — ela diz para Shel. — E ele ainda parece acabado.

— Isso não é o problema da Jordan.

— E nós não somos as guardiãs da Jordan — retruca Cam. — Ela foi embora uma vez, pode ir de novo se essa for a sua escolha. Nós não precisamos protegê-la.

Shel hesita, me lança um olhar feio, e finalmente desiste, contornando Cam até a outra extremidade do bar.

Cam se vira para mim.

— Olha, não sabemos exatamente onde ela está — diz. — Ela liga pra dizer como está a cada poucas semanas. Mas ela tem uma amiga cuja família administra um hotel no leste da Virgínia. Ela ficou tentando convencer a Jordan a ir visitá-la e até ofereceu um emprego lá no verão. — Ela hesita e depois dá de ombros. — Sem muito dinheiro, não posso imaginar que Jordan tenha outro lugar para ir.

Virgínia. É uma viagem de doze horas. Ela teria ido com aquele carro?

Acho que se Cam disse que ela tem ligado, está segura. E isso é o mais próximo de uma pista que vou conseguir. Suas aulas de outono começam em uma semana, e se ela fosse voltar, já estaria aqui, não? Ia querer tirar suas coisas da minha casa, e achar um lugar para morar. Ela estava mesmo pretendendo voltar?

Preciso encontrá-la. Não aguento mais esperar.

Eu me viro para sair, mas depois paro.

— Qual é o nome do hotel? — pergunto a Cam.

Mas ela apenas suspira.

— Hmm, não consigo me lembrar — diz, brincando comigo. — Acho que se você a quer tanto assim, vai encontrá-la.

E então se afasta, satisfeita consigo mesma por tornar isso mais difícil para mim. Acho que eu poderia fazer algumas ligações na região, mas se acontecer de eu conseguir contato por telefone, ela pode simplesmente desligar

na minha cara. Preciso ir encontrá-la cara a cara.

Preciso pelo menos vê-la uma última vez e dizer que eu a amo e que ela é tudo para mim.

E que estou morto sem ela.

CAPÍTULO 28

JORDAN

Clico o mouse, movendo o seis de copas e todas as demais cartas por baixo para o sete de paus. Então viro uma nova carta, clico nela duas vezes e vejo o Às deslizar automaticamente para um espaço vazio.

Depois de nove semanas, fiquei muito boa neste jogo. Danni continua sugerindo que eu aprenda pôquer ou 21, ou talvez até mesmo participe de alguns jogos online com pessoas de todo o mundo, mas não sou tão boa assim. Gosto de jogar sozinha. Algo para manter meu cérebro ocupado. Tem sido umas férias de verão agitadas, também. Ganhei cerca de trezentos e cinquenta jogos de quatrocentos e só perdi tudo isso, porque continuava a jogar até tarde da noite e dormia, deixando a bateria do celular acabar.

Eu realmente me sinto bastante patética quando me permito pensar em como passei horas e horas nesse lindo verão. Mas então começo um novo jogo e paro de pensar nisso.

O sino na porta do saguão soa, e eu olho para cima, vendo um homem em um pulôver preto e jeans entrar, vindo para a recepção.

Escorrego da banqueta e fico em pé. Sempre fico nervosa quando recebemos clientes tão tarde. O hotel fica em uma rodovia antiga sem muitas

empresas por perto ou iluminação. A maioria das pessoas fica na Interestadual, principalmente quando está escuro assim, e aqueles que não se importam com isso é que me deixam preocupada.

Mas oras, negócio é negócio.

— Oi. — Eu sorrio. — Bem-vindo ao Blue Palms.

Ele se aproxima do balcão, e meu sorriso vacila, vendo a enorme asa tatuada em seu pescoço com as palavras “O Diabo Não Dorme” em tinta preta. Esta é uma área bastante conservadora. Ele não deve ser da região.

— Oi. — Ele encontra meus olhos, mas só por um segundo. — Quantos quartos vagos você tem?

— Humm... — Olho no quadro de chaves e as conto para ter certeza. — Seis — respondo.

Ele acena, enfiando a mão no bolso de trás da carteira, presumo.

— Quero cinco. Por uma noite, por favor.

Cinco? Acho que nunca estivemos tão perto do “Não há quartos” desde que cheguei aqui. Por que ele precisa de todos esses quartos?

Não que eu esteja reclamando, no entanto. Nós precisamos de movimento.

O Blue Palms, de propriedade da minha amiga Danni e sua família, fica em uma estrada quase deserta. A nova interestadual, construída há vinte anos, deixou os negócios muito difíceis hoje em dia. As únicas pessoas que parecem saber que estamos aqui são os moradores da cidade, os parentes desses moradores que vêm para visitar e os motoqueiros que buscam uma experiência mais autêntica dirigindo pelas estradas antigas.

Estou feliz por ter vindo ajudar. Danni está me implorando há anos para visitar, e tem sido uma volta ao passado ficar outro verão com ela. Ela e eu ganhamos bolsas de estudo para um acampamento quando tínhamos doze anos e,

desde então, mantemos contato à distância. Sempre quis conferir o lugar onde tantas de suas histórias peculiares e sensuais vêm com a imagem mental que criei.

O cliente me entrega sua identidade e eu a pego.

— Obrigada — respondo, digitando no teclado para dar a entrada dele nos quartos.

A porta de repente abre de novo, o sino toca, e eu ouço uma voz bradando ordens.

— Precisamos de comida!

Eu olho para cima, vendo três mulheres paradas na porta e vejo mais algumas lá fora. Não vejo nenhum outro homem. Meus olhos reparam em suas roupas, e perto delas, as da minha irmã no The Hook parecem pudicas. Cabelo, maquiagem, saltos...

Olho de novo para o cara e o vejo fechar os olhos e demorar um pouco para abri-los, parecendo irritado. Ele folheia vários menus de papel do suporte na parede e tira alguns de diferentes lugares.

— Esses restaurantes entregam? — pergunta, colocando-os no balcão e tirando um maço de notas da carteira.

— Sim, todos eles.

Ele segura os cardápios com o dinheiro, e uma das garotas corre e pega tudo de suas mãos.

— Quero recibos e troco — ordena, sem olhar para ela.

Ela faz cara feia para ele por trás de suas costas e depois some com as outras lá para fora.

Sinto-me obrigada a avisá-lo. Este lugar tem um código de conduta não oficial, e Danni é bastante rigorosa sobre coisas ilícitas ou badernas. Isso já aconteceu aqui há muito tempo, mas a cidade está procurando desenvolver essa

propriedade. Ela não quer dar a eles uma desculpa para querer que este lugar feche.

— Este é um lugar bastante tranquilo e familiar — digo, digitando lentamente seu nome e endereço. — Festas não são permitidas, apenas para sua informação...

Ele olha para mim, seus olhos castanho-escuros quase divertidos.

— Elas são minhas irmãs — diz.

Contenho o sorriso e volto a me concentrar no meu trabalho. *Certo*. Se essas são as irmãs dele, então eu sou sua mãe.

Mas ele certamente parecia muito aborrecido com elas igual um irmão ficaria, acho.

Coloco as chaves no balcão – com chaveiros antigos em forma de diamantes arredondados – e imprimo a ficha para ele assinar.

— A piscina fecha às dez — informo. — O gelo e as máquinas de venda automática estão entre os dois prédios e há uma lavanderia no caminho até lá. — Olho para ele e aponto para a porta logo atrás, do lado de fora. — A recepção está aberta vinte e quatro horas. Nos avise se você precisar de alguma coisa. E o valor é de duzentos e oito dólares e quarenta e dois centavos, por favor.

Mas quando coloco uma caneta em cima da ficha e espero sua resposta, vejo que ele nem sequer está me ouvindo. Ele está olhando para a placa de neon na parede à sua direita e a citação escrita em letra cursiva...



Sua expressão severa se abre em um pequeno sorriso, do nada, olhando para a placa, seu rosto é uma mistura de admiração e confusão como se uma memória estivesse passando em sua cabeça. Eu olho para a placa novamente, a obsessão de Danni com música dos anos 90 é a maldição da minha existência durante todo o verão. É uma citação de uma música da Sheryl Crow, e nunca perguntei se significava alguma coisa, porque então ela colocaria a música, e eu sofreria.

— Senhor? — digo.

Ele pisca, virando para mim, ainda parecendo um pouco desorientado.

— Você está bem?

Ele sacode a cabeça e abre a carteira de novo.

— Quanto vai ficar?

— U$ 208,41 — respondo.

Ele me entrega trezentos dólares em notas de cem, e há uma placa que diz que não aceitamos notas maiores que cinquenta, mas vendo a pilha de dinheiro aterrorizante em sua carteira, não sinto vontade de irritá-lo. Pego o dinheiro e pego o troco dele.

Ele batuca no balcão enquanto espera, e reparo que ele está no ritmo de “The Distance”, de Cake, que Danni colocou para tocar nos alto-falantes da recepção.

— Ah, não faça isso — brinco, entregando-lhe o troco. — Você vai encorajar a dona. Estou tentando convencê-la de que a playlist está afastando os clientes.

Ele pega o dinheiro e me olha sério.

— Música dos anos noventa é a melhor. É quando as pessoas diziam a verdade.

Torço o canto da boca, não discutindo mais. Ele claramente bebeu o

mesmo Ki Suco que ela.

— Obrigado — diz ele, pegando as chaves.

Eu devolvo sua identidade e o observo sair. Do lado de fora, ele distribui as chaves dos quartos para todas as mulheres e, depois de um momento, todos vão para os quartos. Estou meio tentada a ir até a janela e ver se ele fica com alguma delas. Ou com as cinco. Bastante curiosa.

— Era um cliente? — Danni diz por trás de mim e eu olho para ela, vendo-a entrar no escritório. Seu apartamento, onde mora com a avó, fica atrás do escritório, por isso é fácil dar um pulo lá e verificar como ela está quando precisa.

— Sim — respondo. — Ele pegou cinco quartos para a noite e está viajando com pelo menos meia dúzia de mulheres, portanto, divirta-se no turno da noite.

Ela bufa e caminha, pegando a ficha.

— Tyler Durden? — Ela lê o nome dele, através dos óculos.

Aceno, tirando um fio de cabelo castanho de sua camisa de flanela. Ela até se veste com roupas dos anos 90.

— Você não pegou a identidade dele? — Ela faz cara feia para mim. — É um nome falso.

— A identidade dele diz Tyler Durden — retruco. — Por que acha que é um nome falso?

— Tyler Durden é o personagem principal de “Clube da Luta” — diz irritada como se eu fosse uma idiota. — O melhor filme dos anos 90 e um dos melhores livros de todos os tempos. É perturbador que você não saiba disso, Jordan.

Dou risada, balançando a cabeça. Ela pode ser só um ano mais velha que eu, mas somos de mundos totalmente diferentes quando se trata de

interesses.

“Clube da luta”.

Meu sorriso desparece e abaixo os olhos, voltando para o computador. Eu vi o filme, mas não lembrava do nome. E eu assisti recentemente, também, com Pike...

Engulo, meu peito apertando. *Droga*. Eu me saí muito bem nas últimas semanas, voltando a atenção para outro lugar para não pensar nele. Foi difícil no começo, mas não vê-lo todos os dias tornou isso mais fácil. Foi certo ir embora como eu fiz.

Mas de vez em quando, ele surge na minha cabeça quando faço molho de taco para Danni durante um longo turno de sábado ou quando ouço uma música ou quando vejo minha capa de chuva e os respingos de lama de quando brincamos na lama. Eu nem acendi mais nenhuma vela, porque não sei o que desejar quando for apagá-las.

Desejar me sentir da mesma forma quando estava com ele, dá poder a ele sobre mim de novo, mas no fundo, é tudo que eu realmente quero.

Sentir-me bem daquele jeito novamente.

Só que vai ter que ser com outra pessoa agora.

— Então... — Danni puxa outra banqueta. — Suas aulas de outono não começam em breve?

Clico no jogo FreeCell, evitando o olhar dela.

— Sim.

Ela espera que eu diga mais, mas não tenho certeza do que dizer. Meu financiamento estudantil chegou, então as aulas estão pagas, e tenho o suficiente para arrumar um apartamento, mas é quase como dar um passo para trás. Ele ligou quando fui embora na primeira vez, mas depois de alguns dias parou, e não houve nada desde então.

Odeio admitir, mas eu me pergunto com frequência o que ele está fazendo, se está vendo alguém, se sente minha falta...

Se eu for para casa, posso esbarrar com ele. Como será isso?

Tenho orgulho de mim por ter me afastado, mas ainda sinto vergonha por ele estar na minha cabeça, permanecendo o tempo todo. Eu ainda não o esqueci, e até que eu possa apagar uma vela e ter algo melhor para desejar, acho que minha cabeça ainda não está no lugar certo para voltar. Estou com medo.

— Você sabe que pode ficar para sempre aqui — continua Danni. — Sério. Minha faculdade não é ruim. Você pode pedir transferência.

— Obrigada — eu agradeço. — Mas preciso voltar. Eu sei disso. Só fiquei adiando, pensando nisso.

— Você não quer vê-lo.

Encontro seus olhos, os óculos de aro preto deslizando no nariz.

— Não quero ser quem eu era quando saí de lá — esclareço.

— Você não é. — Ela se inclina sobre o balcão, apoiando o queixo na mão. — Você tem permissão para sofrer. Mas não permitiu que isso a abalasse — ressalta. — É isso o que nos torna fortes. Você não ligou para ele e nos divertimos um pouco. Ele não arruinou seu verão, porque você não permitiu.

É. Nós ficamos bêbadas no lago, dançamos ouvindo música ruim enquanto andamos pela cidade em seu conversível Pontiac Sunbird 92 e fizemos algumas festas na piscina aqui. Dou uma risadinha.

— E não é como se ele tivesse me localizado aqui, também, então... — comento. — Acho que nós dois sabíamos que os dias estavam contados para o fim. Foi apenas uma aventura. Ele estava certo.

Uma aventura.

Uma história legal do passado que vou achar graça ao me lembrar quando não o amar mais, e posso agradecer pelo sexo.

Eu sinto seus olhos em mim, porque ela sabe que estou mentindo para mim mesma, mas como amiga, ela me deixa mergulhar na minha ilusão. Precisamos de mentiras para sobreviver, às vezes, porque a verdade dói demais.

Talvez uma transferência seja uma boa ideia, afinal.

Eu me levanto.

— A impressora precisa de papel — digo.

E sem olhar para ela, entro no escritório, piscando para afastar as lágrimas que ardem nos meus olhos antes que ela veja. Não vou chorar. Não posso me esconder aqui para sempre, afinal de contas. Northridge é minha casa, minha família está lá e tenho que voltar em algum momento. Eu consigo fazer isso.

— Olá. — Escuto Danni cumprimentar animada. — Bem-vindo ao Blue Palms.

Dou risada comigo mesma. O Blue Palms é um conjunto de palmeiras neon que não são de verdade e certamente não são nativas da Virgínia. Mas gosto das cores tropicais deste lugar, dos tons retrô de azul e do charme de estilo antigo de praia. Pode não ter as comodidades dos hotéis maiores, mas é discreto, limpo e nostálgico. Tem personalidade.

— Uh, obrigado — diz uma voz masculina. — Um...

Abro o armário, pegando um pacote de papel, suas vozes abafadas continuando a conversar na recepção. Tomara que ele só precise de um quarto, porque, ao menos uma vez, estamos prestes a ficar lotados.

— Jordan Hadley? — Danni diz mais alto como se estivesse repetindo o que ele disse.

Eu paro com o papel no braço e o armário ainda aberto.

— Sim — diz o homem, e aproximo-me mais da entrada para ouvir melhor. — Sinto muito incomodar você. Ela trabalha aqui? Me disseram que ela

trabalhava em um hotel na região e já passei em quase todos os lugares.

A veia do meu pescoço lateja e só consigo respirar de forma curta e ofegante.

— E você é? — sonda Danni.

— Pike Lawson — ele responde. — Um amigo.

Meus braços cedem e quase deixo cair o pacote de papel.

— Pike... — ela repete. — Igual na série “Buffy: A caça-vampiros”?

— Hã?

— Clássico cult de 1992? — explica Danni. — Luke Perry? Seu nome é Pike no filme?

Normalmente eu daria risada de sua diarreia verbal, mas minha cabeça está entorpecida e me deu frio na barriga. Ele está aqui? Ele está mesmo aqui?

Há silêncio por um momento, e então Pike pergunta:

— Então, Jordan trabalha aqui? Eu realmente preciso vê-la.

Ele parece vulnerável, sua voz me fazendo perceber que senti sua falta ainda mais do que pensava.

Mas em algum lugar dentro de mim, minha força aumenta, e eu me preparo, pronta para mostrar a ele que não vou me esconder. Eu não sei porque ele está aqui, mas se tentar fazer exigências novamente, como quando tentei voltar para o meu pai, sinto que não será difícil para eu me impor e enfrentá-lo. Ele não vai me dizer o que fazer.

Não importa o quanto ele tente.

Saindo do escritório, entro na recepção, vendo Pike parado do outro lado do balcão. Seu olhar imediatamente encontra o meu.

Ele respira fundo e apenas olha, seu corpo tenso.

Observo sua camiseta preta e o bronzeado mais profundo, como se tivesse passado o verão inteiro trabalhando ao ar livre, e meu coração bate forte

ao ver aqueles olhos castanhos e penetrantes e as grandes mãos que me pegaram e me carregaram meia dúzia de vezes. Ele parece mais alto, mas sei que não cresceu, é claro.

Danni desce da banqueta.

— Eu vou... dar uma conferida na minha avó — diz e passa silenciosamente por mim, indo para seu apartamento.

Pike fica entre a porta da frente e o balcão, com as mãos em punhos ao lado do corpo e dando impressão de que está prestes a avançar, mas não o faz.

Eu ando até o lado do balcão e abaixo o pacote de papel.

— Que foi? — pergunto.

Mas ele continua parado como se estivesse em transe.

Minha nuca começa a suar e estou ficando nervosa. Por que ele está parado ali, me encarando?

— O que você quer? — pressiono, meu tom seco.

Ele abre a boca, mas depois a fecha, engolindo.

— Pike, Jesus...

— O dia em que você foi embora — ele solta, e eu paro.

Eu aguardo, ouvindo quando um olhar de medo cruza seus olhos.

— A casa ficou tão vazia — continua. — Um silêncio que nunca esteve lá. Eu não conseguia ouvir seus passos no andar de cima ou seu secador de cabelo ou esperar que você entrasse em um cômodo. Você se foi. Tudo... — Ele abaixa os olhos. — Se foi.

Uma bola se aloja na minha garganta, e sinto as lágrimas ameaçarem, mas travo o queixo, me recusando a deixá-las cair.

— Mas eu ainda podia te sentir — sussurra. — Você ainda estava em todo lugar. A vasilha de cookies na geladeira, o *blacksplash* que escolheu, o jeito que você colocou todas as minhas fotos de volta no lugar errado depois que

espanou minhas prateleiras de livros. — Ele sorri consigo mesmo. — Mas não pude reorganizá-las, porque você foi a última a tocá-las, e eu queria tudo do jeito que você deixou.

Meu queixo treme e cruzo os braços, escondendo os punhos fechados sob os braços.

Ele pausa e depois continua:

— Nada voltaria a ser como era antes de você entrar em minha casa. Eu não queria isso. — Ele balança a cabeça. — Fui trabalhar, voltei pra casa e fiquei lá toda noite e todo fim de semana, inteiro, porque é lá que ficávamos juntos. É onde eu ainda posso te sentir. — Ele se aproxima, abaixando a voz. — É lá que eu poderia me envolver em você e me agarrar a cada pedacinho naquela casa que provou que você era minha só por um tempo.

Seu tom fica mais espesso e vejo seus olhos lacrimejarem.

— Eu realmente pensei que estava fazendo o que era melhor — diz, enrugando a testa. — Pensei que estava tirando vantagem de você, porque é jovem e bonita e tão feliz e esperançosa apesar de tudo que passou. Você me fez sentir como se o mundo fosse um grande lugar de novo.

Minha respiração vacila e não sei o que fazer. Odeio que ele esteja aqui. Odeio amar que ele esteja aqui. Eu o odeio.

— Não podia roubar sua vida e mantê-la para mim, sabe? — explica. — Mas então percebi que você não é feliz ou esperançosa ou me faz sentir bem porque é jovem. Você é todas essas coisas e é capaz de tudo isso porque é uma boa pessoa. É quem você é.

Uma lágrima escorre, deslizando pela minha bochecha.

— Querida — sussurra, com as mãos tremendo —, espero que você me ame, porque eu amo você feito um louco, e vou te querer o resto da minha vida. Tentei ficar longe, porque pensei que era a coisa certa, mas não consigo.

Preciso de você e amo você. Isso não acontece duas vezes e não vou ser idiota outra vez. Prometo.

Meu queixo treme e algo se aloja na garganta, e tento me segurar, mas não consigo. Meu rosto estala e eu desmorono, me afastando dele. As lágrimas vêm igual a uma cachoeira e eu o odeio. Eu o odeio tanto.

Seus braços estão ao meu redor em um segundo, e ele me abraça por trás, enterrando o rosto no meu pescoço.

— Me desculpe por ter demorado tanto — sussurra no meu ouvido.

— Você demorou — eu choro. — Você demorou tanto tempo.

— Eu vou te compensar. — Ele me vira e segura meu rosto, pressionando os lábios no meu ouvido. — Prometo.

Ele me abraça por um tempo, e meu orgulho me diz para não ceder. Não deixar ninguém se aproximar e sem mais segundas chances.

Mas não estou completamente certa de que não faria o mesmo se estivesse no lugar dele. Cole, Lindsay, Shel, minha irmã, Dutch, toda a vizinhança... eles vão falar. Alguns o julgarão por isso. Seu medo é justificado.

Mas eles não sabem. Eles não sabem como somos sortudos e como isso é bom.

Eu o amo.

Eu me afasto e enxugo as lágrimas em sua camiseta.

— E eu não coloquei as fotos de volta no lugar errado — digo. — É onde elas pertencem.

Ele ri, enxugando as lágrimas no meu rosto e me traz para perto, me beijando. Tudo volta com força total – sua boca, suave, mas forte, e seu gosto – e o beijo de volta, levantando-me na ponta dos pés para ir mais fundo.

— Precisa de um quarto? — alguém diz. — Veio ao lugar certo.

Eu me afasto e Pike pigarreia quando Danni entra e se senta na

banqueta.

— Pike, essa é Danni — eu o apresento. — Danni, Pike.

— Prazer em conhecê-lo — diz ela.

— Igualmente. — Ele estende a mão e eles se cumprimentam.

— Então, querem um quarto? — ela pergunta de novo. — Por conta da casa?

Ela tira a última chave do quarto disponível do quadro e a segura.

Ele se aproxima, pegando-a.

— Obrigado. Mesmo. Isso seria ótimo.

Ela vira o olhar para mim, e eu posso dizer que está procurando por confirmação de que tudo está bem. Eu aceno, assegurando que sim.

— Bem, tenham uma boa-noite — diz para nós. — Eu te vejo de manhã.

Pike segura a minha mão e nós caminhamos para fora, o ar úmido de agosto já umedecendo meus braços. Ele me abraça como se fosse me perder conforme caminhamos até sua caminhonete e pegamos sua bolsa e um pequeno pacote. Dou risada, vendo lama por toda a porta e nos pneus.

Caminhando para o quarto, passo os cinco quartos que distribuí para “Tyler” e suas mulheres, e consigo ouvir música, conversas e risadas de dentro de vários deles. Passamos por outro quarto com as cortinas fechadas, mas a luz da TV atravessa pelo tecido.

Mais adiante no passeio, um dos clientes assíduos, Peter, caminha até a máquina de refrigerante com uma espada amarrada nas costas expostas e usando as calças de couro preto de sempre.

— Mas que diabos é isso? — Pike murmura para mim, olhando para ele.

— Esse é o Peter — respondo, admirando o cabelo preto que quase

alcança sua cintura. — Ele está aqui todo fim de semana, fazendo Live Action.

Pike franze o cenho e olha para mim.

— Jogos de RPG — explico. — Às vezes ele traz uma linda princesa élfica e eles ficam superanimados. Dá pra ouvir através das paredes.

Ele ri quando chegamos ao nosso quarto, e abre a porta. Eu entro e caminho até o criado-mudo, acendo a lâmpada quando ele fecha e tranca a porta.

— Posso te levar pra casa amanhã? — pergunta. — Estou ansioso.

Eu olho para ele.

— Ansioso pra quê?

Ele apenas esboça um sorriso.

— Tudo, eu acho.

Ele joga a pequena caixa para mim, e eu a pego no ar.

— O que é isso? — pergunto.

— Abra.

Ando até a pia e encaro o espelho, puxando a fita. Rasgo a caixa, tiro três fitas cassete e começo a sorrir na hora.

— Encontrei algumas músicas dos anos 80 pra você que eu posso suportar — diz ele, vindo atrás de mim enquanto verifico as novas adições à minha coleção.

— AC/DC. — Leio os rótulos. — Metallica... Beastie Boys.

Eu olho para ele e ele mergulha, me beijando. Eu fecho os olhos, sentindo-me tonta. Queria saber quanto trabalho ele teve para encontrá-los. Tomara que tenha sido muito.

Agito sua língua com a minha, o beijo fica mais intenso e forte, e eu alcanço ao redor, apertando sua nuca, não o soltando.

Ele ofega entre os dentes, e posso senti-lo endurecer através do jeans.

— Baby, passei pela merda da Virgínia inteira — arfa. — Preciso de

um banho.

— Nós vamos tomar um depois — digo, relembrando da nossa incursão na mesa da cozinha há dois meses, quando ele queria um banho primeiro, também.

Largo as fitas no balcão e pressiono as costas contra ele, gemendo.

Ele me beija e se afasta só um pouco para olhar nos meus olhos.

— Não houve mais ninguém desde que você foi embora — diz.

Pisco para ele.

— Eu sei. Não posso dizer o mesmo, no entanto.

Seu rosto mostra decepção e a mandíbula fica tensa.

Eu o prendo com olhos arrependidos.

— Eu senti sua falta, então bebi um pouco demais no 4 de julho e tive um pequeno encontro com o canto da mesa no quarto 108 — digo. — Foi muito gostoso.

Ele começa a rir, o corpo tremendo atrás de mim.

Eu realmente não fiz isso, mas me senti tentada algumas vezes. Quando fechava os olhos, porém, eu só enxergava ele, e parecia lamentável me masturbar pensando num homem que eu achava que não me queria.

Então, tenho sido recatada e agora estou pronta para ir à loucura.

Virando-me, ele me levanta e eu envolvo as pernas em sua cintura enquanto ele me leva para a cama. Soltando-me na cama, ele tira a camiseta e me olha à medida que desabotoa o cinto.

De repente, porém, uma batida bem alta e rápida atinge a parede atrás de nossa cama, e gemidos estridentes perfuram as paredes. Nós dois paramos e ouvimos Peter e sua princesa transarem no quarto ao lado, batendo a cabeceira na parede bem na direção da nossa e mandando-a balançando para frente e para trás.

Seus olhos se arregalam.

— Oh, eles *são* altos.

Yep.

Então ele olha para mim, com um olhar malicioso.

— Podemos ser melhores que eles. — Pike agarra a parte de trás dos meus joelhos, me puxando até o pé da cama, e eu grito quando ele vem em cima de mim.

CAPÍTULO 29

JORDAN

Um ano depois

— Vou aprender sozinha se você parar de me controlar! — repreendo, tentando empurrar as mãos de Pike do meu guidão.

Ele está atrás de mim no meu novo quadriciclo e acelera, saltando do barranco para fora da lama. Eu arfo, inclinando-me para trás e sentindo um gelo na barriga agarrando seus antebraços para me equilibrar. E dou risada.

— Bem, se usasse o capacete... — ele diz.

— Mas eu não posso ver com o capacete.

Estamos andando na lama. Não é como se estivéssemos correndo a sessenta quilômetros por hora aqui. Não preciso de um capacete para isso. E mais, estou apenas aprendendo a usar quadriciclo hoje. Vai ser sorte se eu chegar a vinte quilômetros por hora.

Mas se eu não usar o capacete, ele não vai me deixar dirigir sozinha até que eu tenha recebido a devida instrução. Daí, a aula de direção.

Corremos através do barranco, lama espalhada por todo o meu novo quadriciclo vermelho, minhas botas e jeans. Também sinto algumas gotas de algo frio pousarem no meu cabelo, no rosto sob o boné de beisebol e na camisa.

Minhas provas finais acabaram esta semana, e tive dores de cabeça pela falta de sono constantemente, mas me sinto muito melhor hoje. Estou feliz que ele me surpreendeu com isso. Um dia com ele, diversão e ar fresco é tudo que eu precisava.

Ele tem sido tão bom ao aguentar meu mau humor nas últimas duas semanas enquanto estudo, preparando lanches e tentando não me distrair enquanto eu terminava algum trabalho.

Embora ele tenha entrado na biblioteca – meu antigo quarto – e me tentasse com uma rapidinha aqui e ali, sob o pretexto de que eu precisava de uma pausa.

Ah, tá.

Sorrio, lembrando-me dele entrando quando estava com meu nariz enterrado em um livro, tirando a camisa, e me dizendo que ia tomar banho, mas eu sei o que realmente queria, porque ele sabia que a visão dele só de jeans é como um maldito filme pornô para mim. Não briguei. Nunca brigo. Eu o quero tanto quanto ele me quer.

Mas agora as provas acabaram e as aulas só voltam no próximo outono, e eu sou toda dele.

Sua caminhonete está estacionada à frente, e o quadriciclo dele ainda está no trailer conectado, limpo e brilhando como novo.

Ele para e desliga o motor, enterrando os lábios no meu pescoço e me beijando.

— Tenho um presente pra você — brinca.

Eu viro a cabeça, roçando os lábios em seu rosto.

— Você já me deu meu presente. — Passo as mãos sobre o guidão do meu novo veículo de quatro rodas e também me lembro do orgasmo que ganhei às seis da manhã de hoje. Tem sido um bom aniversário até agora.

— O quadriciclo era apenas uma desculpa para eu ter um, na verdade — explica ele.

Mordisco sua mandíbula.

— O que é então? Mais antiguidades para minha coleção?

— As fitas cassete não são antiguidades, Jordan — afirma com firmeza.

Dou risada.

— Você está certo, está certo. Elas são consideradas *clássicos*. Como os carros com mais de trinta anos. Igual a você! — eu cantarolo. — Você é um clássico.

Ele aperta a mão sobre a minha boca, sufocando minha risada e balança a cabeça. Ele não está ofendido com a minha piada. Eu só o provoco sobre sua idade porque ele ainda acha que é um problema, e estou tentando aliviar o clima.

E para algumas pessoas na cidade, é estranho. Mas eles não significam nada para nós. Cole, minha irmã e Shel já se acostumaram, embora Cole ainda esteja demorando um pouco mais do que os outros para se acostumar, mas são os que importam para nós.

Mordo os dedos dele, brincando, mas de repente, ele segura uma pequena caixa de couro preta na minha frente, e eu paro.

Eu fico sem saber o que sentir e não estou mais rindo.

Tirando a mão do meu rosto, ele permanece em silêncio enquanto olho para a caixa. Um milhão de pensamentos diferentes passando pela minha cabeça agora, mas mal posso ouvi-los, porque o pulso nos meus ouvidos é ensurdecedor.

Ah, Meu Deus. Não é uma... aliança, é? Quero dizer, nós não conversamos sobre isso.

Sempre imaginei que chegaria a isso, mas Pike não dá grandes passos

sem uma ajudinha. Não fazia ideia...

Lentamente, eu pego a caixa da sua mão e a abro, a boca ficando seca feito um deserto quando vejo o anel de diamante dentro.

Lágrimas fazem meus olhos arderem e fico boquiaberta.

É uma rosa. Como aquele do bolo de aniversário que ele me deu no ano passado e as flores que plantei ao redor da casa nesta primavera. Um grande diamante fica no meio de pétalas de platina, adornado com pedrinhas, e é diferente de tudo que já vi. Linda e especial e completamente eu.

Ele quer casar comigo?

Solto um pequeno soluço, me sentindo sobrecarregada.

— Você só pode estar de brincadeira! — estalo. — Estou coberta de lama!

Ele está fazendo isso agora? Quando houve centenas de jantares e cafés da manhã na cama durante o passado, quando eu estava bonita e limpa?

Seu peito treme, rindo atrás de mim e ele envolve os braços pela minha cintura.

— Você está linda.

Eu esfrego o polegar sobre a grande pedra. É real. Tudo isso é real.

— Tenho planejado isso há muito tempo — diz. — Você acha que sei o que eu queria fazer ou dizer, mas não consigo pensar agora. — Sua respiração assopra no meu cabelo sussurrando: — Acho que eu deveria descer sobre um joelho, hein?

— Não, não me solte. — Minha voz treme.

Engulo o nó duro na garganta e pego a aliança, colocando a caixa no colo e a experimento. A aliança fria desliza perfeitamente, e eu pego sua mão, colocando-a no guidão de novo com a minha por cima.

Seu dedo ainda não tem uma quando entrelaço nossas mãos.

Mas vai ter.

Meu coração incha tanto que parece que meu peito vai explodir, e estou sem palavras. Ele certamente me surpreendeu. Não acredito que fez isso sem me dar uma pista do que estava armando.

Olho para nossas mãos juntas, inclinando-me nele e ainda mais animada com tudo que está por vir. Acho que parte de mim – uma pequena parte – ainda estava esperando por ele. Estava sempre lá no fundo da minha mente, aquele medo de que ele ainda pudesse me enxergar jovem demais ou não estando pronta para isso ou por ele mesmo, mas Pike tem que saber...

Sou feliz todos os dias. Não há nada que pareça melhor do que ele.

Algumas gotas de chuva caem nos meus braços, as nuvens escurecendo, e finalmente encontro fôlego, inalando profundamente.

— Então, vai dizer “sim” ou... — Ele para.

Sorrio com o pouco de medo que ouço em sua voz diante do meu silêncio.

— Sim. — Eu me viro e o beijo. — Você me faz tão feliz. Eu te amo.

Ele encosta a testa na minha.

— Eu te amo tanto que dói, baby.

Sua boca consome a minha de novo, e ele segura meu rosto com as mãos, me beijando e provocando a minha língua, onde eu a sinto em todos os lugares. Minha respiração fica irregular, e estou prestes a sugerir para continuarmos isso na caminhonete, já que estamos sozinhos aqui fora, mas a chuva aumenta, batendo no meu corpo muito mais rápido agora.

Eu interrompo o beijo e olho para cima, apertando os olhos contra a chuva para ver as nuvens da tempestade acima. As tempestades de verão estão começando mais cedo este ano.

Ele sai, me ajudando a descer, e nós dois corremos para o lado do

passageiro da caminhonete, abrindo a porta para mim.

— Podemos fazer isso hoje? — pergunto, tirando o capacete novo, nunca usado, do meu banco, colocando-o no assoalho.

— Casar? — pergunta. — Você realmente não liga para a cerimônia, né?

Eu olho e o vejo sorrindo para mim enquanto tira a camisa enlameada e a joga na carroceria da caminhonete.

Estou parada com a porta aberta e dou de ombros. Nunca pensei em crescer preocupada com festa e roupas extravagantes. Quando outras garotas sonhavam com as cores e vestidos de madrinhas, eu só queria tudo que vinha depois. O marido, as crianças, a casa com o cheiro de cookies depois da escola, piqueniques e viagens...

Piso no apoio, prestes a entrar na caminhonete, mas ele me puxa de volta para ele. Eu caio em seu peito, os pés ainda no apoio, e envolvo os braços por seu pescoço.

— Eu meio que me importo com isso — admite, hesitando um pouco como se quisesse se desculpar por isso. — Nunca me casei antes, sabe? Adoraria ver você em um vestido.

Agora, como posso dizer não a isso? Aceno, beijando-o novamente. Pode ser divertido, na verdade. Fotos de noivado na lama? *Sim, por favor.*

— Estava pensando no México — diz, olhando para mim. — Uma praia no Mar de Cortez e só você, eu, e as pessoas mais próximas?

Sorrio.

— Claro que sim.

É a nossa cara. Calmo, discreto e perfeito. E estaria mentindo se dissesse que não fiquei animada a ir a algum lugar em que nunca estive. Eu praticamente nunca saí dessa cidade, e a ideia de ter que tirar um passaporte me

deixa eufórica tanto quanto ter que comprar esse vestido que Pike vai morrer quando me vir.

Eu já estou borbulhando de excitação com o olhar que espero ver no rosto dele.

Ele olha para mim, ficando quieto e com os olhos sérios.

— Você vai querer filhos? — pergunta.

Meu coração acelera, sabendo que este é um assunto potencialmente sensível.

— Um, pelo menos? — respondo, tímida. — Está bom pra você?

Eu entendo que começar de novo é pedir muito dele, mas adoraria ter um bebê seu.

Em algum momento no futuro.

Para minha surpresa, ele mal hesita antes de concordar.

— Pra mim, sim — responde. — Não posso esperar muito tempo, no entanto, ou estarei recebendo o desconto de idoso no jantar de formatura da criança.

Começo a rir.

— Depois de você se formar — diz. — Vamos tentar, tá bom?

— Sim.

Sento no banco e tiro as botas enlameadas, jogando-as na carroceria com a camiseta de Pike, tiro o boné e meu cabelo cai ao redor do rosto.

— Sabe — começo a falar —, estou um pouco nervosa.

— É?

Balanço a cabeça, fazendo tsc tsc tsc.

— Casar com um homem mais velho com muito mais experiência...

Ele vem até mim, agarrando meus quadris e me puxando para a borda do assento. Passo a mão por seu peito.

— Não preciso que a minha esposa saiba do que os outros homens gostam — afirma. — Apenas o que eu gosto.

Minhas sobrancelhas levantam, tendo uma ideia. Lentamente, desabotoo a camisa de flanela que estou usando e vejo seus olhos arregalarem quando ele vê que não estou usando nada por baixo. Abro a camisa só um pouco, convidando seus olhos para olharem meus seios.

— E o que você gosta? — eu o provoco como naquela noite na cozinha quando coloquei um Band-Aid no dedo dele.

Seu olhar está travado no meu peito, e deixo a camisa deslizar pelos braços, meus mamilos duros por causa do frio da chuva.

Abaixo a voz em um sussurro:

— Acho que preciso praticar mais.

Seus olhos escurecem e ficam cheios de desejo quando olham para mim. Subindo no apoio, ele mergulha na caminhonete e sai da chuva, seu corpo caindo em cima do meu. Eu deito no banco, abrindo as pernas para ele conforme abro seu cinto.

Nossos lábios pairam um sobre o outro.

— O que a aniversariante quiser — sussurra.



PIKE

Nove anos depois

Um trovão trespassa o silêncio, e eu pisco os olhos, abrindo-os quando um relâmpago ilumina o quarto. Suspiro, esfregando os olhos com o polegar e o indicador.

Mais chuva, caramba.

Não. Não tenho que me preocupar com isso pelas próximas duas semanas, então não vou. Dutch pode lidar com isso. *Tenho que acreditar nisso.*

Jordan e eu estamos viajando de manhã e ele está no comando enquanto estiver fora. Prometi que ela e os garotos teriam minha total atenção o tempo em que estivéssemos fora, desde que deixasse seu laptop em casa e não tentasse trabalhar escondida. O problema é que o trabalho dela também é seu hobby, então eu meio que me sinto mal pedindo a ela para ficar longe de algo que ama há tanto tempo.

Mas Jordan está certa. As crianças precisam nos ver sem nossos olhos enterrados em alguma tela de computador.

Eu viro a cabeça, olhando para ela ao meu lado. Está curvada de lado, o nariz e os lábios enterrados no meu braço com uma mão sobre o meu peito e

ombro. Seu cabelo na altura dos ombros está espalhado para cima no travesseiro. Eu me abaixo e cubro suas pernas nuas e calcinha branca com o lençol. Ela está com a camiseta amarela que arrumou em nossa lua de mel no México, e ainda não dá para ver que ela está quatro meses do nosso segundo filho. Nosso primeiro, Jake, está dormindo em seu quarto no final do corredor. *Jake Ryan Lawson*. Ela escolheu esse nome em homenagem a um cara de um filme adolescente dos anos 80, mas não digo isso às pessoas. Ela pode contar a eles, mas eu certamente não vou.

Descanso a mão em sua coxa e olho para o teto.

Estou com quarenta e oito anos. O que vou fazer com um filho de seis anos e outra criança a caminho?

Mas foda-se, estou feliz.

O barulho da chuva bate nas janelas e sinto Jordan respirando tão pacificamente ao meu lado. Fecho os olhos. *Minha*. Minha casa, minha esposa, minha família... Meus. Às vezes fico tão impressionado com a sorte que tenho que não consigo compreender. Ainda não consigo parar de tocá-la quando ela está perto ou deixo de ficar ansioso para rastejar para a cama à noite, sabendo que finalmente ficaremos sozinhos.

De repente eu me lembro da roupa no varal e me levanto depressa.

— Merda — murmuro, vestindo uma calça de pijama.

Saindo do quarto, ando pelo corredor, parando na porta de Jake, silenciosamente abrindo-a. Ele dorme em sua cama, enquanto o filho de Cole, Parker, está desmaiado ao lado dele. Ambos parecendo um emaranhado de braços e pernas, e dou risada baixinho. Nós explicamos a eles que Jake é o irmão do Cole, o que faz dele tio de Parker, mas é difícil para eles entenderem algo assim quando têm a mesma idade.

Meu peito aperta toda vez que eu os vejo dessa forma. Meu filho e

meu neto são mais como irmãos, e eu realmente não ligo se parece esquisito para os outros, porque somos uma família com sorte.

Cole conheceu sua esposa, Kotori, quando ele estava em Okinawa, e ambos estão participando de uma convenção para a qual sua empresa os enviou em Las Vegas. Convidamos Parker a ir com a gente por algumas semanas, para que pudessem ir sozinhos.

Fechando a porta, corro pelas escadas, passando por todas as fotos da nossa família nas paredes, a maioria das quais estou presente, e atravesso a cozinha até a lavanderia. Pego uma cesta de vime de cima da secadora e vou para o quintal. A chuva está fraca, mas bate nas minhas costas como pequenos dardos, afiados e rápidos. Corro até o varal e começo a puxar as toalhas de praia e qualquer outra roupa que a Jordan queria lavar para colocar nas malas. Nós provavelmente temos as malas lotadas para a viagem ao norte, mas com a minha sorte, nós vamos para a casa do lago, e ela ficará chateada por duas semanas porque não tem sua outra camisa rosa que combina mais com os tênis que ela comprou naquela vez que viajamos.

Limpo o varal, enfio todos os prendedores no saco e carrego a cesta de volta para dentro. Abrindo a secadora, enfio tudo e ligo a máquina, assim vai ficar tudo pronto para quando acordarmos pela manhã.

Voltando para o andar de cima, fecho a porta do nosso quarto e volto para a cama, Jordan imediatamente acorda e me vê, aconchegando-se. Eu a envolvo nos meus braços.

— Tudo certo? — ela pergunta baixinho.

— Sim. — Eu beijo sua testa, puxando as cobertas sobre nós. — Volte a dormir. Temos um grande dia amanhã.

—Você sabe que não consigo dormir com as tempestades.

Meu peito treme com uma risada, porque ela é uma mentirosa. Esta

questão de dormir durante as tempestades nunca foi um problema em nossa cama. Ela apaga ao meu lado, e eu me orgulho muito desse fato.

De repente sinto vontade de ver o rosto dela, então estendo a mão livre e pego os fósforos. Riscando um, acendo a vela no criado-mudo. Soprando o fósforo, o quarto brilha com uma luz suave, e eu olho para o seu rosto, ainda nas sombras, mas um pouco mais visível agora.

Seus longos cílios e pele bonita. Os lábios rosados que eu beijei milhares de vezes por milhares de horas. Seu corpo que amei por dez anos e de um milhão de maneiras diferentes. Você pensa que eu estaria acostumado com ela a essa altura, mas meu pau começa a enrijecer só de pensar nela em cima de mim de novo.

Sua cabeça levanta e ela olha em volta, assustada.

— As roupas — dispara.

— Eu já peguei — digo, acariciando sua perna para acalmá-la. — Não se preocupe.

Ela relaxa, balançando a cabeça e bocejando ao mesmo tempo.

— As crianças estão bem? — pergunta, colocando a cabeça de volta no meu peito.

— Sim. Desmaiados.

Esfrego suas costas, tentando acalmá-la e fazê-la voltar a dormir, e sinto sua perna sobre a minha. Cerro os dentes, sentindo o calor entre suas coxas na minha agora. A virilha pulsa.

— Você está nervosa? — sussurro.

— Um pouco.

Ela vai fazer uma apresentação na abertura dos jardins botânicos que projetou para o novo museu em Rockford amanhã. Depois da faculdade, ela trabalhou para uma empresa por vários anos, mas decidiu abrir a própria

empresa ano passado. O museu foi seu primeiro grande projeto solo, e não apenas os clientes estão extremamente satisfeitos com seu trabalho, como também já trouxeram vários novos projetos. Ela é uma artista.

Mas como odeia falar em público, então estou pensando que será doloroso, mas rápido amanhã.

— Apenas lembre-se — eu beijo a cabeça dela —, nós podemos entrar no carro e pegar a estrada depois.

Seus braços se apertam ao meu redor.

— Não vejo a hora.

Após a apresentação, vamos para Minnesota, onde alugamos uma casa no lago por duas semanas. Sua irmã Cam e o último de uma série de namorados ricos, também alugaram uma casa por lá, então estão trazendo seu filho com eles, e teremos companhia quando quisermos.

E alguém para cuidar das crianças por uma noite quando quisermos ficar sozinhos.

Seus dedos percorrem meu peito e ela arrasta as unhas levemente no meu abdome. Meu corpo começa a acordar sob a pele, e acho que não vou conseguir dormir até resolver isso.

— Então, está acordada agora? — provoco.

Ela acena com a cabeça.

— E você?

— É difícil dormir quando você faz isso.

Ela ri e se levanta, deslizando uma perna sobre o meu corpo e me montando.

— Oh, meu bem.

Ela tira a camiseta e eu imediatamente toco sua barriga, sentindo o pequeno monte firme onde meu filho ou filha está.

Jordan sorri para mim, inclina a cabeça com ar de brincadeira, e eu ainda vejo aquela garota rastejando no chão do cinema toda vez que olho para ela. Eu era dela desde então.

— Eu te amo — eu digo.

Descendo, ela paira sobre mim, olhando nos meus olhos enquanto minha mão vai para o seio.

— Oh, espere. — Ela sobe e se inclina para apagar a vela.

— Não, deixe acesa — gemo, rolando os quadris para cima. — Eu quero te ver.

Ela olha para mim.

— Trancou a porta?

Faço uma careta.

— Merda.

Por que eu sempre esqueço? Já tenho filhos durante a metade da minha vida.

— Não podemos deixar que eles vejam, podemos? — repreende, mas sorri para mim.

Inclinando-se para trás, ela fecha os olhos, e pausa, pensando, depois os abre de novo, soprando a vela suavemente. A sala escurece, exceto pela luz da lua fazendo a chuva refletir na parede do quarto, e vejo seu contorno descer em cima de mim outra vez.

Aperto seus quadris, sentindo-a se esfregar em mim.

— Nunca vai me dizer o que você deseja? — pergunto.

Ela me beija, sussurrando contra meus lábios:

— Dá azar contar.

Ela vem para o pescoço e eu arqueio a cabeça para trás e fecho os olhos, deixando-a se aproximar.

— Mas vou dizer — continua, mordiscando minha mandíbula. — Sempre desejo a mesma coisa, e todo dia ela se torna realidade.

FIM

NOTA DA AUTORA

Obrigada por ler “Birthday Girl”! Eu me diverti muito escrevendo este livro, e espero que tenham gostado.

Agradeço também aos meus leitores de muito tempo que me aguardam ansiosamente por outros romances das séries “Devil’s Night” e “Fall Away”, e que me permitiram fazer este breve desvio. Amo todos vocês!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar e sempre, para os leitores muitos de vocês estiveram lá, compartilhando sua empolgação e mostrando seu apoio, dia após dia, e sou muito grata por sua contínua excitação e confiança. Obrigada.

Birthday Girl me ocorreu enquanto eu estava escrevendo Hideaway, e eu simplesmente não conseguia esquecer. Fiquei obcecada com Pike e Jordan, então comecei a escrevê-lo antes mesmo que eu acabasse Hideaway. Para mim, é a minha história de amor mais "amorzinho", e eu realmente precisava dessa mudança de ritmo. Obrigada por me concederem este intervalo entre as séries.

Estou de volta, escrevendo Kill Switch e será meu próximo lançamento, mas espero que você também fique feliz em ouvir que Danni, a amiga de Jordan, do Blue Palms Motel, também terá um romance independente, vagamente relacionado. A história dela se chamará... o que acham... *Motel*, e você pode esperar por essa história em 2019.

Goodreads: https://bit.ly/2q50qc6

Siga a pasta no Pinterest: https://bit.ly/2Jk16lX

Agora continuamos...

Para minha família. Meu marido e minha filha que suportam minha programação maluca, as embalagens de doces e minha distração toda vez que

penso em uma conversa, numa reviravolta na história ou em uma cena que apenas saltava na minha cabeça na mesa de jantar. Vocês dois realmente aguentam muito, então, obrigada pela paciência.

Para Jane Dystel, minha agente na Dystel and Goderich Literary Management, não existe absolutamente nenhuma maneira de abrir mão de você, então está presa a mim.

Para a House of PenDragon. Você é meu lugar feliz. Bem, você e o Pinterest. Obrigada por ser o sistema de apoio que preciso e sendo sempre positivo.

Para Vibeke Courtney, minha editora independente, que repassa cada movimento que faço com um pente-fino. Obrigada por me ensinar a escrever e impor isso diretamente.

Para Kivrin Wilson, vida longa para as meninas quietas! Nós temos as mentes mais gritantes.

Para Milasy Mugnolo, que lê, sempre me dando o voto de confiança de que preciso, e garante que eu tenha pelo menos uma pessoa para conversar em um evento literário.

Para Lisa Pantano Kane, você me desafia com as perguntas difíceis.

Para Jodi Bibliophile, sem vaqueiros. Entendi. Nada de pelo pubiano. Nunca. Sem camisinha. É, às vezes. Olho revirando – bem, eu tentei. Obrigada por ler e apoiar, e obrigada por seu senso de humor e por sempre me fazer sorrir.

Para Lee Tenaglia, que faz artes tão boas para os livros e cujos painéis do Pinterest são meu vício! Obrigada. De verdade, você precisa entrar no negócio. Nós deveríamos conversar.

Para todos os blogueiros, há muitos para nomear, mas sei quem são. Eu vejo as postagens e *tags*, e todo o trabalho duro que fazem. Gastam seu tempo livre lendo, fazendo resenhas e ajudando a divulgar, e fazem isso de

graça. Vocês são o sangue que dá vida ao mundo literário e vai saber o que faríamos sem vocês. Obrigada por seus esforços incansáveis. Fazem isso por paixão, o que torna tudo ainda mais incrível.

Para Jay Crownover, que sempre vem até mim em um evento literário e me faz conversar. Obrigada por ler meus livros e por ser uma das minhas maiores incentivadoras.

Para Tabatha Vargo e Komal Petersen, que foram as primeiras autoras a me enviarem uma mensagem depois do meu primeiro lançamento para me dizer o quanto amaram Bully.

Para T. Gephart, que tira um tempo para ver como estou e ver se preciso de uma remessa de “verdade” de chocolates australianos Tim Tams. (Sempre!)

E a BB Reid por ler, dividir as moças comigo e ser minha prancha de saltos. Não vejo a hora de entrar na sua cabeça. 😉.

É válido ser reconhecido por seus colegas de trabalho. A positividade é contagiante, então obrigada aos meus colegas autores por espalharem o amor.

Para todo autor e autor aspirante, obrigada pelas histórias que dividiram, muitas das quais me fizeram uma leitora feliz em busca de uma fuga maravilhosa e de ser uma escritora melhor, tentando atender às expectativas. Escreva e crie, e nunca pare. Sua voz é importante e, desde que venha de seu coração, é certo e bom.

SOBRE A AUTORA

Penelope Douglas é uma autora best-seller do New York Times, do USA Today e do Wall Street Journal.

Seus livros foram traduzidos em treze idiomas, e incluem as séries: “Fall Away” e “Devil’s Night”, e os livros independentes: “Misconduct”, “Punk 57” e, o mais recente, “Birthday Girl”.

Por favor, não deixe de ler seus próximos lançamentos.

Inscreva-se no blog: http://penelopedouglasauthor.com/news/

Receba notícias do próximo lançamento em: http://amzn.to/1hNTuZV

Siga-a nas redes sociais!

Facebook: www.facebook.com/PenelopeDouglasAutor

Twitter: www.twitter.com/PenDouglas

Website: www.penelopedouglasauthor.com

Goodreads: http://bit.ly/1xvDwau

Instagram: https://instagram.com/penelope.douglas/

Todas as suas histórias também têm pastas no Pinterest, se gosta de imagens, poderá acompanhar em: https://www.pinterest.com/penelopedouglas/



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

Adquira seu exemplar físico em: http://bit.ly/Fisico_BirthdayGirl
http://www.thegiftboxbr.com
Facebook.com/thegiftboxbr.com
Instagram: @thegiftboxbr
Twitter: @thegiftboxbr
Skoob: http://bit.ly/TheGiftBoxEditora_Skoob